



Escola de Formação Política Miguel Arraes

# HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DO CAPITALISMO

Curso de formação, capacitação  
e atualização política

Módulo II

# HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DO CAPITALISMO



Sede própria – SHIS QI 5 Conjunto 2 Casa 2  
CEP 71615-020 – Lago Sul – Brasília, DF  
Telefax: (61) 3365-4099/3365-5277/3365-5279  
www.fjmangabeira.org.br

**DIRETORIA EXECUTIVA**

Diretor-Geral: *Carlos Siqueira*  
Diretor-Financeiro: *Renato Xavier Thiebaut*  
Diretor de Assessoria: *Marcos Rezende Villaça Nunes*  
Diretor de Cursos: *José Carlos Sabóia*  
Diretora-Administrativa: *Carmen Soriano Puig*

**CONSELHOR CURADOR**

**Membros natos**

*Governador Eduardo Henrique Accioly Campos*  
*Carlos Siqueira*

**Membros eleitos pelo Diretório Nacional do PSB**

*Deputada Luiza Erundina de Sousa*  
*Roberto Amaral*  
*Prefeito Serafim Fernandes Corrêa*  
*Kátia Born Ribeiro*  
*Mari Elisabeth Trindade Machado*  
*Antônio César Russi Callegari*

**Membros eleitos pelo Conselho Curador**

*Jaime Wallwitz Cardoso*  
*Dalvino Troccoli Franca*

*James Lewis Gorman Jr.*  
*Deputado Alexandre Aguiar Cardoso*  
*Ministro Sérgio Machado Resende*  
*Adilson Gomes da Silva*  
*Álvaro Cabral*  
*Carlos Eugênio Sarmiento Coelho da Paz*  
*Silvânio Medeiros*

**Suplentes**

*Paulo Blanco Barroso*  
*Elaine Breintebach*  
*Paulo Bracarense*  
*Joe Carlo Vianna Valle*  
*Manoel Antônio Vieira Alexandre*

**CONSELHO FISCAL**

*Cacilda de Oliveira Chequer*  
*Auxiliadora Maria Pires Siqueira da Cunha*  
*Antônio Marlos Ferreira Duarte*

**Suplentes**

*Marcos José Mota Cerqueira*  
*Dalton Rosa Freitas*

**FICHA TÉCNICA**

Diretoria Fundação João Mangabeira  
Diretor-Executivo: *Carlos Siqueira*  
Assessor Diretor-Executivo: *Adriano Sandri*

**Organização do conteúdo**  
*Cesar Callegari e Sinoel Batista*

**Coordenação técnica do conteúdo**  
*Alexandre de Freitas Barbosa*

**Coordenação pesquisa**  
*Ana Carolina Pires Evangelista*

**Assistentes de pesquisa**  
*Manoela Miklos e Claudia Cristina dos Santos*

**Autores**

**Módulo I – História da formação política brasileira**  
*Adriano Sandri, Bernardo Ricupero e Maurício Franzaglia*

**Módulo II – História da formação do capitalismo**  
*Alexandre de Freitas Barbosa e Ricardo Luiz Chagas Amorim*

**Módulo III – O socialismo no mundo contemporâneo**  
*Luis Bernardo Pericás e Robério Paulino*

**Módulo IV – A atuação política dos socialistas**  
*Alexandre de Freitas Barbosa e Kjeld Jakobsen*

Ficha catalográfica

História da formação do capitalismo

Curso de formação, capacitação e atualização política (2 : 2007 : Brasília, DF)

Escola de Formação Política Miguel Arraes – Fundação João Mangabeira : Brasília, DF  
(324 p. : il.; 25cm. (Coleção Curso de formação, capacitação e atualização política, 2007.;  
Módulo II)

ISBN 978-85-60441-03-7

Textos baseados nas aulas apresentadas durante o *Curso de formação, capacitação e  
atualização política*, realizado no [www.tvjoaomangabeira.com.br](http://www.tvjoaomangabeira.com.br), em junho de 2007.

1. Ética. 2. Ciência Política (inclui Teorias Políticas. Ideologias). 3. Política. 4. Democracia. I.  
Fundação João Mangabeira. II. Curso de formação, capacitação e atualização política. III. Título.  
IV. Módulo II



Escola de Formação Política Miguel Arraes

# HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DO CAPITALISMO

Curso de formação, capacitação  
e atualização política

Módulo II  
Brasília, 2007

## OS AUTORES

---

**ADRIANO SANDRI** é formado em filosofia pela Universidade Federal do Piauí, mestre em Ciência Política pela Universidade Federal de Minas Gerais e doutor em História das Relações Internacionais pela Universidade de Brasília (UnB).

**ALEXANDRE DE FREITAS BARBOSA** é mestre em História Econômica pela USP e doutor em Economia Aplicada pela Unicamp.

**BERNARDO RICUPERO** é doutor em Ciência Política pela Universidade de São Paulo e professor do Departamento de Ciência Política dessa universidade. É autor de “Caio Prado Jr. e a nacionalização do marxismo no Brasil” (São Paulo: Editora 34, 2000), “O romantismo e a idéia de nação no Brasil” (São Paulo: Martins Fontes, 2005) e “Sete lições sobre as ‘interpretações do Brasil’” (São Paulo: Alameda, no prelo).

**CARLOS SIQUEIRA** é advogado, primeiro-secretário nacional do Partido do Socialista Brasileira (PSB), presidente da Fundação João Mangabeira.

**KJELD JAKOBSEN** é consultor em Relações Internacionais e mestrando em Ciência Política da USP.

**LUIZ BERNARDO PERICÁS** é formado em História pela George Washington University, doutor em História Econômica pela USP, pós-doutorado em Ciência Política pela Flacso (México), onde foi professor convidado.

**MARGARIDA VIEIRA** é doutora em História pela Universidade Federal Fluminense e professora da Universidade Federal de Minas Gerais, foi Chefe do Departamento de Ciência Política da UFMG.

**MAURICIO FRONZAGLIA** é formado em Ciências Sociais pela USP, mestre e doutorando em Ciências Política pela Unicamp. Professor de Ciências Política e Evolução das Idéias Sociais do Curso de Ciências Econômicas da Universidade Presbiteriana Mackenzie e Pesquisador do Cedec e Ceipoc-Unicamp.

**RICARDO L. C. AMORIM** é professor-pesquisador do NPQV, vinculado ao CCSA da Universidade Mackenzie. É também doutorando em Desenvolvimento Econômico do Instituto de Economia da Unicamp e membro da Sociedade Brasileira de Economia Política (SEP).

**ROBÉRIO PAULINO**, economista e doutor em História Econômica pela USP, é professor do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

# CURSO DE FORMAÇÃO, CAPACITAÇÃO E ATUALIZAÇÃO POLÍTICA

---

## Aula Inaugural

### Módulo I – História da formação política brasileira

- Aula 1 – O que é política numa dimensão ética.
- Aula 2 – A história do Brasil numa dimensão ética.
- Aula 3 – O pensamento político brasileiro.
- Aula 4 – Teorias da democracia.
- Aula 5 – Instituições políticas brasileiras: evolução e situação atual.

### Módulo II – História da formação do capitalismo

- Aula 1 – Liberalismo, capitalismo e desenvolvimento.
- Aula 2 – Capitalismo, imperialismo e subdesenvolvimento.
- Aula 3 – O capitalismo do século XX: do Estado do Bem-Estar Social ao neoliberalismo.
- Aula 4 – Formação econômica do Brasil, industrialização e os impactos recentes da abertura.

### Módulo III – O socialismo no mundo contemporâneo

- Aula 1 – Teorias do socialismo.
- Aula 2 – O socialismo depois da Terceira Internacional.
- Aula 3 – O socialismo no Terceiro Mundo.
- Aula 4 – O socialismo depois da queda do Muro de Berlim.

### Módulo IV – A atuação política dos socialistas

- Aula 1 – Os socialistas e os direitos humanos, sociais e do trabalho.
- Aula 2 – Os socialistas e a atuação no plano internacional.
- Aula 3 – Os socialistas e o desafio do desenvolvimento brasileiro.



MÓDULO I – HISTÓRIA DA FORMAÇÃO POLÍTICA BRASILEIRA

**Aula 1 – O que é política numa dimensão ética**

---

O texto faz uma abordagem da dimensão ética da política em uma perspectiva histórica, iniciando-se com as abordagens de Platão e Aristóteles, concentrando-se posteriormente nas discussões dos pensadores clássicos da era moderna e contemporânea como Nicolau Maquiavel, Thomas Hobbes, Jean Jacques Rousseau, Karl Marx, Max Weber, Adorno e Horkheimer e, finalmente, Habermas. Nessa aula o objetivo é fundamentar o sentido ético da política e dar o alicerce para uma reflexão sobre a atividade política tanto dos indivíduos, das ONGs e dos movimentos da sociedade civil, como dos partidos e dos governos, na atualidade.

**Aula 2 – A história do Brasil numa dimensão ética**

---

O texto apresentará numa linha histórica as relações entre os diferentes atores da construção do Brasil moderno a partir da situação dos povos indígenas pré-existentes, a colonização portuguesa, a escravatura africana, a imigração proletária europeia e asiática e as várias fases do capitalismo brasileiro.

**Aula 3 – O pensamento político brasileiro**

---

Desde pelo menos a independência, o pensamento político brasileiro tem tido de enfrentar a questão de como lidar com instituições “importadas”, que não se formaram com referência às condições do país. O problema começa pela criação do próprio Estado brasileiro e ganha dramaticidade com a proclamação da República, onde se evidencia o choque entre afirmações grandiosas, prometendo a “coisa pública”, e as prevalentes práticas particularistas. Esse ambiente estimulou pensadores autoritários, como Oliveira Vianna, a procurar entender o que chamou de “país real” escondido por trás do “país legal”. O contexto surgido com a Revolução de 1930 contribuiu, por sua vez, para que autores conservadores, como Gilberto Freyre, demo-

cratas, como Sérgio Buarque de Holanda, e marxistas, como Caio Prado Jr., aprofundassem a exploração de quem somos. Mais recentemente, o golpe de 1964 incitou Florestan Fernandes a buscar traços mais permanentes do que chamou de uma autocracia burguesa no Brasil. O texto procurará examinar até que ponto essas diferentes análises continuam a nos ajudar a entender os principais dilemas políticos de nosso país. O objetivo será discutir a complexa história da democracia no Brasil, mostrando as suas principais limitações e desafios.

## Aula 4 – Teorias da democracia

---

O artigo procurará apontar para os traços principais do debate contemporâneo em torno da democracia. Nossa democracia, a democracia representativa, forma diferente da democracia direta dos gregos antigos, é uma criação recente, datando do contexto posterior à independência dos Estados Unidos. Desde então, tem aparecido aqueles que defendem e criticam a democracia moderna. O artigo se concentrará no debate desenvolvido desde a publicação, em 1942, do livro de Joseph Schumpeter, *Capitalismo, democracia e socialismo*. Contra os argumentos de Schumpeter, de que a democracia seria basicamente um método para a seleção de líderes, os defensores da democracia participativa procuram recuperar a dimensão ética desse regime político. Por fim, Robert Dahl tem buscado desenvolver uma teoria da democracia que combine seus aspectos descritivos e normativos. O objetivo da recuperação destas teorias é o de refletir sobre as várias concepções e limites da democracia no mundo contemporâneo, em especial no Brasil.

## Aula 5 – Instituições políticas brasileiras: evolução e situação atual

---

O texto se propõe a elaborar uma reconstrução histórica das instituições políticas brasileiras, desde a época do Brasil Colônia até os dias atuais – abarcando a Independência do Brasil, a Abolição, a República, a Revolução de 30, a ditadura militar e a redemocratização – tendo como pano de fundo as lutas sociopolíticas do período. Desta forma mostrar-se-á a evolução das instituições ao longo da história. Além disso, o texto pretende concentrar-se de maneira mais enfática na configuração atual das instituições políticas brasileiras, discorrendo sobre o funcionamento das diversas esferas do Estado, sobre o federalismo e a descentralização administrativa.



## MÓDULO II – HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DO CAPITALISMO

### Aula 1 – Liberalismo, capitalismo e desenvolvimento

---

O texto apresenta as definições e propõe uma periodização para o capitalismo, destacando o processo de acumulação primitiva de capital, a relação entre a burguesia nascente e o Estado Absolutista, bem como o descreve o processo de proletarização da força de trabalho. Ao final, discute-se a importância da Revolução Industrial para a consolidação do capitalismo e o papel desempenhado pelo liberalismo neste contexto histórico.

### Aula 2 – Capitalismo, imperialismo e subdesenvolvimento no mundo e no Brasil

---

O texto discute o capitalismo no período pós-Revolução Industrial, quando se estrutura uma divisão internacional do trabalho, entre países centrais e periféricos. Procura descrever o significado do imperialismo e das suas várias teorias, assim como este processo se recoloca no século XX, no contexto de industrialização, e depois no bojo da aplicação das políticas neoliberais. São apontadas aqui as contribuições da teoria do subdesenvolvimento e da dependência para se compreender o papel do Brasil no sistema internacional.

### Aula 3 – O capitalismo do século XX: do Estado do Bem-Estar Social ao neoliberalismo

---

Esta aula pretende apontar as principais transformações presenciadas pelo sistema capitalista depois da crise de 29, e que tiveram por objetivo frear o avanço do socialismo. Recupera-se o significado das políticas keynesianas e descreve-se o papel do Estado do Bem-Estar Social nos países desenvolvidos no pós-Segunda Guerra Mundial. Depois discute-se o contexto pós-anos 80, marcado pelo avanço das políticas neoliberais e pela globalização desregulada, apoiada na financeirização da economia, e responsável pela redução dos gastos sociais e pela flexibilização trabalhista, gerando um processo de crescente exclusão social tanto nos países desenvolvidos como nos subdesenvolvidos.

## Aula 4 – Formação Econômica do Brasil, industrialização e os impactos recentes da abertura dos anos 90

---

O texto remete o leitor às contribuições de autores clássicos como Caio Prado Jr. e Celso Furtado sobre o sentido e as características da economia e da sociedade brasileiras durante o período colonial. Descreve a importância da expansão cafeeira e a sua interligação com a expansão da indústria e do assalariamento. Depois descreve as transformações observadas no país durante o período de industrialização por substituição de importações. Finalmente, apresenta os impactos negativos do novo modelo de inserção externa e de intervenção do Estado, adotado nos anos noventa, concentrando a análise sobre os problemas sociais.

### MÓDULO III – O SOCIALISMO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

#### Aula 1 – Teorias do socialismo

---

Este texto procura trazer à tona o debate entre os socialistas utópicos e o socialismo marxista dito científico. Discute-se a contribuição de autores como Proudhon, Fourier, Owen, dentre outros, para se pensar o socialismo antes de Marx, muitos dos quais podem ser recuperados nos dias de hoje. Em segundo lugar, o texto recupera a visão do socialismo em Marx, chegando aos debates da Primeira Internacional, e também ao debate sobre reforma e revolução.

#### Aula 2 – O socialismo depois da Revolução Russa e da constituição da Terceira Internacional

---

Nesta aula serão discutidas as circunstâncias que levaram à Revolução na Rússia, seu impacto estruturante na ordem mundial do século XX, no movimento e no pensamento socialista, a partir das idéias de Lênin e da Terceira Internacional. Será esmiuçada a ascensão econômica, política e militar da União Soviética no cenário mundial, bem como apontadas as dificuldades que levaram ao stalinismo e que estariam na base de sua exaustão posterior.



## **Aula 3 – O socialismo no Terceiro Mundo**

---

A idéia deste texto é mostrar como o socialismo se transforma à medida que vai sendo assimilado em outros países, que procuram pensar a sua própria realidade, fugindo dos esquemas da Terceira Internacional. É o caso da assimilação do marxismo por autores como Caio Prado Jr. no Brasil e Jose Carlos Mariátegui no Peru. Mais tarde, com a experiência cubana e chinesa, novos modelos de socialismo são estruturados, enriquecendo o arsenal teórico e de práticas socialistas, até então reféns das formulações dos países desenvolvidos e da experiência soviética.

## **Aula 4 – O socialismo depois da queda do Muro de Berlim**

---

Nesta aula serão discutidas as conseqüências para o movimento socialista do desaparecimento do sistema soviético e da predominância do credo neoliberal. O objetivo é o de apontar algumas das novas formulações realizadas no campo socialistas neste novo cenário político. Aponta ainda as contradições presentes no atual momento do capitalismo e que não têm sido motivo de análise por parte dos autores liberais.

### **MÓDULO IV – A ATUAÇÃO POLÍTICA DOS SOCIALISTAS**

## **Aula 1 – Os socialistas e os direitos humanos, sociais e do trabalho**

---

O texto parte da evolução seqüencial dos direitos de cidadania nos países desenvolvidos, começando pelos direitos civis, para depois chegar aos direitos políticos e sociais. É ressaltada a contribuição histórica dos movimentos e partidos socialistas para a consolidação destes direitos. Revela também como as dimensões de gênero e raça têm sido mais recentemente incorporadas na discussão dos direitos de cidadania. Finalmente, discutem-se os obstáculos hoje colocados para a universalização destes direitos, enfocando também a importância de experiências como a economia solidária.

## Aula 2 – Os socialistas e atuação no plano internacional

---

O objetivo desta aula é discutir a atuação dos socialistas em fóruns internacionais, incluindo a Primeira, a Segunda e a Terceira Internacional, passando pela cooperação sindical em escala mundial e chegando até ao processo atual de constituição de uma sociedade civil global, onde ONGs e movimentos de contestação ao regime capitalista travam lutas comuns, aproveitando-se das novas redes globais.

## Aula 3 – Os socialistas e os desafios do desenvolvimento brasileiro

---

Este texto procura sintetizar inicialmente as principais formulações teóricas sobre o processo de desenvolvimento socioeconômico. Num segundo momento, e aproveitando-se dos demais textos produzidos neste e nos demais módulos, o texto elenca um conjunto de constrangimentos que hoje devem ser enfrentados para se lograr a ampliação do potencial econômico, social e político do país, juntamente com a redução expressiva das desigualdades sociais e regionais. A partir de então, pode-se pensar numa pauta de temas que deveriam figurar em qualquer projeto de desenvolvimento nacional.





## AULA INAUGURAL FRAGMENTOS DA HISTÓRIA DO PARTIDO SOCIALISTA BRASILEIRO (PSB)

---

*Margarida Vieira e Carlos Siqueira*

**V**ocê estará acompanhando e participando, durante o curso, de um projeto de construção de uma sociedade socialista democrática.

E solidária, com igualdade de direitos na lei e na prática, respeito aos semelhantes em suas idéias e sonhos, com diálogo constante entre homens e mulheres de todas as idades. Todos se sentirão incluídos, pois trabalham e decidem em comum, possuem o necessário para viver bem alimentados, com saúde, amplo acesso à educação, conhecendo e produzindo cultura, com segurança, lazer e transporte, em meio ambiente saudável. Problemas e divergências vão ocorrer. O esclarecimento, o debate, a decisão pela maioria de pessoas, com igualdade real, vão favorecer as soluções. Todos serão e se sentirão gente.

Ainda estamos longe de chegar a esta sociedade, mas em sessenta anos, o PSB contribuiu para nos aproximarmos de uma vida melhor. Se você já milita no PSB, vai se identificar nos projetos e lutas. Se não, vai se surpreender em ver funcionando, em nosso país, um partido fiel a seus princípios e programa. Como em toda organização humana, houve erros em avaliações, decisões e ações. Apesar de algumas pessoas tentarem utilizar a legenda para objetivos puramente pessoais, predominaram amplamente as ações coletivas e partidárias. Podemos dizer isso, pois examinamos material escrito interno e externo ao partido, imagens e depoimentos diversos.

Vamos narrar de maneira sintética os momentos mais importantes desta construção.



## 1. O Partido Semente (1947-1965)

Em 1945, quando findava o Estado Novo, formou-se a Esquerda Democrática. Seu objetivo era combinar as transformações sociais com ampla liberdade civil e política. Baseava-se num conceito amplo de esquerda: socialismo construído de forma gradual e legal, nacionalismo e defesa da democracia. Diferenciava-se dos udenistas que defendiam o liberalismo econômico e do socialismo autoritário e estatista dos comunistas. “O Partido não considera socialização dos meios de produção e distribuição a simples intervenção do Estado na economia” e “realizar-se-á gradativamente, até a transferência, ao domínio social, de todos os bens possíveis de criar riqueza, mantida a propriedade privada nos limites das possibilidades de utilização pessoal, sem prejuízo do interesse coletivo”.

Entre seus fundadores estavam: João Mangabeira, Domingos Vellasco, Hermes Lima, Rubem Braga, Osório Borba, Joel Silveira, José Lins do Rego, Jader de Carvalho, Sergio Buarque de Hollanda e Antonio Candido.

Em 1947, a Esquerda Democrática transformou-se no Partido Socialista Brasileiro, com o mesmo programa e propostas. Propunha-se a ser um partido de “todos os que depen-

dam do próprio trabalho”. Defendia reformas imediatas como a nacionalização de áreas economicamente estratégicas, a ampliação dos direitos dos trabalhadores, a garantia de saúde e educação públicas, além do desenvolvimento da democracia e dos meios de participação popular. Em sua estrutura partidária já trazia uma novidade que caracterizaria o perfil democrático e conscientizador do PSB: os Núcleos de Base. Através deles, a militância poderia se envolver no projeto partidário, discutir as questões nacionais e através da soma das opiniões debatidas formar a orientação e o alvo da sua ação. A imprensa partidária teve na *Folha Socialista*, desde 1947, um centro de debates. Em 1950, tornou-se um semanário, vendido em bancas, combinando o debate político com as informações cotidianas. Os representantes eleitos prestavam contas e tinham seus mandatos discutidos. Combatiam aumentos indevidos em seus salários. Tinham grande preocupação com o trato do dinheiro e bens públicos. O PSB sempre lutou para trazer sua militância e as camadas oprimidas do povo para a arena da ação política e da participação direta nos rumos da nação, despertando-as da apatia política e do conformismo com uma realidade que lhes é adversa. O PSB foi pioneiro na campanha do petróleo, com a atuação par-

lamentar de Hermes Lima e com a organização popular através da UNE, dirigida na época por socialistas: Roberto Gusmão (1947/48) e Rogê Ferreira (1949/50). Na questão agrária, desde 1948, fizeram propostas inovadoras como as cooperativas agrícolas que produziam alimentação, trabalho e renda em terras abandonadas na periferia de São Paulo ou o Código da Terra, que incluía a distribuição, a questão ecológica, a política trabalhista e agrícola. Teve lideranças destacadas nos anos 60, como Francisco Julião, que foi deputado estadual e federal do PSB de Pernambuco, e João Pedro Teixeira, presidente da Liga de Sapé, na Paraíba, e que, assassinado pelo latifúndio, deu base ao filme: “Cabra Marcado para morrer”.

O Partido também teve atuação marcante na Frente Parlamentar Nacionalista, desde 1956, sob a liderança de seu deputado federal, Barbosa Lima Sobrinho.

Nos processos eleitorais, salientaremos alguns momentos. Em 1952, Osório Borba foi candidato do PSB ao Governo de Pernambuco, com apoio do PCB. Venceu em Recife e Olin-da mas foi derrotado pelo voto do interior, entretanto, abriu caminho para a “Frente do

Recife” que levou Pelópidas da Silveira (PSB) à prefeitura. Esta foi uma administração brilhante, voltada para obras que beneficiaram principalmente as classes mais desfavorecidas. Foram criadas associações de bairro e audiências coletivas quinzenais nas quais o prefeito discutia com o povo os problemas da cidade. Miguel Arraes o sucedeu e em 1962, com apoio da Frente que incluía o PSB, tornou-se governador. O combate ao analfabetismo e a defesa dos direitos dos trabalhadores rurais marcaram sua administração.

Em 1953, o PSB apoiou Jânio Quadros, vereador progressista, para a prefeitura de São Paulo. Os socialistas tiveram participação na Secretaria de Higiene, dando ênfase ao saneamento básico, na Secretaria de Alimentação, enfrentando os intermediários e na Empresa Municipal de Transportes. Com pequena margem de votos na Convenção, obteve o apoio do partido para a candidatura a governador. O grupo paulista, crítico a Jânio Quadros, retomou a direção do Partido em 1957 e em 1960 a Convenção Nacional do PSB rompeu com Jânio, apoiando o Marechal Lott. A aproximação com Jânio trouxe crescimento eleitoral, mas perda de substância política.



Uma característica que sempre marcou e marca até hoje a história do PSB é a postura democrática. Mesmo discordando dos comunistas, posicionaram-se contra a cassação dos seus mandatos e ofereceram legenda para seus candidatos. Em 1950, mesmo derrotados por Vargas, defenderam sua posse. Frente às pressões udenistas para derrubá-lo, o senador socialista Domingos Vellasco declarou: “A posição dos socialistas é a de quem alerta o sr. Getúlio Vargas. Desejamos, como defensores da Constituição, que ele se mantenha na Presidência da República até o fim de seu mandato. E assim desejamos porque, como socialistas democráticos, somos contrários a qualquer golpe, a qualquer ditadura, a qualquer substituição de governo que implique retrocesso político, mas exigimos dos poderes constituídos a punição de todos os corruptores e dilapidadores da fortuna pública”.

Em 1960, após a renúncia de Jânio Quadros, o PSB participou ativamente da campanha da legalidade contra a tentativa dos militares e setores conservadores de evitar a posse de João Goulart. O governo de Jango foi marcado pela busca das reformas de base. Os conservadores organizaram-se para manter os privilégios. Nesse cenário o PSB ampliou sua participação nas lutas sociais e no Parlamento. No movimento estudantil a maior liderança

do Partido era Altino Dantas; no movimento sindical urbano era o presidente do sindicato dos metalúrgicos de São Paulo, Remo Forli; na luta pela reforma agrária, Francisco Julião.

João Mangabeira foi ministro de Minas e Energia e depois da Justiça no período parlamentarista do Governo Goulart. Aurélio Viana, Barbosa Lima Sobrinho, Domingos Vellasco, José Joffily, Jamil Haddad, Adalgisa Nery e muitos outros foram lideranças parlamentares nacionalmente respeitadas. Em 31 de março de 1964, deu-se o golpe militar que derrubou Goulart. Em 1965, o Ato Institucional Nº 2 extinguiu os partidos políticos.

A maioria dos militantes do PSB foi para o MDB onde Aurélio Viana tornou-se uma das lideranças. Alguns foram para atuações mais radicais, como Altino Dantas, que foi para a ALN. O PSB se dispersou durante o regime militar. Quando houve a abertura política alguns como Pelópidas da Silveira ficaram no PMDB, outros como Jamil Haddad, Saturnino Braga e Rogê Ferreira foram para o PDT e outros como Antonio Candido, Sérgio Buarque de Hollanda e Fúlvio Abramo ajudaram a fundar o PT.

Apesar de ter pequena expressão eleitoral, ser mais um partido de quadros do que de massas, o PSB lançou as sementes não apenas

de uma ampla democracia partidária como de uma atuação política fiel a seu programa, voltada para o socialismo e a liberdade. Seu presidente João Mangabeira, desde a Esquerda Democrática até sua morte em 1964, é

considerado uma das figuras mais respeitadas na vida política brasileira, por sua honestidade, inteligência, princípios firmes de defesa do socialismo democrático.

## 2. A Refundação do PSB (1985/1989)

Conquistada a democracia em 1985, articula-se no Rio de Janeiro um grupo de professores e estudantes universitários para organizar um partido socialista. Para resistir e vencer a ditadura, a sociedade civil desenvolveu inúmeras lutas. Organizou as associações de bairro, as comunidades eclesiais de base e principalmente a “Campanha pelas Diretas”, criando um tecido social mais amplo para a participação política.

Para obter a habilitação do PSB foram procurados remanescentes da antiga Esquerda Democrática como Joel Silveira, Rubem Braga, Jader de Carvalho e Evandro Lins e Silva que concordaram em assinar o manifesto de reorganização. O escritório de Evandro, na Avenida Rio Branco, tornou-se a sede das reuniões semanais.

No dia 2 de julho, ocorre a reunião de “refundação” do PSB. O manifesto apresenta

o mesmo programa e estatuto do período 1947/65. Com os mesmos propósitos socialistas e democráticos, mostram que, 40 anos depois, as mesmas formas de exploração persistiam, agravadas pela brutalidade da ditadura militar. Apontam a necessidade de trabalhar também contra a discriminação racial, opressão às minorias, às mulheres e crianças, violências contra culturas alternativas, degradação da qualidade de vida, depredação do meio ambiente, e genocídio de nações indígenas. Propõe uma cidadania ativa, a incorporação de novos direitos sociais, democratização dos meios de comunicação e defesa da soberania nacional. Em conclusão: descentralização completa do poder em uma economia gradativamente socializada. A Comissão Diretora Nacional terá Antônio Houaiss como presidente e como membros: Marcello Cerqueira, Roberto Amaral, Evandro Lins e Silva, Jamil Haddad, Joel Silveira, Rubem Braga e Evaristo de Moraes Filho.



Entre os que assinam a Ata de Reorganização vamos encontrar também professores e pesquisadores respeitados hoje como César Guimarães, Wanderlei Guilherme dos Santos e Eli Diniz. Está também o estudante Cláudio Besserman Vianna, que vai se tornar o admirado humorista Bussunda.

Habilitado, o PSB participa com alguns candidatos próprios às eleições municipais nas capitais e apóia candidatos progressistas e de esquerda.

Como Saturnino Braga (PDT) venceu as eleições para prefeito do Rio de Janeiro, sua cadeira no senado será ocupada pelo suplente, Jamil Haddad, em março de 1987.

Em maio, a Convenção dos fundadores elege como presidente da Comissão Diretora Nacional, Jamil Haddad e como secretário-geral, Roberto Amaral.

O gabinete do senador vai se articular com o gabinete de liderança do PSB, oferecendo condições para a organização das comissões municipais e estaduais e para as publicações que discutem as idéias do partido. Da tribuna, Jamil expõe suas concepções e projetos, e apresenta o PSB ao país.

Em 1987 o partido tem seu registro provisório e solicita registro definitivo.

No Primeiro Congresso Nacional, em outubro de 1987, o PSB passa a ter identidade. É oposição ao Governo Sarney, tem dez metas imediatas que vão da reforma agrária à socialização dos setores essenciais, do ensino público e gratuito em todos os níveis ao direito irrestrito de greve, liberdade sindical e jornada máxima de 40 horas semanais.

Definem: "Que socialismo queremos":

*Socialismo é sinônimo de uma sociedade que aboliu a propriedade privada capitalista dos meios de produção, os quais passam a ser propriedade cooperativas ou coletivas dos criadores das riquezas, os trabalhadores.*

Apresentam: "Que partido queremos":

*É socialista, com compromisso revolucionário e democrático, com filiado militante, sem lideranças privilegiadas, enraizado no movimento social e sindical e atuação parlamentar como consequência da organização dos trabalhadores e todo o povo.*

Em o "PSB e o movimento social" tornam-se princípios:

- Respeito à independência e autonomia e às decisões de congressos das categorias.
- Formação de colegiados de deliberação.
- Recusa da prática do paralelismo.
- Estímulo à solidariedade entre os movimentos sociais.

Em julho de 1988 é aprovado o registro definitivo do PSB. A organização partidária traz crescimento e atrai parlamentares que concordam com as idéias definidas pelo Partido. Há um grande trabalho na Constituinte. Inicialmente, o PSB contava apenas com o senador Jamil Haddad (RJ) e a deputada Beth Azize (AM). Aliam-se aos setores progressistas e de esquerda. Aos poucos Abigail Feitosa (BA), José Carlos Sabóia (MA), Raquel Capiberibe (AP), Ademir Andrade (PA), José Luis Guedes (MG), entram para o PSB e formam uma bancada pequena, mas de grande qualidade. Só Jamil apresentou 123 sugestões na primeira fase, todas ligadas aos princípios partidários e necessidades da população como: reforma agrária, possibilidade de ação popular, punição exemplar à tortura. Das 536 emendas que apresentou posteriormente, 114 foram aprovadas.

A Constituição Cidadã, aprovada em outubro de 1988, coroa o esforço inicial do PSB refundado.



Em 1989, o PSB vai solicitar a intervenção federal no Pará, para enfrentar a violência de assassinos de trabalhadores e lideranças parlamentares, entre elas o deputado estadual João Carlos Batista e o vereador Manoel Cardoso de Almeida, do PSB. A impunidade é completa.

Na campanha eleitoral, o PSB tem participação decisiva. Dois anos antes da formação da Frente Brasil Popular, o PSB já fizera a proposta. Depois de muitas negociações, são escolhidos: Luiz Inácio Lula da Silva (PT), à Presidência da República, e José Paulo Bisol, senador pelo Rio Grande do Sul, que se transferiu para o PSB, para vice-presidente. Participou também o PCdoB. A campanha desperta grande entusiasmo e as pesquisas apontam crescimento constante. Collor vence o primeiro turno e Lula fica em segundo lugar. O PSB participa das articulações que ampliam a frente para o segundo turno com o PDT, PSDB, PPS, PV, progressistas do PMDB e lideranças do movimento social. O governador de Pernambuco, Miguel Arraes, apóia Lula no 2º turno. No comício final, na Candelária, fica junto com o presidente do PSB, Jamil Haddad, e o secretário-geral, Roberto Amaral.

### 3. Miguel Arraes no PSB (1990/2005)

Em março de 1990, o governador Miguel Arraes, convidado pela direção nacional, ingressa no PSB. O partido que recomeçara com lideranças de classe média, que após grandes esforços estava organizado em todo o país e com registro definitivo, contava agora com uma das mais importantes lideranças populares. Com sua experiência, capacidade de mobilização e de análise política, vai fazer com que o Partido tenha um grande crescimento eleitoral, superando até a cláusula de barreira mais à frente. O momento político era de ápice do neoliberalismo, confundindo até pessoas de esquerda. Com serenidade e firmeza, Arraes chamava a atenção para o fato de que o neoliberalismo é o liberalismo tradicional com nova roupagem, trazendo mais miséria, mais fome, mais exploração. O centro de suas lutas está na nação, nas desigualdades sociais e regionais. E será o povo o responsável pela transformação. Para isto, o PSB tem de se transformar em um partido popular. No fim do ano será, pelo PSB o deputado federal mais votado do país.

Entre 1990 e 1992, o governo Collor vai encontrar no PSB uma oposição conseqüente. O Partido será reconhecido como guardião

da Constituição. Entra com diversos recursos contra inconstitucionalidades: confiscos do Plano Collor, taxa para conservação de rodovias (obteve deferimento), decreto dando ao presidente direito para privatizar estatais sem passar pelo Congresso. Os deputados socialistas reagem contra a destruição da máquina pública. Miguel Arraes lê da Tribuna da Câmara o Manifesto da Frente Parlamentar Nacionalista que condena a desestatização desenfreada que inclui até a Usiminas. As administrações municipais socialistas começam a mostrar uma forma de governar com intensa participação dos setores mais oprimidos da população, com políticas centradas na educação, saúde, geração de emprego e renda. Os programas partidários na TV e rádio apresentam estas experiências que recebem elogios e o Partido ganha novas filiações.

A denúncia de corrupção feita pelo irmão de Collor, em maio de 1992, leva o PSB, pelas falas de Miguel Arraes e do líder na Câmara, Célio de Castro, a solicitar uma CPI. O senador José Paulo Bisol e o então deputado federal pelo Rio de Janeiro, Jamil Haddad, participam da CPI. Ao lado da investigação no Congresso a população se mobiliza no "Fora Collor",

a partir de agosto. O relatório, com provas cabais de desvios dos recursos públicos, é aprovado. Evandro de Lins e Silva, fundador e refundador do PSB, participa da comissão de juristas que elabora o pedido de *impeachment*. Barbosa Lima Sobrinho, presidente da ABI e ex-deputado federal do PSB, faz a entrega do pedido ao presidente da Câmara. Decidida pelo Congresso a continuidade da investigação, Collor é afastado e assume o vice, Itamar Franco.

A CNE do PSB avalia ser Itamar Franco pessoa com boa avaliação ética e defensor, quando senador, dos interesses nacionais. Jamil Haddad assume o Ministério da Saúde e Antônio Houaiss, da Cultura. Ao tomar posse, em novembro de 1992, Jamil diz: “A administração socialista (...) instalará neste ministério a religião do interesse coletivo. E a probidade é seu primeiro mandamento”. Sua atuação foi importantíssima para a saúde no país. A descentralização, prevista pela Constituição e consolidada com a Lei Orgânica de Saúde de 1990, via Sistema Único de Saúde (SUS), começa a ser realizada com a criação dos Conselhos Municipais de Saúde, instrumento de definição das políticas e de sua fiscalização. Injeta recursos nos laboratórios oficiais para a produção de medicamentos. Recupera os

hospitais universitários em convênio com o MEC. O presidente assina o decreto proposto por Jamil para os remédios genéricos. A reação da indústria farmacêutica multinacional foi tão grande que apenas quando Serra foi ministro da Saúde de FHC é que a aplicação acabou sendo efetivada. Atuou na revisão dos registros de remédios retirando medicamentos danosos e fantasiosos. A rede pública hospitalar sucateada começou a ser recuperada. Para a prevenção foi fortalecida a vigilância sanitária, programas de vacinação e saneamento básico. Como primeiro vice-presidente, Miguel Arraes assume a Presidência do PSB, em 2002.

No Ministério da Cultura, Antônio Houaiss vai ter como prioridades: reverter a indigência e sufocação das atividades de recuperação do patrimônio histórico e artístico e o apoio às atividades artísticas, particularmente o cinema.

Em setembro de 1993, em Maceió, vai se realizar o IV Congresso Nacional do PSB.

Depois de proposto pela CNE e discutido em reuniões preparatórias é aprovado “Um Projeto Para o Brasil” que passa a ser o eixo da atuação partidária. A luta política deve ser intensificada para a população elevar sua



consciência e sua força. O Estado deve ser forte e não inchado, regulador, planejador e investindo nas áreas estratégicas.

Reconhecendo duas grandes lideranças, o Congresso elege Jamil Haddad, presidente de Honra, e Miguel Arraes, presidente do PSB.

Em 1994, o PSB vai apoiar novamente a candidatura de Lula a presidente. Mas o Plano Real, adotado em março pelo Governo Itamar, tendo Fernando Henrique como ministro da Fazenda, obtém ótimos resultados e leva-o à Presidência.

Se a campanha de 1989 tivera um caráter forte de frente, inclusive com o candidato a vice, Bisol, do PSB, a campanha de 1994 ficou concentrada no PT. Mas nos diversos níveis o PSB teve crescimento eleitoral, passando de 15 deputados estaduais para 33, de 11 para 15 deputados federais, elege Ademir Andrade, do Pará, para o Senado, e dois governadores: Miguel Arraes, em Pernambuco, e João Capi-beribe, no Amapá.

Em novembro de 1995, no Recife, ocorre o V Congresso Nacional do PSB. Dois temas centrais de debate serão o neoliberalismo e a nova lei de partidos.

Sobre a globalização e neoliberalismo, Tânia Bacelar sintetizou de forma brilhante as mudanças. A economia capitalista em ciclo de baixa, nos anos 70, vai fazer três movimentos:

1. Reestruturação positiva ou mudança na organização da produção. O investimento básico hoje é no conhecimento.
2. Globalização, prevista por Marx, levando à concentração e centralização do capital. É enorme o poder dos atores globais enfraquecendo os Estados-Nação.
3. Financeirização da riqueza. Um ano de movimento cambial corresponde a 18 vezes toda a produção mundial. O neoliberalismo é a ideologia da retirada do Estado e da centralidade do mercado adaptada ao momento econômico do capitalismo. É o único caminho? Não. Projetos nacionais podem garantir inserção na economia mundial sem esta subordinação incrível a que o Brasil se submete.

No debate sobre a nova lei dos partidos, Carlos Siqueira apontou a intenção do legislador: reduzir a influência dos partidos de esquerda (PSB, PPS, PV, PDT) pela cláusula de barreira. Qual a estratégia do PSB? Tentar mudar a lei no Congresso e crescer sua representação na Câmara, nas próximas eleições.

O ano de 1996 foi de eleições municipais. O PSB teve um crescimento enorme. De 59 prefeitos eleitos em 1992, passou para 150. Nas capitais elege o prefeito de Belo Horizonte e as prefeitas de Maceió e Natal.

Em 1997 a Fundação João Mangabeira promove seminário sobre as administrações municipais socialistas. Além de haver a troca de experiências para melhor governar, os socialistas passam a ter um perfil comum de administração.

Sendo o ano de comemoração dos cinquenta anos do PSB, em novembro, ele vai discutir em seu VI Congresso Nacional, em Brasília, a construção de um grande partido nacional e popular por meio de um projeto de inclusão social que preserve a soberania, fortaleça a federação, consolide e unifique os movimentos populares e dê solução às desigualdades sociais e regionais. Como se pode ver, os Congressos Nacionais do PSB não são apenas para a escolha de seus dirigentes, mas um espaço de amplo debate dos problemas nacionais e as possibilidades de superá-los no caminho do socialismo democrático.

Em 1998, Roberto Amaral desenvolve, de forma participativa, o Programa de Governo do PSB. É uma combinação dos princípios

e experiências do PSB para orientar o exercício do poder em sociedades capitalistas, favorecendo os caminhos para o socialismo. A Fundação João Mangabeira vai promover, em Brasília, Curso de Capacitação de Instrutores em Formação Política. Os 38 militantes de 18 estados vão preparar-se para multiplicar a formação política em suas regiões.

Nas eleições presidenciais, o PSB integra novamente a aliança de esquerda de apoio a Lula. Logo após o segundo turno, Arraes apresenta um texto de grande profundidade: *As eleições de 1998 e o golpe de 1964* mostrando que os objetivos do grande capital internacional e nacional impostos em 1964 cada vez mais se realizam. A única forma de enfrentar o desafio é desenvolver amplo movimento popular.

Em 1999, além de realizar diversos seminários, debates e publicações, o PSB realiza seu VII Congresso Nacional em novembro, em Brasília. Antônio Houaiss, primeiro presidente do PSB refundado, falecido há pouco, será homenageado.

Em 2001, o PSB decide ter candidato próprio à Presidência. A idéia é oferecer ao eleitorado outra opção além de Lula para buscar a mudança. No 2º turno, as esquerdas apoiariam o mais votado dentre seus candidatos.



Quais devem ser os eixos do Programa? A sugestão de Arraes é aprovada por unanimidade do Diretório Nacional. São eles:

1. Inserção, sem submissão aos EUA, no mundo global. Mercosul como ponto de partida.
2. Auditoria da dívida pública, interna e externa. Há investimentos sociais urgentes.
3. Revisão das privatizações feitas pelo governo federal.
4. Restabelecimento da federação.
5. Fortalecimento do Estado como agente de desenvolvimento para reduzir disparidades regionais.

O VIII Congresso Nacional do PSB, realizado em novembro de 2001, em Brasília, confirma a decisão pela candidatura própria à Presidência da República.

Em 2002 esta decisão será levada à prática. Anthony Garotinho, governador do Rio de Janeiro, que saiu do PDT e se filiou ao PSB, será candidato a presidente da República e o deputado federal do PSB do Maranhão, José Antônio, será vice. Os compromissos básicos serão:

- Com a soberania – autonomia decisória.
- Com a solidariedade – nação de cidadãos.
- Com o desenvolvimento – projeto coerente
- Com a sustentabilidade.
- Com a democracia ampliada.

A candidatura obteve mais de 15 milhões de votos, mas ficou em terceiro lugar. No segundo turno, o PSB apoiou Lula.

Os resultados para a Câmara Federal, com 22 eleitos, foram decisivos para vencer a cláusula de barreira.

Em 2003 o PSB tem novas responsabilidades. Roberto Amaral assume o Ministério de Ciência e Tecnologia. Será sucedido em 2004 pelo deputado federal por Pernambuco, Eduardo Campos. Em 2006, Sérgio Resende, também do PSB, assume o cargo.

A política teve continuidade, sendo situada em quatro eixos:

- Inclusão social, com redução das desigualdades regionais.
- Desenvolvimento econômico agregando inovações.
- Ampliação da formação de pesquisadores em áreas estratégicas.
- Intensificação da cooperação internacional com afirmação da soberania nacional.

A atuação do partido no Congresso foi de apoio ao Governo Lula, mas mantendo fidelidade ao seu programa. Na reforma da previdência, a bancada não aceitou o pacote enviado pelo governo. Defendeu previdência complementar pública e não privada. Na reforma tributária

apresentou emendas: taxação da especulação financeira com a taxa Tobin, desoneração na área produtiva e nas folhas de pagamento.

Em 2004, o PSB cresce nas eleições municipais. Dos 133 prefeitos eleitos em 2000, passa agora para 176. é o nono partido mais votado. Em 2005, o PSB e o Brasil vão perder Miguel Arraes. No dia 13 de agosto ele falece.

O IX Congresso do PSB realizou-se poucos dias depois, sob a Presidência de Roberto Amaral, que salientou o compromisso, individual e coletivo com a continuidade da obra de Arraes.

#### 4. Os novos desafios

Nas eleições de 2006, o PSB apoiou a recandidatura vitoriosa de Lula à Presidência. Elegeu três governadores: Eduardo Campos (PE), Wilma de Faria (reeleita-RN) e Cid Gomes (CE).

Em 2007, a bancada do PSB no Senado é composta de: Antônio Carlos Valadares (SE), Patrícia Saboya Gomes (CE) e Renato Casagrande (ES).

Na Câmara dos Deputados, tem hoje 29 parlamentares e formou a bancada de esquer-

Na Declaração Política define:

- Só a construção da justiça social poderá gerar a verdadeira estabilidade.
- Como todo o povo, o PSB sofre com a erosão da esperança e dilapidação do patrimônio ético-político.
- O PSB reafirma a governabilidade e busca a apuração de toda e qualquer irregularidade ou desvio de conduta no poder público.
- O PSB defende política econômica soberana e reforma política profunda.
- Eduardo Campos foi eleito presidente do PSB para o triênio: 2005-2008.

da de apoio ao governo federal, composta de 78 deputados. Ao lado do PSB estão o PDT, PAN, PMN e PHS, sob a liderança do deputado federal do PSB de São Paulo, Márcio França. Quase 200 dos municípios são governados por prefeitos do PSB, e 1.879 vereadores socialistas apresentam projetos e fiscalizam a administração de suas cidades.

A Fundação João Mangabeira realizou, no dia 21 de janeiro, Seminário de Planejamento Estratégico dos Segmentos Organizados do



PSB. Cada um deles realiza seu Congresso Nacional um dia antes do Congresso Nacional do PSB. Eles contribuem para a integração do partido e seus representantes no Executivo e Legislativo aos movimentos sociais.

A Juventude Socialista Brasileira (JSB) que teve seu primeiro Congresso Nacional em 1993 tem como meta a conscientização e politização dos jovens para a construção do socialismo.

O Movimento Sindical Socialista, com seu primeiro Congresso Nacional em 1997, propõe um sindicalismo livre, democrático, classista, autônomo e de luta, comprometido com a construção do socialismo.

A Secretaria da Mulher, teve seu primeiro Congresso em 1999. Para buscar a sociedade socialista é necessário alcançar a igualdade de gênero.

O Movimento Negro do PSB foi criado em 2003. Luta pelo socialismo democrático com justiça e equidade, unidade na diversidade.

O Movimento Popular Socialista realizou seu primeiro Congresso em 2005.

Depois de examinarmos estes sessenta anos do PSB, entendemos a razão do orgulho

dos militantes do Partido. A semente lançada em 1947 rendeu bons frutos. Um pequeno partido, com diminuta presença nos movimentos sociais, poucos parlamentares e ocupantes de mandatos no Executivo, tem hoje uma ampla representação política em todo o país, cresce nos movimentos sociais e é respeitado pela fidelidade a seus princípios e a seu programa. Com densidade, faz a crítica à sociedade capitalista em que vivemos e apresenta proposições voltadas para a sociedade futura, que será, temos certeza, socialista e democrática.

Se acompanhamos toda a construção do PSB, de suas idéias, lideranças e ações na sociedade e nos espaços de poder, se nos sentimos herdeiros desta história com resultados brilhantes em condições tão adversas, novos desafios se apresentam para o PSB e para todos nós, socialistas.

Carlos Siqueira, Primeiro-Secretário Nacional do Partido, apresentou uma tese no IX Congresso do PSB, em 2003, estimulando o desenvolvimento de um projeto de ampliação dos objetivos estratégicos do PSB. Parte das preocupações historicamente básicas da esquerda e marcantes na vida do PSB: a igualdade, a justiça, a liberdade e a participação. Como incluir no projeto estratégico do Partido de mudanças estruturais na sociedade, os novos

problemas e atores que não se limitam à oposição do proletariado e burguesia ou socialismo e capitalismo. Na diversidade e pluralidade da vida social contemporânea, há relações outras de dominação e subordinação como as de gênero ou as étnicas que precisam não só ter espaço de fala, mas também passarem a ser parte do processo de libertação socialista. A democratização precisa ser aprofundada com a participação cidadã, mas precisa ser estendida às diversas instituições sociais como a família, a escola, as igrejas, os serviços públicos...

Para tornar realidade esta ampliação de objetivos teremos de desenvolver, pelo menos seis pontos:

1. incluir esta diversidade com sentido de conjunto;
2. as diversas vozes precisam ter elos de ligação entre suas demandas e a luta política;
3. estas diversidades devem aparecer em suas falas, em sua dignidade e identidade, sem se dissolverem;
4. as necessidades do “aqui e agora” têm que ser contempladas, ao lado dos objetivos de médio e longo prazos;
5. o projeto ampliado deve ter um compromisso ético-político com o presente e o futuro dos sistemas vivos do planeta, re-

volucionando a vida das pessoas em um meio ambiente saudável;

6. assumir como valores fundamentais:
  - a) O igualitário e o popular retomando as aspirações dos excluídos, discriminados e oprimidos não apenas entre os trabalhadores da cidade e do campo. Os jovens encontram enormes dificuldades de acesso ao mercado de trabalho. As mulheres enfrentam a violência doméstica e salários mais baixos que os homens nas mesmas atividades. Com aposentadorias ridículas, os idosos passam a trabalhar como antes para se sustentar.
  - b) O democrático não apenas na vida política, mas em toda a vida social.
  - c) O libertário, combinando o aprofundamento das liberdades pela democratização da riqueza social com o respeito à diferença. Serão excluídas as liberdades de torturar, explorar, oprimir, discriminar.

Todo este projeto de uma nova esquerda no Brasil só será factível numa nação soberana, capaz de se incluir na globalização sem subserviência aos interesses do grande capital e das grandes potências.



O desafio que está posto hoje para o PSB, a ser enfrentado sob a liderança do governador Eduardo Campos e com a participação das lideranças emergentes do Partido somando-se à experiência histórica acumulada por diversos companheiros, é formular um projeto para o Brasil, capaz de ampliar substancialmente as conquistas do atual governo.

Uma esquerda capaz de ter clareza nas políticas urbanas, quando 80% dos brasileiros moram nas cidades, cercados de problemas. Uma nova esquerda capaz de reorganizar o pacto federativo, para que prefeitos e gover-

nadores deixem de ir à Brasília com pires nas mãos. Uma nova esquerda capaz de formular e implementar um desenvolvimento sustentável, construindo um mercado interno sólido, uma produção interna com grande valor agregado, enfrentando a cultura do consumo supérfluo do capitalismo, garantindo a convivência com a natureza e não sua destruição.

Este desafio é de todos nós. Durante e após o curso, com concordâncias e discordâncias, com complementações, com pensamento e ação, você pode e deve enfrentar os desafios do presente como ator desta história.



## SUMÁRIO DO MÓDULO II

---

### Módulo II – História da formação do capitalismo

- Aula 1 – Liberalismo, capitalismo e desenvolvimento ..... 37  
*Alexandre de Freitas Barbosa*
- Aula 2 – Capitalismo, imperialismo e subdesenvolvimento..... 96  
*Ricardo L. C. Amorim*
- Aula 3 – O capitalismo do século XX: do Estado do Bem-Estar Social  
ao neoliberalismo..... 159  
*Ricardo L. C. Amorim*
- Aula 4 – Formação econômica do Brasil, industrialização e os impactos recentes  
da abertura ..... 231  
*Alexandre de Freitas Barbosa*



# APRESENTAÇÃO

É uma grata satisfação do Centro Brasileira de Estudos Latino-Americanos (CEBELA) apresentar o Modulo II do Curso de Formação, Capacitação e Atualização Política, promovido pela Escola de Formação Política Miguel Arraes, sob o patrocínio da Fundação João Mangabeira.

Satisfação não somente com a iniciativa em si, ou seja, a realização do curso, mas com o fato de esta estreitar ainda mais os elos entre o CEBELA e a Fundação João Mangabeira, que acreditamos dever continuar em outras ações comuns de igual teor institucional. De igual modo, este curso manifesta a preocupação dos dirigentes da Fundação João Mangabeira e da Escola Miguel Arraes com a importância da formação intelectual dos integrantes e ativistas de um partido político, sobretudo quando este possui uma tradição histórica tão significativa como vem a ser a do Partido Socialista Brasileiro.

O curso indica o reconhecimento por parte de seus promotores do quanto a compreensão dos processos históricos é fundamental para a justa definição das propostas partidárias, especialmente se o objetivo maior do partido é a transformação da realidade social e a afirmação dos interesses majoritários na sociedade. Temos, portanto, diante de nós, um expressivo instrumento de qualificação de todos aqueles que pretendem exercer a prática político-partidária de forma consciente e conseqüente.

Mas se esta iniciativa da Fundação e da Escola já é por si mesma elogiável, inclusive pelo ineditismo de oferecer para quadros partidários um curso *on line*, que tem nas relações entre a sociedade e as estruturas de poder sua temática principal, ela é ainda mais digna de reconhecimento pela qualidade do material produzido. O trabalho dos professores Ricardo L. C. Amorim e Alexandre de Freitas Barbosa é de alta qualidade, expressando não somente domínio dos temas



abordados, mas também competência para tratá-los didaticamente, de forma a possibilitar melhor compreensão dos assuntos em tela, sobretudo por parte daqueles que se encontram mais distantes das problemáticas pertinentes às ciências humanas. Entretanto, se o objetivo era de tornar mais imediato o entendimento dos temas de estudo, isto não significou nenhum tipo de aligeiramento do seu tratamento. Ao contrário, observa-se no texto de todas “as aulas”, uma preocupação constante dos autores em bem fundamentar as análises apresentadas.

Neste sentido, é também importante ressaltar algumas importantes preocupações dos autores, explicitadas ao longo dos capítulos que compõem o módulo.

Em primeiro lugar, a atenção em contextualizar os conceitos empregados nas análises apresentadas. Evidencia-se o esforço em destacar a historicidade de todo e qualquer conceito científico, dentro da percepção de que se os processos sociais são históricos também o são os conceitos integrantes das análises que pretendem compreendê-los. Por conseqüência, os conceitos não se constituem em “verdades absolutas”, mas sim instrumentos datados de apreensão da realidade.

Em segundo lugar, o sublinhar das relações entre as estruturas políticas, particularmente no que se refere ao Estado, e as estruturas econômicas, de modo que estas últimas não sejam pensadas de modo estanque às relações de poder presentes na sociedade. Bem sabemos que o pensamento conservador, mesmo quando se apresenta como pretensamente reformador, intenta hoje afirmar a autonomia absoluta das chamadas forças do mercado, defendendo a universalização de medidas econômicas neoliberalizantes e classificando como utópicas todas as ações políticas que têm, por objetivo maior a minimização e, sob certas condições históricas, a superação das desigualdades resultantes do livre jogo dos mercados econômicos.

Em terceiro lugar, o empenho em apontar o quanto formulações clássicas das ciências sociais, como, por exemplo, o marxismo, desde que apreendidas de modo não dogmático, são importantes e fundamentais para toda formação intelectual. E isto, notadamente quanto ao pensamento de Marx, é ainda mais importante visto que tantos afirmam o seu esgotamento como instrumento de análise da realidade social contemporânea.

Em quarto lugar, o ressaltar do papel do Estado tanto na promoção do desenvolvimento, de modo especial sob forma capitalista, como na capacidade deste, também sob condições políticas específicas, atuar como agente regulador da economia, sempre enfatizando a presença, na cena social, de diversos e com freqüência antagônicos interesses de classe. É desconstruída, assim,

a visão, ainda tão presente no senso comum de que o “mercado”, liberto de toda interferência estatal e de pressões organizadas oriundas da sociedade civil, produzirá o necessário e possível bem-estar geral, adequando a produção à capacidade possível (mas não necessária) de consumo das populações humanas. No que concerne particularmente à América Latina e, obviamente, ao Brasil, onde o desenvolvimento capitalista se fez sobre a força de elementos que o configuraram como subalterno e associado, condição ainda mais reafirmada pela implementação de políticas neoliberais nas últimas décadas, recolocar o Estado como possível agente impulsionador de nova modalidade de desenvolvimento, economicamente sustentável, socialmente igualitário e ecologicamente adequado, é de crucial significado político e ideológico.

Finalmente, mas não com menor importância, o local de destaque dado às indicações bibliográficas, expressivas não somente no que diz respeito à quantidade, mas também à qualidade das obras referidas, possibilitando que os participantes do curso possam ter “caminhos por onde andar” e assim alcançar a autonomia intelectual que é sempre o objetivo maior de propostas como a que ora temos a honra de apresentar. Igual comentário pode ser feito quanto aos sites mencionados, demonstrando o quanto as novas tecnologias de comunicação são atualmente cruciais para o aprofundamento dos conhecimentos e exercício da capacidade de pesquisa. Elogio à parte deve ser dado ao fato de os autores terem também inserido uma excelente relação de obras cinematográficas, sejam estas nacionais ou estrangeiras, clássicas ou menos conhecidas do grande público.

Enfim, muito ainda poderia ser dito sobre esta feliz iniciativa da Fundação João Mangabeira e da Escola Miguel Arraes, mas o fato mais importante é que os participantes do curso e todos aqueles que tenham a grata possibilidade de entrar em contato com o material produzido pelos professores Ricardo L. C. Amorim e Alexandre de Freitas, dispõem de um bom instrumento de iniciação ao estudo das sociedades contemporâneas. Que façam um bom estudo.

### **Anália Pinho**

*Vice-Presidente Executiva*

*Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos*



## Módulo II

# *História da formação do capitalismo*

## AULA 1 RESENHA

---

O texto apresenta as definições e propõe uma periodização para o capitalismo, destacando o processo de acumulação primitiva de capital, a relação entre a burguesia nascente e o Estado Absolutista, bem como o descreve o processo de proletarização da força de trabalho. Ao final, discute-se a importância da Revolução Industrial para a consolidação do capitalismo e o papel desempenhado pelo liberalismo neste contexto histórico.

## AULA 1

# LIBERALISMO, CAPITALISMO E DESENVOLVIMENTO

*Alexandre de Freitas Barbosa*

### Estrutura do texto

- ⊙ Conceitos (capital, capitalista e capitalismo) e transformações dos seus significados
- ⊙ Definições e periodização do capitalismo
- ⊙ Economia-Mundo: mercantilismo e liberalismo
- ⊙ Burguesia e Estado antes e depois da Revolução Industrial
- ⊙ Revolução Industrial e Revoluções Industriais
- ⊙ O nascimento da Ciência Econômica: a visão de Smith
- ⊙ Marx, acumulação de capital, desigualdade e a miséria do operariado
- ⊙ A sociedade como acessório do mercado
- ⊙ Capitalismo e desenvolvimento econômico
- ⊙ Evolução estrutural do capitalismo do século XIX aos dias de hoje

Este texto procura discutir inicialmente as várias definições de capitalismo, procurando em seguida realizar uma tentativa de periodização. Neste sentido, destaca a transformação estrutural trazida pela Revolução Industrial, que instaura uma nova dinâmica econômica e

social, a partir da qual podemos caracterizar o capitalismo consolidado. O mercantilismo e o liberalismo são discutidos como ideologias que trazem consigo concepções específicas sobre a política econômica, antes e depois da Revolução Industrial.



É ressaltada ainda a coincidência histórica entre consolidação do capitalismo, liberalismo e nascimento da ciência econômica. Busca-se ainda esmiuçar as relações entre Estado e burguesia na aurora do capitalismo, assim como desnudar o processo de proletarização da força de trabalho, essencial para a consolidação deste sistema de produção. Aponta-se também como a utopia liberal dos mercados auto-regulados significou a pretensão de transformar a sociedade em acessório da vida econômi-

ca, para depois se questionar a relação entre capitalismo e desenvolvimento econômico. Finalmente, apresenta-se, em linhas gerais, uma periodização da evolução estrutural do sistema capitalista após o século XIX.

Parte-se aqui do pressuposto que capitalismo, liberalismo e desenvolvimento econômico não são conceitos fora da história, apenas podendo ser destrinchados no desenrolar econômico e social deste modo de produção.

## Capital, capitalista e capitalismo

### Capital, capitalista e capitalismo: os conceitos

- Os conceitos vão assumindo significados diferentes ao longo da história
- A palavra capital, por exemplo, surge no século XII com o significado de riqueza, de estoque de mercadoria
- Apenas no século XVIII, alguns autores introduzem a noção de investimento, de dinheiro produtivo, aplicado em meios de produção e trabalho, para permitir a valorização desta soma inicial, agora chamada de capital
- Será apenas no século XIX que capital deixa de ser a propriedade de qualquer bem, para se transformar, segundo Marx, na noção de investimento produtivo?
- O mesmo com capitalista, que até o século XVIII, quer dizer o rico em geral, os detentores de propriedades e de fundos
- Somente no século XIX, o capitalismo seria o dono dos meios de produção – ou ainda, os vários acionistas controladores de uma empresa

- Já capitalismo como conceito surge apenas no século XIX, depois que o capitalismo já se generalizou pelos vários países da Europa. Aparece como conceito político, em oposição ao socialismo

### Por que Capitalismo?

### O que é Capitalismo?

- Hoje a palavra capitalismo foi descartada. Fala-se de globalização, pós-capitalismo, sociedade do conhecimento etc.
- Para os donos do capital e do poder, a palavra capitalismo remete a monopólio e a exploração do trabalho. Alguns preferem uma palavra inespecífica e sem significado algum: “sistema de mercado”
- O capitalismo pode ser entendido como conceito mutável historicamente e sujeito a relações de poder e lutas de classes, mas sempre sob uma mesma modalidade de geração excedente
- Segundo o historiador Maurice Dobb, existem várias definições de capitalismo:
  1. “espírito capitalista”: tipo de comportamento que associa aventura com a noção de cálculo e racionalidade. Teria surgido em alguns grupos culturais e religiosos para depois se expandir, ampliando o raio de ação desta atitude voltada para a poupança e para a noção de trabalho como dever e realização pessoal (Max Weber/Werner Sombart)
  2. capitalismo como produção para um mercado distante, com motivação para o lucro, mesmo havendo diversidade de relações sociais de produção (Immanuel Wallerstein)
  3. capitalismo ancorado numa diferenciação de classe específica, onde os trabalhadores vendem a sua força de trabalho para os donos dos meios de produção (Karl Marx)



- Segundo esta concepção, o capitalismo só sofre as suas dores do parto na Revolução Industrial, quando o assalariamento se generaliza e a burguesia já assumiu de forma plena o poder político na maioria dos países da Europa Ocidental

### **Liberdade contratual X Coerção econômica**

- Esta nova relação salarial – o assalariamento – permite ocultar por trás da liberdade contratual a existência de uma coerção essencialmente econômica (o trabalhador vende a sua força de trabalho por falta de opção, para não “morrer de fome”)
- É diferente da escravidão e da servidão quando havia mecanismos de coerção extra-econômica que permitiam a extração de excedente
- Sob o assalariamento, o novo excedente deve ser constantemente reinvestido, permitindo a acumulação sempre de mais capital. Por sua vez, o excedente só se realiza se o produto puder ser vendido no mercado
- A mais-valia resulta da diferença entre o produto gerado pelo trabalho e os salários pagos, descontando-se os valores transferidos pelas máquinas e pelas matérias-primas à mercadoria final
- O segredo do capitalismo está no fato de que o valor de uso do trabalho (dispêndio de energia que se transforma na produção de mercadorias específicas) é superior ao valor pelo qual o trabalhador é remunerado.
- A mercadoria parece coisa, pois é apropriada por alguém, enquanto não passa de produto de um trabalho social

### **Antes do Capitalismo, a Acumulação Primitiva**

- Mas como e por que se desenvolveu capitalismo?
- Entre os séculos XVI e XVIII, acumulação de massa de dinheiro por meio do comércio desigual (exclusivo metropolitano), da pirataria, do tráfico de escravos no plano internacional; e no plano interno, a partir da dívida pública do Estado e do confisco das terras comuns e da Igreja

- Ao mesmo tempo, e especialmente na Inglaterra, os camponeses seriam expulsos de suas terras e os artesãos aos poucos passariam a trabalhar para os comerciantes, até perderem os seus meios de produção
- Processo violento e original de separação dos trabalhadores dos meios de produção e de criação de uma massa de dinheiro inicial, que só se transformaria em capital quando da Revolução Industrial

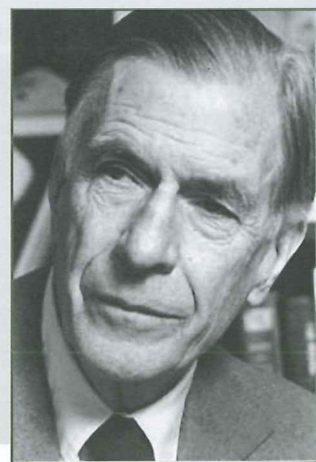


Em seu clássico livro, *Civilização Material, Economia e Capitalismo*, o historiador francês Fernand Braudel acompanha o surgimento dos conceitos junto com transformação dos seus significados. Por exemplo, a palavra “capital” aparece nos séculos XII e XIII, com o significado de riqueza, de estoque de mercadorias, de dinheiro que rende juros. Apenas em meados do século XVIII apareceria o conceito moderno de capital, vinculado à noção de investimento produtivo. Mas capital—ao menos até Marx—continuaría sendo apenas a massa de riqueza de um indivíduo, estática e ainda distante do seu papel enquanto dinheiro que se valoriza, de meios de produção que geram valor através do trabalho.

Da mesma forma, por meio do vocábulo “capitalista”, até o século XVIII, se designariam os ricos em geral, detentores de dinheiro e fornecedores de fundos em busca de ganhos cada vez maiores. Mercadores e banqueiros

apareciam então como os detentores de riqueza. O capital estava relacionado à esfera de circulação e não havia adentrado ainda o reino da produção. Em termos marxistas, o dinheiro ainda não havia se transformado em capital.

Já a palavra “capitalismo”, surge bem mais tarde, não sendo nem mesmo pronunciada por Marx. Ao longo do século XX será utilizada como oposto de socialismo, ou seja, do novo sistema econômico e social que queria se implantar. Mais recentemente, depois da queda do socialismo, houve quem a quisesse aposentar, substituindo-a por “sistema de mercado”. Isto porque, no dizer de John Kenneth Galbraith, o nome “capitalismo” remetia a uma história amarga, estando por vezes associado à noção de submissão dos trabalhadores e, por outras, ao poder exacerbado das grandes empresas com seus monopólios.



Vale a pena ressuscitar a palavra capitalismo, não por mero preciosismo, mas porque este sistema econômico e social continua dando as cartas, e agora de um número cada vez maior de habitantes do planeta. Mas, então, o que vem a ser capitalismo?

## Definições e periodização do capitalismo

Não existe apenas uma definição de capitalismo, mas várias. Todas elas supõem por sua vez uma periodização histórica específica, já que capitalismo só existe enquanto realidade histórica e mutável, jamais como uma essência ou como algo fora da história. Desta forma, existem estágios do capitalismo e formas diversas de inserção no mundo capitalista nas várias regiões econômicas do planeta. Existe o capitalismo norte-americano ou brasileiro, mas também o capitalismo do século XIX ou aquele que vigoraria no imediato pós-Segunda Guerra Mundial. Contudo, estes adjetivos não devem fazer com

que se ofusque a característica distintiva do capitalismo em relação a outros modos de produção.

Daí porque não faz sentido chamar o mundo em que vivemos hoje de pós-capitalista. O que vale é entender as mudanças por que vem passando este sistema de produção e organização social, aliás profundamente dinâmico.

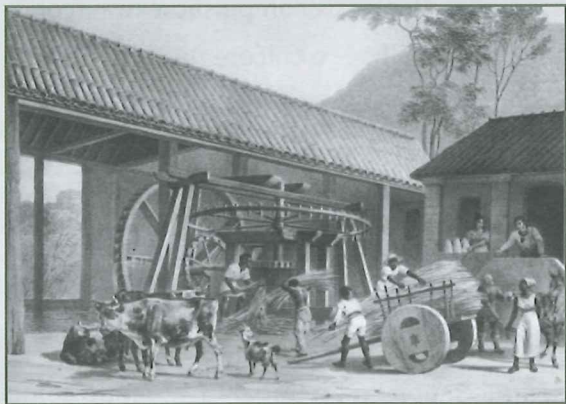
Vejam os três definições de capitalismo, seguindo os passos do importante historiador Maurice Dobb:

Em primeiro lugar, existe a noção de um “espírito capitalista”, um comportamento, ou uma ótica de vida, que associa aventura e propensão ao risco com a noção de cálculo e de racionalidade. Partindo de concepções como a do célebre sociólogo alemão, Max Weber, trataria-se de “ganhar dinheiro e mais dinheiro no mais completo resguardo do gozo imediato”. Inverteria-se assim a ordem das coisas, aparecendo agora “o ser humano em função do seu negócio”. Segundo esta visão, o espírito do capitalismo não só existiu antes como também está na origem do desenvolvimento do capitalismo. Como se um comportamento – antes isolado em alguns grupos religiosos, como no caso dos protestantes – depois convertesse o conjunto da ordem social.

Mas segundo a concepção weberiana desde quando teria havido capitalismo? Se o apetite pelo lucro ou a pulsão pecuniária sempre estiveram presentes “na China, na Índia, na Babilônia, na Idade Média e na Antigüidade”, esta ética peculiar apenas irromperia no século XVIII. Portanto, não basta ter lucro e ser uma empresa, já que esta pode estar organizada em bases tradicionais. O que importa são um conjunto de características – a noção de dever

e de vocação para o trabalho, do ganho como simples reconhecimento, a presença do espírito de poupança, incitando ao aperfeiçoamento constante, e um severo domínio de si, fazendo com que a sobriedade rime com aumento constante da produtividade. Cálculo e aventura combinados no âmbito da empresa moderna e contando com a organização racional do trabalho. Eis o espírito do capitalismo.

Uma segunda perspectiva teórica definiria o capitalismo como a produção para o mercado distante, já motivada para o lucro, tendo o mercado se libertado da prisão da demanda local. As escalas de produção podem ser maiores, ao passo que os mercadores ocupam aqui papel de destaque. O capitalismo emergiria então como realidade histórica antes do século XVI, consolidando-se a partir das expansões comerciais. De fato, o próprio Marx situa este século como aquele que abre a “Era Capitalista”.



Mas então a colônia produtora de açúcar, a partir dos engenhos da Bahia e de Pernambuco, já era capitalista? E o que dizer do comércio de escravos africanos e da exportação de tecidos ingleses produzidos ainda de forma artesanal? Podemos chamar esta interligação de uma economia de mercado nascente como capitalismo?

A terceira perspectiva, marxista, discorda, desta interpretação. No seu entender, não é a existência de uma classe de comerciantes e financistas, que articulam uma economia crescentemente integrada, o que caracteriza a especificidade do capitalismo. Tal fato



existiu em outras épocas como no Império Romano. Entretanto, concorda Marx, esta expansão moderna do mercado levaria, desta vez, ao capitalismo.

Mas, o que distingue o capitalismo como um modo de produção novo, diferente dos anteriores? Ora, é justamente a emergência de uma ordem social, que traz consigo uma diferenciação de classe inédita: de um lado o capitalista, e de outro, o operário. Deixemos o próprio Marx falar na sua linguagem rebuscada: “o antigo possuidor de dinheiro marcha adiante como capitalista, segue-o o possuidor de força de como seu trabalhador; um, cheio de importância, sorriso satisfeito e ávido por negócios; o outro, tímido, contrafeito, como alguém que levou a sua própria pele para o mercado e agora não tem mais nada a esperar, exceto o – curtume”. (MARX, 1988, v. 1, p. 141)

O capitalismo supõe, portanto, a compra e venda da força de trabalho. Trata-se agora de um tipo essencialmente diferente de valorização do capital. Não mais comprar barato para vender caro, nem emprestar dinheiro em troca de juros. Porém, produzir cada vez mais produtos, a partir do uso da máquina, que comanda o ritmo de trabalho, e gerar uma massa de riqueza – constantemente reinvestida – a partir da diferença entre salário e o trabalho efetivamente gerado pela mão-de-obra. Eis o ingrediente secreto que explicava

esta forma nova e sofisticada de explorar o trabalho segundo Meghnad Desai, professor da *London School of Economics* e arguto leitor de Marx.



Para que o mundo fosse inundado de mercadorias, cada vez mais baratas, além da tecnologia, era fundamental que os trabalhadores aceitassem trabalhar em troca de salário. E para tanto – já que nem sempre o salário foi visto como natural – a força de trabalho deveria ser isolada dos meios de produção. Não mais compulsão extra-econômica ao trabalho – o chicote na escravidão, e a vinculação à terra no feudalismo. Para não morrerem de fome, os que não detinham mais meios de produção alugariam-se aos capitalistas. E o que são os meios de produção? Um pedaço de terra, um tear, um cavalo, enfim qualquer coisa que permitisse ao trabalhador fugir do mercado de trabalho, atuando como vendedor de algum serviço ou produto em outros mercados.

Por outro lado, os capitalistas – por meio do comércio, do financiamento da dívida dos

governos, do tráfico de escravos, do confisco das terras da Igreja – se apropriariam de uma massa de dinheiro para, num segundo momento, transformá-la em capital, em dinheiro produtivo, capaz de comprar meios de produção, matérias-primas e, principalmente, de contratar trabalhadores.

Mais uma vez, acompanhemos Marx com a sua pena sarcástica: “A descoberta das terras do ouro e da prata, na América, o extermínio, a escravização e o enfurnamento da população nativa nas minas, o começo da conquista e da pilhagem nas Índias Orientais, a transformação da África em um cercado para a caça comercial às peles negras marcam a aurora da era da produção capitalista. Estes momentos idílicos são momentos fundamentais da acumulação primitiva”. (MARX, 1988, v. 2, p. 275)

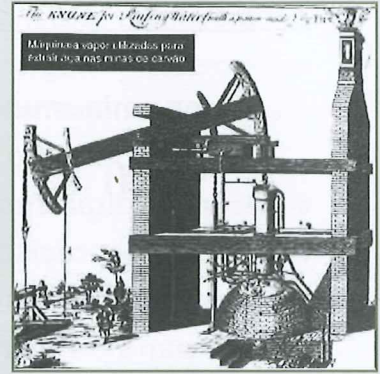
Porém, o capitalismo ainda não estaria maduro. Teríamos quando muito uma burguesia emergente, “contratando” de forma indireta artesãos isolados – entregando matérias-primas e recebendo o produto acabado – já que

o assalariamento não havia se generalizado. Capitalismo adolescente também, porque a burguesia estaria subordinada ao Estado absolutista, não tendo controle sobre o poder político.

É, neste sentido, que Dobb afirmaria, influenciado pela perspectiva marxista, que apenas com a

**Revolução Industrial** teria o capitalismo sofrido as suas “dores do parto”. Agora, finalmente, o rebento veria a luz do dia.

Contudo, a história teria apenas começado já que o capitalismo moderno seria surpreendido por novas etapas, não a partir de um processo linear e evolutivo, vivenciando antes rupturas e adaptações, as quais dependem das crises e contradições deste modo de produção, mas também da forma como se encaminham as lutas de classes no plano nacional e internacional.



Em síntese, o capitalismo não deve ser encarado como uma realidade apenas econômica, ou como um conjunto de práticas culturais. Trata-se essencialmente de uma relação social específica, que exige a dominação de uma classe por outra e um processo de contínua valorização do capital a partir do consumo produtivo da força de



trabalho. Lembremos ainda que este processo de acumulação se dá sempre em escala internacional, recriando desigualdades entre as várias regiões e países.

## A economia-mundo: do mercantilismo ao liberalismo

### A economia-mundo

- ⊙ Como definir o período que vai do século XVI a XVIII?
- ⊙ Pré-capitalismo ou capitalismo comercial?
- ⊙ O mais preciso seria falar de uma economia-mundo em expansão, articulada comercialmente, com centro na Europa, e uma periferia expandida, centrada nos monopólios concedidos à burguesia pelos Estados Absolutistas
- ⊙ Mercantilismo é a prática corrente: reservas metálicas, balança comercial favorável, proteção à indústria nacional, proibição à exportação de matérias-primas, comércio regulado e exclusivista entre metrópoles e colônias
- ⊙ Tomemos o caso da colônia “brasileira”: já nasce integrada ao capitalismo em preparação: “exportamos açúcar e importamos escravos”
- ⊙ O capitalismo já nasce “globalizado” e estruturando uma divisão internacional do trabalho, que permite diversos níveis de desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção

O período que compreende os séculos XVI a XVIII é de difícil interpretação, como sucede a todas as épocas de transição. Como denominá-lo? “Pré-Capitalista” ou “Capitalismo Comercial”? As duas alcunhas são insuficientes. Se é inegável que o capitalismo estava em preparação, tal como o sabemos hoje, não se justifica adjetivá-lo como “co-

mercial”, já que o seu caráter distintivo – a existência de um mercado de trabalho – ainda figurava como exceção.

Mas havia, claramente, uma economia-mundo, articulada comercialmente, a partir de mercadores e negociantes, ampliando o raio da vida econômica, integrando continen-

tes, por meio de monopólios assegurados pelo Estado, que abriam mercados politicamente à base da guerra e da pirataria. Era disso que se tratava, de uma concorrência política entre as nações.

Com que isto parece? Com o sentido da palavra “globalização”? Mas este termo não é novo, tendo sido cunhado pelos manuais de administração norte-americanos dos anos oitenta do século XX? Ora, se a palavra soa como uma novidade caracterizada por tecnologias surpreendentes, revoluções nos meios de transporte e de comunicações e novas potencialidades de acumulação de capital, o processo é antigo, acompanhando o nascimento e desenvolvimento do sistema capitalista.

Quer dizer que o capitalismo nasce internacionalizado e só poder ser explicado a partir de sua irradiação global? Isto mesmo! Tomemos o caso do Brasil como exemplo. “O país se globaliza com o açúcar”, como disse certa vez Darcy Ribeiro. A colônia então era o Nordeste açucareiro, mais integrado com a Angola vendedora de escravos, com Portugal comprador de açúcar e com a Holanda responsável pelo refino e a revenda do produto no mercado europeu. O resto do “país” não existia, pois estava fora do circuito comercial.



Nascemos, portanto, globalizados. Até a mão-de-obra era importada. Por isso, não faz sentido dizer que o Brasil deve se inserir na globalização. Ao contrário, devem-se discutir as várias formas possíveis de participação na economia internacional e as suas repercussões sobre o trabalho e organização social do país.

Voltemos ao século XVI. A Europa estava no centro, como civilização que se imporia às demais, articulando-as em torno de seus interesses econômicos. Um continente, a África, seria circunavegado, fornecendo escravos, outro, a Ásia, ofertaria especiarias, enquanto a América viria com a produção de produtos tropicais necessitados pelas metrópoles comerciais em ascensão. Ouro e prata também seriam buscados avidamente para ampliar a magnitude das transações comerciais.

Assim se daria a acumulação primitiva de capitais, por meio da incorporação do excedente comercial pelas novas potências europeias. Se Portugal e Espanha largaram na frente, ocupando e povoando as novas colônias, perderiam logo a dianteira, já no século XVII, para Holanda, Inglaterra e França. Teria lugar então uma especialização produtiva com base nas manufaturas têxteis onde os



sobrelucros – resultantes do monopólio comercial e do exclusivo metropolitano – seriam paulatinamente drenados para as nações burguesas em ascensão.

Concorrência propriamente econômica não existia, mas a conquista de posição hegemônica nas áreas não-européias, tal como no caso das Antilhas antes espanholas, ocupadas por França e Inglaterra no século XVII.

Até meados do século XVIII, predominaria o mercantilismo enquanto prática econômica.

Uma nação rica – então se acreditava – deveria acumular reservas em metais preciosos. Para tanto, a balança comercial deveria ser superavitária. O protecionismo estimularia a produção nacional de manufaturas e dificultaria a venda de matérias-primas. Para completar o quadro, o controle das colônias asseguraria mercados às metrópoles, mas também fonte de produtos revendidos a preços elevados para os países europeus. A racionalidade desta lógica econômica parecia irrefutável nos termos da época.

A crítica do liberalismo que viria depois, também racional e irrefutável, somente pode ser compreendida a partir de uma mudança de mentalidade que acompanha as próprias transformações do capitalismo. Desenvolvido o poderio industrial, os ganhos de comércio não viriam mais do monopólio, mas da produtividade, ou seja, da capacidade de produzir de forma mais eficiente e com menores custos de produção. A lógica de abrir os mercados surge como mais adequada à nação líder do processo industrial. Em poucas palavras, a concorrência apenas surge depois de consolidado o capitalismo.

## A complexa relação entre Estado e a burguesia

- ⊙ O Estado cria a burguesia, por meio do monopólio
- ⊙ A livre iniciativa existe, mas é importante ser “amigo do rei”
- ⊙ As nações que seguem a longa marcha do capitalismo – Holanda, Inglaterra e França – possuem companhias comerciais (verdadeiros monopólios) e exércitos em mar e terra
- ⊙ A concorrência é política, conquista de possessões no ultramar

- ⊙ Estas companhias comerciais permitem aumentar o volume de capital, até que os limites do mercado apareçam, e apenas pela inversão do capital na produção, seja possível a abertura de novos mercados
- ⊙ Não à toa a nação que domina o mercado internacional será aquela que fará a Revolução Industrial
- ⊙ Mutação importante: depois de inundar o mundo com as suas mercadorias produzidas no âmbito do sistema fabril, a Inglaterra passa a pregar o livre-comércio, ou melhor, “o imperialismo do livre-comércio”
- ⊙ Tenta assim “chutar a escada” para que outras nações não se industrializem e não a superem em termos de potencial competitivo

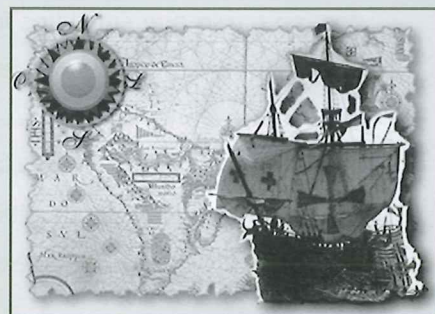
Podemos chegar agora a duas conclusões derivadas do que foi dito acima. Em primeiro lugar, a burguesia foi, em grande medida, uma criação do Estado. Por qu ? Qual o interesse do Estado em fortalecer esta nova classe social? Não mais enfraquecido pelo poder da nobreza feudal, ele se reergue, centralizando-se e escorando-se em novos grupos sociais. Ora, a tarefa de aparelhamento da máquina estatal depende dos impostos, que vêm associados à expansão comercial. Em palavras mais diretas, o rei estimula o comércio para poder tribut -lo.

Mas, como vimos, este comércio encontra-se alicerçado em monopólios. A concorrência, num sistema predominantemente comercial, limitaria a massa e margem de lucros. A concentração de poder econômico é o início e o

fim do processo, colaborando por sua vez com a concentração de poder político na esfera central. Vejamos alguns exemplos.

A Holanda, sob os auspícios de uma burguesia mercantil e bancária, conhecer  uma expressiva expansão econômica no século XVII. Mas o que estaria por tr s deste desenvolvimento comercial? O espírito da livre iniciativa?

Ora, dois pilares explicam a ascendência holandesa. Em primeiro lugar, a Companhia Holandesa das  ndias Orientais, que possuía poder de monopólio sobre o comércio com esta região, além de contar com



exército de terra e mar e nomear os governadores nos seus entrepostos. Em linguagem atual, funcionava como quase uma parceria pública-privada. Em segundo lugar, o Banco de Amsterdã, que fornecia aos mercadores a moeda de qualquer país e atuava crescentemente como adiantador de crédito.

Esta nação perderia a liderança para a Inglaterra já no final do século XVII, em virtude da derrota nas guerras contra seus concorrentes, sendo mais afetada também pela queda dos preços na segunda metade deste século.

No caso inglês, tivemos os Atos de Navegação (1651 e 1660), exigindo que as mercadorias só fossem transportadas por navios ingleses ou provenientes dos países de origem das mercadorias importadas. Também haveria aqui uma Companhia Inglesa das Índias Orientais. Políticas rigorosamente mercantilistas foram adotadas. Em 1721, com a reforma da legislação mercantil, reduziram-se as tarifas sobre as matérias-primas importadas e foram abolidas as tarifas sobre exportação da maioria dos bens manufaturados, ao passo que subsídios foram fornecidos para algumas indústrias de exportação. Mais importante ainda, foi coibida a entrada de produtos de suas colônias, especialmente da Índia competitiva, que no século XIX ficaria refém do fornecimento de produtos têxteis ingleses.

Ou seja, a todo o momento, durante a longa marcha destes países em direção ao capitalismo, o Estado criou as condições a partir de leis, regulamentos e – até mesmo da guerra ou da ocupação colonial – para fazer valer os interesses de seus comerciantes e produtores manufatureiros. Não se quer dizer com isto que a existência de uma mentalidade capitalista no comércio das cidades e na produção agrícola – em virtude seja da defesa constitucional dos direitos de propriedade, seja da predominância de uma racionalidade voltada para o aumento da rentabilidade a partir de novos métodos e técnicas – não tenha sido importante. O que se questiona é se tal salto de produtividade, que desaguaria na Revolução Industrial inglesa, teria sido possível sem a vantagem que esta nação ocupava no mercado internacional, vantagem que apenas se explica pelo poderio estatal inclusive naval e militar, como ressalta o historiador inglês Eric Hobsbawm.



A relação entre Estado e burguesia também se mostraria dinâmica e sujeita a mudanças qualitativas. O predomínio dos produtos têxteis ingleses tornaria possível que esta classe social agora buscasse a sua independência do aparelho estatal. Pregaria por todos os cantos o liberalismo, defendendo agora “o imperialismo do livre-comércio”. Segundo o economista coreano Ha-Joon Chang, os ingleses procurariam “chutar a escada” para impedir que outras nações chegassem ao mesmo nível de competitividade do sistema industrial ou até superassem o poderio inglês, como de fato fariam mais tarde Estados Unidos e Alemanha.

A pregação liberal, depois da utilização pela mesma nação dos preceitos mercantilistas, revela não necessariamente uma postura hipócrita, mas a própria transição em direção à consolidação do sistema capitalista em escala internacional, hierarquizado pela posição vantajosa ocupada pela Inglaterra em virtude da adoção do sistema fabril.

A segunda conclusão a que se pode chegar é que o Estado pode, ao menos no plano do discurso, se retirar da esfera econômica, apenas e quando o poderio capitalista se apresenta incontestado. A concorrência apresenta-se mais eficaz do que as intervenções políticas na conquista de novos mercados.

Em todos os casos acima analisados, percebe-se que o capitalismo exige a presença de uma burguesia para se afirmar. Por isso, é ingênuo imaginar que simplesmente abrindo as economias dos países em desenvolvimento ou dos ex-países socialistas do Leste Europeu, a economia venha a florescer. A grande questão é a seguinte: quem é a burguesia que permitirá o desenvolvimento capitalista, e qual o papel do Estado para fortalecê-la?



## Revolução Industrial, liberalismo e o surgimento da Ciência Econômica

### Revolução Industrial e Revoluções Industriais

- ⊙ Não é um episódio, mas um conjunto de transformações econômicas sociais e tecnológicas
- ⊙ A primeira Revolução Industrial teve início na Inglaterra e se concentrou na indústria têxtil e no uso da máquina a vapor. Pode ser situada no período que vai de 1780 a 1840. Os demais países da Europa ocidental copiariam este sistema industrial e tecnológico
- ⊙ As Revoluções Industriais permitem a geração de mais demanda, por meio de novas tecnologias, e, por isso, ampliam o potencial de acumulação de capital
- ⊙ Importante: o capitalismo precisa constantemente de Revoluções Industriais!
- ⊙ A Segunda Revolução Industrial está associada à eletricidade, ao motor a combustão interna (automóveis), à siderurgia e à petroquímica. Emerge no final do século XIX, mas apenas se consolida no pós-Segunda Guerra Mundial, sob a liderança norte-americana (generalização da produção e do consumo de massa)
- ⊙ Alguns autores sugerem que vivemos hoje a Terceira Revolução Industrial, cuja peculiaridade é o surgimento de um conjunto de tecnologias que procuram lidar com a informação (informática, telecomunicações e biotecnologia)
- ⊙ Em cada Revolução Industrial, percebe-se uma nova onda tecnológica, a expansão do comércio, dos capitais (do centro para a periferia), o predomínio de uma ideologia liberal e a redistribuição de poder político entre as nações

### A Revolução Industrial e a emergência da Ciência Econômica

- ⊙ A emergência da ciência econômica está relacionada a 3 fatores:
  - 1) a própria Revolução Industrial: existe a percepção de que o fator econômico revoluciona a ordem social;

- 2) o Iluminismo: existe a concepção de que a ordem natural – neste caso, o mercado – pode ser revelada a partir do uso da razão e de uma postura científica ou não-tendenciosa;
  - 3) a ascensão da burguesia reforça os ideais do liberalismo, já que agora esta classe social se insurge contra o mercantilismo e o Estado Absolutista.
- ⊙ Adam Smith é reflexo destes 3 fatores, tendo conseguido oferecer uma nova concepção à vida econômica. Ela não aparece mais subordinada ao Estado ou à ordem moral. Possui a sua própria racionalidade
  - ⊙ Aliás, os indivíduos só vivem em sociedade porque uma mão invisível faz com que se associem por meio do mercado. A concorrência perfeita, por sua vez, assegura que o lucro e o auto-interesse dos capitalistas traz o bem-estar geral
  - ⊙ O capitalismo é, portanto, dinâmico e progressista. Se é verdade que ele traz desigualdade, porque os mais eficientes progredem, ele permite também, graças à concorrência, que todos – inclusive os pobres – elevem o seu nível de vida



A Revolução Industrial representa um conjunto de transformações econômicas, sociais e tecnológicas processadas no período que vai de 1780 a 1840.

O termo surge inicialmente em 1820, mas apenas depois de passado o turbilhão é que se percebe que a história havia passado por uma mudança qualitativa. Agora faz sentido

falar de crescimento econômico, que por sua vez condiciona a realidade social e cultural dos vários países. Não se pode mais falar tampouco da história de uma nação, sem referi-la antes à história mundial.

Várias metáforas caracterizam esta transformação. Eric Hobsbawm fala de “vulcão impessoal da história”, enquanto David Landes menciona “a multiplicação dos pontos de produtividade”, libertando o poder produtivo dos

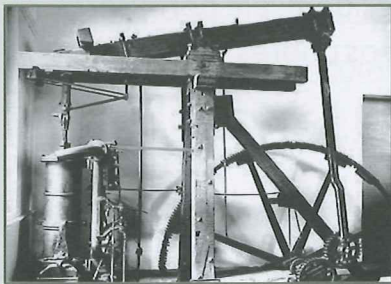


grilhões da demanda limitada. Já Meghnad Desai prefere caracterizar a ruptura a partir de uma “vertiginosa espiral ascendente”. Novos mercados são criados com o barateamento dos produtos. O sistema produtivo

passa, de certa forma, a criar a sua própria demanda. O comércio, que antes monopolizava, passa a funcionar como subordinada à esfera da produção, que abarrota o mundo de mercadorias.

A expansão inglesa revela-se estrondosa. A quantidade de algodão importada para satisfazer as necessidades do sistema industrial nascente multiplica-se por 50 vezes entre 1785 e 1850. E o mercado das colônias e das nações independentes do mundo subdesenvolvido para os produtos ingleses representa cerca de 2,5 vezes do total importado pela Europa deste país.

A partir de um complexo de inovações tecnológicas – a máquina a vapor, o tear me-



cânico, a metalurgia e a indústria química – da relação salarial e da disciplina do trabalho, dá-se início à história do sistema industrial e do capitalismo. Outros países copiarão o modelo inglês, inclusive aprimorando-o, permitindo assim o avanço da industrialização. No final do século XIX, a Rússia e o Japão já iniciavam as suas experiências industrializadoras, depois da Europa Ocidental e dos Estados Unidos. Após a crise de 1929, a industrialização chegará à América Latina, a alguns países africanos, à Índia e aos países do Sudeste Asiático.

Duas lições podem ser tiradas sobre a Revolução Industrial. Em primeiro lugar, se ela resulta da posição privilegiada que a Inglaterra ocupava no mercado internacional, a consolidação do sistema industrial abre novas possibilidades para os países da periferia do capitalismo. Estes países só podem comprar produtos ingleses se exportarem algo. Os ingleses, por sua vez, para inundar o mundo com seus produtos, devem funcionar como importadores globais. Na segunda metade do século XIX, o Brasil exportaria café, a Argentina cereais e carne, enquanto outros forneceria minerais e metais preciosos como o México e o Chile. Estrutura-se assim uma divisão internacional do trabalho. A modernização dos países da periferia se dá sob a forma de importação de bens de consumo pelas suas elites abastadas. Mas as relações de

produção não se transformam. O assalariamento só chegará mais tarde. A escravidão e a servidão por dívidas mantêm estes países atrasados socialmente, enquanto apenas uma parte das suas elites se integra no novo quadro internacional.

Ou seja, a Revolução Industrial permite uma expansão do capitalismo que renova e amplia as desigualdades entre e dentro das nações, a não ser que forças compensadoras – o Estado e os movimentos sociais – entrem em cena.

Em segundo lugar, pode-se dizer que o capitalismo “precisa” de Revoluções Industriais para perseguir a sua permanente expansão e transformação, o que leva à “descoberta” de novas tecnologias capazes de ampliar a eficiência e os níveis de rentabilidade. Momentos de saturação do mercado são superados por novas ondas tecnológicas. À Primeira Revolução Industrial, da máquina à vapor, e que termina com a expansão ferroviária; segue-se a Segunda Revolução Industrial da eletricidade, dos automóveis, da siderurgia e da petroquímica, junto com os telégrafos e telefones, que se inicia no final do século XIX e chega ao seu auge no pós-Segunda Guerra Mundial; para depois ser sucedida pela Terceira Revolução Industrial, da informática, da telecomunicações e da biotecnologia. Novas fontes de energia, novos produtos, novas tecnologias que barateiam bens de consumo e de capital, criam novos desejos e necessidades e permitem com que se revigore a máquina de acumulação.

Não por coincidência em cada período de aceleração tecnológica, percebe-se uma expansão dos fluxos de comércio, uma expansão dos fluxos de investimento para fora dos países capitalistas avançados, uma redistribuição de poder político em favor das potências líderes na aplicação e difusão das novas tecnologias e um avanço das idéias liberais. Metáforas como “aldeia global” e “mundo unificado” são elaboradas, escondendo a desigualdade que este processo geralmente acarreta.

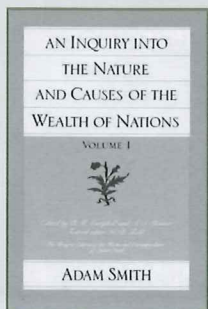
Voltando à Primeira Revolução Industrial – hoje assim chamada, porque sabemos que outras a sucederam – junto com as novas tecnologias, o comércio expandiu-se, assim como os investimentos ingleses em infra-estrutura e no setor financeiro. O mundo seria então interligado pelo vapor, pelas estradas de ferro e pelo telégrafo, de acordo mais uma vez com Hobsbawm.

Justamente neste período, e não à toa, surgiria e se expandiria a ciência econômica com sua vigorosa capacidade de transformar



tudo em variáveis quantificáveis, submetidas à lógica do mercado. Ora, até então, a economia não merecia um olhar destacado das demais ciências, não figurava como um objeto autônomo de reflexão. Estava subordinada à moral ou à política. Condenavam-se os juro, porque a Igreja estava aí para censurar, ou então o progresso material era visto como subordinado ao poder do rei. O mercado não existia como algo dotado de uma racionalidade própria e específica, capaz de explicar os fenômenos sociais.

Três fatores contribuiriam para a emergência desta ciência já no final do século XVIII,



condensada na obra do escocês Adam Smith, *Uma Investigação sobre a Natureza e as Causas da Riqueza das Nações*, de 1776.

Em primeiro lugar, o professor de filosofia moral percebia que o fator econômico adquiria ascendência sobre os demais aspectos da vida coletiva. Diria Smith: “para cada trabalhador autônomo, existem 20 trabalhando sob o sistema de fábrica”. A partir de uma hipotética

fábrica de alfinetes, ficava evidente o poder da divisão de trabalho, reduzindo-se o tempo de transferência de uma atividade para a outra, especializando-se o trabalhador e tornando-se exímio executor de certas tarefas, permitindo inclusive a descoberta de novas máquinas e processos de produção.

Mas para que pudesse promulgar a independência de um novo pensamento, cujo foco seria o da reprodução da vida material nas sociedades mercantis, a razão deveria ser soberana, libertando-se dos preconceitos morais e religiosos. Era preciso desvendar a lógica intrínseca ao funcionamento dos mercados. Ou seja, um segundo fator, de ordem cultural, o Iluminismo, tornaria possível revelar a natureza dos mercados. O pensamento econômico nascente partiria de leis gerais, muitas vezes partindo de analogias com a física (a noção de equilíbrio) ou fisiológicas (a noção de circulação). O organismo econômico passava a ter vida própria. Ao novo cientista, caberia não apenas dissecá-lo, mas conhecer a realidade para transformá-la ou aprimorá-la.

É aqui que entra o liberalismo. O Estado deve ser neutro. Uma mão invisível permite o funcionamento auto-regulável do mercado. Os agentes econômicos, deixados à sua própria sorte, motivados pelo auto-interesse e pela busca do máximo lucro, levariam ao bem-estar social. Qual a mágica? A concorrência perfeita asseguraria

que a eficiência levasse a maiores lucros, por meio de custos menores, beneficiando produtores e consumidores. O capitalismo levaria, de fato, a uma ampliação das desigualdades, mas também ao aumento do conforto material dos de baixo.

Segundo Smith, “em conseqüência da divisão do trabalho, a opulência universal estende-se às camadas mais baixas da sociedade” (SMITH, 1986, Livro I, p. 115). E o filósofo completa, otimista com o poder do progresso: “o conforto material de um príncipe geralmente não excede tanto o obtido por um frugal e engenhoso camponês, tanto quanto este supera o de tantos reis africanos, senhores supremos da vidas de dezenas de milhares de selvagens nus” (SMITH, op. cit., p. 117). Enfim, estes seriam mais iguais, porém mais pobres, isolados que estavam do fantástico poder transformador da máquina capitalista em plena ascensão na Europa.

Concorrência, aumento da produtividade e bem-estar social fariam, portanto, parte de uma mesma lógica incontestável de aperfeiçoamento da humanidade. O capital privado traria opulência, devendo o Estado cuidar da educação, do respeito à propriedade privada e da segu-

rança nacional. Mas não nos enganemos, o mesmo Adam Smith veria o acordo entre empresários como lesivo à sociedade. Sem concorrência perfeita, e a partir da criação de vantagens e monopólios, esta máquina perfeita fraquejaria.



Revolução Industrial, Iluminismo e Liberalismo estavam entre os fatores históricos que permitiram a expansão da ciência econômica ao longo da primeira metade do século XIX. A burguesia, então ascendente, aproveitaria-se deste cenário propício para revolucionar a ordem política e social. A democracia ainda não estaria na ordem do dia, mas apenas o direito à propriedade e à liberdade civil. Seria um exagero dizer que Adam Smith escreveu para satisfazer o poder capitalista, ainda que as suas idéias tenham sido assimiladas pela nova classe social dominante.

Se em Adam Smith a ética e a mão invisível se complementavam, a evolução do sistema econômico levaria a uma separação cada vez maior entre as preocupações



voltadas para o equilíbrio e a racionalidade econômica, de um lado, e as preocupações sociais e morais, de outro. Este distanciamento é uma das causas do empobrecimento da ciência econômica ao longo dos séculos XIX e XX, especialmente quando se consideram as formulações matemáticas e excessivamente formais, incapazes de acompanhar as mutações do capitalismo e os desafios enfrentados pela sociedade. É ao menos essa a opinião do economista Amartya Sen, ganhador do Prêmio Nobel em 1999. No seu entender, a economia deve voltar a se fazer perguntas de natureza ética. Ao invés de apenas analisar “o que é”, deve também se perguntar sobre “o que deveria ser”.

## O capital, a proletarização da força de trabalho e a desigualdade sistêmica

### A Análise Demolidora de Marx

- ⊙ O liberalismo de Smith não serve como guia confiável para a evolução histórica do capitalismo
- ⊙ Marx olha o capitalismo e “descobre” algo diferente. O importante para o capitalismo é a valorização do capital e não a satisfação das necessidades básicas
- ⊙ Existe, na verdade, uma tendência que leva da concorrência à centralização do capital em poucas mãos, fato que está relacionado com a tecnologia e as maiores escalas de produção
- ⊙ Este processo junto com a desorganização de atividades não-capitalistas leva a uma oferta de trabalho excedente e supérflua, que pressiona os salários para baixo (é o chamado exército industrial de reserva)
- ⊙ Observa-se, assim, que o capitalismo gera mais força de trabalho do que precisa e que jamais pode ser travado pelos aumentos salariais. Aliás, pelo contrário, são os níveis de produtividade, relacionados com a acumulação de capital, que dizem até quanto os salários podem subir. Mas isto não acontece, pois ali está o exército industrial de reserva

- ⊙ Esta desigualdade congênita somente seria atenuada no período que vai de 1945 a 1973, e apenas nos países desenvolvidos, o que só foi possível graças às lutas sociais, ao papel do Estado e ao fato de que estas nações ocupavam uma posição privilegiada no cenário internacional

As formulações de Adam Smith, ainda que tenham permitido analisar o funcionamento da vida econômica, e algumas das relações tecidas entre as classes sociais ao longo do processo de expansão e geração da riqueza, não servem como guia confiável para as transformações que o capitalismo viria sofrer, como nos indica o economista americano Robert Heilbroner.

Quase um século depois, um outro economista célebre, debruçando-se sobre os vários volumes no Museu Britânico em Londres, “descobriria” outra coisa. Quando Marx olhava para o capitalismo, via um mundo bem diferente do descrito por Smith.

Para Marx, o capitalista não estava interessado em produzir bens que satisfizessem os desejos dos consumidores, mas em gerar constantemente uma massa de excedente que voltaria sob a forma de mais produção e mais trabalhadores contratados. O próprio gasto com salários fazia parte do capital investido pelos donos dos meios de produção. Mas se o objetivo do capitalista era o valor de troca – obtido a partir da venda das mercadorias e que possibilitaria a valorização do seu capital – para que a mais-valia se realizasse, estes bens precisavam encontrar uma demanda, ou seja, deveriam possuir também um valor de uso.

O essencial para Marx era que a valorização de capital se daria a partir do consumo da força de trabalho pelo capitalista. Neste sentido, os trabalhadores deveriam ser livres num duplo sentido. Livres dos meios de produção e livres para vender a sua própria força de trabalho. Se a

segunda condição fazia dele indivíduos que voluntariamente se alugavam no mercado de trabalho, a primeira condição apontava para uma coerção extra-econômica. Ou seja, caso não vendessem a sua força de trabalho, sua única opção, não teriam condições de obter a sua subsistência.

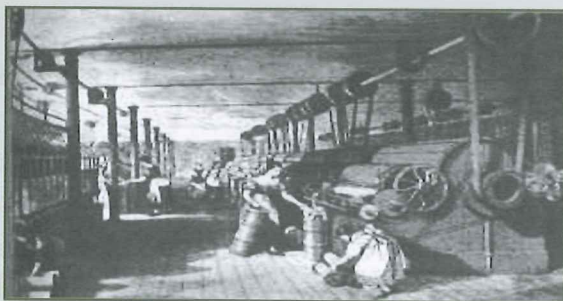


Tanto o processo de criação de uma massa de indivíduos dotados de meios de produção e de capital, como de um contingente expressivo de pessoas que podia vender tão-somente a sua força de trabalho, se faz por meios violentos. Acumulação primitiva de capital por meio do comércio colonial, da pirataria, do comércio de escravos, de confisco das terras da Igreja e das terras comuns de um lado. E expulsão dos servos das terras comuns a partir dos cercamentos, transformados agora em proletários. Com a expansão da manufatura e depois com o sistema industrial, os artesãos perderiam os seus meios de produção, passando também por um processo de proletarização.

A classe operária inglesa surgiria destes dois grupos sociais. O assalariamento, como ressaltava Braudel, significaria decadência social – ao menos no período do pós-Revolução Industrial – pois revelava a perda de classificação numa ordem social que deixava de existir e uma reclassificação numa ordem desconhecida, onde a precariedade era a regra. Jornadas de trabalho de 18 horas, emprego de mulheres e

crianças, condições insalubres. A disciplina de trabalho deveria ser imposta, muitas vezes à força. Os indivíduos sem trabalho, ou inativos, seriam por sua vez obrigados ao trabalho.

Como bem demonstrou Robert Castel, antes da Revolução Industrial, quando o capitalismo ainda não estava “pronto”, havia tão-somente o “trabalho regulado” nas corporações de ofício, que não era propriamente assalariado, e o “trabalho forçado” impingido sobre a massa de “vagabundos”, indivíduos proletarizados que não poderiam deixar a sua paróquia, devendo exercer atividades produtivas em estabelecimentos públicos. Não foi, portanto, fácil convencer aos trabalhadores que participar do mercado de trabalho era um ato de libertação do tacanho mundo feudal.



No entender de Marx, a nova ordem social capitalista impunha uma desigualdade social e econômica, não só congênicas, mas que tendiam a se ampliar. À medida que se dava o processo de centralização do capital, com a criação de grandes conglomerados industriais, apoiados pelo setor bancário e utilizando maiores níveis tecnológicos, o capitalismo criava um exército industrial de reserva, de modo a impedir a elevação

dos salários. Caso os capitalistas requisitassem mais mão-de-obra, os trabalhadores supérfluos existentes compareceriam ao mercado. O diferencial entre produtividade e salários tenderia a crescer, assim como a taxa de mais-valia.

Além do maior potencial tecnológico, o capitalismo destruiria um conjunto de atividades não-capitalistas, ocupadas por autônomos, que não conseguiriam competir com a produção em escala. Para Marx, o exército industrial de reserva seria composto pelos indivíduos desempregados, subutilizados ou temporariamente inativos, os quais pressionariam o mercado num momento de auge da produção. O capitalismo não seria travado pela escassez de oferta de trabalho e nem o seu potencial de acumulação determinado pelo nível de salários.

Mas o sistema capitalista também sofreria crises recorrentes. Apesar do seu potencial revolucionário, capaz de alavancar o desenvolvimento das forças produtivas, haveria crises de realização permanentes, relacionadas à insuficiência da demanda. Alguns marxistas mostraram como a economia de guerra e o imperialismo, ou até mesmo o poder corretivo do Estado, poderia superar as crises do capitalismo. Ainda assim, as contradições entre uma produção social e a apropriação privada do

excedente tornariam este sistema econômico profundamente instável.

Marx também acreditava na tendência de crescente oposição entre donos dos meios de produção, cada vez em menor número e com escalas de produção incrementadas, e a massa crescente de proletários, à qual se adicionariam os pequenos burgueses, donos de pequenos negócios falidos. Entretanto, o vigor do capitalismo contribuiria para fortalecer a classe operária.

Os ensinamentos de Marx e as tendências por ele apontadas seguem atuais, num momento em que o capitalismo se revoluciona, aumentando as suas taxas de rentabilidade, a partir de uma nova onda de internacionalização. Também se pode dizer que o exército industrial de reserva se amplia a olhos vistos, o que pode ser comprovado pelos níveis de desemprego e informalidade vigentes nas principais economias dos países desenvolvidos e subdesenvolvidos.



Por outro lado, observa-se a imensa capacidade do capitalismo de elevar as suas taxas de lucro a partir das novas tecnologias, de buscar novas formas de valorização do

capital a partir de relações pré-capitalistas, além de encontrar apoio no Estado para subsidiar os gastos com pesquisa e as despesas de guerra.

Já a classe operária, ao invés de se unificar, se mostra cada vez mais fragmentada, entre um setor formal diminuto e um setor informal elástico, mas também entre os vários países que buscam proteger os seus níveis de emprego. Uma classe média assalariada também surge e se desenvolve nos países desenvolvidos e subdesenvolvidos, vinculada às ocupações de maior escolaridade do setor público e privado, e que se distancia em termos de interesses dos demais trabalhadores.

Ainda assim, tirando o período áureo de 1945 a 1973, e que ficou restrito aos países desenvolvidos, quando então se logrou reduzir as desigualdades a partir da intervenção do

Estado e do poder dos sindicatos, o capitalismo sempre associou expansão das forças produtivas com aumento da desigualdade de renda e de poder.

## O liberalismo econômico e a sociedade como acessório

### A sociedade como acessória ao mercado

- ⊙ Utopia neoliberal: a noção de mercados auto-regulados, pois jamais existiu na prática
- ⊙ O que está por trás disso? O indivíduo é o que vale, o preço que obtém no mercado. Os mais capazes e eficientes são premiados pelo mercado. A desigualdade é, pois, saudável. A educação (vista como capital humano) aparece como o único mecanismo corretor de desigualdades
- ⊙ A sociedade é um acessório do mercado. Inversão da ordem que existia antes do capitalismo, quando mercado era marginal e estava imerso e subordinado a valores morais, culturais e sociais

- ⊙ Duas condições para a utopia liberal:
  - Os fatores de produção – terra, trabalho e capital – devem ser negociados no mercado;
  - Esta negociação não pode sofrer interferência do Estado.
- ⊙ Os preços são definidos pelo jogo da oferta e da demanda. Se há mais trabalhadores do que vagas, os salários devem cair, para que o desemprego seja eliminado
- ⊙ Qual o problema? Os fatores de produção não são produzidos para o mercado. O trabalho acompanha a vida humana, a terra é o outro nome que damos à natureza e o dinheiro é um símbolo do poder de compra. Precisam assim ser regulados pela sociedade (Karl Polanyi)
- ⊙ Para que não seja aniquilada, a sociedade precisa se autoprotger. Não se trata de eliminar o mercado, mas de domesticá-lo
- ⊙ 1945 a 1973: capitalismo regulado
- ⊙ 1980 em diante: capitalismo desregulado com flexibilização do mercado. A sociedade mais uma vez é empurrada para fora do mercado!

A partir do que ficou dito acima, fica claro : que se beneficiavam da divisão internacional  
 que apenas quando o capitalismo foi contro- do trabalho no pós-Segunda Guerra Mundial,  
 lado pelo Estado e pelas forças sociais, num este modo de produção não veio acompanha-  
 momento de enfraquecimento da doutrina do de ampliação da desigualdade.  
 liberal, e mesmo assim apenas para os países :

O que está por trás, portanto, da doutrina liberal de que os mercados se auto-regulam? A noção de que o indivíduo é o que vale, o que depende do preço obtido pela venda da sua força de trabalho. A própria desigualdade aparece explicada pela educação. Aqueles que estudaram, se esforçaram e foram adiante, ascendem socialmente, enquanto os demais perecem. Enfim, uma ordem meritocrática, onde a desigualdade aparece como natural, devendo ser inclusive estimulada.



Onde está o equívoco desta argumentação? Ora, os indivíduos fazem parte de classes sociais, grupos raciais, vivendo em espaços urbanos segmentados e sob clivagens de gênero, que oferecem diferentes oportunidades de ascensão. Os pontos de partida não são os mesmos. Aliás, o capitalismo contribui inclusive para amplificar esta desigualdade inicial, se o Estado não desenvolve políticas universais.

Na visão do liberalismo econômico, a sociedade aparece como acessória ao mercado. Este estabelece os preços a partir do cruzamento entre a oferta e a demanda. Se a oferta de trabalho é maior do que o que os empresários demandam, os preços (salários) devem cair até que não exista mais desemprego. Esta é a lei do mercado. Contra ela nada poderiam o Estado e nem tampouco os valores morais.

É importante dizer que esta utopia viveu especialmente ao longo da primeira metade do século XIX. Durante a Idade Média, como nos ensina Karl Polanyi, o contrário ocorria. O mercado era acessório à sociedade. Havia a lei contra a usura, o preço justo, os artesãos estavam vinculados a corporações de ofício, que estipulavam os critérios técnicos de produção, os preços e os salários dos aprendizes. Não existia concorrência. Cada indivíduo possuía uma posição na sociedade que independia da sua posição no mercado, então marginal.



Karl Polanyi, 1947

Após a Revolução Industrial, a sociedade foi empurrada para fora pelo mercado. Todos eram agora indivíduos colados aos seus preços. Ocultava-se que cada mercadoria era fruto de um trabalho social, aparecendo esta como fetiche, como simples coisa pertencente a alguém que dela havia se apropriado. As relações sociais apareciam ofuscadas, enquanto as mercadorias ocupavam o palco econômico.

O ideal liberal pressupunha duas condições. Primeiro, os fatores de produção – terra, trabalho e capital – deveriam ser negociados no mercado. Segundo, os seus preços não seriam “sociais”, pois definidos pelo jogo da oferta e da demanda.

Mas a mercadoria força de trabalho acompanha a vida humana, a terra não é mais que o meio ambiente, enquanto o dinheiro não passa de um símbolo do poder de compra. Estas mercadorias seriam chamadas de fictícias por Polanyi. Como assim?

Se elas eram negociadas no mercado, elas não poderiam ser produzidas, tais como as demais mercadorias, chamadas de genuínas, dentre as quais se incluíam móveis, sapatos, alimentos, carros etc.

Deixá-las sob a lógica irrestrita do mercado, seria correr o risco de gerar condições de trabalho miseráveis, deterioração do meio

ambiente e crises inflacionárias. Em última instância, a própria sociedade poderia ser aniquilada. Ao invés do equilíbrio e de uma ordem natural fundada no mercado, que permitiria a harmonia de interesses, a discussão do pauperismo, em contraste com a opulência trazida pela expansão do capitalismo, abriria caminho para a redescoberta da sociedade.

O processo de lutas sociais, que trouxe consigo a formação de sindicatos e o fortalecimento da democracia, a partir das últimas décadas do século XIX e a primeira metade do século XX, e que culminou nos países desenvolvidos com a aprovação de uma legislação social e trabalhista, assegurada pelo Estado, revela o esforço de auto-proteção das coletividades humanas frente ao poder destrutivo do mercado.

O mercado não seria eliminado, e até poderia se mostrar dinâmico, desde que incorporasse a regulação do trabalho. Isto que os economistas neoliberais chamam de encargos sociais era encarado como a segurança no mercado de trabalho para aqueles que eram os responsáveis últimos pela geração da riqueza. Chegou-se então, inclusive, à criação – nas palavras do sociólogo francês, Robert Castel – de uma “sociedade salarial”, especialmente no caso dos países desenvolvidos da Europa Ocidental. Isto significava

que apesar das diferenças salariais, a compra de força de trabalho deveria vir associada a um conjunto de direitos sociais e sindicais, que conferiam um estatuto coletivo comum a todos os trabalhadores.

Nos últimos trinta anos, entretanto, várias destas conquistas foram soterradas, e o mercado, antes regulado, voltou a querer tornar a sociedade como um mero acessório do movimento incessante de valorização do capital.



## Capitalismo e desenvolvimento econômico

- ⊙ Desenvolvimento – 3 conceitos:
  - 1) incremento da eficácia do sistema, a partir da elevação da produtividade;
  - 2) satisfação das necessidades elementares da população;
  - 3) quando 1 não leva a 2, já que o processo econômico se dá por meio da história e de lutas sociais, o desenvolvimento vira mito, aparecendo como discurso ideológico dos grupos dominantes.
- ⊙ Nos países subdesenvolvidos especialmente, o progresso tecnológico leva à desigualdade e heterogeneidade social, beneficiando apenas uma elite modernizada (Celso Furtado)
- ⊙ Importante
  - Quem define os fins do desenvolvimento?
  - Estes podem ser traçados apenas a partir de variáveis econômicas?
- ⊙ Estas variáveis econômicas são meios para se atingir o desenvolvimento econômico pleno
- ⊙ Visão recente: a liberdade não é apenas um meio, mas é também um fim do desenvolvimento (Amartya Sen)
- ⊙ Os agentes econômicos para atuarem no mercado precisam de liberdades instrumentais: acesso a bens sociais (saúde e educação), oportunidades econômicas (acesso à terra e ao crédito), segurança protetora (renda mínima) e liberdades políticas



Para o economista brasileiro Celso Furtado, a idéia de desenvolvimento econômico possui ao menos três dimensões. Em primei-

ro lugar, ela indica incremento da eficácia do sistema social de produção, a partir da elevação da produtividade. Em segundo lugar, o desenvolvimento econômico surge relacionado à satisfação das necessidades elementares da população. Entretanto, para Furtado, a

elevação da produtividade, ou a expansão do PIB *per capita*, não são condições suficientes para o aumento do bem-estar social.

Além disso, a terceira dimensão da idéia de desenvolvimento pode ser encontrada no discurso ideológico dos grupos dominantes da sociedade que procuram ofuscar a relação complexa e não direta entre a primeira e a segunda dimensão do conceito. O desenvolvimento econômico – conceito produzido no século XX – transforma-se no equivalente ao mito do progresso do século anterior, pois pretende atingir todas as nações desde que tomem atitudes e comportamentos que levem ao aumento da eficiência e ao maior volume de investimento do capital. O progresso tecnológico aparece dissociado dos contextos sociais e históricos específicos, como também não se levam em conta os efeitos negativos do processo de acumulação de capital em termos ambientais e humanos, os quais se mostram patentes nos grandes conglomerados urbanos recheados de criminalidade e de estratégias precárias de sobrevivência.

Este mito do desenvolvimento pode ser elucidado da seguinte maneira. Os economistas definem os fins – de forma autoritária ou por meio da manipulação da informação – que

deveriam informar o bem da coletividade. Vejamos alguns exemplos: crescimento do PIB *per capita*, metas de inflação, superávits nas contas públicas, saldos positivos na balança comercial. Ao invés de existir uma discussão coletiva dos fins – a qual sempre envolve um confronto de valores – o ideal tecnocrático prevalece. Se o economista serço do sistema apenas deve apontar os meios mais eficientes para se almejar os supostos fins da coletividade, o desenvolvimento contribui para a perpetuação da ordem burguesa e alija todo e qualquer debate sobre a participação social e a questão democrática.

Vejamos um exemplo do próprio Furtado. Queremos aumentar o investimento, não? Diz o economista que devemos cortar o consumo, certo? Mas aí sobrevém uma falácia gritante, a idéia de que consumo é uma massa homogênea. E conclui o economista paraibano: “como medir com a mesma régua a inversão financiada com a redução do pão dos trabalhadores e a outra financiada com a minha privação de uma garrafa de vinho?” (FURTADO, 1974, p. 115).

Mais recentemente, o economista indiano Amartya Sen daria maior substância teórica a estas idéias esboçadas por Furtado nos anos setenta do século XX. Invertendo



os termos de Adam Smith, a liberdade não deve ser tão-somente condição para o desenvolvimento, mas despontar como o seu fim último. Para tanto, a expansão da riqueza – ou o crescimento econômico – deve ser vista como apenas um meio, que junto com as liberdades instrumentais – acesso aos ser-

viços de educação e saúde, aos direitos civis e às liberdades políticas, às oportunidades econômicas (terra e crédito) e à segurança protetora (rede de proteção social) – fazem com que os agentes econômicos se tornem participantes protagonistas do processo de desenvolvimento.

## A evolução estrutural do sistema capitalista depois do século XIX

⊙ 4 fases (desenvolvidas a partir da análise de Celso Furtado)

- 1) da Primeira Revolução Industrial até 1870: a Inglaterra lidera o processo de acumulação de capital, torna-se a praça financeira mundial e realiza investimentos em infra-estrutura
- 2) de 1870 a 1970: reação ao projeto inglês e criação de economias industriais rivais, formando o atual clube das nações desenvolvidas. Nova expansão do comércio, mas crescimento econômico e puxado pelos mercados internos que recebem empresas multinacionais, inclusive em algumas economias subdesenvolvidas
- 3) anos 1970: surge um mercado interno entre as multinacionais, erodindo os sonhos de construção de sistemas econômicos nacionais na periferia. (Esta fase permite uma ruptura com a anterior, mas não se completa, sendo superada pela 4ª fase apontada abaixo)
- 4) de 1980 até hoje: surge uma nova ordem internacional, onde além da atuação integrada das multinacionais com as suas filiais, percebe-se a desregulamentação do mercado de capitais e o surgimento de novas tecnologias, que permitem o surgimento de um capitalismo globalizado, com diferenças nacionais, mas cujo controle ultrapassa as fronteiras geográficas

- ⊙ Problemas: este potencial renovado de ampliação do raio de acumulação de capital não parece ser compensado pelo poder dos trabalhadores, dos movimentos sociais ou do Estado, seja ela nacional ou supranacional

Voltando ao economista Celso Furtado, tentemos partir de seu esquema de análise para capturar os principais momentos da evolução estrutural capitalista do século XIX em diante, já que a nossa análise deste sistema econômico e social, até o presente momento, não foi muito além das transformações processadas no bojo da Primeira Revolução Industrial. Podemos pensar em três momentos básicos.

Uma primeira fase vai da Primeira Revolução Industrial até por volta dos anos 1870, quando se acelera consideravelmente a acumulação de capital e se processa uma intensificação fabulosa do comércio internacional. O excedente gerado é canalizado para a Inglaterra que se transforma na grande praça financeira mundial e na executora de grandes obras de infra-estrutura no mundo inteiro, a partir dos investimentos nas estradas de ferro. Promove-se uma intensificação e diversificação do consumo privado e público.

A segunda fase pode ser situada entre 1870 e 1930, quando se reage ao projeto inglês, a partir da consolidação de sistemas econômicos nacionais, mais rivais que com-

plementares, permitindo a formação do clube das atuais nações desenvolvidas. Neste momento, ocorre uma maior centralização das decisões econômicas, seja por meio do sistema bancário, seja a partir da maior intromissão do Estado na vida econômica.

Aliás, é importante ressaltar que a passagem pela linha demarcatória que reúne os países desenvolvidos exige um esforço coletivo nacional e jamais – como no caso do Japão – se deu nos marcos de políticas de livre mercado. Quando isto não acontece, caso das chamadas “economias subdesenvolvidas”, as novas indústrias surgem mais integradas e subordinadas ao quadro internacional – por meio da estrutura de comércio e da presença das multinacionais – mostrando-se incapazes



de assimilar as mudanças qualitativas do processo de industrialização, especialmente no que diz respeito ao processo de inovação.

A partir dos anos setenta do século XX, inaugurando a terceira fase, os sistemas nacionais passam a perder parte de sua individualidade no centro do sistema capitalista. O empresário individual cede espaço, ao menos como agente reitor das transformações econômicas, à grande empresa transnacionalizada. Estas empresas altamente oligopolizadas criam agora o seu próprio mercado interno – a partir das interações entre matrizes e filiais – levando à erosão dos sistemas econômicos nacionais, especialmente aqueles construídos às duras penas e de forma fragmentada nos países subdesenvolvidos.

Some-se o fim do sistema monetário de *Bretton Woods* nos anos setenta e a desregu-

lamentação do mercado de capitais, junto com o avanço das novas tecnologias a partir dos anos oitenta, sem esquecer da queda do bloco socialista, recém-convertido ao sistema capitalista e do avanço da ideologia neoliberal.

O capitalismo mostra-se mais uma vez capaz de elevar os seus níveis de produtividade, estando cada vez menos preso à regulação do Estado e do fator trabalho. Desde 1980, vivemos de fato uma quarta fase – que se aproveita da mudança iniciada na terceira fase, processando uma ruptura dentro da ruptura. Isto porque agora a finança global ganha corpo e passa a canalizar boa parte do excedente gerado, enquanto o capital produtivo se desterritorializa e os gastos do Estado são estrangulados, generalizando a desigualdade, que passa a atingir não só a periferia como também o antigo centro do capitalismo.

O desenvolvimento das forças produtivas ganha novo vigor, assim como o processo de globalização inerente à expansão do capitalismo desde o seu início, abrindo este modo de produção novas fronteiras para a sua expansão, enquanto as forças que poderiam disciplinar o seu movimento a um só tempo criador e destruidor – o Estado nacional, a classe trabalhadora, os movimentos sociais, ou quem sabe um novo Estado supranacional – ainda não parecem revelar o seu potencial dialético para a construção de uma nova ordem.

## Bibliografia Consultada

---

BARBOSA, Alexandre de Freitas. *O Mundo Globalizado: Economia, Sociedade e Política*. São Paulo: Editora Contexto, 2001.

BEAUD, Michel. *História do Capitalismo de 1500 aos nossos dias*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BRAUDEL, Fernand. *Civilização Material, Economia e Capitalismo*, v. 2, “Os Jogos das Trocas”. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1996.

BUCHHOLZ, Todd G. *Novas Idéias de Economistas Mortos*. São Paulo: Editora Record, 2000.

CASTEL, Robert. *As Metamorfoses da Questão Social: Uma Crônica do Salário*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHANG, Ha-Joon. *Chutando a Escada: A Estratégia do Desenvolvimento em Perspectiva Histórica*. São Paulo: Editora da Unesp, 2003.

COUTINHO, Maurício Chalfin. *Lições de Economia Política Clássica*. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.

DESAI, Meghnad. *A Vingança de Marx: A Ressurgência do Capitalismo e a Morte do Socialismo Estatal*. São Paulo: Códex, 2003.

DOBB, Maurice. *A Evolução do Capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.

FURTADO, Celso. *O Mito do Desenvolvimento Econômico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

GALBRAITH, John Kenneth. *O Pensamento Econômico em Perspectiva*. São Paulo: Editora Pioneira/Edusp, 1989.

\_\_\_\_\_. *A Economia das Fraudes Inocentes: Verdades para o Nosso Tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GIDDENS, Anthony. *Capitalismo e Moderna Teoria Social*. Lisboa: Editorial Presença, 2000.

HEILBRONER, Heilbroner. *A Formação da Sociedade Econômica*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 5. ed., 1987.



- HEILBRONER, Robert & Lester Thurow. *Entenda a Economia*. São Paulo: Editora Campus, 2001.
- HOBBSAWM, Eric. *A Era das Revoluções*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 12. ed., 2000.
- \_\_\_\_\_. *A Era do Capital*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 5. ed., 1996.
- LANDES, David. *Prometeu Desacorrentado*. Editora Nova Fronteira, 1994.
- MARX, Karl. *O Capital*. V. I, São Paulo: Nova Cultural, 1988, 3. ed., 1988.
- \_\_\_\_\_. *O Capital*. V. II, São Paulo: Nova Cultural, 1988, 3. ed., 1988
- POLANYI, Karl. *A Grande Transformação*. Rio de Janeiro: Campus, 2. ed., 2000.
- REZENDE, Cyro. *História Econômica Geral*. São Paulo: Editora Contexto, 2001.
- SCHWARTZMAN, Simon. *Pobreza, Exclusão Social e Modernidade: uma Introdução ao Mundo Contemporâneo*. São Paulo: Augurium Editora, 2004.
- SEN, Amartya . *Ética e Economia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Desenvolvimento como Liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SMITH, Adam. *The Wealth of Nations*. Livro I, London: Penguin Classics, 1986.
- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o "Espírito" do Capitalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

## CRÉDITOS DAS IMAGENS

<http://www.suapesquisa.com/industrial/classiques.uqac.ca>

[www.mun.ca/.../honor/honorary\\_galbraith.html](http://www.mun.ca/.../honor/honorary_galbraith.html)

[www.terrabrasileira.net/.../engenho2.html](http://www.terrabrasileira.net/.../engenho2.html)

[orbita.starmedia.com/achouhp/historia/revoluc...](http://orbita.starmedia.com/achouhp/historia/revoluc...)

[www.miriamsalles.info/.../revindus/links.htm](http://www.miriamsalles.info/.../revindus/links.htm)

[www.geocities.com/Athens/Pantheon/2111/montes.htm](http://www.geocities.com/Athens/Pantheon/2111/montes.htm)

[www.eumed.net/cursecon/textos/Sieveking/s1.5.htm](http://www.eumed.net/cursecon/textos/Sieveking/s1.5.htm)

[br.geocities.com/.../biografias/watt.htm](http://br.geocities.com/.../biografias/watt.htm)

[iwona.kicinger.com/awards.html](http://iwona.kicinger.com/awards.html)

[paginas.terra.com.br/.../industrial/cang1.htm](http://paginas.terra.com.br/.../industrial/cang1.htm)

[www.contee.org.br/.../6conatee/materia\\_8.htm](http://www.contee.org.br/.../6conatee/materia_8.htm)

## PARA SABER MAIS SOBRE O TEMA

---

O objetivo deste suplemento é aprofundar o conhecimento dos conteúdos desenvolvidos em aula. Nele, você encontrará indicações e referências de materiais que possibilitam a discussão e oferecem elementos para a reflexão sobre os temas abordados. As obras e textos aqui listados são um complemento daqueles já citados no “Texto de Referência”.

### Livros

---

ARRUDA, J.J. *A Revolução Industrial*. São Paulo: Brasiliense, 1980.

BARBOSA, Alexandre de Freitas. *O Mundo Globalizado: Economia, Sociedade e Política*. São Paulo: Editora Contexto, 2001.

BEAUD, Michel. *História do Capitalismo de 1500 aos Nossos Dias*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BENEDICT, R. *O Crisântemo e a Espada*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BRAUDEL, Fernand. *A dinâmica do capitalismo*. Lisboa: Teorema, 1989.

\_\_\_\_\_. *Gramática das civilizações*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.



- BUCHHOLZ, Todd G. *Novas Idéias de Economistas Mortos*. São Paulo: Editora Record, 2000.
- CATANI, Afrânio Mendes. *O que é capitalismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- CHANG, Ha-Joon. *Chutando a Escada: A Estratégia do Desenvolvimento em Perspectiva Histórica*. São Paulo: Editora da UNESP, 2003.
- COUTINHO, Maurício Chalfin. *Lições de Economia Política Clássica*. São Paulo: Editora Hucitec, 1993.
- DIAMOND, Jared. *Armas, germes e aço*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- DEANE, P. *A revolução industrial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- DESAI, Meghnad. *A Vingança de Marx: A Ressurgência do Capitalismo e a Morte do Socialismo Estatal*. São Paulo: Códex, 2003.
- DEYON, P. *O mercantilismo*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- DICKENS, Charles. *Tempos Difíceis*. São Paulo: Paulinas, 1968.
- DOWBOR, Ladislau. *O que é capital*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- ELIOT, George. *Middlemarch: um Estudo da Vida Provinciana*. São Paulo: Record, 1998.
- FURTADO, Celso. *O Mito do Desenvolvimento Econômico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- GALBRAITH, John Kenneth. *Uma Viagem pelo Tempo Econômico*. São Paulo, Pioneira, 1983.
- \_\_\_\_\_. *O Pensamento Econômico em Perspectiva*. São Paulo: Editora Pioneira/EDUSP, 1989.
- \_\_\_\_\_. *A Economia das Fraudes Inocentes: Verdades para o Nosso Tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- GIDDENS, Anthony. *Capitalismo e Moderna Teoria Social*. Lisboa: Editorial Presença, 2000.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.
- HEILBRONER, Robert. *A Formação da Sociedade Econômica*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 5. ed., 1987.
- \_\_\_\_\_. *A História do Pensamento Econômico*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

HOBBSAWM, Eric. *Mundos do trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. *Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1979.

\_\_\_\_\_. *A Era das Revoluções*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 12. ed., 2000.

KRANTZ, Frederick. *A outra História: Ideologia e protesto popular nos séculos XVII e XIX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LANDES, David. *A riqueza e a pobreza das nações*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

MORAES NETO, B. R. *Marx, Taylor e Ford: as forças produtivas em discussão*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

OFFE, Claus. *Problemas estruturais do Estado capitalista*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

PERRAULT, Gilles. (Org.). *O livro negro do capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

PRZEWORSKI, A. *Capitalismo e social-democracia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

REZENDE, Cyro. *História Econômica Geral*. São Paulo: Editora. Contexto, 2001.

SANDRONI, Paulo. *Novíssimo dicionário de economia*. São Paulo: Best Seller, 1999.

SANTIAGO, Theo (org). *Do feudalismo ao capitalismo. Uma discussão histórica*. São Paulo: Contexto, 1988.

SEN, Amartya (1999). *Ética e Economia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SINGER, Paul. *O Capitalismo*. São Paulo, Moderna, 1987.

STEINBECK, John. *As vinhas da ira*. Rio de Janeiro: Bruguera, 1972.

SCHWARTZMAN, Simon. *Pobreza, Exclusão Social e Modernidade: uma Introdução ao Mundo Contemporâneo*. São Paulo: Augurium Editora, 2004.

THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987

VERISSIMO, Erico. *O prisioneiro*. Porto Alegre: Globo, 1967.



WEBER, Max. *História geral da economia*. São Paulo: Mestre Jou, 1968.

WOOD, Ellen Meiksins. *A origem do capitalismo*. São Paulo: Zahar, 2001.

ZOLA, Émile. *Germinal*. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

## Centros de Pesquisa

---

NEILS – Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais da PUC-SP – <http://www.pucsp.br/neils/>

CEGeT – Centro de Estudos da Geografia do Trabalho da Unesp – <http://www2.prudente.unesp.br/CEGET/>

GEPAL – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a América Latina da UEL – <http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/>

IUPERJ – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política – <http://www.iuperj.br/>

NEC (Núcleo de Estudos Contemporâneos) da UFF – <http://www.historia.uff.br/nec/>

Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade – <http://www.iets.org.br/>

CESIT – Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho da Unicamp – <http://www.eco.unicamp.br/cesit/index2.html>

GEEIN – Grupo de Estudos de Economia Industrial da Unesp – <http://geein.fclar.unesp.br/>

Instituto Clemson para o Estudo do Capitalismo, EUA (The Clemson Institute for the Study of Capitalism) – <http://business.clemson.edu/BBTCENTER/cci/index.htm>

Centro de Estudos em Economia e Sociedade da Universidade de Cornell, EUA (Center for the Study of Economy and Society) – <http://www.economyandsociety.org/contact.shtml>

Instituto de Pesquisa em Economia Política da Universidade de Massachussetts, EUA (Political Economy Research Institute) – <http://www.peri.umass.edu/>

## Filmes

**Título Original: Eles não Usam Black-Tie**

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 134 min.

Ano de Lançamento (Brasil): 1981

Roteiro: Gianfrancesco Guarnieri e Leon Hirszman

Sinopse: Em São Paulo, em 1980, o jovem operário Tião e sua namorada Maria decidem casar-se ao saber que a moça está grávida. Ao mesmo tempo, eclode um movimento grevista que divide a categoria metalúrgica. Preocupado com o casamento e temendo perder o emprego, Tião fura a greve, entrando em conflito com o pai, Otávio, um velho militante sindical que passou três anos na cadeia durante o regime militar.

(Fonte: <http://www.adorocinemabrasileiro.com.br/filmes/eles-nao-usam-black-tie/eles-nao-usam-black-tie.asp>)

**Título: O Discreto Charme da Burguesia**

Título Original: Le Charme discret de la bourgeoisie

Gênero: Comédia/Drama/Fantasia

Duração: 102 min.

Ano de Lançamento: 1972

Direção: Luis Buñuel

Origem: Espanha/França/Itália

Sinopse: Obra-prima surrealista extremamente crítica. Seis burgueses se reúnem para jantar, mas são impedidos por acontecimentos espantosos.

(Fonte: <http://www.historiadaarte.com.br/filmografia.html>)

**Título: Pelle, O Conquistador**

Título Original: Pelle Erobreren

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 158 min.

Ano de Lançamento: 1988

Direção: Bille August

Sinopse: O filme, baseado no livro de Martim Anderson Nexø intitulado Infância, retrata a luta de dois imigrantes suecos -pai e filho- que tentam a sorte na Dinamarca, no final do século XIX. Enfrentando a discriminação dos dinamarqueses, Pelle e seu envelhecido pai, conseguem apenas um emprego mal remunerado e péssimas acomodações numa fazenda, onde vivem



um cotidiano freqüentemente cruel, num universo bizarro de camponeses, patrões e mulheres infelizes. O ator Pelle Hvenegaard – que tinha 13 anos à época – foi escolhido entre duas mil crianças. Seu nome coincide com o do personagem porque sua mãe leu o livro durante a gravidez. O filme recebeu tanto a Palma de Ouro em Cannes, quanto o Oscar de filme estrangeiro, feito antes só alcançado por Ran de Akira Kurosawa.

(Fonte: <http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=245>)

#### **Título: A Classe Operária Vai ao Paraíso**

Título Original: a Classe Operária va in Paradiso

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 125 min.

Ano de Lançamento: 1971

Direção: Elio Petri

Sinopse: Lulu é um operário metalúrgico, que perde um dedo em acidente de trabalho e é envolvido em movimento de protesto. Descobre assim a vida sindical. Neste momento, Lulu divide-se entre as tentações da sociedade de consumo e as convocações da esquerda tradicional, numa radiografia do impasse ideológico de muitos trabalhadores. Ganhou o prêmio David di Donatello 1972 de melhor filme, além da Palma de Ouro no Festival de Cannes 1972.

(Fonte: [http://www2.uol.com.br/mostra/30/p\\_exib\\_filme\\_355.shtml](http://www2.uol.com.br/mostra/30/p_exib_filme_355.shtml))

#### **Título: Os Companheiros**

Título Original: I Compagni

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 130 min.

Ano de Lançamento: 1963

Direção: Mario Monicelli

Sinopse: Professor percorre a Itália espalhando seu sonho de conscientização política e mobilização dos trabalhadores. Seu esforço culmina numa greve por redução da jornada e melhores salários.

(Fonte: [http://cartamaior.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=11300](http://cartamaior.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=11300))

#### **Título: Como Era Verde o Meu Vale**

Titulo Original: How Green Was My Valley

Gênero: Drama/Romance

Tempo de Duração: 118 min

Ano de Lançamento: 1941

Direção: John Ford

Roteiro: Richard Llewellyn

Sinopse: Aos 60 anos, Huw Morgan relembra a vida de sua família em uma pequena cidade mineradora do País de Gales. Suas reminiscências revelam a desintegração da unida família Morgan, enquanto capta os sentimentos e problemas daquele tempo.

Narrando sua vida de garoto, Huw descreve o cotidiano dos Morgan, família protestante cuja renda provém do trabalho árduo em uma mina de carvão. A mentalidade puritana e mesquinha que ora acalenta, ora repudia seus iguais em função da manutenção da boa conduta, da moral e de um humanismo aparente é o mote para um filme de enfoque político. A obra contextualiza um momento de crise da economia mundial ao retratar as péssimas condições de trabalho da época, greves, dificuldades financeiras. Mas também trabalha de forma delicada a ética capitalista que começa a ser impressa no imaginário do trabalhador ao mostrar a relação conflituosa com o pensamento comunista e a fé na superação das dificuldades e a melhoria do padrão de vida através do trabalho. Baseado no famoso romance de Richard Llewellyn e vencedor de 5 Oscar, “Como era Verde o Meu Vale” ganhou do clássico filme “Cidadão Kane” a disputa pelo Oscar de Melhor Filme e é um marco na história de Hollywood.

(Fonte: <http://www.cineminha.com.br/filme.cfm?id=1798>)

### **Título: Metrópolis**

Título Original: Metropolis

Gênero: Ficção Científica

Tempo de Duração: 100 minutos

Ano de Lançamento (Alemanha): 1927

Site Oficial: [www.kino.com/metropolis](http://www.kino.com/metropolis)

Direção: Fritz Lang

Roteiro: Fritz Lang e Thea von Harbou, baseado em livro de Thea von Harbou

Sinopse: Metrópolis, ano 2026. Os poderosos ficam na superfície e lá há o Jardim dos Prazeres, para os filhos dos mestres, enquanto os operários, em regime de escravidão, trabalham bem abaixo da superfície, na Cidade dos Operários. Esta poderosa cidade é governada por Joh Fredersen (Alfred Abel), um insensível capitalista cujo único filho, Freder (Gustav Fröhlich), leva uma vida idílica, desfrutando dos maravilhosos jardins. Mas um dia Freder conhece Maria (Brigitte Helm), a líder espiritual dos operários, que cuida dos filhos dos escravos. Ele conversa com seu pai, que diz que é assim que as coisas devem ser quando Josaphat (Theodor Loos) é demitido por Joh, por não ter mostrado plantas que estavam em poder dos operários. Freder pede a ajuda dele e vê as condições que existem no subsolo. Paralelamente Rotwang (Rudolf Klein-Rogge), um inventor louco que está a serviço de Joh, diz ao seu patrão que seu trabalho está concluído, pois criou um robô à imagem do homem, que nunca se cansa ou comete erro, e diz que agora não haverá necessidade de trabalhadores humanos, sendo que em breve terá um robô que ninguém conseguirá diferenciar de um ser vivo. Além disto decifra as plantas, que são de antigas catacumbas que ficam na parte mais profunda da cidade. Curioso em saber o que interessa tanto aos operários, Joh e Rotwang decidem espioná-los usando uma passagem secreta. Ao assistir a uma reunião, onde Maria prega aos operários lhes implorando que rejeitem o uso de violência para melhorar o destino e pensar em termos de amor, dizendo



ainda que o Salvador algum dia virá na forma de um mediador. Mas mesmo este menor ato de desafio é muito para Joh, que ouviu a fala na companhia de Rotwang. Assim, Joh ordena que o robô tenha a aparência de Maria e diz para Rotwang escondê-la na sua casa, para que o robô se infiltre entre os operários para semear a discórdia entre eles e destruir a confiança que sentem por Maria. Mas Joh não podia imaginar uma coisa: Freder está apaixonado por Maria.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/metropolis/metropolis.asp>)

**Título: Tempos Modernos**

Título Original: Modern Times

Gênero: Comédia

Tempo de Duração: 87 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1936

Direção: Charles Chaplin

Roteiro: Charles Chaplin

Sinopse: Um operário de uma linha de montagem, que testou uma “máquina revolucionária” para evitar a hora do almoço, é levado à loucura pela “monotonia frenética” do seu trabalho. Após um longo período em um sanatório ele fica curado de sua crise nervosa, mas desempregado. Ele deixa o hospital para começar sua nova vida, mas encontra uma crise generalizada e equivocadamente é preso como um agitador comunista, que liderava uma marcha de operários em protesto. Simultaneamente uma jovem rouba comida para salvar suas irmãs famintas, que ainda são bem garotas. Elas não têm mãe e o pai delas está desempregado, mas o pior ainda está por vir, pois ele é morto em um conflito. A lei vai cuidar das órfãs, mas enquanto as menores são levadas a jovem consegue escapar.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/tempos-modernos/tempos-modernos.asp>)

**Título: Germinal**

Título Original: Germinal

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 158 min.

Ano de Lançamento (França): 1993

Direção: Claude Berri

Sinopse: No Segundo Império, jovem desempregado desce ao inferno quando aceita emprego em mina. O cruel Chaval, o bondoso Toussaint Maheu e o amor de Catherine fazem parte de um cotidiano de miséria, maus-tratos, alcoolismo e uma rebelião que pode acabar em tragédia. Baseado na obra clássica de Émile Zola, é um retrato do cotidiano duro dos trabalhadores e de suas lutas contra as imposições muitas vezes desumanas do capital.

(Fonte: <http://www.planetaeducacao.com.br/novo/artigo.asp?artigo=54>)

**Título: Meu Tio**

Título Original: Mon Oncle

Gênero: Comédia

Tempo de Duração: 126 min.

Ano de Lançamento (França): 1958

Direção: Jacques Tati

O filme é uma crítica de Jacques Tati ao excesso de preocupação com bens materiais. Monsieur Hulot se atrapalha com o futurismo exagerado da casa do cunhado, mas conquista o sobrinho com seu estilo desligado e simples. Retrata de forma leve a geração do Pós-Segunda Guerra. (Fonte: <http://www.historiadaarte.com.br/filmografia.html>)

**Título: Segunda-Feira ao Sol**

Título Original: Las Lunas al Sol

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 113 minutos

Ano de Lançamento (Espanha): 2002

Site Oficial: [www.loslunesalsol.com](http://www.loslunesalsol.com)

Direção: Fernando León de Aranoa

Roteiro: Fernando León de Aranoa e Ignacio del Moral

Sinopse: Uma cidade costeira no norte da Espanha sofre com seu isolamento quando seus estaleiros começam a ser fechados, deixando vários trabalhadores desempregados à mercê de pequenas ocupações temporárias. Entre eles está Santa (Javier Bardem), um machão rebelde e auto-suficiente que se recusa a admitir o fracasso. Mas a verdade é que ele e seus companheiros, dos quais ele se torna uma espécie de líder, são perdedores completos, mergulhados no alcoolismo e em crises familiares.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/segunda-feira-ao-sol/segunda-feira-ao-sol.htm>)

**Título Original: Braços Cruzados, Máquinas Paradas**

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 76 min.

Ano de Lançamento: 1979

Direção: Roberto Gervitz, Sérgio Toledo

Sinopse: Trata da estrutura sindical brasileira, com trechos de filmes da época em que foi criado o Estado Novo. Mostra a campanha eleitoral das três chapas que disputam, em maio de 1978, a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e as greves que eclodem durante a campanha sindical. Discute o movimento grevista, seu enquadramento na Legislação Sindical vigente, as propostas das chapas em disputa, bem como as reações dos setores governamentais e empresariais ao movimento. Documenta as eleições sindicais e seu desfecho, com a vitória



da chapa da situação. Paralelamente à ação dos metalúrgicos mostra o surgimento de outras manifestações populares como a do Movimento do Custo de Vida, em setembro de 1978. Se encerra com a greve geral dos metalúrgicos paulistas ocorrida em novembro daquele ano. (Fonte: [http://www.fundacaoastrojildo.org.br/filmes/filmes\\_abrir.asp?cod\\_filme=211](http://www.fundacaoastrojildo.org.br/filmes/filmes_abrir.asp?cod_filme=211))

**Título Original: Chapeleiros**

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 25 min.

Ano de Lançamento: 1983

Direção: Adrian Cooper

Sinopse: Documentário que mostra o dia-a-dia do trabalho na fábrica dos elegantes chapéus Cury, de Campinas. Segundo o diretor, o ambiente o fez lembrar dos relatos sobre os tempos iniciais da Revolução Industrial, tamanha precariedade.

(Fonte: [http://cartamaior.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=11300](http://cartamaior.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=11300))

**Título Original: Greve**

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 38 min.

Ano de Lançamento: 1979

Direção: João Batista de Andrade

Sinopse: Em 1979, metalúrgicos do ABC realizam a greve que inaugurou o chamado novo sindicalismo e estremeceu o moribundo regime militar. Lula e outras lideranças enfrentam também a intervenção federal no sindicato.

(Fonte: [http://cartamaior.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=11300](http://cartamaior.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=11300))

**Título Original: Peões**

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 85 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2004

Direção: Eduardo Coutinho

Sinopse: A história pessoal de trabalhadores da indústria metalúrgica do ABC paulista que tomaram parte no movimento grevista de 1979 e 1980, mas permaneceram em relativo anonimato. Eles falam de suas origens, de sua participação no movimento e dos caminhos que suas vidas trilharam desde então. Exibem souvenirs das greves, recordam os sofrimentos e recompensas do trabalho nas fábricas, comentam o efeito da militância política no âmbito familiar, dão sua visão pessoal de Lula e dos rumos do país.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/peoes/peoes.htm>)

**Título: Escândalo, Pavor e Chamas**

Título Original: The Triangle Factory Fire Scandal

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 100 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1979

Direção: Mel Stuart

Sinopse: Baseado no incêndio que, em 14 de março de 1911, matou 146 trabalhadoras de tecelagem em Nova York. A história começa a ser contada um dia antes do acidente, quando quatro mulheres relatam seus sonhos.

(Fonte: <http://www.historia.uff.br/nec/vidresist.htm>)

**Título: Norma Rae**

Título Original: Norma Rae

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 114 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1979

Direção: Martin Ritt

Roteiro: Harriet Frank Jr. e Irving Ravetch

Sinopse: Verão de 1978. Em Hinleyville, uma pequena cidade sulista, a maioria da classe operária trabalha em uma indústria têxtil, cujas condições de trabalho são intoleráveis. Lá também trabalha Norma Rae (Sally Field), uma mãe solteira que vive com os pais, que também são operários da fábrica. De repente vindo de Nova York chega Reuben Warshowsky (Ron Leibman), um sindicalista que, ao tentar arrumar um quarto em uma família de tecelões, conhece Vernon Witchard (Pat Hingle), o pai de Norma. Vernon trata Reuben de forma grosseira, assim como a maioria da cidade, mas isto não o impede de dizer que Vernon é mal pago e está sendo muito explorado. Esta discussão foi vista por Norma, que não dá importância. Logo eles se veriam novamente, primeiro quando ela encontra Reuben se hospedando no motel, onde ela foi se encontrar com um namorado, e logo depois quando Reuben a socorre após ela ter sido agredida, por ter terminado o relacionamento. Deste momento em diante surge entre os dois uma amizade que cresce com o engajamento de Norma na luta sindical, que se inicia quando ouve um discurso de Reuben mostrando as vantagens de serem sindicalizados. Paralelamente se casa com Sonny Webster (Beau Bridges), que entende Norma lutar pela criação do sindicato, mas isto o deixa inseguro, pois ela passa muito tempo com Reuben.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/norma-rae/norma-rae.asp>)

**Título: O Salário do Medo**

Título Original: Le Salaire De La Peur

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 148 minutos



Ano de Lançamento (França / Itália): 1953.

Direção: Henri-Georges Clouzot

Roteiro: Henri-Georges Clouzot e Jérôme Geronimi, baseado em livro de Georges Arnaud

Sinopse: No quente e poeirento vilarejo de Las Piedras a pobreza está em cada lugar que se olha. Os homens se queimam debaixo de um sol abrasador, enquanto as mulheres fazem as tarefas delas e crianças semi-nuas brincam nas ruas barrentas. A cidade é controlada pela Southern Oil Company (S.O.C.), que lucra às custas da segurança dos aldeões. A uma certa distância de Las Piedras um incêndio num poço de petróleo está incontrolável, assim o chefe americano da S.O.C. na região, Bill O'Brien (William Tubbs), decide parar o incêndio provocando um explosão. Para tanto O'Brien envia dois caminhões, cada um com dois motoristas e quatrocentos litros de nitroglicerina. O risco é tanto que O'Brien ficará satisfeito se um dos caminhões chegar ao destino, pois não há dispositivo de segurança e a estrada é péssima, assim o menor erro irá provocar uma explosão. Para motivar os motoristas, Bill vai pagar para cada um US\$ 2 mil. Após testar as habilidades deles no caminhão, Bill escolhe Mario (Yves Montand), Bimba (Peter van Eyck), Smerloff (Jo Dest) e Luigi (Folco Lulli). Um gângster francês fugitivo, Jo (Charles Vanel), é dispensado, para o desânimo de Mario, que admira muito sua coragem. Apesar de respeitar Jo, Bill lhe explica que não o escolheu por ele estar muito velho para este trabalho, mas promete que se alguém desistir o emprego é dele. Os escolhidos na hora da partida reparam que Smerloff ainda não veio e, de forma suspeita e conveniente, Jo aparece, usando como pretexto se despedir de Mario. Considerando que Smerloff parece ter desaparecido, Jo fica com seu trabalho. Bill estipula que os caminhões partirão com uma diferença de meia hora entre eles, para prevenir caso aconteça algum acidente. Mario e Jo saem na frente, mas logo no início do percurso Jo se sente indisposto e pára o caminhão. Em pouco tempo são alcançados por Bimba e Luigi, que passam a ir na frente. Mas o verdadeiro problema deles surge quando obstáculos começam a aparecer, sendo que o primeiro é uma íngreme montanha.

A sociedade burguesa hipertardia é uma sociedade do risco e do medo. É claro que risco, medo e precariedade são determinações estruturais do trabalho vivo nas condições sociohistóricas do modo de produção capitalista. Eles têm caracterizado a sociabilidade capitalista desde seus primórdios. Entretanto, nos últimos trinta anos de crise estrutural do capital, situações de risco e de medo têm assumido dimensões ampliadas no mundo do trabalho e da reprodução social. Surgem múltiplas formas qualitativamente novas de risco e insegurança do trabalho: insegurança no emprego, no salário, na seguridade social e na representação sindical, como podemos observar não apenas nos países capitalistas do Terceiro Mundo, mas hoje também, do Primeiro Mundo. Entretanto, insegurança e precariedade atingem também a dimensão da subjetividade do homem, instituindo formas particulares-concreta de sociometabolismo da barbárie. Podemos até dizer que hoje, o medo tende a ser o afeto da alma humana capaz de constituir a mediação subjetiva das novas formas do consentimento do capitalismo global. Assume várias formas de ser, de acordo com a experiência de vida e as múltiplas temporalidades – passado, presente e futuro – do sujeito estranhado. Ele assume novas configurações psicossociais nas condições

históricas da sociedade mercantil desenvolvida e nas subjetividades complexas.  
(Fonte: <http://www.telacritica.org/salario.htm>)

### **Título: Oliver Twist**

Título Original: Oliver Twist

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 130 minutos

Ano de Lançamento (Inglaterra / República Tcheca / França / Itália): 2005

Direção: Roman Polanski

Roteiro: Ronald Harwood, baseado em livro de Charles Dickens

Sinopse: Oliver Twist (Barney Clark) é um órfão entre as centenas que sofrem com a fome e o trabalho escravo na Inglaterra vitoriana. Vendido para um coveiro, ele sofre com a crueldade da família deste e acaba fugindo para Londres. Lá ele é recolhido das ruas por Artful Dodger (Harry Eden), um ladrão que o leva até Fagin (Ben Kingsley), um velho que comanda um exército de prostitutas e pequenos marginais. Quando Oliver conhece um bondoso homem em quem finalmente enxerga um possível pai, Fagin teme que ele denuncie seu esquema. Para evitar isso Fagin planeja um assalto à casa do rico Sr. Brownlow (Edward Hardwicke), o pai desejado por Oliver.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/oliver-twist-2005/oliver-twist-2005.asp>)

### **Título: O Garoto**

Título Original: The Kid

Gênero: Comédia

Tempo de Duração: 68 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1921.

Direção: Charles Chaplin

Roteiro: Charles Chaplin

Sinopse: Uma mãe solteira deixa um hospital de caridade com seu filho recém-nascido. A mãe percebe que ela não pode dar para seu filho todo o cuidado que ele precisa, assim ela prende um bilhete junto a criança, pedindo que quem o achar cuide e ame o seu bebê, e o deixa no banco de trás de um luxuoso carro. Entretanto, o veículo é roubado por dois ladrões, que quando descobrem o bebê o abandonam no fundo de uma ruela. Sem saber de nada um vagabundo faz o seu passeio matinal e encontra o bebê. Inicialmente ele quer se livrar da criança, mas diversos fatores sempre o impedem e gradativamente ele passa a amá-lo. Paralelamente a mãe se arrepende e tenta reencontrar seu filho, mas quando descobre que o carro foi roubado tem um choque, pois muito provavelmente ela nunca mais verá sua criança.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/garoto/garoto.htm>)



**Título: A Nós, a Liberdade**

Título Original: À Nous la Liberté

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 83 minutos

Ano de Lançamento (França): 1931

Direção: René Clair

Roteiro: René Clair

Sinopse: Um industrial é chantageado por causa do seu passado, recebendo então a ajuda de um antigo companheiro de prisão. Encantadora comédia satírica em estilo opereta, dirigido e escrito por René Clair, um dos mais admirados cineastas franceses de todos os tempos, o primeiro a ser eleito para a Academia Francesa. “A Nós a Liberdade” influenciou decisivamente Charles Chaplin ao fazer Tempos Modernos, tornando-se também uma poderosa denúncia à sociedade moderna mecanizada.

(Fonte: [http://www.2001video.com.br/detalhes\\_produto\\_extra\\_dvd.asp?produto=7659](http://www.2001video.com.br/detalhes_produto_extra_dvd.asp?produto=7659))

**Título: Coração de Cristal**

Título Original: Herz aus glas

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 83 minutos

Ano de Lançamento (Alemanha): 1976

Direção: Werner Herzog

Sinopse: O tema central é a desagregação de uma aldeia de artesãos na Alemanha, século XVIII, a partir da morte de um mestre vidraceiro que leva consigo o segredo da fórmula de fabricação do “vidro Rubi”.

(Fonte: [http://www.bvs-psi.org.br/filmes/filmes\\_action.asp?id=42](http://www.bvs-psi.org.br/filmes/filmes_action.asp?id=42))

**Título: A Terra Treme**

Título Original: Terra trema: Episodio del mare, La, 1948

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 152 minutos

Ano de Lançamento (Itália): 1948

Direção: Luchino Visconti

Sinopse: Jovem pescador se revolta contra a exploração de seus superiores e decide trabalhar por conta própria. Porém, com esta decisão, ele vai enfrentar um império, ao mesmo tempo em que se depara com as dificuldades de uma realidade ainda mais dura.

(Fonte: <http://www.cineplayers.com/filme.php?id=1537>)

**Título: Arroz Amargo**

Título Original: Riso Amaro

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 105 minutos

Ano de Lançamento (Alemanha): 1949

Direção: Giuseppe De Santis

Sinopse: Um dos maiores clássicos do neo-realismo italiano, *Arroz Amargo* é apresentado, pela primeira vez no Brasil, em impecável versão restaurada e remasterizada, repleta de extras preciosos, como o trailer original de cinema e fotos raras da produção.

A história gira em torno do triângulo amoroso formado pelo golpista Walter, sua amante Francesca e a bela e inocente Silvana, tendo como pano de fundo a colheita de arroz feita por centenas de mulheres no miserável Vale do Pó, no interior da Itália.

(Fonte: [http://www.2001video.com.br/detalhes\\_produto\\_extra\\_dvd.asp?produto=6932](http://www.2001video.com.br/detalhes_produto_extra_dvd.asp?produto=6932))

### **Título: Ladrões de Bicicleta**

Título Original: *Ladri di Biciclette*

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 88 minutos

Ano de Lançamento (Alemanha): 1948

Direção: Vittorio de Sica

Sinopse: Um operário desempregado consegue uma vaga na prefeitura como colocador de cartazes. Para retirar a bicicleta penhorada, a sua esposa empenha os lençóis. Porém, no primeiro dia de trabalho têm a sua bicicleta furtada. Sai com seu filho à procura nos revendedores de bicicletas usadas. Consegue avistar o ladrão, perseguindo-o por toda Roma num dia de domingo, sem conseguir prendê-lo. Desesperado pela indiferença e zombaria das pessoas, resolve então, roubar uma bicicleta. Totalmente desajeitado é imediatamente preso. Com um final surpreendente onde a solidariedade entre as pessoas impera.

(Fonte: [http://www.2001video.com.br/detalhes\\_produto\\_extra\\_dvd.asp?produto=4531](http://www.2001video.com.br/detalhes_produto_extra_dvd.asp?produto=4531))

### **Título: O Encouraçado Potemkin**

Título Original: *Bronenosets Potyomkin*

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 74 minutos

Ano de Lançamento (Rússia): 1925

Direção: Sergei Eisenstein

Roteiro: Nina Agadzhanova e Sergei Eisenstein

Sinopse: Em 1905, na Rússia czarista, aconteceu um levante que pressagiu a Revolução de 1917. Tudo começou no navio de guerra Potemkin quando os marinheiros estavam cansados de serem maltratados, sendo que até carne estragada lhes era dada com o médico de bordo insistindo que ela era perfeitamente comestível. Alguns marinheiros se recusam em comer esta carne, então os oficiais do navio ordenam a execução deles. A tensão aumenta e, gradativamente, a situação sai cada vez mais do controle. Logo depois dos gatilhos serem



apertados Vakulinchuk (Aleksandr Antonov), um marinheiro, grita para os soldados e pede para eles pensarem e decidirem se estão com os oficiais ou com os marinheiros. Os soldados hesitam e então abaixam suas armas. Louco de ódio, um oficial tenta agarrar um dos rifles e provoca uma revolta no navio, na qual o marinheiro é morto. Mas isto seria apenas o início de uma grande tragédia.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/encouracado-potemkin/encouracado-potemkin.htm>)

**Título: Dogville**

Título Original: Dogville

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 177 minutos

Ano de Lançamento (França): 2003

Direção: Lars Von Trier

Roteiro: Lars Von Trier

Sinopse: Anos 30, Dogville, um lugarejo nas Montanhas Rochosas. Grace (Nicole Kidman), uma bela desconhecida, aparece no lugar ao tentar fugir de gangsteres. Com o apoio de Tom Edison (Paul Bettany), o auto-designado porta-voz da pequena comunidade, Grace é escondida pela pequena cidade e, em troca, trabalhará para eles. Fica acertado que após duas semanas ocorrerá uma votação para decidir se ela fica. Após este «período de testes» Grace é aprovada por unanimidade, mas quando a procura por ela se intensifica os moradores exigem algo mais em troca do risco de escondê-la. É quando ela descobre de modo duro que nesta cidade a bondade é algo bem relativo, pois Dogville começa a mostrar seus dentes. No entanto Grace carrega um segredo, que pode ser muito perigoso para a cidade.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/dogville/dogville.asp>)

**Título: Manderlay**

Título Original: Manderlay

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 139 minutos

Ano de Lançamento (Dinamarca / Holanda / Inglaterra / Suécia / França / Alemanha): 2005

Direção: Lars von Trier

Roteiro: Lars von Trier

Sinopse: Após deixarem para trás a cidade de Dogville, Grace (Bryce Dallas Howard) e o pai (Willem Dafoe) acabam por acaso nos portões da fazenda de Manderlay, no sul dos Estados Unidos. Lá Grace descobre uma estrutura escravagista em pleno funcionamento, apesar de estarmos em 1933, quando já fora abolida a escravatura. Ela se envolve então nas relações entre os empregados negros e seus patrões, apenas para descobrir que os laços que regem estas relações são bem mais complexos do que ela pensava.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/manderlay/manderlay.htm>)

**Título: Daens – Um Grito de Justiça**

Título Original: Daens

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 138 minutos

Ano de Lançamento (Bélgica, Holanda, França): 1992

Direção: Stijn Coninx

Sinopse: O filme é passado na virada do século, no norte da Bélgica, em plena Revolução Industrial. A história é desenvolvida em torno da vida dos trabalhadores de uma fábrica de tecidos, na cidade de Aalst. Naquele momento as pessoas estavam condenadas a um estado de miséria absoluta. A imagem da exploração de crianças e mulheres nas fábricas é o ponto alto da trama. A vida da sociedade local passa a ter uma nova direção com a chegada de Daens, um padre revolucionário que se muda para a cidade que se muda para a cidade e vai morar na casa de seu irmão jornalista.

(Fonte: [http://www.video21.com.br/padrao.php?page=acervos\\_&res=935](http://www.video21.com.br/padrao.php?page=acervos_&res=935))

**Título: Ver-te-ei no Inferno**

Título Original: The Molly Maguires

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 123 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1970

Direção: Martin Ritt

Roteiro: Walter Bernstein, baseado em livro de Arthur H. Lewis

Sinopse: Na Pensilvânia em 1876 James McParlan (Richard Harris), um agente de polícia, é enviado para uma comunidade mineira de irlandeses para se infiltrar entre os “Molly Maguires”, uma sociedade secreta que combate o capitalismo selvagem dos patrões com sabotagem. McParlan se emprega nas minas e se torna amigo de Jack Kehoe (Sean Connery), o líder dos Maguires, porém ele reluta na sua missão de informante quando se apaixona por Mary (Samantha Eggar) e trava contato com a terrível situação dos mineiros.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/ver-te-ei-no-inferno/ver-te-ei-no-inferno.asp>)

**Título: Um Amor de Swann**

Título Original: Un Amour de Swann

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 100 minutos

Ano de Lançamento (França, Alemanha): 1984

Direção: Volker Schlöndorff



Sinopse: Com Jeremy Irons, Ornella Mutti, Alain Delon e outros. Na Paris de 1885, homem elegante, culto e rico casa-se e tem um filho com uma cortesã famosa e bissexual, o que constituía um escândalo para a sociedade. Adaptação da primeira parte de A procura do tempo perdido, de Marcel Proust, retrata a vida da alta burguesia de Paris no século XIX.

(Fonte: <http://www6.prefeitura.sp.gov.br/noticias/sec/cultura/2006/08/0018>)

**Título: O Leopardo**

Título Original: Il Gattopardo

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 183 minutos

Ano de Lançamento (Itália, Alemanha): 1963

Direção: Luchino Visconti

Sinopse: Il Gattopardo, de Luchino Visconti é uma obra-prima do filme histórico do século XX. A partir do romance de Tomasi Di Lampedusa, Visconti nos apresenta com vigor narrativo a ascensão das “classes médias” (a burguesia) e a decadência da nobreza sob o *Risorgimento* italiano, em 1860. A construção dos personagens aponta para seus vínculos com a estrutura de classe. Deste modo, o filme de Visconti não é apenas um filme histórico, mas é uma narrativa sociológica baseada nas lutas de classes do momento histórico retratado.

(Fonte: <http://www.telacritica.org/letraL.htm#leo>)

**Título: Koyaanisqatsi – Uma Vida Fora de Equilíbrio**

Título Original: Koyaanisqatsi – Life out of Balance

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 87 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1983

Direção: Godfrey Reggio

Sinopse: O diretor Godfrey Reggio filmou em locações por todos os EUA em busca de cenas da natureza ou espaços com intervenções do homem que mostrem desequilíbrio. Em imagens arrebatadoras, em câmera lenta ou acelerada, Reggio desfila um admirável mundo novo, sem qualquer diálogo, que é comentado de forma inesperável pela trilha sonora do compositor Philip Glass.

(Fonte: <http://www.e-petropolis.com.br/cultvideo/busca2.php?tipo1=02&genero1=05>)

## Programas de TV

---

### Programa Roda Viva – TV Cultura:

Roda Viva com Francisco de Oliveira: 01/12/2003

(<http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/resultado.asp?programa=877>)

Roda Viva com Amartya Sen, Prêmio Nobel de Economia: 22/01/2001

(<http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/resultado.asp?programa=735>)

## Músicas

---

Canção *Parque Industrial*. Caetano Veloso, Gal Costa, Gilberto Gil e Mutantes, 1968.

Canção *Construção*. Chico Buarque, 1971.

Canção *Cidadão*. Zé Geraldo, 1979.

Canção *Big Yellow Taxi*. Joni Mitchell, 1970.

Canção *Três Apitos*. Noel Rosa, 1933.

Canção *Homem Primata*. Titãs, 1986.

Canção *Where do the Children Play*. Cat Stevens, 1970.



## LINHA DO TEMPO

---

### Séculos XI a XIV:

- desagregação do sistema feudal;

### Séculos XVI a XVIII:

- transição para o capitalismo;
- acumulação primitiva;
- Estados Absolutistas;
- gestação de uma economia-mundo.

### 1780 – 1840:

- primeira Revolução Industrial.

### 1848 – 1914:

- vigência da Pax Britânica com expansão do capitalismo;
- consolidação da divisão internacional do trabalho;
- formação dos grandes blocos de capital financeiro; e
- expansão do imperialismo moderno.

### 1914 a 1917:

- I Guerra Mundial (destruição e morte em volumes nunca vistos) e derrota da Alemanha.

### 1917:

- revolução socialista russa com espalhamento rápido e formação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

### 1917 a 1929:

- período do entreguerras.
- Alemanha derrotada e humilhada é obrigada a pagar valores elevados em indenizações de guerra a outros países europeus.

- fortalecimento estadunidense e declínio da hegemonia inglesa.
- surgimento do *american way of life*, do consumo de massa e difusão do rádio.

**1929 a 1933:**

- Crise de 1929 – Europa e Estados Unidos fragilizados por uma crise financeira sem precedentes.

**1933 a 1939:**

- ascensão de Hitler e do nazismo na Alemanha seguida de forte retomada do crescimento econômico no país.
- *New Deal* nos Estados Unidos forjando a superação da Crise de 1929.
- os danos sociais da crise permitiram o surgimento de um pensamento burguês não-liberal (Keynes e outros);

**1939 a 1945:**

- II Guerra Mundial. A primeira guerra motorizada e com uso de armas de destruição em massa.
- em meio a guerra, tem início as conversações de alto nível que levarão à construção da Organização das Nações Unidas – ONU e dos órgãos financeiros internacionais, como Fundo Monetário Internacional – FMI e Banco Mundial.

**1945 a 1973:**

- entre 1948 e 1952 o Plano Marshall introduziu na Europa cerca de US\$ 14 bilhões para a reconstrução, algo estimado, em dinheiro de hoje, em US\$ 150 bilhões.
- surgimento da Guerra Fria e a divisão do mundo em blocos.
- no Ocidente democrático-liberal: espalhamento do padrão industrial norte-americano (*american way of life*), crescimento do número e do volume de negócios das empresas multinacionais e reconstrução da Europa;
- consolidação da Segunda Revolução Industrial e, devido a situação histórica, constituição do Estado de Bem-Estar Social (países desenvolvidos) e dos Trinta Anos Dourados do capitalismo (as políticas keynesianas pareciam ter dominado os ciclos e os problemas mais graves do capitalismo dos países desenvolvidos); e
- o sistema financeiro mundial (de Bretton Woods) criado após a guerra tem plena vigência.

**1973 a 1980:**

- derrocada do sistema de Bretton Woods gerada pela nova nação hegemônica (Estados Unidos);
- crise do petróleo; e
- início do processo de abertura dos mercados financeiros internacionais e da desregulamentação financeira.



**1980 a 1990:**

- Estados Unidos elevam juros e abrem mercado financeiro (são acompanhados por demais países ricos, gerando um processo de globalização financeira e recessão);
- reação de Japão e Alemanha inicia e conduz a globalização produtiva;
- implementação das teses propostas pelas políticas neoliberais de ampliação e espalhamento da desregulamentação financeira, expansão das multinacionais e do comércio mundial, trazendo como conseqüência a elevação e a ampliação das desigualdades entre e intra-países;
- FMI “socorre” os países pobres endividados internacionalmente para que não levem a quebras de grandes praças financeiras mundiais.

**1990 em diante:**

- abertura financeira dos países de renda média e retorno da liquidez internacional; e
- entrada dos países latino-americanos na globalização.

## AULA 2 RESENHA

---

O texto discute o capitalismo no período pós-Revolução Industrial, quando se estrutura uma divisão internacional do trabalho, entre países centrais e periféricos. Procura descrever o significado do imperialismo e das suas várias teorias, assim como este processo se recoloca no século XX, no contexto de industrialização, e depois no bojo da aplicação das políticas neoliberais. São apontadas aqui as contribuições da teoria do subdesenvolvimento e da dependência para se compreender o papel do Brasil no sistema internacional.



## AULA 2

### CAPITALISMO, IMPERIALISMO E SUBDESENVOLVIMENTO

---

*Ricardo L. C. Amorim*

O capitalismo já é uma realidade, mas o momento é de expansão e consolidação de sua força ao redor do mundo. A Inglaterra já não utiliza a coerção extra-econômica internamente, mas o faz para pregar o liberalismo econômico por todo o globo. Ao mesmo tempo, surgem novas nações industrializadas que passam a competir com o país hegemônico, por enquanto, pacificamente. O sucesso econômico e a ampliação das escalas produtivas são surpreendentes. A produtividade do trabalho alcança cifras sem comparação. As nações mais pobres recebem os ventos da nova época sem romper com seus antigos laços de dependência. Entretanto, o relativo sucesso econômico esconde um final triste:

as duas grandes guerras. Para entender esse momento, o capítulo debate quatro conceitos da maior relevância para o capitalismo mundial: o capital financeiro, o imperialismo, o subdesenvolvimento e a dependência. Para tanto, o texto está dividido em 4 partes, além desta introdução. Na primeira, discutem-se os fundamentais conceitos de capital financeiro e imperialismo, assim como suas relações. Na segunda, o assunto tratado é o subdesenvolvimento. Já na terceira seção, a dependência entra em foco e são buscadas suas raízes para os países latino-americanos, marcadamente o Brasil. Por fim, a guisa de conclusão, alguns comentários sobre o problema do desenvolvimento econômico são colocados.

## 1. O domínio inglês e a derrocada do capitalismo concorrencial

- ⊙ Capitalismo concorrencial e domínio da Inglaterra
  - indústria dominante
  - mercado auto-regulado
  - primeira divisão internacional do trabalho

### A concentração e a centralização do capital

- ⊙ O fim do capitalismo concorrencial
- ⊙ A concentração de capital
- ⊙ A centralização do capital

### A competição intercapitalista

- ⊙ A inevitabilidade da acumulação crescente do capital
- ⊙ O agigantamento das grandes empresas

Como visto no capítulo anterior, ao terminar seu ciclo têxtil, a Inglaterra inicia um período de grandes investimentos em ferrovias fortalecendo cada vez mais um novo setor até então secundário: o setor de bens de produção. Porém, é importante afirmar que não há ruptura ou mudança drástica nesse novo ciclo de acumulação, pois:

1. a nova tecnologia utilizada é uma evolução da já existente, sendo, portanto, dominada pelos trabalhadores dos respectivos setores;
2. embora o capital necessário para investimento seja maior, também não há saltos ou descontinuidades.<sup>1</sup>

É nesse momento que se vive o chamado **capitalismo concorrencial**. O nome indica uma fase na história do capitalismo em que, embora a indústria já estivesse constituída,

<sup>1</sup> A única exceção é a estrada de ferro que, dado seu tamanho e logística, necessita de grandes volumes de capital. Por isso, seus recursos terminam por ser captados através da venda de participação aos capitalistas já estabelecidos.



não havia barreiras à criação e entrada em cena de novos capitais produtivos<sup>2</sup> (OLIVEIRA, 1985). Afinal, como já foi apontado, a tecnologia era dominada pelos trabalhadores mais especializados e o montante de capital necessário não era relativamente alto. Na verdade uma máquina não custava mais do que alguns meses de trabalho de um operário. Mas, não é só a possibilidade de criação de capitais industriais que caracteriza o período.

Quando ele ocorre, o proletariado já está constituído e os fluxos migratórios entre os países também são livres. Ademais, é visível ainda não só o desenvolvimento do setor produtor de bens de produção, mas também a crescente integração entre ele e o setor produtor de bens de consumo. Mais: dada a própria dinâmica do sistema capitalista, como se verá mais adiante, é possível afirmar que o segundo torna-se dia-a-dia mais dependente do primeiro, principalmente por ser nele onde são geradas às inovações tecnológicas tão importantes a concorrência entre os capitais. Nesse processo em que a aquisição de máquinas e equipamentos já é um elemento muito importante na vida econômica de um país em industrialização, as fontes de financiamento serem compatíveis com os investimentos passa a ser fundamental para a continuidade e expansão da acumulação de capital.

Nesse ambiente, e é importante ressaltar isso, entre todos esses elementos, é que surge

o mercado como grande regulador do sistema. Ali, o investimento, a produção e a venda das mercadorias era regulada através da concorrência entre os capitais refletida numa disputa de preços. O princípio da oferta e demanda, definindo o valor de troca dos bens no mercado, é ainda o grande mecanismo capaz de dar consistência, direção e impor uma ordem ao sistema. Naturalmente, a própria força de trabalho, agora considerada simples mercadoria, passa a integrar o conjunto das trocas da economia.

É assim que a dinâmica da economia inglesa tende a espalhar-se pelo mundo logo após as Guerras Napoleônicas. Sua indústria, monopólio bretão à época, possuía potencial produtivo para gerar vendas em todo o globo, mas para isso os diferentes mercados estrangeiros não podiam ser protegidos, forçando o tom da diplomacia inglesa em favor do liberalismo econômico. O fim das *Corn Laws* (1846)<sup>3</sup> ajudaram bastante nessa empreitada

2 As páginas iniciais do capítulo 2 da II Parte de Oliveira (1985) são esclarecedoras.

3 As "Corn Laws" foram leis implantadas na Grã-Bretanha que fechavam o mercado interno de grãos às importações oriundas da França, Rússia e Itália. Naturalmente, essas leis atendiam aos interesses dos grandes proprietários e comerciantes que obtinham lucros

e o motivo era simples: as demais nações ficaram interessadas no consumo britânico de bens primários. Mas para ter acesso àquele mercado, os diferentes países foram “estimulados” a adotar o liberalismo como princípio econômico. Assim, os britânicos passaram a ser os fornecedores mundiais de bens indus-

trializados e de capital, enquanto o resto do mundo seus fornecedores de alimentos e matérias-primas. É um círculo vicioso: ao importar bens primários em grandes quantidades os britânicos criavam poder de compra nos seus parceiros que compravam bens industrializados do único fornecedor possível.

Essa primeira **divisão internacional do trabalho** que separa o mundo em uma nação industrial e hegemônica na economia mundial e os demais, marcadamente produtores de bem primários ou semimanufaturados, chegará até os países da América Latina, inclusive ao Brasil, com efeitos contraditórios. Em primeiro lugar levará ao aprofundamento da estrutura produtiva rudimentar ligada a grandes fazendas, mas por outro pressionará fortemente pelo fim de relações de produção pré-capitalistas como a escravidão.<sup>4</sup>

O efeito não será o mesmo em algumas nações que encontram-se socialmente em situação semelhante à Inglaterra pouco antes da sua Revolução Industrial. Serão essas nações as únicas a lograr alcançar a industrialização nessa fase da história. Duas delas, França e Alemanha, podiam ser caracterizadas como oriundas da desintegração da sociedade feudal. De maneira simples: sua produção era realizada por pequenos proprietários que sob a intervenção do capital comercial ex-

pandiram-se; a divisão social e técnica do trabalho acompanhou o desenvolvimento da produção e do comércio; e logrou-se instalar a manufatura como último estágio antes da implantação da indústria. A única exceção são os Estados Unidos da América, uma nação jovem, sem passado feudal, mas caracterizado, naquele momento, por pequenos produtores proprietários que buscavam a expansão do seu capital imbuídos da ética protestante.<sup>5</sup>

significativos com o valor elevado dos cereais. Sua revogação significou uma vitória para os grupos urbanos e livre-cambistas, dentre David Ricardo.

- 4 Os efeitos e as consequências dessa divisão internacional do trabalho serão assuntos das seções que tratam do subdesenvolvimento e da dependência no Brasil.
- 5 Para uma discussão fundamental da relação entre acumulação de capital e ética protestante, ver o insubstituível trabalho de Weber (1967).



As relações com a Inglaterra foram indubitavelmente grandes alavancas para a industrialização desses países. Por quê? Com o capitalismo concorrencial e tendo eles as condições sociais internas, não foi difícil importar máquinas e concentrar recursos para o crescimento de uma indústria nacional. Mesmo que suas dinâmicas de acumulação ainda não permitissem uma industrialização, o fato de seu capitalismo ser atrasado em relação ao inglês, permitiu comprar máquinas prontas e trazer operários

especializados, saltando etapas no seu processo de desenvolvimentos das forças produtivas. Nas palavras de Landes, “*a crescente independência tecnológica do Continente (europeu) resultou largamente da transmissão homem a homem dos conhecimentos técnicos*” (LANDES, 1994: 150). Porém, mesmo o crescimento industrial, principalmente têxtil, não revolucionou a produção e o processo de acumulação nesses países por duas razões:

1. a mercantilização não era tão profunda. Os mercados eram locais e às vezes isolados;
2. a alternativa de mercados externos também não representava solução, pois a Inglaterra já dominava o comércio mundial de têxteis.

Logo, não foi possível expandir a produção a ponto de torná-la significativa em relação ao restante da economia. Aqui, mais uma vez, o relacionamento com a Inglaterra foi importante. As ferrovias (de origem inglesa) permitiram integrar localidades, trazer para o mercado regiões antes auto-suficientes, valorizar áreas agrícolas que passaram a atender centros urbanos e criar uma crescente massa

de salários nas indústrias envolvidas com as ferrovias, impulsionando a demanda de bens de consumo. Percebe-se, assim,

que desde o início da industrialização atrasada, o setor produtor de bens de consumo nasceu impulsionado pela indústria de bens de produção. É a partir, portanto, da constituição do setor produtor de máquinas e equipamentos que a economia se revolucionou nesses países e eles se tornaram capitalistas industriais.

Porém, praticamente no último quartel do século XIX surgem ainda mais três países entre as nações industrializadas: Rússia, Japão e Itália. Esses, embora também tenham uma estrutura produtiva interna semelhante à Inglaterra antes da Revolução Industrial, podem ter sua industrialização caracterizada por três pontos:



1. fortíssimo intervencionismo estatal, mais importante do que na França e Alemanha;
2. motivações de segurança nacional que conduziram os estados a planos de industrialização;

3. momento em que realizaram suas industrializações: durante a 2ª Revolução Industrial.

Em todos os casos, fica claro que as industrializações atrasadas saltaram etapas de seus processos de desenvolvimento das forças produtivas. Mesmo que suas condições internas fossem favoráveis, o fato do grande país hegemônico não fazer segredos de seus avanços tecnológicos, sem dúvida, contribuíram sobremaneira.

Desse modo, querendo caracterizar o período de domínio inglês, pode-se dizer que a chamada Pax Britânica (1815 a 1914) sustentou-se em quatro elementos descritos por Polanyi (2000):

1. sistema de equilíbrio do poder, no qual a nação hegemônica ligava-se à 2ª maior potência, deixando qualquer insatisfeito fraco demais para uma guerra;
2. Estado de caráter liberal;
3. mercado auto-regulável capaz de impor ordem ao sistema;

4. Padrão Ouro como forma de ordenamento das trocas monetárias e financeiras internacionais.<sup>6</sup>

Mas a estes elementos juntava-se um outro fator com um duplo, mas complementar, papel cabia: manter a paz entre as grandes potências e conduzi-las ao liberalismo econômico. Esse papel cabia às altas finanças, constituídas pelos grandes agentes financeiros mundiais, capazes de emprestar



<sup>6</sup> Este sistema vinculava o valor das moedas nacionais a um determinado peso em ouro, dando estabilidade ao padrão de trocas e monetário internacional. Seu funcionamento levava o país que possuísse déficit no balanço de pagamentos a exportar ouro para pagar suas compras no exterior. Como havia uma paridade fixa entre quantidade de ouro e dinheiro no país, ao sair ouro, diminuía a quantidade de moeda em circulação o que, segundo a teoria que sustentava o sistema, levaria a uma queda nos preços internos. Essa queda nos preços tornaria os bens produzidos no país mais baratos do que os comprados no exterior, barateando as exportações e encarecendo as importações. O resultado seria o reequilíbrio automático das contas externas do país. O movimento para um país com sobras de exportação seria exatamente o contrário. Para maiores informações, ver o excelente livro de Eichengreen (2000).



recursos a governos e empresas. Era no interesse dos países nos recursos e empréstimos que a alta finança podia oferecer que se baseava o sucesso da paz<sup>7</sup>. Interessados por motivos óbvios nessa paz, os grandes financistas pressionavam em favor da paz, principalmente através dos olhares restri-

tivos aos países considerados belicosos. De maneira simples, o país que não colaborasse poderia ficar sem crédito. Isso, em um mundo onde a interdependência entre os países e as trocas comerciais eram a tônica, significava uma questão muitíssimo grave.

O problema é que a própria lógica de funcionamento do sistema capitalista levou a derrocada da concorrência, marcadamente a de preços em mercados livres à entrada e saída de investimentos. Como se viu, no capitalismo concorrencial as leis de mercado eram as principais reguladoras de todo o investimento, produção e venda das mercadorias. Porém, a concorrência pregou uma peça nos liberais. Em outras palavras, o sistema conduziu **concentração** e **centralização**<sup>8</sup> do capital e, no final, a própria extinção da concorrência como se conhecia até então.

Como? Nesse ponto é importante retomar um pouco as proposições marxistas. Dentro da lógica econômica capitalista, onde a propriedade privada dos meios de produção permite aos donos das empresas comprar a mercadoria força de trabalho e consumi-la, o uso dessa mão-de-obra cria um pequeno milagre: a mão-de-obra, comprada em horas de trabalho, produz mercadorias em valor superior ao valor da quantidade de horas que lhe foram

pagas. Ou seja, a cada nova produção, cria-se um novo excedente. Em outras palavras, ao comprar a mercadoria trabalho pelo valor disponível no mercado, o capital, buscando, a cada ciclo produtivo, valorizar-se, usa essa força de trabalho e ela é capaz de gerar um produto cujo valor é superior ao seu custo em salário. Com isso



Operários em frente à fábrica das Indústrias Lorenzetti, na década de 1940.

7 Essa paz não significa uma paz mundial, mas simplesmente uma paz entre as grandes potências. As guerras localizadas na área das ex-colônias ou outras que não interferissem diretamente no fluxo comercial e financeiro das potências podia (e ocorria) de acordo com os interesses.

8 Os conceitos de **concentração** e **centralização** do capital são muito importantes. O primeiro diz respeito ao processo de crescente acúmulo de capital na mesma empresa, isto é, a constante ampliação da capacidade produtiva da companhia. Essa tendência, como se verá, é inerente ao próprio funcionamento do sistema capitalista. Já a centralização do capital é mais controversa e informa que os capitais dispersos em diferentes companhias são, principalmente durante as fases de baixa no ciclo econômico, incorporados por empresas mais fortes, isto é, as grandes empresas superam, compram ou destroem os capitais mais fracos, centralizando cada vez mais todo o capital de uma sociedade.

o capital apropria-se de trabalho não pago, a mais-valia, que permite não só a acumulação de capital, mas — e talvez isso seja mais importante — a continuidade daquela ordem social e das mesmas relações de produção da sociedade burguesa em escalas cada vez mais ampliadas (MARX, 1986).<sup>9</sup> Como? Concentrando ainda mais nas mãos dos proprietários o excedente capaz de financiar os investimentos que se transformam em meios de produção. Ou seja, os proprietários concentram cada vez mais os meios de produção em suas mãos e aos trabalhadores cabe apenas tentar vender sua força de trabalho a esses proprietários.

Esse processo, ocorrendo em uma fase de franca competição entre os capitais, obriga os mesmo a constante ampliação e busca de valorização. De outro modo, a acumulação de

capital desenfreada aparece, assim, como um fenômeno necessário a cada capital individual e inevitável para toda a sociedade, ocasionado diretamente pela concorrência intercapitalista. Foi nessa fase competitiva que a liberdade para agir e a existência de mercados para os produtos levou os produtores a utilizar as inovações técnicas *já* disponíveis a fim de aumentar rapidamente a produtividade e ganhar mercado. Com isso era possível ampliar suas vendas, mas também, e principalmente, extrair uma crescente massa de mais-valia relativa.<sup>10</sup> O problema é que os capitais que não lograram investir e melhorar sua capacidade produtiva viram-se obsoletos diante da concorrência fortalecida e moderna. O resultado bastante previsível foi a vitória dos capitais mais fortes sobre os mais fracos, levando ao processo de centralização do capital.

Foi essa concorrência que conduziu, portanto, à busca incessante de taxas diferenciadas de lucro cujo objetivo final era a própria sobrevivência do capital. Sua arma principal nessa luta foi a tecnologia disponível nas máquinas e equipamentos novos. Porém, apropriar-se de tecnologia e superar a concorrência foi se tornando cada vez mais difícil, pois a competição sem peias conduziu a eliminação dos elos mais fracos das cadeias produtivas e a concentração do capital e da produção em um número cada vez menor de empresas cada vez maiores. A forte concentração e centralização do capital

9 Esse processo é descrito na Lei Geral de Acumulação Capitalista. Ver Marx (1986), especialmente o capítulo XXIII da seção sete: '*La Ley General de la Acumulación Capitalista*'.

10 Tanto a mais-valia absoluta quanto a relativa são traduzíveis no valor das horas de trabalho não pagas. Porém, para se conseguir gerar mais-valia absoluta é preciso elevar as horas de trabalho do empregado mantendo-lhe a remuneração. Já na mais-valia relativa, basta elevar a produtividade, gerando mais bens com as mesmas horas de trabalho de antes, e manter o salário que os ganhos do capital serão ampliados.



levada a efeito pela concorrência culminaram com um enorme crescimento das escalas produtivas e a Segunda Revolução Industrial.

O problema é que, agora, dados o tamanho e a concentração do capital, as tecnologias não eram mais desdobramentos de processos conhecidos, mas sim crescentemente frutos da aplicação de saber científico à produção. E isso, dado o gigantismo alcançado pelas empresas, passou a exigir volumes significativos de crédito a fim de movimentar imensos investimentos de prazos longos de maturação e riscos crescentes.

A continuidade desse mesmo movimento era, no entanto, imprescindível à sobrevivên-



cia de cada uma das empresas. Em outras palavras, dada a luta concorrencial, a sobrevivência das empresas passou a estar intimamente ligada a crescente acumulação de capital e, deste modo, ao desenvolvimento do sistema de crédito. (MAZZUCHELLI, 1983)

## 2. O capital financeiro e o nascimento do imperialismo moderno

### O capital financeiro

- ⊙ Surgimento do capital financeiro
  - a união do capital bancário com o capital industrial
  - a dominância do capital bancário
  - a monopolização e oligopolização

### O imperialismo

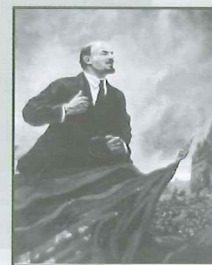
- ⊙ O imperialismo e o capital financeiro
- ⊙ Imperialismo e o capitalismo monopolista
- ⊙ A expansão internacional inevitável do capital financeiro

Todo esse processo descrito acima foi muito bem percebido por alguns pensadores da época. Estudiosos preocupados com um sistema que mostrava suas garras não só na forma de exploração do trabalho, mas também

no expansionismo e opressão violenta a povos distantes, ficou claro a eles que o capitalismo passava por uma mudança significativa e esta vinculava-se à:

1. mudanças evidentes de escala de produção e das plantas fabris;
  2. importância crescente da mobilização de grandes volumes de capital-dinheiro para a continuidade e expansão dos capitais produtivos;
  3. confluência de interesses entre o capital industrial em franca expansão e o capital bancário já sólido, tanto no que se refere aos créditos como aos lucros;
  4. expansionismo territorial, econômico e político dos países mais desenvolvidos
5. enorme elevação da produtividade do trabalho;
  6. completa separação entre a execução direta das tarefas e a concepção, o gerenciamento e o controle do processo produtivo;
  7. redução da coerção física sobre a classe trabalhadora e mesmo sua cooptação em defesa daquele arranjo social.

Ou seja, mudanças muito importantes que pareciam apontar para uma nova fase do capitalismo e da sua forma histórica de acumulação. O quadro foi tornando-se claro quando obras seminais começaram a vir a público e, dentre elas, duas que alcançaram maior fama: *“O Capital Financeiro”* (1910) de Rudolf Hilferding e *“Imperialismo: fase superior do capitalismo”* (1916) de Wladimir Lênin.<sup>11</sup> Ambas trazem uma análise similar de todas essas transformações ocorridas na época, porém, enquanto o primeiro aprofunda-se na economia e explica pormenorizadamente como ocorre a transição da concorrência para o domínio de grandes empresas, o segundo dá maior ênfase a problemática política e as conseqüências da nova fase.



Hilferding (1985),<sup>12</sup> por exemplo, afirma que nesse momento da história do capitalismo, as companhias, através da concentração e centralização do capital apontadas antes, ganham tamanho peso que a continuidade da sua expansão demanda quantidades de

11 Outros autores muito importantes sobre a problemática desse período são John A. Hobson (*Imperialismo: um estudo*), Rosa Luxemburgo (*A acumulação de capital*), Nicolai Bukharin (*Imperialismo e economia mundial*). Posteriormente a esses autores seminais surgiram diversas abordagens do problema do capitalismo moderno, inclusive com versões sobre o reflexo da sua expansão sobre os países periféricos e seus povos. Para isso, ver Samir Amin, Gunnar Myrdal, André G. Frank, Raul Prebisch, Celso Furtado, Florestan Fernandes, entre outros.

12 Esta é a edição em português utilizada e citada na bibliografia.



recursos muito grandes. Este volume para ser conseguido torna imprescindível a participação do capital bancário, centralizador que é da poupança da sociedade.

É interessante notar que a forma pela qual as empresas buscaram esse capital-dinheiro necessário à sua expansão nem sempre foi o crédito tradicional. Além dele, desenvolveu-se

no período a chamada sociedade anônima, isto é, empresas grandes cuja propriedade do capital é fragmentada em títulos (ações) que são vendidas a outros capitalistas e também a instituições financeiras, marcadamente bancos. Tais operações tiveram duas conseqüências complementares e fundamentais para a transformação do capitalismo à época:

1. transformou o capitalista industrial, dono e gestor de sua empresa, em um possuidor de ações que lhe conferiam direito sobre o lucro do negócio, mas não o mantiveram necessariamente como seu administrador. Em outras palavras, o capitalista tornou-se um portador de títulos negociáveis na praça, portanto, portador de uma riqueza muito mais líquida e mutável e que, por isso, poderia distanciar-se da gestão da fábrica;
2. faz crescentemente convergir os interesses do capital bancário e das indústrias, não só pelo lucrativo crédito oferecido a empresas fortes, em grande expansão e com elevada rentabilidade, mas principalmente pela posse em seus cofres de títulos de propriedade de parcela daquele capital e também pela administração de riquezas privadas de clientes na forma de papéis financeiros e ações.

Tem-se, deste modo, que a expansão das empresas industriais passou a depender cada vez mais do capital social centralizado nos bancos e, também, estes últimos garantiram elevados retornos aos seus negócios através do suporte financeiro dado aos primeiros. Contudo, essa aparente mera convergência vai muito mais longe e foi isso que tornou específica a relação que se construiu entre capital produ-

tivo e capital bancário: a distância tradicional entre ambos desapareceu (HILFERDING, 1985). A partir daquele momento, não só os bancos compravam e vendiam ações de empresas, mas tornavam-se sócios delas, inclusive, no limite, mas nada incomum, com nomeação mútua de representantes entre as diretorias de bancos e indústrias. Além disso, os bancos, ao centralizar os pagamentos e recebimentos das

grandes firmas, passaram a deter o conhecimento completo dos fluxos de caixa, permitindo acompanhamento e, se necessário, alguma ação sobre a gestão das mesmas.

Ou seja, constituiu-se ali o que Hilferding (1985) chamou de **capital financeiro**, isto é, blocos de capital compostos basicamente por indústria e capital bancário e que possuíam não só confluência de interesses, mas iam além construindo relações comerciais íntimas nas quais o capital bancário vai assumindo lentamente a preponderância. A grande importância desse fenômeno é que ele criou uma enorme capacidade de multiplicar os processos de concentração, centralização e de mobilidade intersetorial do capital através da arregimentação de recursos na esfera financeira (LÊNIN, 1987). Foi este desdobramento que, ao permitir a exasperação da concorrência, conduziu à grande empresa oligopólica e monopólica, cuja estruturação na forma de capital financeiro, dominou e geriu as importantes mudanças que ocorriam na dinâmica da acumulação capitalista. Trata-se, portanto, de uma realidade social com força política suficiente para, inclusive, pressionar por políticas econômicas no âmbito interno e outras de impacto e expansão internacional. Deste modo, em outras palavras, as enormes escalas

de produção eram frutos da acumulação de capital em grandes empresas que, por sua vez, estavam ligadas cada vez mais aos poderosos bancos, dominantes na relação. Nas palavras de Hilferding (1985: 27):

(...) os traços mais característicos do capitalismo ‘moderno’ são constituídos pelos processos de concentração que aparecem, por um lado, na ‘abolição da livre concorrência’, mediante a formação de cartéis e trustes, e, por outro lado, numa relação cada vez mais intrínseca entre o capital bancário e o capital industrial. É através dessa relação que o capital a forma de capital financeiro, sua forma mais elevada e abstrata (...).

Diante desse quadro, fica clara a dificuldade para a sobrevivência de pequenas empresas ou para a formação de novos capitais individuais concorrentes com os grandes grupos. Mas não foi só na indústria que o liberalismo ruiu. No âmbito das trocas internacionais foi visível a crescente dificuldade em manter-se o sistema de Padrão Ouro com livre fluxo de capitais. As mudanças no valor relativo das moedas nacionais, gerado pelo mecanismo – muitas vezes só idealizado – do Padrão Ouro, tinham impacto direto sobre a produção e



o comércio, afetando o bem-estar e a estabilidade política do país. Assim, em meio a urbanização, crescimento das cidades, das massas operárias e do interesse dos blocos de capital financeiro com amplos negócios no exterior, o fim ou o controle dessas flutuações passou a ser de interesse comum, implicando no aumento da imposição de barreiras protecionistas às importações, ao fluxo de capital na forma dinheiro e, talvez mais importante, na criação dos bancos centrais. O grande papel destes últimos foi o de controlar a moeda e o crédito dentro dos países e, principalmente, a centralizar e administrar as reservas nacionais em ouro e moedas estrangeiras, tudo a fim de servir como amortecedores contra os altos e baixos do comércio exterior<sup>13</sup> (EICHENGREEN, 2000). Naturalmente, todas essas medidas levaram a falência do mercado auto-regulável e, por isso mesmo, do capitalismo concorrencial.

Contudo, havia um outro fenômeno ainda mais famoso que se alimentava de todas essas transformações e que estava mudando a face das trocas internacionais: o **imperialismo**. Aqui, o autor mais famoso é sem dúvida Lênin e seu estudo de 1916 que, em relação ao trabalho de Hilferding, diferencia-se por enfatizar as tendências agressivas do capital financeiro e sua disposição, no limite, para a guerra.

Todavia, poucos foram os temas, como este, tratados de maneira tão múltipla e descuidada a ponto de gerar não só problemas de consistência teórica, mas principalmente desconfiança em relação à própria idéia. Muitos foram os autores que sobre ele se debruçaram, porém poucas foram as reais contribuições para o entendimento do fenômeno após o debate do começo do século XX.

Se concentrarmos a análise em Lênin (1987),<sup>14</sup> o imperialismo pode ser entendido como o processo de acumulação de capital que passa a acontecer em escala mundial em uma fase específica do capitalismo: o chamado **capitalismo monopolista**.<sup>15</sup> Trata-se de uma fase do modo de produção capitalista no qual a concorrência nos mercados é superada pela força das grandes empresas, marcadamente industriais.

13 Para uma discussão mais aprofundada, ver Eichengreen (2000).

14 Esta é a edição em português utilizada e citada na bibliografia.

15 Maiores detalhes: Lênin (1987) e BRAVERMAN, Harry. *Trabalho e Capital Monopolista*. 3. ed., Rio de Janeiro: LTC Editora, 1987.

Estas, donas de imensas quantidades de capital, eram fortes o suficiente para abocanhar fatias condizentes da demanda, estabelecerem preços, definirem a tecnologia empregada e organizar, de acordo com seu interesse, as formas específicas de trabalho. Com isso, já se afirmou, a concorrência não mais comandaria a regulação do sistema, mas sim as grandes corporações, capazes, inclusive, de firmar acordos e associações entre si que garantissem a continuidade da valorização de seu capital. Nas palavras de Lênin (1987: 122): “*Atendendo a sua essência econômica, o imperialismo é o capitalismo monopolista.*” Isto é, houve uma mudança fundamental ocorrida entre o final do século XIX e início do XX. Ali, naquele momento, era visível uma crescente e enorme concentração de capital em poucas empresas e estas passaram a comandar a dinâmica das economias mais avançadas do globo. Tudo isso, perceberam alguns autores, estava vinculado a já discutida confluência de interesses entre o capital industrial em franca concorrência intercapitalista e o capital bancário, agente centralizador do capital-dinheiro da sociedade. Na verdade, esses dois fenômenos, o capital financeiro e o capitalismo monopolista, somavam-se, completavam-se e geravam-se mutuamente, constituindo-se nos responsáveis por uma nova forma de acumular capital e de

organizar as relações de produção dentro do sistema capitalista (BOTTOMORE, 1988). Nas palavras de Lênin (1987: 46):

(...)concentração da produção tendo como conseqüência os monopólios; fusão, ou interpenetração dos bancos com a indústria, eis a história da formação do capital financeiro e o conteúdo desta noção.

Foi essa nova organização da produção surgida dentro dos países ricos, marcada pelo domínio das grandes corporações financeiras e por sua capacidade de expansão e mobilização de capital no enfrentamento de oportunidades e concorrência, que, buscando sua expansão, forçaram seu transbordamento em direção a outros países. Ou seja, foi a busca contínua de sua valorização que levou os blocos de capital financeiro a estabelecer o imperialismo como a face internacional do capitalismo monopolista. Portanto, o capital financeiro, para Lênin, é um aspecto fundamental e inseparável da etapa monopolista do capitalismo ou, se preferir, do imperialismo.

Tanto assim que, nesse período, os grandes oligopólios agravaram a luta pela conquista de fontes de matérias-primas e essas, quando dominadas, elevaram enormemente o poder



do grande capital sobre os demais. Além disso, é importante ter sempre em mente que o monopólio surgiu da associação com os bancos. Mas não qualquer banco. Foram três a cinco entidades de cada país avançado que foram as responsáveis pela união de interesses entre capital industrial e capital bancário, concentrando em suas mãos a maior parte dos capitais

e rendimentos em circulação (LÊNIN, 1987). Um tão seletivo conjunto que permitiu ao grupo social dominante formar então uma oligarquia financeira, estabelecida dentro de uma rede de relações que extrapolavam a esfera econômica estrito senso, alcançando inclusive as instituições políticas.<sup>16</sup>

Com isso, não só se estabeleceu uma amplíssima teia de interesses associados entre os diversos blocos de capital e suas empresas específicas, como também se ganhou poder real sobre a sociedade através da proximidade com as pessoas e órgãos do Estado. Todos esses movimentos são traços distintivos do capitalismo monopolista e sua face internacional, o imperialismo. E quem não se enquadrou aos acordos, associações, trustes e cartéis sofreu boicotes, *dumping*, privação de matérias-primas etc., até unir-se ou ser destruído. Na verdade, como afirma Hilferding (1985), com a anuência de Lênin (1987), o capital financeiro não buscou a liberdade tão propalada pelos liberais. O que ele queria e conseguiu foi o domínio.

Esse domínio, como já foi afirmado, transborda a fronteira dos países sede do capital financeiro. Agora, mostrando sua diferença em relação ao velho capitalismo, o novo, na fase monopolista, exporta cada vez mais capital, ao invés de apenas mercadorias como se fazia antigamente. Por isso, onde imperava o monopólio, a exportação de capital ganhou cada vez mais relevo. Tal situação aparece clara quando, além da Inglaterra, os novos países industrializados – Alemanha, França e Esta-

dos Unidos – constituíram seus capitais financeiros, donos de enormes quantidades de capital e com domínio monopólico sobre seus mercados internos.



Porém, esse processo de internacionalização do capital, baseado em sua exportação, não pode ser dissociado da atuação dos respectivos Estados nacionais. Na verdade, muitas vezes os negócios afetavam diretamente os interesses

<sup>16</sup> Lênin fala, inclusive, na contratação de antigos servidores do Estado pelos grupos econômicos a fim de facilitar o relacionamento com as autoridades.

de diferentes frações das classes dominantes dos países envolvidos, exigindo então uma intervenção mais geral e política no caso. Assim, na situação de pleno domínio dos mercados internos, a busca de valorização dos capitais conduz, por necessidade e acomodação de interesses, a sua exportação.

Quando em direção aos países atrasados, ele assumiu muitas vezes a forma de infra-estrutura, capaz de assegurar a valorização do capital já investido e o fornecimento de bens primários a baixos preços (exemplo: café) ou o retorno dos novos investimentos (exemplo: ferrovias). Esse movimento de expansão do capital financeiro para além de suas fronteiras nacionais se por um lado traz retornos muito atraentes aos recursos empregados, por outro acarreta uma posição subalternizada dos países mais pobres em relação aos mais ricos. Na verdade, os países mais pobres ou pré-capitalistas tornaram-se dependentes do capital exportado e seus pedidos foram normalmente atendidos mediante a obtenção de vantagens comerciais ou de exploração de alguma atividade produtiva. Este traço foi tão comum que chegou a constar nos contratos de empréstimos, onde havia mesmo cláusulas prevendo essa aquisição de vantagem (CATANI, 1992). Citando Lênin (1987: 63):

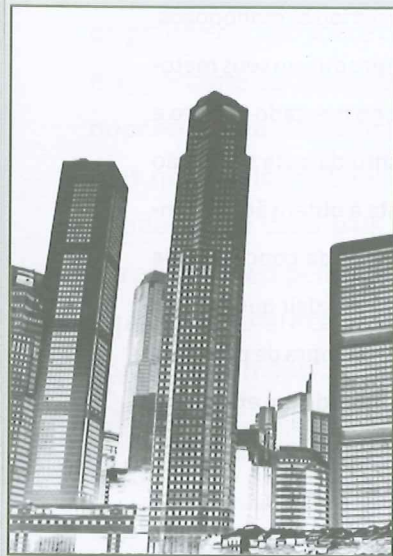
(...) o capital financeiro criou os monopólios. Ora, os monopólios introduzem seus métodos em toda a parte: no mercado público a concorrência é substituída pela utilização de 'relações' com vista à obtenção de transações vantajosas. Antes da concessão de um empréstimo, é vulgar exigir que ele seja utilizado, em parte, na compra de produtos do país mutuante, sobretudo em encomendas de armamentos, barcos, etc. (...) Krupp, na Alemanha, Schneider na França, dão-nos exemplos destas empresas intimamente ligadas a bancos gigantescos e ao governo, não sendo fácil quando se contrai um empréstimo 'passar sem elas'.

O autor mesmo, um pouco mais a frente, afirma que:

(...) os países exportadores de capitais partilham (no sentido figurado da palavra) o mundo entre si. Mas o capital financeiro conduziu também a partilha direta do globo. (LÊNIN, 1987: 65)

Todavia é bom ter claro que a disputa entre os blocos de capitais financeiros e entre países industrializados não se dá apenas através da ampliação do domínio sobre áreas





pré-capitalistas do globo em busca de mercados e matérias-primas. Talvez até pelo contrário, – e Lênin é claro sobre isso, apesar de alguns de seus críticos ignorarem seu acerto – a luta imperialista também se desenrola

com muita força na expansão de blocos de capital financeiro estrangeiros sobre economias industriais já estabelecidas. Por isso mesmo, é preciso entender que o imperialismo é um fenômeno mais complexo do que se costuma postular, quando se afirma a grave opressão sofrida pelos países mais fracos por meio das políticas expansionistas das nações ricas. Na verdade, os blocos de capital financeiro ultrapassaram as fronteiras em busca de valorização do seu capital que por vezes, no seu país, naquele ramo de atividade, não

encontrava boas oportunidades de inversão. Por isso outros mercados tornaram-se muito interessantes para a exportação de capital, marcadamente com relação a alguns ramos de atividade. Nos países mais ricos, por exemplo, os mercados para os mais diferentes produtos já estava constituído e, na maioria das vezes, em crescimento, tornando-se muito atraente. Tanto assim que para grupos de países diferentes os capitais exportados também eram diferentes. De outra forma, para países mais pobres, principalmente na época analisada, exportava-se capital que gerava infra-estrutura (estradas de ferro, iluminação pública, transporte urbanos etc.). Já entre as nações desenvolvidas, o capital exportado tinha também outra natureza, variando de plantas fabris ao fluxo de papéis financeiros.

Por tudo isso, em resumo, pode-se dizer que, segundo Lenin (1987: 88), o imperialismo poderia ser resumido em 5 características importantes:

1. *concentração da produção e do capital atingindo um grau de desenvolvimento tão elevado que origina os monopólios cujo papel é decisivo na vida econômica;*<sup>17</sup>
2.  *fusão do capital bancário e do capital industrial, e criação, com base no 'capital financeiro', de uma oligarquia financeira;*

<sup>17</sup> É curioso (mas não coincidência) que os primeiros passos no sentido da cartelização e formação de trustes foram dados por países com elevadas barreiras alfandegárias como Estados Unidos e Alemanha.

3. *diferentemente da exportação de mercadorias, a exportação de capitais assume uma importância muito particular;*
4. *formação de uniões internacionais monopolistas de capitalistas que partilham o mundo entre si;*
5. *termo de partilha territorial do globo entre as maiores potências capitalistas.*

*[Assim,] o imperialismo é o capitalismo chegado a uma fase de desenvolvimento onde se afirma a dominação dos monopólios e do capital financeiro, onde a exportação de capitais adquiriu uma importância de primeiro plano, onde começou a partilha do mundo entre os trustes internacionais e onde se pôs termo à partilha de todo o território do globo, entre as maiores potências capitalistas.*

Entretanto, foi nesse ambiente de forte disputa por espaços econômicos mundiais, mediados por Estados nacionais fortes, que os grandes grupos econômicos viram a cada dia o espaço para expansão reduzido em função dos protecionismos, ocupação de territórios e acordos de divisão do mundo feitos no passado. Para Lênin (1987), essas disputas tinham um caráter eminentemente perigoso, capaz de facilmente descambar para o conflito armado. Em outras palavras, as tensões econômicas e políticas geradas pelo imperialismo

desencadeariam – e desencadearam de fato –, situações explosivas. Se a isso for somado o caráter da população transformada cada vez mais **massa**, e, por isso, manipulável e sujeita a reações impulsivas e irracionais, surgem os motivos e a carne de canhão necessários para o surgimento dos horrores da guerra.<sup>18</sup>

Contudo, passada a primeira metade do século XX, é possível afirmar, observando a obra de Lênin e sua aderência a realidade, que, embora o mérito e as descobertas tenham

18 Na verdade, esses movimentos e mudanças provocaram na sociedade reações pela perda de identidade e pela forma de opressão que deixa de ser política, armada ou religiosa para ser cada vez mais coerção econômica. Por isso, as sociedades onde o capitalismo mais avançava reagiu a mercantilização de alguns bens fundamentais ao funcionamento do mercado auto-regulável: da força de trabalho, da terra e da moeda. A reação poderia vir da canalização de desejos e frustrações conduzidas por líderes carismáticos bradando ideologias fáceis. As brigas e revoltas não foram frutos de interesses mesquinhos ou mentes despreparadas. Destarte, defendidos mais enfaticamente por grupos determinados (trabalhadores urbanos e proprietários fundiários), atendiam ao interesse social de evitar que o mercado levasse ao rompimento do caráter humano das instituições em benefício de pequenos grupos interessados no lucro. Para uma interessante e surpreendente discussão sobre o tema ver Poulanyi (2000).



sido fundamentais, o sistema teórico construído merece ressalvas. Por exemplo, muito da sua interpretação nasce da observação do que ocorria na Europa Central, onde o banco alemão realmente possuía ações de empresas, sendo, portanto, sócio delas, e também

ocupava cargos na diretoria das indústrias.<sup>19</sup> Algo muito diferente da Inglaterra, o primeiro país industrial, onde os bancos permaneciam atrelados à atividade estritamente financeira (BOTTOMORE, 1988).

Outra crítica é a que observa as multinacionais hoje. O gigantismo dessas empresas faz com que dominem a produção industrial e administrem seus próprios fundos de investimento – criados a partir de lucros retidos ou de recursos tomados ao mercado por meio de títulos financeiros – associando dentro de si o capital industrial e o de financiamento, dificultando a aplicação do conceito de capital financeiro nessas que são o carro chefe da economia globalizada. (BOTTOMORE, 1988)

Também é observado pelos detratores da idéia de imperialismo que a internacionalização das empresas não levou o mundo ao caos depois da Segunda Guerra Mundial. Pelo contrário. Criou uma exportação de capital que levou à forte troca de progresso tecnológico entre os países industrializados e mesmo à rápida modernização do parque produtivo dos países periféricos em tempo de paz duradoura (AMSDEN, 1990). Isso se tornou uma discussão importante mesmo entre marxistas que questionavam se o imperialismo poderia ter um papel progressista nos países de capitalismo fraco, posto que os investimentos

diretos realizados ali lograram modernizar as relações de produção.

De qualquer modo, essas críticas, embora pertinentes, longe de desqualificar a análise realizada pelos autores, colocam problemas que exigem refinamento conceitual e observação principalmente sobre a nova realidade mundial. O caráter geral das obras, isto é, apontar a relevância do aspecto financeiro sobre a evolução e o cotidiano da acumulação de capital desde a virada do século XX, continua fundamental e não pode ser colocado de lado quando se estuda o capitalismo e o mundo nos cem anos passados.

19 Muito embora Hilferding mostre-se consciente das diferenças entre as trajetórias dos países. Isso aparece em trechos do capítulo oito, onde destaca o papel da bolsa como mobilizadora do capital monetário na Inglaterra.

Mas, e os países pobres? Os países não industrializados? Como esses países viveram essas transformações e qual seu impacto sobre seus processos de desenvolvimento? Isso ainda não foi aqui analisado, mas é o assunto da próxima seção.

### 3. A descoberta do subdesenvolvimento

- ⊙ A descoberta do subdesenvolvimento
- ⊙ A CEPAL e o conceito de subdesenvolvimento
- ⊙ A América Latina subdesenvolvida

#### O subdesenvolvimento e sua realidade

- ⊙ As causas do subdesenvolvimento
- ⊙ As conseqüências do subdesenvolvimento
- ⊙ As dificuldades e problemas do conceito

O mundo inteiro viveu os conflitos do imperialismo. A América Latina não foi diferente. Se aqui, na virada do século XX, os negócios já se faziam com Estados formalmente soberanos, o jugo era similar a qualquer outro grupo de países de capitalismo frágil ou pré-capitalista. As relações internacionais construídas ao longo de séculos de colonização européia haviam criado uma estrutura social extremamente desigual, com um enorme contingente populacional muito pobre cercado ilhas de poder e riqueza. Sem exceção, essas ilhas de riqueza estavam atreladas e comandavam as trocas internacionais que se faziam com os países ricos e, por isso mesmo, possuíam interesses e laços mais fortes com o exterior do que com as pessoas e as coisas de seus respectivos países.<sup>20</sup>

20 É muito provável que não compreendessem, como não compreendem até hoje, seus países e seus pares nacionais.



É por esse motivo que a exportação de capital era tão bem aceita nos diversos países latino americanos. Esses recursos que entravam, beneficiavam exatamente aquela parcela da população que usufruía do comércio internacional dos produtos locais. O processo era semelhante nos diferentes países: a exportação de capital européia ou estadunidense se dirigia para setores de infra-estrutura que garantiam o abastecimento e a boa qualidade dos produtos primários exportados pelos latino-americanos ou, ainda, localizavam-se nas cidades, morada e centro de decisão e negócios das oligarquias da região. Quase nada ou nada sobrava que beneficiasse a população mais pobre, franca maioria propositadamente esquecida.

Todavia, esse mesmo imperialismo difícil de defender, nos países pobres, plantou sementes de uma organização social que levaria à ruína as velhas formas de acumulação. Assim, apesar da exploração e por vezes da violência direta,

a exportação de capital, uma vez que trouxe máquinas, processos produtivos e relações de produção capitalistas para dentro desses territórios, ajudou a desenvolver as forças produtivas locais, forçando o nascimento



de um proletariado, capaz de pesar na luta de classes (BOTTMORE, 1988). No entanto, pelas alianças nacionais e entre elites internacionais que fez e a especificidade de seus interesses, o capital financeiro jamais perseguiu o desenvolvimento, muito menos das regiões pobres do globo. Aqui, embora tenha ajudado a mudar a face da acumulação, o fez somente na medida em que era necessário, não contribuindo — pelo contrário — para o enfraquecimento de velhas camadas donas do poder e da riqueza. Na verdade, normalmente associou a elas novos grupos em ascensão através das novas ondas ou ciclos econômicos.

Foi exatamente isso que descobriram diversos estudiosos quando se debruçaram, após a II Guerra Mundial, sobre o problema — agora levado a sério — do desenvolvimento econômico. A maioria não encetou brigas com a violência direta do imperialismo ou a opressão política interna gerada pelas elites locais contra seus nacionais. Sendo mais pragmáticos, mas nem por isso menos enfáticos, esses autores traduziam o resultado do sistema de produção nos países pobres através de números estatísticos de onde afirmava haver um *subdesenvolvimento* em várias partes do globo, criado pelo tipo de relação que se estabeleceu entre as nações pobres e ricas.



Toda essa discussão ganhou muita importância na América Latina graças a Comissão Econômica para América Latina e Caribe (Cepal), órgão ligado as Nações Unidas, criado no final dos anos 1940 e voltado para o estudo e a proposição de políticas capazes de melhorar as condições de vida e produção na região. Foi lá que personagens como Raul Prebisch, Aníbal Pinto e Celso Furtado iniciaram o que seria a primeira escola de pensamento econômico latino americana. Foi a Cepal que, observando os países da região, percebeu a posição subalterna do subcontinente e formulou a díade centro-periferia e acusava a forma de inserção econômica internacional da América Latina como a causa primeira do subdesenvolvimento.



Na época, entretanto, de nascimento da Cepal, a situação das principais economias latino-americanas já tinha mudado em relação ao começo do século XX. De exportadores de produtos primários que retiravam todo seu dinamismo desse comércio, alguns países passaram, dolorosamente, por meio do estrangulamento cambial, a ter sua produção impulsionada a partir de demanda e investimentos realizados internamente. É a indústria nascida no começo do século XX, em plantas manufactureiras leves, que conseguiu responder criativamente à Crise de 29 e tornar-se alternativa à aplicação de capitais durante os anos 1930 e 1940. É o contexto de formação de uma indústria latino-americana

que buscava acumular e assumir um papel de liderança na região.

Assim, o fato de a Cepal formular uma visão a partir de olhos latino-americanos, ideando o desenvolvimento por meio da industrialização, não foi coincidência. Para a comissão, era fundamental que os países fugissem a armadilha de ser produtor especializado de bens primários para exportação. Era necessário aos países da América Latina se industrializarem, caso contrário veriam seu crescimento e desenvolvimento bloqueados.

Contudo, a teoria que nasce ali não rompe com a teoria econômica tradicional e inscreve

21 Este binômio afirma que os países do centro são os timoneiros do capitalismo ao deter capital, poder financeiro, tecnológico e mesmo militar. Já a periferia, seria composta pelos países sem expressão na economia mundial, incapazes de desenvolver tecnologia própria e dependentes da dinâmica ditada pelo centro.



sua visão na seguinte dualidade: a) há o modelo *desenvolvido* que, pode-se dizer, refere-se a países que apresentam indicadores sociais muito bons, PIB *per capita* elevado, ausência de grandes diferenças de renda e de produtividade,<sup>22</sup> indústrias e governo produzindo e difundindo tecnologia em grande quantidade e investimentos dominados por capitais nacionais (FAJNZYLBBER, 1990); e b) o modelo *subdesenvolvido*, com todos os seus problemas de heterogeneidade e dependência, mas que – e isso é importante – não se configura em economias atrasadas e sim funcionais nas trocas internacionais. Trata-se de dois grupos de países coesos historicamente. Logo, a pergunta volta: como desenvolver os países latino-americanos, superando as disparidades, se a desigualdade tem origem no seu próprio modelo de crescimento?

Para responder a questão, é preciso clarear o significado de subdesenvolvimento. Para isso, é importante antes apreender a diferença entre crescimento econômico e desenvolvimento. Demarcaremos primeiro, o que é *crescimento econômico*.

É razoável definir crescimento como um processo onde alguns indicadores clássicos de atividade econômica apresentam expansão (produção, renda, consumo de energia etc.), traduzindo um fenômeno basicamente quantitativo de maior oferta de bens e serviços, sem explorar as mudanças que esse crescimento econômico inerentemente acarreta.<sup>23</sup> Em outras palavras, se um processo de crescimento leva à expansão da capacidade produtiva – através da inclusão de novas levas de máquinas e equipamentos – é inevitável que a produtividade da economia também se altere. Isso traz conseqüências, como: introdução de novos processos e produtos, barateamento da produção, necessidade de pessoal treinado para as novas máquinas, possíveis mudanças na distribuição de renda, entre outros. Mas não é essa a preocupação quando se fala de crescimento econômico. Tal transformação qualitativa na sociedade, subjacente ao processo de crescimento e seu alcance, deve ser analisado no conceito de desenvolvimento.

22 Na verdade, a questão da disparidade na produtividade é bastante questionável. Todavia, aceitemos momentaneamente a idéia cepalina que associa homogeneidade produtiva a desenvolvimento. Uma discussão mais aprofundada sobre o tema será feita em capítulo posterior.

23 Observe, no entanto, que crescimento não pode ser confundido com *recuperação*. Esse último acontece, quando uma economia, passadas as dificuldades, aproxima-se do seu produto potencial, ocupando a capacidade ociosa. Diferentemente, o crescimento econômico, portanto, só ocorre quando a produção e o produto potencial crescerem simultaneamente.

De forma intuitiva, entende-se **desenvolvimento econômico** como a melhoria dos indicadores sociais de um país, permitindo que mais e mais cidadãos desfrutem de elevados padrões materiais. Todavia, a questão é mais complexa. Rodriguez (1981) e Furtado (1992), por exemplo, chamam atenção para a questão da produtividade e da distribuição ao definirem desenvolvimento como a superação positiva dos grandes contrastes de renda e produtividade, através do aumento do bem-estar material da população, condicionado ao aumento da produtividade média do trabalho.

Infelizmente, essa definição não satisfaz plenamente, pois impede que se reconheça, em alguns países “desenvolvidos”, as grandes disparidades de produtividade do trabalho entre setores modernos e não-modernos.

Falar em desenvolvimento, na verdade, e é importante frisar, é perseguir um modelo comparável, no caso, o modelo dos países avançados. Mas, para isso, é imprescindível que os comparáveis sejam equivalentes, isto é, medidos e classificados por um mesmo conjunto de valores aceitos. Ou seja,

(...) a idéia de um povo mais ou menos desenvolvido somente pode ter sentido a partir da universalização [de valores] do

capitalismo, que cria um mercado mundial unificado progressivamente (...). (GONZÁLES, 1998: 15)

Destarte, os países ricos, mesmo com todas as diferenças, apresentam traços em comum muito marcantes: são países social e economicamente articulados (distribuição de renda equilibrada, elevada escolaridade, representação e poder político melhor distribuídos), padrão de consumo e produção gerados endogenamente e participação no mercado internacional baseada em elevada especialização no comércio de manufaturas. (FAJNZYLBER, 1990)

Então, como será o seu contrário, o **subdesenvolvimento**? Para começar, é preciso lembrar que esse conceito foi amplamente criticado a ponto de ser desvalorizado academicamente. Via-se que apresentava problemas de pouco rigor, elasticidade excessiva



e insuficiência para abordar a questão das classes sociais e a evolução histórica colonial. No entanto, muitos economistas insistiram nele. (GONZÁLES, 1998)

Em Furtado,<sup>24</sup> por exemplo, a origem do subdesenvolvimento está ligada à diferença na difusão do progresso técnico. Para ele, nos países da América Latina, a difusão do progresso técnico no período primário-exportador deu-se, em grande parte através da *modernização* do consumo de uma parcela da população. As técnicas produtivas, no entanto, ter-se-iam mantido essencialmente tradicionais. Ou seja, a assimilação na região das inovações tecnológicas mundiais foi parcial, afetando principalmente o consumo e não invadindo significativamente a esfera da produção (FURTADO, 1975). Quando da industrialização,<sup>25</sup> ainda segundo Furtado, o ponto de partida são atividades que têm suas condições negociais e de ampliação melhoradas no momento em que a capacidade de importar entra em crise. Isto é, trata-se de empresas cujo espaço está delimitado pelo tipo e quantidade das importações antes realizadas. Nesse sentido, o progresso tecnológico aparece primeiro no bem importado e consumido e só depois, se ocorrer

substituição por produção interna, avança e chega copiado aos processos produtivos das empresas da região (FURTADO, 1992).

Exatamente isso chama a atenção de Fajnzylber (1990: 8), pois para ele:

(...) una de las características del proceso de industrialización de América Latina hasta ahora ha sido precisamente la asimetría entre un elevado componente de imitación (...) y un componente marginal de innovación económico-social.

Em outras palavras, o desenvolvimento voltado para fora da fase anterior à industrialização, visceralmente associado à modernização do consumo, impunha um padrão de industrialização muito especial: imitativo dos modelos dos países avançados e desconectado dos recursos e do nível de acumulação local.<sup>26</sup> Através dele, a reprodução do processo de modernização do consumo levava a dois resultados:

24 Em textos como: "Análise do 'Modelo' Brasileiro", "Brasil: A Construção Interrompida, Dialética do Desenvolvimento" e "O Mito do Desenvolvimento Econômico".

25 Assunto da Aula 04 – Módulo II, desse curso.

26 Observe-se que esse processo de modernização do consumo latino-americano revela uma situação de *dependência* cultural e econômica que empurrava os países da região à reprodução dessa situação. É bom ressaltar, contudo, que a dependência não é definida pela propriedade estrangeira do capital – embora a agrave –, mas sim pelo fato de termos transplantado padrões de consumo vindos de países ricos. (FURTADO, 1974)

1. apenas o segmento da população que controlava o aparelho produtivo afetado pelo aumento da produtividade – primeiro os aumentos permitidos pelas vantagens comparativas do comércio internacional e depois pela industrialização substitutiva – desfrutava dos benefícios da modernização (FURTADO, 1992);
2. reforço das disparidades de renda e produtividade entre setores da economia e da população.

De outra maneira, os países *subdesenvolvidos* assumiram essa condição ao organizarem

sua sociedade em torno da produção especializada de bens primários para exportação, convertendo a economia em um conjunto *estruturalmente heterogêneo*.<sup>27</sup> No arranjo social resultante, a concentração de renda e poder era fatal e a forte ligação das classes detentoras do excedente com o exterior inevitável. Essas classes copiavam não apenas o consumo dos países ricos e centrais, mas também seus hábitos, idéias e instituições.<sup>29</sup> Enfim, eram reflexos econômicos, políticos e culturais distorcidos dos países desenvolvidos, desviando, com isso, parte do excedente aqui produzido para o exterior.

Sendo assim, podemos caracterizar a América Latina como heterogênea e subalterna, sendo esta última manifestada através do uso ou destino dado ao excedente econômico, isto é, daquela parte do produto que sobra após serem pagos os salários, a reposição das matérias-primas e das máquinas. Esse excedente, dada a heterogeneidade, cabia aos grandes proprietários e estes, subalternos aos modelos estrangeiros, utilizavam boa parte dele em consumo conspícuo e na reprodução de padrões dos países ricos, desligados de qualquer vontade de desenvolvimento nacional. O mais importante, no entanto, é que o funcionamento dessa sociedade tendia a reproduzir e recolocar as condições de sua heterogeneidade e subalternidade. Conseqüentemente, sua forma mais aparente é a condição social deteriorada em que vive a maior parte da população ao lado de padrões de consumo similares aos dos países ricos.

Tal funcionamento da economia periférica latino-americana nos conduz à conclusão de que maiores taxas de crescimento econômico,

*sob o mesmo modelo econômico*, podem piorar a condição de subdesenvolvimento ao invés de superá-la (FURTADO, 1974). Isso evidencia, mais

27 Isto é, convivência de processos produtivos modernos e arcaicos, com o segundo abrigando parcela significativa da população.



uma vez, que não basta a economia crescer. É preciso desenvolver e para isso era necessário, segundo os cepalinos, industrializar, romper com o modelo primário exportador ou, mais recentemente, superar a produção de bens simples para as nações do centro. Para tanto, era preciso um projeto nacional de desenvolvimento que abrisse caminho ante as amarras do subdesenvolvimento, tornando os países produtores de bens de alto valor agregado, capazes, portanto, de revolucionar a produção, a acumulação, as relações de trabalho e, mesmo, a sociedade.

Mas essa abordagem dos problemas latino-americanos escondia algo fundamental: esses países periféricos já eram capitalistas e, portanto, divididos em classes. Assim, se um arranjo social existe, é porque ele interessa a algum grupo social poderoso. Logo, a idéia de projeto nacional escondia o fato de que a luta deveria ser travada principalmente dentro do próprio país. Por isso, mesmo que a indústria venha a tornar-se dominante – como se tornou – o arranjo social excludente poderia manter-se, basta para isso que a nova elite não apeie do poder as antigas oligarquias locais.

A crítica a esse problema veio de dentro da própria Cepal, quando alguns membros e simpatizantes perceberam que houve industrialização, mas não desenvolvimento. Foram novas pesquisas que revelaram um outro e talvez mais grave fenômeno: a dependência. Esse é o assunto da próxima seção.

#### 4. A visão assustadora da dependência

##### O monstro da dependência

- ⊙ A descoberta de outro fenômeno mais grave
- ⊙ A descoberta do “inimigo” interno

##### A gravidade do problema da dependência

- ⊙ As origens da dependência
- ⊙ Os por quês de momentos históricos diferentes conviverem no mesmo país
- ⊙ O resultado social

### É possível superar a dependência

- ⊙ As possibilidades de superação da dependência
- ⊙ A força da união das classes dominantes
- ⊙ O Brasil, um país dependente

Os cepalinos de então perceberam que o desenvolvimento passava por três pontos:

1. impulso à acumulação, típico das relações concorrenciais capitalistas;<sup>28</sup>
2. ações que visem o aumento do bem-estar material das grandes massas. Não se trata somente de distribuir, posto que é do funcionamento dos mercados e da economia latino-americana repor a má distribuição dos frutos do trabalho; e
3. combinação entre *aprendizagem* – tendo como modelo as economias mais avançadas – e *inovação* econômica e social, permitindo que esses países incorporem o progresso técnico, pautando-o em relação às suas próprias carências e possibilidades. (FAJNZYLBBER, 1990)

Para isso ocorrer, no entanto, e escapar à condição de subdesenvolvimento era preciso romper a sujeição cultural e econômica e impor mudanças à camada da população que se beneficiava daquele sistema. Só então seria possível reordenar a estrutura econô-

mica e política em favor de um crescimento diferente do seguido até hoje.

Consoante a essa análise, então, não se deve buscar a modernidade copiando os países desenvolvidos? Com certeza, não. E a razão é clara: quanto maior o fluxo de novos padrões de consumo, maior deverá ser a taxa de exploração. Por quê? O motivo é que a manutenção do consumo imitativo só pode ser satisfeita de dois modos: a) aumento das exportações; e b) aumento da taxa de excedente sobre o produto líquido (FURTADO, 1974). As exportações, desde que marcadas por bens de baixo valor agregado (bens primários, semi-industrializados ou *commodities*), não são capazes de gerar quantidades crescentes de moeda estrangeira suficientes ao país, impondo escolhas entre o que é prioritário comprar no exterior. Estando o poder e a cultura atrelados aos padrões imitativos ditados a partir do exterior, restará à elite local, bárbara e ignara, optar pela manutenção de seu padrão de vida e poder, reproduzindo as enormes desigualdades sociais. Restou, desse modo, aumentar

28 Ver MARX, Karl. *O Capital*, especialmente o capítulo XXIII da seção sete: “La Ley General de la Acumulación Capitalista”.



continuamente a taxa de exploração. Ou seja, como falar em desenvolvimento, elevando a taxa de exploração em economias tipicamente desiguais e de baixa renda *per capita*?

Por isso, já alertava Celso Furtado, o modelo desenvolvido não deve ser buscado através da simples cópia, posto que:

(...) a transição do subdesenvolvimento para o desenvolvimento é dificilmente concebível no quadro de dependência.

(FURTADO, 1974: 87)

De outra maneira, a situação de fraqueza econômica e política dos trabalhadores latino-americanos, dada a oferta bastante elástica de mão-de-obra, torna-os presas fáceis dos interesses daquele grupo detentor dos meios de produção. A situação na América Latina aparece, portanto, por esse ponto de vista, como um caso grave, onde a luta pela distribuição do produto e do poder se vê funcionalmente embotada pela situação de sujeição à dinâmica internacional e ao poder concentrado nas mãos de uns poucos poderosos. A essa situação, deu-se o nome de dependência. Mas o que é um país dependente?<sup>29</sup>

As **economias dependentes**<sup>30</sup> podem ser caracterizadas por: a) possuírem uma **ordem capitalista interna, mas dinamizada a partir de fora** e, portanto, subordinada a um crescimento econômico, político e sociocultural controlado pelas nações hegemônicas **sempre associadas aos interesses dominantes internos**. Assim, através da decisão política sobre o caráter da modernização, esses interesses associados filtram as imposições do mercado mundial e organizam a sociedade copiando/transferindo instituições típicas das nações hegemônicas; e b) uma inserção muito específica no mercado mundial que lhe dá uma **autonomia apenas relativa**. São economias montadas para serem fonte de excedente para as nações hegemônicas, mas, ao mesmo tempo, dependentes das aplicações desse mesmo excedente para se reproduzirem.

Em conseqüência, o seu próprio crescimento econômico interno espelha, estrutural e dinamicamente, a natureza, a intensidade

e a variação ou a flutuação das economias nacionais a que se associam heteronomicamente. (FERNANDES, 1968: 38)

<sup>29</sup> O trecho a seguir foi escrito em parceria com Fernando Alberto G. Sampaio C. Rocha.

<sup>30</sup> É importante ressaltar que tratamos aqui das economias dependentes latino-americanas e, portanto, além de dependentes, subdesenvolvidas.

No entanto, é importante ressaltar, isso não significa que o capitalismo dependente seja um acidente ou esteja atrasado. Na verdade, constitui-se fonte importante para a acumulação de capital em nível mundial, através da sobreapropriação repartida do excedente econômico.

Como se forma essa dependência? As raízes da dependência nascem no momento da **colonização**. Os portugueses que para cá vieram, trouxeram um modelo de civilização constituída pelas etapas finais da crise do mundo medieval, o que, por si só, traz uma implicação importante: a sociedade que se forma na colônia não pode ser o embrião de uma democracia, mas sim de uma **sociedade segmentada em estamentos de mobilidade social difícil, onde se desprivilegia o trabalho**. A grande lavoura de produtos exportáveis exemplifica isso: uma rígida especialização, associada a grande escala do latifúndio e ao trabalho escravo. Essa estrutura produtiva conduz a uma **extrema concentração da renda** e principalmente do **poder** nas mãos dos homens ricos de origem européia. Ou seja, temos aqui uma segunda dualidade<sup>31</sup> de grande importância para o entendimento da dependência: a segmentação da sociedade entre possuidores e despossuídos.

No processo de independência política, a sociedade não sofreu alterações econômicas significativas. Nas palavras de Florestan Fernandes:

(...) a formação de um Estado nacional independente desenrolou-se sem que se processassem alterações anteriores ou concomitantes na organização da economia e da sociedade. Portanto, ela se deu sem que o regime de castas e estamentos sofresse qualquer crise (...). Sob esse aspecto, a inclusão da economia brasileira no mercado mundial representou um simples episódio do ciclo de modificações dos laços coloniais, no quadro histórico criado pela elevação da Inglaterra à condição de grande potência colonial. Os laços coloniais apenas mudaram de caráter e sofreram uma transferência: deixaram de ser jurídico-políticos, para se secularizarem e se tornarem puramente econômicos. (FERNANDES, 1968: 22)

31 A primeira dualidade apareceu acima ao descrevermos uma economia dependente. Seu contraponto, a economia imperialista, forma, junto com ela, a primeira dualidade.



É durante esse período neocolonial que os setores dominantes tomam o controle do poder e reorganizam a repartição do excedente

econômico. No entanto, as diferenças sociais e a dinamização da economia a partir de fora (dualidades) continuam presentes.

A situação começa a modificar-se quando, implantada a Revolução Industrial na Europa, os países recém-saídos de uma situação de colônia inserem-se no mercado mundial de uma nova forma: fornecedores de **matérias-primas** e alimentos para indústria. É também nesse período que o trabalho livre é implantado. Mas para que isso fosse realizado, o Estado precisou modernizar, com modelos e tecnologia importada, a infra-estrutura necessária à eficiência e ao barateamento da produção.



Esse processo exigiu que:

(...) as influências externas atingissem todas as esferas da economia, da sociedade e da cultura (...). Assim, a dominação externa tornou-se imperialista, e o capitalismo dependente surgiu como uma realidade histórica na América Latina. (FERNANDES, 1975: 16)

Enfim, nessa **terceira fase**, marcada basicamente pela lavoura exportadora de café, a agricultura continua a fonte de captação de excedentes externos e de riqueza, constituindo-se peça-chave na continuação da extrema concentração de renda e poder, através do comando familiar. Os trabalhadores, no início escravos depois homens formalmente livres, continuam em seu papel de despossuídos, não sociáveis e não iguais. Ou seja, as dualidades permanecem.

A quarta fase da dominação surge com a **transnacionalização** das grandes empresas de nações hegemônicas. Esta expansão trouxe uma nova maneira de organizar a produção, a relação capital-trabalho, a propaganda em massa etc. Há uma importação de padrões de comportamento, consumo, idéias e instituições que ligam cada vez mais o destino do país ao controle das economias imperialistas, porém, com um agravante: **exercido a partir de dentro!** A burguesia local associada e interessada na entrada de companhias estrangeiras não tem condições de (e não quer) realizar uma revolução burguesa de caráter nacional até seu limite e romper com setores arcaicos e superar seus laços de dependência. Mas por quê?

Devido a sua evolução histórica. Por se tratar de um capitalismo com formação específica:<sup>32</sup>

32 Isto é, uma formação que não conseguiu levar suas forças produtivas capitalistas ao pleno desenvolvimento.

(...) classes e relações de classe carecem de dimensões estruturais e de dinamismos societários que são essenciais para a integração, a estabilidade e a transformação equilibrada da ordem social inerente a sociedade de classes. (FERNANDES, 1975: 35)

Em outras palavras, foi necessário ao capitalismo **ajustar-se (e não superar)** a estrutura social brasileira e seus restos de coloniais, criando uma grande distorção em relação ao modelo europeu de sociedade de classes. O capitalismo que faz das classes sociais o elemento dinâmico da sociedade, encontrando aqui a dualidade social, teve o dinamismo de seus elementos revolucionários inibidos, tornando a sociedade pouco sujeita a alterações.

Todavia, não havendo canais pelos quais fluam as tensões sociais, a **instabilidade política tornou-se inevitável**. O receio de mudança da ordem conduz a burguesia já acostumada ao capital estrangeiro, a uma aliança estratégica: unir-se às nações hegemônicas e imperialistas, enfraquecendo e mantendo distante das decisões os demais agentes sociais internos. Assim, mantiveram-se os laços de subordinação das dinâmicas econômica, política e cultural, porém não mais através de laços coloniais, mas, sim, por meio de um arranjo complexo de

interesses entre a burguesia local e o capital estrangeiro.

Em outras palavras, são as decisões da burguesia local que realizaram e realizam a dualidade externa, utilizando para isso o poder que possuem para impor sua vontade. No entanto, manter essa estrutura social, na ausência de canais de vazão para as tensões sociais, obriga a burguesia a utilizar também **formas pré-capitalistas de autoproteção**, tanto através da violência econômica, política, cultural como, se necessário, física. Resumindo:

(...) a base estrutural com que contam [os burgueses], para se firmar como classe em si e para si, é tão fraca, que não podem despojar a ordem social competitiva de arranjos variavelmente pré ou extra-capitalistas. (FERNANDES, 1975: 70)

Deste modo, é inevitável que a explicação para a dependência esteja na forma como se dá a **relação entre as classes**. É aí que encontramos por que é necessário ao capitalismo dependente a coexistência de estruturas econômicas, políticas e culturais em diferentes idades históricas: pois só com essa convivência, a articulação e expansão da economia, como uma base para a exploração externa e a con-



centração interna da renda, do prestígio social e do poder, tornam-se possíveis. Nesse contexto, os **setores dominantes, tradicionais e modernos unem-se** no resguardo de formas mais ou menos espoliativas de acumulação. Porém, essas formas só são possíveis se se mantêm os demais setores sociais excluídos dos centros de decisão, da renda e da cultura. Isso não pode ser conseguido em uma sociedade competitiva. Então só resta aos “donos do poder” manter a exclusão dos setores despossuídos da sociedade e oprimir caso surja alguma força realmente democrática. Ou seja, a burguesia, ao unir-se ao capital financeiro internacional, isolando as classes mais baixas, tornou-se dependente econômica, cultural e politicamente das nações

hegemônicas. Nesse sentido, detendo o poder interno, implantou, para si e para o capital estrangeiro, o modelo de capitalismo moderno e cosmopolita, mas não autônomo nem desenvolvido. Todavia, para manter essa situação foi necessário não construir uma sociedade competitiva na sua inteireza. Excluindo parcelas significativas da população, colocando-as sob formas não capitalistas de trabalho, tornou a sobreexploração possível, conseguindo assim uma sobreapropriação a ser repartida com o capital estrangeiro. Essa exclusão da ordem social competitiva permite ainda manter política, econômica e culturalmente os despossuídos em estado de anomia, sem organização e reivindicação de direitos.

Resumindo: se não houver a convivência de forças produtivas em idades históricas diferentes, a elite e o capital estrangeiro não usufruem da sobreapropriação repartida do excedente econômico: ou pela sua inexistência ou pela superação da dualidade social a que uma sociedade competitiva conduz. Seria o fim da dependência.

## 5. Comentários finais

Diante do exposto, não é difícil imaginar o tamanho do problema que enfrentam os países da América Latina para superar suas mazelas e alcançar uma melhor condição de vida para o seu povo. Na verdade, não se trata de o **país**, como um todo, procurar uma saída, mas, sim, de superar, aqui dentro, lutando contra forças e interesses internos, os desca-

minhos e a exploração a que está submetida a população trabalhadora.

O imperialismo, que por seu próprio mecanismo busca acordos com as classes dominantes locais, construiu uma muito sólida estrutura de alianças difícil de ser enfraquecida e derrubada. O domínio já prescinde da força

e da coerção física, materializando-se na aceitação passiva da realidade e na naturalização das relações sociais.

Para isso colabora uma indústria cultural e de informações altamente concentrada nas mãos de pouquíssimos e muito ricos membros da elite cosmopolita latino-americana. Naturalmente aliados das demais frações dos grupos dominantes locais e ante uma população privada de outros meios de acesso à cultura e educação de qualidade,

a tendência é a perpetuação dos mesmos no poder com todas as conseqüências que a continuidade da situação de dependência pode acarretar.

Nesse sentido, a tomada de conhecimento somada à participação contínua nos espaços abertos aos homens e mulheres de consciência crítica constitui a única ferramenta possível aos que buscam transformar a realidade. Para tanto, a leitura do texto acima é só o primeiro passo.

### Bibliografia consultada:

AMSDEN, Alice H. Imperialism. In: EATWELL, MILGATE e NEWMAN (Orgs.) *Marxian Economics*. London: Macmillan Press, 1990.

BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1988.

CARDOSO e FALETTO. *Dependência e desenvolvimento na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

CATANI, Afrânio. *O que é Imperialismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

CHAUÍ, Marilena. *O que é Ideologia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

DOBB, Maurice. *A Evolução do Capitalismo*. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1983.

FAJNZYLBER, Fernando. *Industrialización en América Latina: de la 'caja negra' al 'casillero vacío'*. Santiago: Cepal, 1990.

FERNANDES, Florestan. *Capitalismo Dependente e Classes Sociais na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

\_\_\_\_\_. *Sociedade de Classes e Subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.

FURTADO, Celso. *O Mito do Desenvolvimento Econômico*. São Paulo: Paz e Terra, 1974.



- HILFERDING, Rudolf. *O Capital Financeiro*. São Paulo: Nova Cultural, 1985.
- HORKHEIMER, Max. *Eclipse da Razão*. Rio de Janeiro: Editora Labor do Brasil, 1976.
- KEYNES, John M. Fim do “Laissez Faire”. In: SZMRECSÁNYI, Tamás (org) *Keynes*. São Paulo: Editora Ática, 1978.
- LANDES. David. *Prometeu Desacorrentado*. São Paulo: Nova Fronteira, 1994.
- LENIN, Vladimir I. *O Imperialismo: fase superior do capitalismo*. São Paulo: Global, 1987.
- MARX, Karl. *O Capital*. México D.F.: Fondo de Cultura Econômica, 1986.
- MAZZUCHELLI, Frederico. *Capitalismo: Tendências e Crises (uma reflexão a partir de Marx)*. Campinas: Unicamp. IE, 1983 (Tese de Doutorado).
- OLIVEIRA, Carlos Alonso B. *O Processo de Industrialização: do Capitalismo Originário ao Atrasado*. Campinas: Unicamp. IE, 1985 (Dissertação de Doutorado).
- POLANYI, Karl. *A Grande Transformação*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980.
- RODRIGUEZ, Octavio. *Teoria do Subdesenvolvimento da CEPAL*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- RUBIN, Isaak I. *A Teoria Marxista do Valor*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.
- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Editora Pioneira, 1967

## CRÉDITOS DAS IMAGENS

josiasdesouza.folha.blog.uol.com.br/arch2006  
 www.flickr.com/photos/antolog/  
 www.homecareplus.com.br/lardocelar.htm  
 ww2.prefeitura.sp.gov.br/.../asp/album\_m006.asp  
 www.usp.br/.../arquivo/2006/jusp755/pag1011.htm  
 formadordeopiniao.blogspot.com/  
 www.culturabrasil.org/neocolonialismo.htm  
 www.elclarin.cl/index.php?option=com\_content...

arremacho.blogspot.com/2006\_07\_01\_archive.html  
 www.profesionalespcm.org/Argentina/Piqueteros...  
 www.sustentavel.inf.br/oktiva.net/1281/secao/4228  
 gor-contralacorriente.blogia.com/  
 contradiscurso.blogcindario.com/2005/05/00013...  
 blogdofrigeri.blogspot.com/  
 dhnet.org.br/.../pb/dhparaiba/5/alimentacao.html  
 www.ufsm.br/cepef/cambara.html

## PARA SABER MAIS SOBRE O TEMA

---

O objetivo deste suplemento é aprofundar o conhecimento dos conteúdos desenvolvidos em aula. Nele, você encontrará indicações e referências de materiais que possibilitam a discussão e oferecem elementos para a reflexão sobre os temas abordados. As obras e textos aqui listados são um complemento daqueles já citados no “Texto de Referência”.

### Livros

---

ARRIGHI, G. *O Longo Século XX, dinheiro, poder e a origem dos nossos tempos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BIELSCHOWSKY, Ricardo. *Cinquenta Anos de Pensamento na CEPAL*. Rio de Janeiro: Record, 2000. (2 volumes)

\_\_\_\_\_. *Pensamento Econômico Brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BENEDICT, R. *O Crisântemo e a Espada*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BRAUDEL, Fernand. F. *Gramática das civilizações*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

\_\_\_\_\_. *A dinâmica do capitalismo*. Lisboa: Teorema, 1989.

CARDOSO e FALETTO. *Dependência e desenvolvimento na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.



- CARDOSO, Fernando Henrique. *Mudanças sociais na América Latina*. São Paulo: Difusora Européia do Livro, 1965.
- \_\_\_\_\_. *Dependência e desenvolvimento na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- CATANI, Afrânio. *O Que É Imperialismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.
- \_\_\_\_\_. *O que É Capitalismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- CHAUÍ, Marilena. *O Que É Ideologia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.
- CUEVA, Agustín. *O desenvolvimento do capitalismo na América Latina*. São Paulo: Global, 1983.
- DEYON, P. *O mercantilismo*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- DOBB, Maurice, *A Evolução do Capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.
- DONGHI, T. H. *Historia da América Latina*. São Paulo: Paz e Terra, 1989.
- DOWBOR, Ladislau. *O que é capital*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- FERNANDES, Florestan. *Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- FURTADO, Celso. *A Pré-Revolução Brasileira*. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1962.
- \_\_\_\_\_. *O Mito do Desenvolvimento Econômico*. São Paulo: Paz e Terra, 1974.
- \_\_\_\_\_. *A hegemonia dos Estados Unidos e o subdesenvolvimento da América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- \_\_\_\_\_. *Subdesenvolvimento e estagnação na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- GALBRAITH, J.K. *Uma Viagem pelo Tempo Econômico*. São Paulo, Pioneira, 1983.
- GONZÁLEZ, Horácio. *O Que É Subdesenvolvimento*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.
- HEILBRONER, Robert. *A História do Pensamento Econômico*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- HOBSBAWN, Eric. *Era dos Extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995
- \_\_\_\_\_. *Era dos Impérios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Era do capital*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Mundos do trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo*, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1979.

- IANNI, Octávio. *Imperialismo na América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.
- LANDES, David. *A riqueza e a pobreza das nações*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- MORAES NETO, B. R. *Marx, Taylor e Ford: as forças produtivas em discussão*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- OFFE, Claus. *Problemas estruturais do Estado capitalista*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- PERRAULT, Gilles. (Org.). *O livro negro do capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- PRZEWORSKI, A. *Capitalismo e social-democracia*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- SANDRONI, Paulo. *Novíssimo dicionário de economia*. São Paulo: Best Seller, 1999.
- SINGER, Paul. *O capitalismo*. São Paulo, Moderna, 1987.
- STEINBECK, John. *As vinhas da ira*. Rio de Janeiro: Bruguera, 1972.
- SUNKEL, Oswaldo. *O marco histórico do processo de desenvolvimento e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Forum Editora, 1971.
- WEBER, Max. *História geral da economia*. São Paulo: Mestre Jou, 1968.

## Artigos

---

- AMIM, Samir. O imperialismo, passado e presente. In: *Tempo*, v. 9 n. 18 Niterói jan./jun. 2005.  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-77042005000100005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042005000100005&lng=pt&nrm=iso)
- BETHELL, Leslie. O imperialismo britânico e a Guerra do Paraguai. In: *Estud. Av.*, v. 9 n. 24, São Paulo, maio/ago. 1995.  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141995000200014&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141995000200014&lng=pt&nrm=iso)
- CASANOVA, Pablo González. O imperialismo, hoje. In: *Tempo*, v. 9, n. 18. Niterói jan./jun. 2005.  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-77042005000100004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042005000100004&lng=pt&nrm=iso)



- CENTENO, Miguel Angel e HOFFMAN, Kelly. Um continente entortado (América Latina). In: *Tempo soc.*, v. 18, n. 2. São Paulo, nov. 2006.  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702006000200002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702006000200002&lng=pt&nrm=iso)
- CEPÊDA, Vera Alvez. O legado intelectual de Celso Furtado: uma abordagem multidisciplinar e uma reflexão teórico-econômica sobre a teoria do subdesenvolvimento. In: *Rev. Bras. Ci. Soc.*, v. 21, n.61. São Paulo, jun. 2006.  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092006000200013&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092006000200013&lng=pt&nrm=iso)
- MACHADO, Luiz Toledo. A teoria da dependência na América Latina. In: *Estud. Av.*, v. 13, n. 35. São Paulo, jan./abr. 1999.  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141999000100018&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141999000100018&lng=pt&nrm=iso)
- QUIJANO, Aníbal. Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina. In: *Estud. Av.*, v. 19, n. 55. São Paulo, set./dez. 2005.  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142005000300002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142005000300002&lng=pt&nrm=iso)

## Centros de Pesquisa

---

- Centro de Estudos Marxistas/UNICAMP – <http://www.unicamp.br/cemarx/>
- NEILS – Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais da PUC-SP – <http://www.pucsp.br/neils/>
- IEA USP (Instituto de Estudos Avançados) – <http://www.iea.usp.br/iea/>
- CEGeT – Centro de Estudos da Geografia do Trabalho da UNESP – <http://www2.prudente.unesp.br/CEGET/>
- GEPAL – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a América Latina da UEL – <http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/>
- CEBRAP – Centro Brasileiro de Análise e Planejamento – <http://www.cebrap.org.br/index.asp>
- IUPERJ – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política – <http://www.iuperj.br/>
- NEC – Núcleo de Estudos Contemporâneos da UFF – <http://www.historia.uff.br/nec/>

Grupos de Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco – <http://www.propesq.ufpe.br/propesq/pesquisa/grupo.html>

CESIT – Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho da UNICAMP) – <http://www.eco.unicamp.br/cesit/index2.html>

GEEIN – Grupo de Estudos de Economia Industrial da UNESP) – <http://geein.fclar.unesp.br/Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos> – <http://www.cebela.org.br/>

Base de Dados Políticos das Américas da Georgetown University (*Political database of the Americas*) – <http://pdba.georgetown.edu/>

Centro de Estudos em Economia e Sociedade da Universidade de Cornell, EUA (Center for the Study of Economy and Society) – <http://www.economyandsociety.org/contact.shtml>

Instituto de Pesquisa em Economia Política da Universidade de Massachussets, EUA (Political Economy Research Institute) – <http://www.peri.umass.edu/>

## Filmes

---

### **Título: Queimada!**

Título Original: Quemada!

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 112 minutos

Ano de Lançamento (Itália/França): 1969

Direção: Gillo Pontecorvo

Roteiro: Franco Solinas e Giorgio Arlorio, baseado em estória de Franco Solinas e Giorgio Arlorio

Sinopse: No século XIX um representante inglês é mandado para uma ilha do Caribe que se encontra sob domínio português, para incentivar uma revolta para favorecer os negócios da coroa inglesa. Dez anos depois ele retorna, para depor quem ele colocou no poder, pois o momento econômico exige um novo quadro político na região.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/queimada/queimada.asp>)

### **Título: Walker: uma aventura na Nicarágua**

Título Original: Walker

Gênero: Drama



Ano de Lançamento (EUA): 1988

Direção: Alex Cox

Sinopse: Mostra o expansionismo dos EUA na América Central no século XIX, quando um médico, advogado e jornalista estadunidense comanda um exército de mercenários a mando de um magnata e se faz eleger presidente da Nicarágua.

(Fonte: <http://209.85.165.104/search?q=cache:tMpx28zHsKYJ:www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista/numero%25207/eg0401rc.pdf+%22Walker,+Uma+Aventura+na+Nicar%C3%A1gua%22&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=2&gl=br>)

**Título: El Salvador: o martírio de um povo**

Título Original: Salvador

Gênero: Drama

Ano de Lançamento (EUA): 1986

Direção: Alex Cox

Sinopse: A experiência de um jornalista (Richard Boyle) nos EUA durante a guerra civil em El Salvador em 1980/81. Bastante fiel aos fatos, mostrando como o povo era tratado pelo regime militar do país. Permite discutir o papel das elites terceiro-mundistas na manutenção do atraso econômico, político e social.

(Fonte: <http://209.85.165.104/search?q=cache:tMpx28zHsKYJ:www.rc.unesp.br/igce/grad/geografia/revista/numero%25207/eg0401rc.pdf+%22Walker,+Uma+Aventura+na+Nicar%C3%A1gua%22&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=2&gl=br>)

**Título: Khartoum**

Título Original: Khartoum

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 134 minutos

Ano de Lançamento (Inglaterra): 1966

Direção: Basil Dearden

Roteiro: Robert Ardrey

Sinopse: Por volta de 1880 o general inglês Charles Gordon (Charlton Heston) é mandado ao Sudão com poderes de governador geral. Seu objetivo é tentar conter se possível “Mahdi, o Esperado” (Laurence Olivier), um grande chefe de tribo que se comporta como se fosse o Messias e, clamando por uma guerra santa, quer desafiar o Egito e depois o mundo. Gordon planeja evacuar a cidade de Khartoum para evitar um massacre, mas a forma de pensar do comandante se choca com a do primeiro-ministro inglês, pondo a missão em risco. Com Laurence Olivier e Charlton Heston, recebeu uma indicação ao Oscar.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/khartoum/khartoum.asp>)

**Título: As Quatro Penas Brancas**

Título Original: The Four Feather

Gênero: Drama

Ano de Lançamento (Itália/França): 1939

Direção: Alexander Korda

Sinopse: É em meio às políticas imperialistas inglesas que se passa a história de Harry Feversham. Inspirado no clássico romance de A.E.W. Mason, o filme começa em 1875, dez anos antes da queda de Khartoum pelas mãos dos guerreiros de Mahdi e retrata as tropas de reforço incumbidas de acabar com a revolta na região, exemplificando o orgulho daqueles jovens soldados, assim como sua vulnerabilidade perante um inimigo que não teme a morte.

A história do filme é sobre Harry Feversham (John Clements), admirado por seus camaradas como um dos melhores soldados em seu regimento. Apaixonadamente devotado a sua linda futura esposa, Ethne (June Duprez), Harry tem um futuro promissor como militar e uma vida feliz o aguarda ao lado da mulher que ama. Mas quando um exército de rebeldes sudaneses ataca uma fortaleza colonial britânica em Khartoum e seu regimento é enviado para o Norte da África, Harry se vê dominado por inseguranças e incertezas e abandona seu posto quando seu regimento embarca para a guerra.

Chocado pela atitude de seu filho, o pai de Harry o repudia. Assumindo que ele tem medo, três dos amigos de Harry – e até mesmo sua noiva Ethne – lhe enviam cada um uma pena branca, um símbolo de covardia, já que ninguém consegue entender o que ele fez.

Atormentado, isolado e solitário em Londres, Harry descobre que seu melhor amigo, e seu antigo regimento sofreram um ataque brutal dos rebeldes. Instantaneamente, o elo que possui com seus camaradas o inspiram a transcender suas inseguranças e assumir uma missão que é ainda mais forte do que sua resolução contra a guerra – salvar seus amigos a qualquer custo.

Existem versões feitas em 1921, 1929 e 2000 mais nenhuma superior a esta de 1939.

(Fonte: <http://www.nostalgiaabr.com/classicos/quatropenas/quatropenas.htm>)

### **Título: Indochina**

Título Original: Indochine

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 115 minutos

Ano de Lançamento (França): 1992

Direção: Régis Wargnier

Sinopse: Na segunda metade do século XIX, países europeus, Estados Unidos e Japão envolvem-se numa disputa econômica resultante da Segunda Revolução Industrial que partilha o mundo afro-asiático. Nessa conjuntura, em 1887 a Indochina é conquistada e submetida ao colonialismo francês. A resistência nacionalista inicia-se imediatamente com um movimento de mandarins (1885-1896), para depois da I Guerra Mundial, ser liderada por jovens revolucionários de inspiração comunista e por estudantes que retornavam da França.

Na primeira metade do século XX, a Crise de 1929 afeta toda economia capitalista, provocando o crescimento da resistência nas regiões colonizadas.



Esse é o pano de fundo para o enredo, que tem início no Vietnã dos anos 30. A francesa Eliane é proprietária de um imenso seringal. Ela adota a órfã Camile, filha de um casal amigo de vietnamitas morto num acidente. A menina é educada segundo os padrões franceses e cresce se transformando em uma bela jovem. A visita inesperada do oficial da marinha Jean Baptiste desperta a paixão de Eliane. Tempos depois, também Camile apaixona-se pelo oficial, quando em plena revolução nacionalista na década de 40, Jean Baptiste é transferido para o norte do país.

(Fonte: <http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=227>)

**Título: Índia, Mistério, Amor e Guerra**

Título Original: The Far Pavillions

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 90 minutos

Ano de Lançamento (Inglaterra): 1984

Direção: Peter Duffel

Sinopse: Na Índia do século XIX, oficial inglês apaixona-se por princesa indiana em meio às rebeliões contra o domínio britânico.

(Fonte: <http://gladiator.historia.uff.br/nec//vidres.htm>)

**Título: Sangue Sobre a Índia**

Título Original: North West Frontier

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 124 minutos

Ano de Lançamento (Inglaterra): 1959

Direção: J. Lee Thompson

Sinopse: Mais uma vez, o imperialismo inglês serve de cenário para um clássico do cinema. Kenneth More esbanja seu talento nesta belíssima aventura ambientada na Índia colonial. O capitão Scott (More) é enviado ao resgate de um jovem príncipe indiano de cinco anos de idade e sua tutora americana, Catherine Wyatt (Lauren Bacall, de Dogville), quando rompe uma rebelião entre os nativos. Scott e seus homens levam o príncipe e sua tutora para as montanhas de Kalapur, 300 milhas de floresta adentro, por segurança, sob o pretexto de que, enquanto o menino estiver vivo, nenhuma rebelião será considerada bem-sucedida. Porém, o último comboio partiu e a única chance do grupo de Scott escapar dessa é a temperamental locomotiva chamada Imperatriz da Índia.

(Fonte: [http://www.2001video.com.br/detalhes\\_produto\\_extra\\_dvd.asp?produto=14439](http://www.2001video.com.br/detalhes_produto_extra_dvd.asp?produto=14439))

**Título: O Último Imperador**

Título Original: The Last Emperor

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 165 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1987

Direção: Bernardo Bertolucci

Roteiro: Mark People e Bernardo Bertolucci

Sinopse: No início do século XX, a China é retalhada pelo neocolonialismo. Neste contexto, o filme dá ênfase à crueldade do imperialismo japonês para falar da saga de Pu Yi (John Lone), o último imperador da China. Declarado imperador com apenas três anos, viveu enclausurado na Cidade Proibida até ser deposto pelo governo revolucionário, enfrentando então o mundo pela primeira vez quando tinha 24 anos. Neste período se tornou um playboy, mas logo teria um papel político quando se tornou um pseudo-imperador da Manchúria, quando esta foi invadida pelo Japão. Aprisionado pelos soviéticos, foi devolvido à China como prisioneiro político em 1950. É exatamente neste período que o filme começa, mas logo retorna a 1908, o ano em que se tornou imperador.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/ultimo-imperador/ultimo-imperador.htm>)

### **Título: 55 Dias em Pequim**

Título Original: 55 Days at Peking

Gênero: Guerra

Tempo de Duração: 147 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1963

Direção: Nicholas Ray

Roteiro: China, ano de 1900. As embaixadas estrangeiras em Pequim estão sob uma sangrenta sedição desencadeada pelos boxers, que assassinam cristãos numa violenta revolta nacionalista, ação promovida pela xenofobia da monarca (Flora Robson). Em meio ao conflito, o embaixador inglês (David Niven) se une aos membros de outras delegações, numa tentativa desesperada de resistir o sítio. A coragem e liderança de um fuzileiro naval dos EUA (Charlton Heston), são a única esperança para escapar desta armadilha. Enquanto isso, uma bela condessa russa (Ava Gardner) deverá escolher entre a liberdade e seu compromisso. 55 Dias em Pequim é uma clássica superprodução (grandiosa por seus cenários que reinventavam Pequim nas proximidades de Madri), uma epopéia de Hollywood conhecida como uma das mais interessantes superproduções de Samuel Bronston (El Cid) e filmada integralmente na Espanha (por suas vantagens econômicas).

(Fonte: <http://tudonoar.uol.com.br/tudonoar/detalheFicha.aspx?fichaID=43423>)

### **Título: O Último Samurai**

Título Original: The Last Samurai

Gênero: Aventura

Tempo de Duração: 144 minutos



Ano de Lançamento (EUA): 2003

Direção: Edward Zwick

Roteiro: John Logan, Marshall Herskovitz e Edward Zwick, baseado em estória de John Logan

Sinopse: Em 1870 é enviado ao Japão o capitão Nathan Algren (Tom Cruise), um conceituado militar norte-americano. A missão de Algren é treinar as tropas do imperador Meiji (Shichino-suke Nakamura), para que elas possam eliminar os últimos samurais que ainda vivem na região. Porém, após ser capturado pelo inimigo, Algren aprende com Katsumoto (Ken Watanabe) o código de honra dos samurais e passa a ficar em dúvida sobre que lado apoiar.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/ultimo-samurai/ultimo-samurai.asp>)

#### **Título: Zulu**

Título Original: Zulu

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 243 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1964

Direção: Cy End Field

Sinopse: Em 1879, na África, soldados ingleses em minoria defendem forte ataque de guerrilheiros zulus. Episódio verídico da história da colonização britânica, com belas imagens.

(Fonte: <http://gladiator.historia.uff.br/nec//vidres.htm>)

#### **Título: Entre Dois Amores**

Título Original: Out of Africa

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 162 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1985

Direção: Sydney Pollack

Roteiro: Kurt Luedtke, baseado nas memórias de Isak Dinesen

Sinopse: Nos anos 20, Karen Blixen (Meryl Streep), uma rica dinamarquesa, vai morar em uma fazenda de café no Quênia com Bror Blixen-Finecke (Klaus Maria Brandauer), um barão com quem se casou por conveniência. Sendo mais amigos que amantes, o casal acaba se separando e enquanto ele vai embora ela continua trabalhando e se adaptando ao novo lar. Até que conhece Denys Finch Hatton (Robert Redford), um aventureiro e aristocrata inglês com quem tem um forte envolvimento e se torna o grande amor da sua vida.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/entre-2-amores/entre-2-amores.htm>)

#### **Título: 1900**

Título Original: Novecento

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 134 min.

Ano de Lançamento (Itália/Alemanha/França): 1976

Direção: Bernardo Bertolucci

Sinopse: O filme faz uma retrospectiva histórica da Itália desde o início do século XX até o término da Segunda Guerra Mundial, com base na vida de Olmo, filho bastardo de camponeses, e Alfredo, herdeiro de uma rica família de latifundiários. Apesar da amizade desde a infância, a origem social fala mais alto e os coloca em pólos política e ideologicamente antagônicos.

Através da vida de Olmo e Alfredo, o filme retrata o intenso cenário político que marcou a Itália e o mundo nas primeiras décadas desse século, representado pelo fortalecimento das lutas trabalhistas ligadas ao socialismo em oposição à ascensão do fascismo.

“Novecento” tornou-se um épico aclamado no mundo inteiro, sendo considerado pela crítica internacional como uma das principais obras do grande cineasta italiano Bernardo Bertolucci. (Fonte: <http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=170>)

### Título: Os Miseráveis

Título Original: Les Misérables

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 131 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1998

Direção: Billie August

Roteiro: Rafael Yglesias, baseado em livro de Victor Hugo

Sinopse: Baseado na obra homônima de Victor Hugo, destaca a situação social francesa no século XIX. Após cumprir 19 anos de prisão com trabalhos forçados por ter roubado comida, Jean Valjean (Liam Neeson) é acolhido por um gentil bispo (Peter Vaughan), que lhe dá comida e abrigo. Mas havia tanto rancor na sua alma que no meio da noite ele rouba a prataria e agride seu benfeitor, mas quando Valjean é preso pela polícia com toda aquela prata ele é levado até o bispo, que confirma a história de lhe ter dado a prataria e ainda pergunta por qual motivo ele esqueceu os castiçais, que devem valer pelo menos dois mil francos. Este gesto extremamente nobre do religioso devolve a fé que aquele homem amargurado tinha perdido. Após nove anos ele se torna prefeito e principal empresário em uma pequena cidade, mas sua paz acaba quando Javert (Geoffrey Rush), um guarda da prisão que segue a lei inflexivelmente, tem praticamente certeza de que o prefeito é o ex-prisioneiro que nunca se apresentou para cumprir as exigências do livramento condicional. A penalidade para esta falta é prisão perpétua, mas ele não consegue provar que o prefeito e Jean Valjean são a mesma pessoa. Neste meio tempo uma das empregadas de Valjean (que tem uma filha que é cuidada por terceiros) é despedida, se vê obrigada a se prostituir e é presa. Seu ex-patrão descobre o que acontecera, usa sua autoridade para libertá-la e a acolhe em sua casa, pois ela está muito doente. Sentindo que ela pode morrer ele promete cuidar da filha, mas antes de pegar a criança sente-se obrigado a revelar sua identidade para evitar que um prisioneiro, que acreditavam ser ele, não fosse preso no seu lugar. Deste momento em diante Javert volta a perseguí-lo, a mãe da menina morre mas sua filha é resgatada por Valjean, que foge com a



menina enquanto é perseguido através dos anos pelo implacável Javert.  
(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/miseraveis-98/miseraveis-98.asp>)

**Título: Rocco e Seus Irmãos**

Título Original: Rocco i Suoi Fratelli

Gênero: Aventura

Tempo de Duração: 182 minutos

Ano de Lançamento (Itália/França): 1960

Direção: Luchino Visconti

Sinopse: Em busca de uma vida melhor a viúva Rosaria Parondi e seus filhos – Rocco, Simone, Vincenzo, Ciro e Luca, partem da miserável Sicília (Sul da Itália) para a industrial Milão. Na cidade grande, cada irmão segue um rumo diferente. Simone (Renato Salvatori) tenta ganhar a vida como pugilista enquanto Rocco (Alain Delon) sonha em voltar à sua terra natal. Quando Simone é abandonado pela amante, que se envolve com Rocco, tem início a degradação de uma família corrompida pelos valores e costumes de uma sociedade hostil. O capitalismo italiano permeia esse épico em que uma família de imigrantes do sul passa por um doloroso processo de desagregação tentando adaptar-se à vida de uma grande cidade industrial do norte.

(Fonte: <http://www.webcine.com.br/filmessc/rocirmao.htm>)

**Título: Milagre em Milão**

Título Original: And Starring Pancho Villa as Himself

Gênero: Drama

Ano de Lançamento (Itália): 1951

Direção: Vittorio De Sica

Sinopse: Fábula clássica de Vittorio De Sica, premiada com a Palma de Ouro de Melhor Filme no Festival de Cinema de Cannes em 1951. Totò (Francesco Golisano) é um órfão que, quando bebê, foi descoberto por Dona Lolotta (Emma Gramatica) em sua horta. A generosa velhinha cria o menino em seu espírito de bondade e pureza de coração. Quando ela morre, Totò passa anos em um orfanato, de onde sai com o ímpeto irresistível de ajudar os miseráveis “sem-teto”, que vivem num terreno ocupado na periferia de Milão. Entretanto, após descobrirem petróleo no terreno, a felicidade dos moradores é ameaçada pelo proprietário (o milionário Mobbi), que manda a polícia evacuar o local. Em *Miracolo a Milano*, o milionário Mobbi (Guglielmo Bernabò) é apresentado como uma entidade totalitária, tecnocrática, anti-humana (ele usa um “homem-barômetro” amarrado à fachada de seu palácio. Dois servidores devem soprar suas mãos na noite gelada. E ele comanda pessoalmente as operações de milícia contra os moradores de seus terrenos). Ora, quando tudo parece perdido, Totó recebe um presente dos céus: Lolotta, que se revela uma espécie de anjo-da-guarda do filho adotivo, deixa-lhe uma pomba com poderes milagrosos. “Milagre em Milão” marca o apogeu da parceria entre o roteirista Cesare Zavattini e o cineasta Vittorio De Sica, que juntos fizeram “Ladrões de Bicicleta”, “Umberto D”, “Vítimas da Tormenta”, entre outros filmes memoráveis. Neste filme, De Sica incorpora um caráter fantástico em seu estilo neo-realista. A música-tema original, de

Alessandro Cicognini, é quase um hino dos “sem-teto”, proletários miseráveis, excluídos da riqueza social do mundo burguês.

(Fonte: <http://www.telacritica.org/letraM.htm#milagre>)

### **Título: E Estrelando Pancho Villa**

Título Original: And Starring Pancho Villa as Himself

Gênero: Aventura

Tempo de Duração: 112 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 2003

Direção: Bruce Beresford

Roteiro: Larry Gelbart

Sinopse: Para bancar seu exército na luta contra o presidente mexicano, Pancho Villa firma com um estúdio de Hollywood um contrato que permite as filmagens de suas batalhas. Janeiro, 1914, Forte Lee, Nova Jersey, capital mundial do cinema. O diretor D.W. Griffith (Colm Feore) fica sabendo que o revolucionário mexicano Pancho Villa (Antonio Banderas) está oferecendo os direitos exclusivos ao estúdio de cinema que tiver interesse em filmar seu exército revolucionário em ação contra as forças federais do despótico presidente do México, Victoriano Huerta (José Concepción Macías). Ele venderá estes direitos por US\$ 25 mil, em ouro, adiantados e mais 20% dos lucros. A razão desta atitude é que Pancho descobriu que está sem dinheiro para combater o exército de Huerta, pois uma campanha promovida pelo magnata William Randolph Hearst (Peter Gregory), que controla vários jornais, gerou um embargo imposto pelo presidente Wilson. Assim Pancho está sendo obrigado a comprar armas e munições no mercado negro, o que onera seus custos. Griffith se interessa pela proposta, pois considera Pancho um astro por estar sempre nas capas dos jornais. Ele então envia Frank Thayer (Eion Bailey) e uma equipe de cinema para Presidio, Texas, nas margens do Rio Grande, que é a fronteira entre o Texas e o México. Neste local há um terraço de onde se pode ver combates entre o exército de Pacho e as forças do governo. Deste terraço Eli Morton (Saul Rubinek), o contato de Frank na região, faz um sinal que significa que o representante do estúdio está ali. À noite Thayer é “contrabandeado” para o México, onde após um desentendimento o contrato é assinado. Harry Aitken (Jim Broadbent), o chefe do estúdio, convoca a imprensa e diz que Pancho Villa foi contratado. Logo Frank e sua equipe estão filmando no meio do combate, com balas passando perto de suas cabeças, mas o resultado não é o esperado, pois a filmagem foi feita em condições precárias. Então outro contrato é feito nas mesmas condições, mas Pancho se compromete a filmar com um diretor e elenco profissional todas as cenas que não ficarem boas.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/e-estrelando-pancho-villa/e-estrelando-pancho-villa.htm>)



**Título: Os Companheiros**

Título Original: I Compagni

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 130 min.

Ano de Lançamento: 1963

Direção: Mario Monicelli

Sinopse: Professor percorre a Itália espalhando seu sonho de conscientização política e mobilização dos trabalhadores. Seu esforço culmina numa greve por redução da jornada e melhores salários.

(Fonte: [http://cartamaior.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=11300](http://cartamaior.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=11300))

**Título: Meu Tio**

Título Original: Mon Oncle

Gênero: Comédia

Tempo de Duração: 126 min.

Ano de Lançamento (França): 1958

Direção: Jacques Tati

O filme é uma crítica de Jacques Tati ao excesso de preocupação com bens materiais. Monsieur Hulot se atrapalha com o futurismo exagerado da casa do cunhado, mas conquista o sobrinho com seu estilo desligado e simples. Retrata de forma leve a geração do Pós-Segunda Guerra.

(Fonte: <http://www.historiadaarte.com.br/filmografia.html>)

**Título Original: Braços Cruzados, Máquinas Paradas**

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 76 min.

Ano de Lançamento: 1979

Direção: Roberto Gervitz, Sérgio Toledo

Sinopse: Trata da estrutura sindical brasileira, com trechos de filmes da época em que foi criado o Estado Novo. Mostra a campanha eleitoral das três chapas que disputam, em maio de 1978, a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e as greves que eclodem durante a campanha sindical. Discute o movimento grevista, seu enquadramento na Legislação Sindical vigente, as propostas das chapas em disputa, bem como as reações dos setores governamentais e empresariais ao movimento. Documenta as eleições sindicais e seu desfecho, com a vitória da chapa da situação. Paralelamente à ação dos metalúrgicos mostra o surgimento de outras manifestações populares como a do Movimento do Custo de Vida, em setembro de 1978. Se encerra com a greve geral dos metalúrgicos paulistas ocorrida em novembro daquele ano.

(Fonte: [http://www.fundacaoastrojildo.org.br/filmes/filmes\\_abrir.asp?cod\\_filme=211](http://www.fundacaoastrojildo.org.br/filmes/filmes_abrir.asp?cod_filme=211))

**Título Original: Chapeleiros**

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 25 min.

Ano de Lançamento: 1983

Direção: Adrian Cooper

Sinopse: Documentário que mostra o dia-a-dia do trabalho na fábrica dos elegantes chapéus Cury, de Campinas. Segundo o diretor, o ambiente o fez lembrar dos relatos sobre os tempos iniciais da Revolução Industrial, tamanha precariedade.

(Fonte: [http://cartamaior.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=11300](http://cartamaior.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=11300))

**Título Original: Greve**

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 38 min.

Ano de Lançamento: 1979

Direção: João Batista de Andrade

Sinopse: Em 1979, metalúrgicos do ABC realizam a greve que inaugurou o chamado novo sindicalismo e estremeceu o moribundo regime militar. Lula e outras lideranças enfrentam também a intervenção federal no sindicato.

(Fonte: [http://cartamaior.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=11300](http://cartamaior.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=11300))

**Título Original: Peões**

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 85 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2004

Direção: Eduardo Coutinho

Sinopse: A história pessoal de trabalhadores da indústria metalúrgica do ABC paulista que tomaram parte no movimento grevista de 1979 e 1980, mas permaneceram em relativo anonimato. Eles falam de suas origens, de sua participação no movimento e dos caminhos que suas vidas trilharam desde então. Exibem souvenirs das greves, recordam os sofrimentos e recompensas do trabalho nas fábricas, comentam o efeito da militância política no âmbito familiar, dão sua visão pessoal de Lula e dos rumos do país.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/peoes/peoes.htm>)

**Título: Escândalo, Pavor e Chamas**

Título Original: The Triangle Factory Fire Scandal

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 100 minutos



Ano de Lançamento (EUA): 1979

Direção: Mel Stuart

Sinopse: Baseado no incêndio que, em 14 de março de 1911, matou 146 trabalhadoras de tecelagem em Nova York. A história começa a ser contada um dia antes do acidente, quando quatro mulheres relatam seus sonhos.

(Fonte: <http://www.historia.uff.br/nec/vidresist.htm>)

### **Título: O Salário do Medo**

Título Original: Le Salaire De La Peur

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 148 minutos

Ano de Lançamento (França / Itália): 1953.

Direção: Henri-Georges Clouzot

Roteiro: Henri-Georges Clouzot e Jérôme Geronimi, baseado em livro de Georges Arnaud

Sinopse: No quente e poeirento vilarejo de Las Piedras a pobreza está em cada lugar que se olha. Os homens se queimam debaixo de um sol abrasador, enquanto as mulheres fazem as tarefas delas e crianças semi-nuas brincam nas ruas barrentas. A cidade é controlada pela Southern Oil Company (S.O.C.), que lucra às custas da segurança dos aldeões. A uma certa distância de Las Piedras um incêndio num poço de petróleo está incontrolável, assim o chefe americano da S.O.C. na região, Bill O'Brien (William Tubbs), decide parar o incêndio provocando um explosão. Para tanto O'Brien envia dois caminhões, cada um com dois motoristas e quatrocentos litros de nitroglicerina. O risco é tanto que O'Brien ficará satisfeito se um dos caminhões chegar ao destino, pois não há dispositivo de segurança e a estrada é péssima, assim o menor erro irá provocar uma explosão. Para motivar os motoristas, Bill vai pagar para cada um US\$ 2 mil. Após testar as habilidades deles no caminhão, Bill escolhe Mario (Yves Montand), Bimba (Peter van Eyck), Smerloff (Jo Dest) e Luigi (Folco Lulli). Um gângster francês fugitivo, Jo (Charles Vanel), é dispensado, para o desânimo de Mario, que admira muito sua coragem. Apesar de respeitar Jo, Bill lhe explica que não o escolheu por ele estar muito velho para este trabalho, mas promete que se alguém desistir o emprego é dele. Os escolhidos na hora da partida reparam que Smerloff ainda não veio e, de forma suspeita e conveniente, Jo aparece, usando como pretexto se despedir de Mario. Considerando que Smerloff parece ter desaparecido, Jo fica com seu trabalho. Bill estipula que os caminhões partirão com uma diferença de meia hora entre eles, para prevenir caso aconteça algum acidente. Mario e Jo saem na frente, mas logo no início do percurso Jo se sente indisposto e pára o caminhão. Em pouco tempo são alcançados por Bimba e Luigi, que passam a ir na frente. Mas o verdadeiro problema deles surge quando obstáculos começam a aparecer, sendo que o primeiro é uma íngreme montanha.

A sociedade burguesa hiper-tardia é uma sociedade do risco e do medo. É claro que risco, medo e precariedade são determinações estruturais do trabalho vivo nas condições socio-históricas do modo de produção capitalista. Eles têm caracterizado a sociabilidade capitalista

desde seus primórdios. Entretanto, nos últimos trinta anos de crise estrutural do capital, situações de risco e de medo têm assumido dimensões ampliadas no mundo do trabalho e da reprodução social. Surgem múltiplas formas qualitativamente novas de risco e insegurança do trabalho: insegurança no emprego, no salário, na seguridade social e na representação sindical, como podemos observar não apenas nos países capitalistas do Terceiro Mundo, mas hoje também, do Primeiro Mundo. Entretanto, insegurança e precariedade atingem também a dimensão da subjetividade do homem, instituindo formas particulares-concreta de sociometabolismo da barbárie. Podemos até dizer que hoje, o medo tende a ser o afeto da alma humana capaz de constituir a mediação subjetiva das novas formas do consentimento do capitalismo global. Assume várias formas de ser, de acordo com a experiência de vida e as múltiplas temporalidades – passado, presente e futuro – do sujeito estranhado. Ele assume novas configurações psicossociais nas condições históricas da sociedade mercantil desenvolvida e nas subjetividades complexas.

(Fonte: <http://www.telacritica.org/salario.htm>)

### **Título: A Nós, a Liberdade**

Título Original: À Nous la Liberté

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 83 minutos

Ano de Lançamento (França): 1931

Direção: René Clair

Roteiro: René Clair

Sinopse: Um industrial é chantageado por causa do seu passado, recebendo então a ajuda de um antigo companheiro de prisão. Encantadora comédia satírica em estilo opereta, dirigido e escrito por René Clair, um dos mais admirados cineastas franceses de todos os tempos, o primeiro a ser eleito para a Academia Francesa. “A Nós a Liberdade” influenciou decisivamente Charles Chaplin ao fazer Tempos Modernos, tornando-se também uma poderosa denúncia à sociedade moderna mecanizada. Filme clássico, expressa uma crítica aguda à vida burguesa, baseada no trabalho estranhado e na negação do ócio, e à ideologia do amor romântico, uma das ideologias da modernidade do capital.

(Fonte: [http://www.2001video.com.br/detalhes\\_produto\\_extra\\_dvd.asp?produto=7659](http://www.2001video.com.br/detalhes_produto_extra_dvd.asp?produto=7659))

### **Título: Paris Adormecida**

Gênero: Drama

Ano de Lançamento (França): 1923

Direção: René Clair

Roteiro: René Clair

Sinopse: Um raio invisível de um cientista louco (o Professor X) adormece Paris, deixando todos os habitantes da capital da França mergulhados num sono letárgico. Apenas Albert, que



estava no alto da Torre Eiffel e os passageiros de um vôo, que aterriza em Paris, escaparam do sinistro plano. Primeiro filme do cineasta René Clair que, com ironia e poesia, registrou a Paris dos anos 1920. Pequeno clássico de Clair, cineasta da vanguarda surrealista, que expressa com genialidade, através desta ficção-científica, a crise de civilização (e de sentido de realidade) que atingia a sociedade burguesa européia do pós-I guerra Mundial. Através de suas alegorias criativas, os surrealistas como Clair buscavam expressar a aguda perda de afetividade que o metabolismo do capital promove.

(Fonte: <http://www.telacritica.org/letraP.htm#Paris>)

**Título: Soberba**

Título Original: The Magnificent Ambersons

Gênero: Drama

Ano de Lançamento (EUA): 1942

Direção: Orson Welles

Sinopse: Na Indianápolis do final do século XIX, a família Amberson se revela relutante em acompanhar as mudanças do mundo industrializado. Primeiro, Isabel Amberson (interpretada por Dolores Costello) deixa de casar com a grande paixão de sua vida em razão de preconceitos aristocráticos (numa serenata, houve um pequeno acidente, que fez com que ela se sentisse ridícula e acabasse rejeitando Eugene, o homem que amava, casando-se com Wilbur Minafer). Anos depois, Eugene (Joseph Cotten), que se tornara um grande homem de negócios, regressa à cidade com sua filha Lucy. Após a morte de Wilbur, o amor entre Eugene e Isabel reacende, mas George, por pura estupidez, faz de tudo para sabotar o romance. Em The Magnificent Ambersons, George Amberson é a expressão da cegueira histórica e do reacionarismo das classes aristocráticas, incapazes de terem a percepção de futuro e das mudanças das coisas. No caso de George, colocam-se não apenas contra o progresso da civilização, mas do amor de um homem e de uma mulher. Em dado momento, Eugene observa: “Talvez George não esteja errado sobre os automóveis. Com todos os avanços, talvez seja um passo atrás para a civilização. Talvez nada acrescentem às belezas do mundo ou à alma do homem. Mas em alguns anos tudo será diferente por causa deles. Vão mudar a guerra e irão mudar a paz. Acho que a mentalidade humana vai mudar por causa dos automóveis.”

(Fonte: <http://www.telacritica.org/letraS.htm#sob>)

**Título: A Terra Treme**

Título Original: Terra trema: Episodio del mare, La, 1948

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 152 minutos

Ano de Lançamento (Itália): 1948

Direção: Luchino Visconti

Sinopse: Jovem pescador se revolta contra a exploração de seus superiores e decide trabalhar

por contra própria. Porém, com esta decisão, ele vai enfrentar um império, ao mesmo tempo em que se depara com as dificuldades de uma realidade ainda mais dura.

(Fonte: <http://www.cineplayers.com/filme.php?id=1537>)

**Título: Arroz Amargo**

Título Original: Riso Amaro

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 105 minutos

Ano de Lançamento (Alemanha): 1949

Direção: Giuseppe De Santis

Sinopse: Um dos maiores clássicos do neo-realismo italiano, sua história gira em torno do triângulo amoroso formado pelo golpista Walter, sua amante Francesca e a bela e inocente Silvana, tendo como pano de fundo a colheita de arroz feita por centenas de mulheres no miserável Vale do Pó, no interior da Itália.

(Fonte: [http://www.2001video.com.br/detalhes\\_produto\\_extra\\_dvd.asp?produto=6932](http://www.2001video.com.br/detalhes_produto_extra_dvd.asp?produto=6932))

**Título: Ladrões de Bicicleta**

Título Original: Ladri di Biciclette

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 88 minutos

Ano de Lançamento (Alemanha): 1948

Direção: Vittorio de Sica

Sinopse: Um operário desempregado consegue uma vaga na prefeitura como colocador de cartazes. Para retirar a bicicleta penhorada, a sua esposa empenha os lençóis. Porém, no primeiro dia de trabalho têm a sua bicicleta furtada. Sai com seu filho a procura nos revendedores de bicicletas usadas. Consegue avistar o ladrão, perseguindo-o por toda Roma num dia de domingo, sem conseguir prendê-lo. Desesperado pela indiferença e zombaria das pessoas, resolve então, roubar uma bicicleta. Totalmente desajeitado é imediatamente preso. Com um final surpreendente onde a solidariedade entre as pessoas impera.

(Fonte: [http://www.2001video.com.br/detalhes\\_produto\\_extra\\_dvd.asp?produto=4531](http://www.2001video.com.br/detalhes_produto_extra_dvd.asp?produto=4531))

**Título: O Encouraçado Potemkin**

Título Original: Bronenosets Potyomkin

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 74 minutos

Ano de Lançamento (Rússia): 1925

Direção: Sergei Eisenstein

Roteiro: Nina Agadzhanova e Sergei Eisenstein

Sinopse: Em 1905, na Rússia czarista, aconteceu um levante que pressagiou a Revolução de



1917. Tudo começou no navio de guerra Potemkin quando os marinheiros estavam cansados de serem maltratados, sendo que até carne estragada lhes era dada com o médico de bordo insistindo que ela era perfeitamente comestível. Alguns marinheiros se recusam em comer esta carne, então os oficiais do navio ordenam a execução deles. A tensão aumenta e, gradativamente, a situação sai cada vez mais do controle. Logo depois dos gatilhos serem apertados Vakulinchuk (Aleksandr Antonov), um marinheiro grita para os soldados e pede para eles pensarem e decidirem se estão com os oficiais ou com os marinheiros. Os soldados hesitam e então abaixam suas armas. Louco de ódio, um oficial tenta agarrar um dos rifles e provoca uma revolta no navio, na qual o marinheiro é morto. Mas isto seria apenas o início de uma grande tragédia.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/encouracado-potemkin/encouracado-potemkin.htm>)

### **Título: O Diabo a Quatro**

Título Original: Duck Soup

Gênero: Comédia

Ano de Lançamento (EUA): 1933

Direção: Leo McCarey

Sinopse: O pequeno país Freedonia está em enorme crise financeira. A Sra. Teadstale aceita doar 20 milhões de dólares aos caixas se o excêntrico e maluco Rufus T. Firefly (Groucho Marx) for eleito presidente. Para piorar as coisas, o país vizinho Sylvania envia dois espões (Chicolini e Pinky, respectivamente Chico e Harpo Marx) para obterem informação sigilosa, enquanto uma guerra pode ser travada se os líderes dos dois países não decidirem quem casará com a Sra. Teasdale. Duck Soup é puro humor anárquico dos Irmãos Marx. Através de diálogos tão hilariantes e corrosivos com as instituições políticas e morais da sociedade burguesa, Groucho, Chico e Harpo (e Zeppo), divertem o público em plena depressão capitalista da década de 1930. De certo modo, é um humor anárquico e mordaz com a elite política e militar. O espírito belicista pairava no ar na década de 1930. Parecia prenunciar, em 1933, a verdadeira saída para a grande depressão capitalista – a guerra.

(Fonte: <http://www.telacritica.org/letraD.htm#diabo>)

### **Título: Uma Noite na Ópera**

Título Original: Duck Soup

Gênero: Comédia

Ano de Lançamento (EUA): 1935

Direção: Sam Wood

Sinopse: Um astuto empresário, interpretado por Groucho Marx, e seus dois amigos amalucados (Harpo e Chico Marx), resolvem ajudar um jovem casal de cantores líricos apaixonados a fazerem sucesso na Ópera de Nova York. Atrapalham os planos do esnobe e presunçoso canto lírico Rododlfo Lasparri e de seu agente, Herman Gottlieb. A Night at the Opera é uma comédia clássica dos Irmãos Marx de 1935, o primeiro de sua fase na MGM. Irreverência anárquica e

ironia ácida contra os costumes e a mediocridade social da América high society. A cena do contrato (a cláusula de sanidade), a da cabine no navio (onde sempre cabe mais um...), e a cena da Ópera (onde Harpo e Chico implantam a desordem geral), são gags magistrais, de um humor galhofeiro, non-sense, anárquico e ácido contra os rituais hipócritas da high society da burguesia. Atentando contra os pilares da propriedade privada (o que é mais sagrado que um contrato?) e a hierarquia social (o que é mais hierarquizado que uma Orquestra Sinfônica?), os Irmãos Marx desencantam com humor anárquico o modus operandi do metabolismo social do capital.

(Fonte: <http://www.telacritica.org/letraN.htm#marx>)

### **Título: Dogville**

Título Original: Dogville

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 177 minutos

Ano de Lançamento (França): 2003

Direção: Lars Von Trier

Roteiro: Lars Von Trier

Sinopse: Anos 30, Dogville, um lugarejo nas Montanhas Rochosas. Grace (Nicole Kidman), uma bela desconhecida, aparece no lugar ao tentar fugir de gangsteres. Com o apoio de Tom Edison (Paul Bettany), o auto-designado porta-voz da pequena comunidade, Grace é escondida pela pequena cidade e, em troca, trabalhará para eles. Fica acertado que após duas semanas ocorrerá uma votação para decidir se ela fica. Após este «período de testes» Grace é aprovada por unanimidade, mas quando a procura por ela se intensifica os moradores exigem algo mais em troca do risco de escondê-la. É quando ela descobre de modo duro que nesta cidade a bondade é algo bem relativo, pois Dogville começa a mostrar seus dentes. No entanto Grace carrega um segredo, que pode ser muito perigoso para a cidade.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/dogville/dogville.asp>)

### **Título: Manderlay**

Título Original: Manderlay

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 139 minutos

Ano de Lançamento (Dinamarca / Holanda / Inglaterra / Suécia / França / Alemanha): 2005

Direção: Lars von Trier

Roteiro: Lars von Trier

Sinopse: Após deixarem para trás a cidade de Dogville, Grace (Bryce Dallas Howard) e o pai (Willem Dafoe) acabam por acaso nos portões da fazenda de Manderlay, no sul dos Estados Unidos. Lá Grace descobre uma estrutura escravagista em pleno funcionamento, apesar de estarmos em 1933, quando já fora abolida a escravatura. Ela se envolve então nas relações



entre os empregados negros e seus patrões, apenas para descobrir que os laços que regem estas relações são bem mais complexos do que ela pensava.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/manderlay/manderlay.htm>)

**Título: Os Deuses Devem Estar Loucos**

Título Original: The Gods Must Be Crazy

Gênero: Comédia

Tempo de Duração: 108 minutos

Ano de Lançamento (Botsuana/África do Sul): 1980

Direção: Jamie Uys

Roteiro: Jamie Uys

Sinopse: Após uma garrafa de Coca-Cola ser jogada de um avião sobre uma tribo africana, seus habitantes passam a considerá-la um presente dos deuses. Logo a garrafa gera uma série de conflitos, fazendo com que um nativo seja encarregado de devolvê-la. Trata-se de uma comédia interessante que possibilita a reflexão a respeito do capitalismo e como ele adentra e modifica culturas.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/deuses-devem-estar-loucos/deuses-devem-estar-loucos.htm>)

**Título: Koyaanisqatsi – Uma Vida Fora de Equilíbrio**

Título Original: Koyaanisqatsi – Life out of Balance

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 87 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1983

Direção: Godfrey Reggio

Sinopse: O diretor Godfrey Reggio filmou em locações por todos os EUA em busca de cenas da natureza ou espaços com intervenções do homem que mostrem desequilíbrio. Em imagens arrebatadoras, em câmera lenta ou acelerada, Reggio desfila um admirável mundo novo, sem qualquer diálogo, que é comentado de forma inesperável pela trilha sonora do compositor Philip Glass.

(Fonte: <http://www.e-petropolis.com.br/cultvideo/busca2.php?tipo1=02&genero1=05>)

**Título: Powaqatsi – Vida em Transformação**

Título Original: Powaqatsi

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 90 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1988

Direção: Godfrey Reggio

Sinopse: Imagens e sons reconstróem a diversidade cultural e social do mundo. Uma continuação de Koyaanisqatsi, o filme utiliza imagens fortes como as de Serra Pelada, no

Brasil, para destacar movimentos de massas e o capitalismo impresso nas paisagens do terceiro mundo.

(Fonte: <http://www.e-petropolis.com.br/cultvideo/busca2.php?tipo1=02&genero1=05>)

## Programas de TV

---

### Programa Roda Viva – TV Cultura:

Roda Viva com Francisco de Oliveira: 01/12/2003

(<http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/resultado.asp?programa=877>)

Roda Viva com Amartya Sen, Prêmio Nobel de Economia: 22/01/2001

(<http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/resultado.asp?programa=735>)

Roda Viva com Bolivar Lamounier: 21/11/2005

(<http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/resultado.asp?programa=981>)

### Série Alô Escola – TV Cultura:

#### Conferência de Bandung

Realização: TV Cultura – 1995

Roteiro: Fernando Navarro, Dora Karam

(Fonte: <http://www.tvcultura.com.br/aloescola/historia/cenasdoseculo/internacionais/conferenciadebandung.htm>)

## Músicas

---

Canção *Admirável Gado Novo*. Zé Ramalho, 1997.

Canção *Deus Lhe Pague*. Chico Buarque e MPB4, 1971.

Canção *Soy Loco Por ti America*. Gilberto Gil, 1987.

Canção *Brejo da Cruz*. Chico Buarque, 1984.

Álbum *Cantata sudamericana*. Mercedes Sosa, 1972.



Canção *Capitão de Indústria*. Paralamas do Sucesso, 1996.

Canção *Operário Brasileiro*. Jair Rodrigues, 1994.

Canção *Homem Primata*. Titãs, 1986.

Canção *Disseram Que Eu Voltei Americanizada*. Carmen Miranda. Composição: Luiz Peixoto e Vicente Paiva, 1940. Interpretação: gravações recentes de Caetano Veloso, Maria Bethânia e Adriana Calcanhoto.

## Poesia

---

*O Operário em Construção*. In MORAES, Vinícius de. *Nossa Senhora de Paris*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1987.



## LINHA DO TEMPO

---

### Século XI a XIV

- desagregação do sistema feudal;

### Século XVI a XVIII

- transição para o capitalismo;
- acumulação primitiva;
- Estados Absolutistas;
- gestação de uma economia-mundo.

### 1780 – 1840

- primeira Revolução Industrial.

### 1848 – 1914

- vigência da Pax Britânica com expansão do capitalismo;
- consolidação da divisão internacional do trabalho;
- formação dos grandes blocos de capital financeiro; e
- expansão do imperialismo moderno.

### 1914 a 1917

- I Guerra Mundial (destruição e morte em volumes nunca vistos) e derrota da Alemanha.



### 1917

- revolução socialista russa com espalhamento rápido e formação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

### 1917 a 1929

- período do entreguerras.
- Alemanha derrotada e humilhada é obrigada a pagar valores elevados em indenizações de guerra a outros países europeus.
- fortalecimento estadunidense e declínio da hegemonia inglesa.
- surgimento do *american way of life*, do consumo de massa e difusão do rádio.

### 1929 a 1933

- Crise de 1929 – Europa e Estados Unidos fragilizados por uma crise financeira sem precedentes.

### 1933 a 1939

- ascensão de Hitler e do nazismo na Alemanha seguida de forte retomada do crescimento econômico no país.
- *New Deal* nos Estados Unidos forjando a superação da Crise de 1929.
- os danos sociais da crise permitiram o surgimento de um pensamento burguês não-liberal (Keynes e outros);

### 1939 a 1945

- II Guerra Mundial. A primeira guerra motorizada e com uso de armas de destruição em massa.
- em meio a guerra, tem início as conversações de alto nível que levarão à construção da Organização das Nações Unidas – ONU e dos órgãos financeiros internacionais, como Fundo Monetário Internacional – FMI e Banco Mundial.

### 1945 a 1973

- entre 1948 e 1952 o Plano Marshall introduziu na Europa cerca de US\$ 14 bilhões para a reconstrução, algo estimado, em dinheiro de hoje, em US\$ 150 bilhões.



- surgimento da Guerra Fria e a divisão do mundo em blocos.
- no Ocidente democrático-liberal: espalhamento do padrão industrial norte-americano (*american way of life*), crescimento do número e do volume de negócios das empresas multinacionais e reconstrução da Europa;
- consolidação da Segunda Revolução Industrial e, devido a situação histórica, constituição do Estado de Bem-Estar Social (países desenvolvidos) e dos Trinta Anos Dourados do capitalismo (as políticas keynesianas pareciam ter dominado os ciclos e os problemas mais graves do capitalismo dos países desenvolvidos); e
- o sistema financeiro mundial (de Bretton Woods) criado após a guerra tem plena vigência.

### 1973 a 1980

- derrocada do sistema de Bretton Woods gerada pela nova nação hegemônica (Estados Unidos);
- crise do petróleo; e
- início do processo de abertura dos mercados financeiros internacionais e da desregulamentação financeira.

### 1980 a 1990

- Estados Unidos elevam juros e abrem mercado financeiro (são acompanhados por demais países ricos, gerando um processo de globalização financeira e recessão);
- reação de Japão e Alemanha inicia e conduz a globalização produtiva;
- implementação das teses propostas pelas políticas neoliberais de ampliação e espalhamento da desregulamentação financeira, expansão das multinacionais e do comércio mundial, trazendo como conseqüência a elevação e a ampliação das desigualdades entre e intra-países;
- FMI “socorre” os países pobres endividados internacionalmente para que não levem a quebras de grandes praças financeiras mundiais.

### 1990 em diante

- abertura financeira dos países de renda média e retorno da liquidez internacional; e
- entrada dos países latino-americanos na globalização.



## AULA 3 RESENHA

---

Esta aula pretende apontar as principais transformações presenciadas pelo sistema capitalista depois da crise de 29, e que tiveram por objetivo frear o avanço do socialismo. Recupera-se o significado das políticas keynesianas e descreve-se o papel do Estado do Bem-Estar Social nos países desenvolvidos no pós-Segunda Guerra Mundial. Depois discute-se o contexto pós-anos 80, marcado pelo avanço das políticas neoliberais e pela globalização desregulada, apoiada na financeirização da economia, e responsável pela redução dos gastos sociais e pela flexibilização trabalhista, gerando um processo de crescente exclusão social tanto nos países desenvolvidos como nos subdesenvolvidos.

## AULA 3

### O CAPITALISMO DO SÉCULO XX: DO ESTADO DE BEM-ESTAR SOCIAL AO NEOLIBERALISMO

*Ricardo L. C. Amorim*

A expressão “o capitalismo é” não deveria jamais ser usada. Embora todo sistema social seja dinâmico, o capitalismo especialmente nunca atingiu um estágio estacionário ou de equilíbrio de longo prazo. Nas suas várias fases, revolucionou e organizou a sociedade ininter-

ruptamente, passando por maus momentos, onde o surgimento de uma nova ordem social parecia inevitável. Contudo, não apenas sobreviveu como superou suas contradições, para recolocar-se mais forte, mais dominante, mais mundial.

A exemplo do seu movimento ininterrupto, o capitalismo parecia desde a metade do século XX ter superado, nos países desenvolvidos, a maior acusação que pairava sobre ele: a miséria e a má distribuição de renda. O chamado Estado de Bem-Estar Social parecia ser o melhor estágio da humanidade, o destino de todos os países em desenvolvimento. Contudo, os Estados Unidos criaram um grave conjunto de problemas que validaram um forte movimento contra aquela ordem de coisas e pró-liberalismo econômico que, ao gerar instabilidades, arrastou para a globalização todos os demais países desenvolvidos. Para piorar, a queda do único sistema alternativo fortaleceu o discurso dos neoliberais.



Esse será o assunto abordado nesse capítulo: a evolução do capitalismo do entreguerras até a chamada globalização. Para tanto, o texto está dividido em quatro partes além dessa introdução. Na primeira, serão discutidos os problemas e os caminhos dos países desenvolvidos no

pós-I Guerra. Na segunda, os assuntos serão a construção e os efeitos do Estado de Bem-Estar Social. A terceira seção tratará da crise dos '30 Gloriosos' e do processo de globalização. Por fim, os comentários finais chamarão atenção para aspectos do problema hoje.

## 1. O capitalismo e suas crises do começo do século XX

### O entreguerras: os anos 1920

- ⊙ A Alemanha e as reparações
- ⊙ Inglaterra e França
- ⊙ Os Estados Unidos e os ruidosos vinte

### O entreguerras: os anos 1930

- ⊙ Os Estados Unidos: a crise de 1929 e o *New Deal*
- ⊙ Inglaterra e França, novamente por caminhos diferentes
- ⊙ A recuperação alemã e ascensão de Hitler

Como se viu no capítulo anterior, o fim do século XIX e início do XX marca o fim do **capitalismo concorrencial**, período onde cada empresa era incapaz de dominar seu mercado e o processo de acumulação auto-regulava-se pela competição. Mas mesmo durante a fase competitiva, o sistema, sob a Lei Geral de Acumulação,<sup>1</sup> conduziu à concentração e à centralização do capital, extinguiu a concorrência tradicional e culminou

com o crescimento das escalas produtivas e a segunda Revolução Industrial.

O resultado foi o nascimento do **capitalismo monopolista**, onde enormes blocos de capital financeiro<sup>2</sup> dominavam as diferentes atividades econômicas fazendo desaparecer a concorrência por preços, a tendência a equalização da taxa de lucro e a sempre ilusória

1 Vide MARX, Karl. *O Capital*, Livro 1, seção VII, capítulo XXIII.

2 Ver capítulo anterior, especialmente a seção 2 (*O capital financeiro e o nascimento do imperialismo moderno*).

liberdade de escolha do consumidor. Estavam presentes, segundo Belluzzo (2004: 14):

(...) a hegemonia financeira inglesa, exercida através do seu poderoso sistema bancário internacionalizado, a exacerbação da concorrência entre a Inglaterra e as ‘novas’ economias industriais dos trutes e da grande corporação nascidas na Alemanha e nos Estados Unidos, a exclusão das massas trabalhadoras do processo político (...) e a constituição de uma periferia ‘funcional’, fonte produtora de alimentos e matérias-primas e, sobretudo, fronteira de expansão dos sistemas de crédito dos países centrais.

Contudo, esta disposição não se sustentou por muito tempo. O trágico foi que o agravamento das disputas intercapitais e seus interesses internacionais conduziram, para horror dos que viveram, a um conflito mundial que deu nascimento, com ferro, fogo e sangue, a uma nova ordem capitalista mundial. Nova porque ainda não consolidada e sujeita a tentativas infrutíferas de retrocesso nos anos 1920 e 1930. Mas ainda assim, um período de instabilidade que anunciava a necessidade de

mudanças internas aos países e na ordem internacional. A I Guerra Mundial (1914-1918) significou o fim das ilusões burguesas e trouxe consigo além da morte, a conscientização das classes subalternas de sua importância no esforço de guerra, as dificuldades financeiras dos Estados envolvidos, a desorganização dos parques produtivos, a mudança relativa de posição hegemônica entre Inglaterra e Estados Unidos, as dívidas e reparações de guerra, entre outros fatos. Porém, com a capitulação dos países liderados pela Alemanha, uma novidade, a princípio restrita aos Estados Unidos, passou a ser gestada.

Ali, o desmonte do aparato militar, exceto por uma curta política econômica contracionista, levou o país ao chamado *roaring twenties*, onde a economia e a sociedade estadunidense sofreram modificações profundas que, mais tarde, foram ensinadas ao mundo como o sedutor *american way of life*.<sup>3</sup>



3 É também a época de coisas estranhas com a aprovação da ‘Lei Seca’ e de expansão de maravilhas como jazz. Para maiores detalhes ver a primeira parte de HOBBSAWN, Eric. *A História Social do Jazz*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.



Foi um período marcado por três mudanças fundamentais: em primeiro lugar, o fim da guerra iniciou o fim da sociedade fortemente baseada no mundo rural, levando para as cidades aproximadamente 15 milhões de pessoas, inclusive negros vindos do sul, entre 1920 e 1930. Em segundo, muito importante, a produção e o consumo de massa ganharam vida nos anos 1920. Em terceiro, as mulheres ganharam o direito de votar e iniciaram mudanças na relação entre os sexos e as atividades tipicamente masculinas e femininas. (WALTON e ROCKOFF, 2002)



O maior símbolo dessa prosperidade foi o automóvel. Tanto assim, que em 1930, 60% das famílias americanas possuíam um. Isso fez nascer um conjunto de demandas derivadas (combustível, aço, borracha, construções civis, postos de gasolina etc.) e a elas, devido as novas tecnologias que rebaixavam custos, somou-se novos bens de consumo que agora estavam acessíveis às famílias americanas. (LANDES, 1994)

Todo esse *boom* no consumo esteve estreitamente ligado ao desenvolvimento do crédito ao consumidor: compre agora e pague depois, em prestações. Essa facilidade era anunciada em jornais, revistas e no rádio, próspero produto e veículo de comunicação que transformou a vida cultural e política daquele país. (WALTON e ROCKOFF, 2002)



**TABELA 1** – Famílias estadunidenses proprietárias de utilidades domésticas, 1900-1970

em porcentagem

Anos	Luz elétrica	Geladeira	Máq. de lavar	Aspir. de pó
1900	3,0	—	n.d.	—
1920	35,0	1,0	8,0	9,0
1940	79,0	44,0	n.d.	n.d.
1960	96,0	90,0	73,0	73,0
1970	99,0	99,0	70,0	92,0

Fonte: Freeman e Louçã (2001: 289)

Entretanto, esses ruidosos anos, com produção e consumo em massa, são também anos de associações, consolidações e conglomerações de empresas. É um período em que bancos, manufaturas e comércio tornaram-se atividades ainda mais controladas por enormes corporações. Foram elas que puxaram, nos anos 1920, o grande crescimento do mercado de ações nos Estados Unidos, atraindo investidores atrás dos

dividendos, do potencial de rendimento futuro e da valorização do preço dos papéis. Todavia, essa valorização, muitas vezes, revelava apenas uma bolha especulativa, fruto de um tempo de otimismo que beirava a irresponsabilidade e baseado na crença de que uma nova era se desenhava para os EUA (WALTON e ROCKOFF, 2002).



Esse progresso intenso alcançou também as relações de trabalho. Diante do avanço tecnológico, da produtividade e da demanda por mão-de-obra na indústria, os contratos cresceram<sup>4</sup> e, durante os anos 1920, não se viu desemprego em massa.

Internacionalmente, a imigração é limitada, barrando a entrada de trabalhadores nos Estados Unidos. Mas eram duas outras questões que realmente preocupavam o governo norte-americano: as reparações de guerra e o Padrão Ouro. As reparações que a Alemanha deveria pagar aos Aliados não eram realizáveis tal como definido em Versalhes, posto que o

comércio internacional estivesse cheio de barreiras a importação (ALMEIDA, 1990). Pior, o Congresso estadunidense foi inflexível com os devedores internacionais e ao cobrar as dívidas dos países aliados, pressionou indiretamente os alemães que deviam as tais reparações aos aliados. (EICHENGREEN, 2000)<sup>5</sup>

O período, contudo, não foi igual para os países europeus. A Inglaterra, por exemplo, a grande economia mundial no século anterior, saiu do conflito debilitada financeira, comercial e industrialmente. Seu parque produtivo não havia sido renovado, os mercados para os quais exportava passaram a ser atendidos por outros países e havia acumulado uma dívida de US\$ 4,7 bilhões com os Estados Unidos. (ZAMAGNI, 2001)

4 Galbraith (1988) aponta para um aumento de 43% na produção e na produtividade do operário da indústria manufatureira entre 1919 e 1929.

5 Mesmo assim, os Estados Unidos, através do Plano Dawes (1924), tentou, dentro de sua visão conservadora, apoiar a economia européia. A Alemanha, por exemplo, teve suas obrigações com as reparações de guerra reescaladas e limitadas a um por cento do seu PNB. (EICHENGREEN, 1995)



Pior, diante do quadro, o governo inglês recolocou, em 1925, seu país dentro dos fluxos internacionais de capital, mas o fez à taxa de câmbio vigente antes da guerra,<sup>6</sup> não levando em consideração as diferenças de inflação entre os países (EICHENGREEN, 2000). Na verdade, persistia a crença na liderança britânica e mesmo uma incompreensão das novas condições de funcionamento do sistema mundial no pós-guerra. (ZAMAGNI, 2001)

Assim, sem a flexibilidade anterior de preços e salários e a cooperação internacional do Padrão Ouro, viu-se os produtos ingleses

tornarem-se relativamente caros e o Banco da Inglaterra perder suas reservas para outras praças. Para piorar, este elevou mais os juros prejudicando duplamente os produtores ingleses e agravando o desemprego. Nas palavras de Eichengreen (2000: 92):

(...) o crescimento lento e o desemprego da ordem de dois dígitos que penalizaram a economia britânica no restante da década são comumente atribuídos à decisão de restaurar a paridade [do câmbio] do período anterior à guerra.

Concomitantemente, sua rival continental fez um caminho completamente diverso. Ao contrário da Inglaterra, a França estabilizou sua moeda no pós-guerra em um valor que reconhecia as diferenças entre as inflações ocorridas em seu território e nos Estados Unidos. Com isso, se o preço de um dólar era 5,18 francos antes do conflito, a estabilidade se fez ao câmbio de 25,53 francos/dólar.

O resultado, para a França, foi um vigor não encontrado na maioria dos países da Europa. Seu PIB cresceu vigorosamente até a crise de 1929 e sua taxa de desemprego seguiu a mesma tendência, oscilando um pouco acima de um por cento durante a segunda metade dos anos 1920. Todavia, seus dois resultados mais espetaculares foram as exportações e o conseqüente acúmulo de reservas em ouro nos cofres públicos. (ZAMAGNI, 2001)

Esses resultados favoráveis à França ao longo dos anos 1920, entretanto, não resistiram às turbulências do final da década. Comumente o início dos problemas desse período é associado à quebra da Bolsa de Valores de Nova York, em outubro de 1929. Porém, as coisas não foram tão simples. Por exemplo, há que se lembrar que o primeiro país a sofrer dificuldades foi a Alemanha, pólo europeu da crise, no final de 1928, portanto, um ano antes. Também nos

6 A taxa vigente antes da guerra era de 4,86 US\$/£. Para maiores detalhes ver Eichengreen (1995).

Estados Unidos, a atividade industrial e a produção fabril apresentaram seu pico meses antes de outubro, ainda em junho e depois caíram continuamente. (GALBRAITH, 1988)<sup>7</sup>

Apenas a título de ilustração, é importante lembrar o tamanho da Crise de 1929. Nos Estados Unidos, a produção industrial caiu 38% entre 1929 e 1932. A renda, para o mesmo período, sofreu um abalo de 27%. A taxa de investimento caiu abaixo dos 5%, inferior a depreciação (WALTON e ROCKOFF, 2002). Já a Alemanha viu sua indústria perder 39% de sua produção e a renda cair 23%. O desemprego alcançou patamares dramáticos 25%, passando de 1,5

milhão para 13 milhões de desempregados, no pior momento estadunidense. Na indústria alemã essa taxa chega a 44%. Diante da tragédia doméstica, os fatores internos passam a ganhar cada vez mais importância nas decisões dos Estados nacionais e o capital-dinheiro, com receio de medidas restritivas empreende fugas, tornando-se, diferente do que se viu no pré-guerra, fortemente desestabilizadores. (EICHENGREEN, 2000)

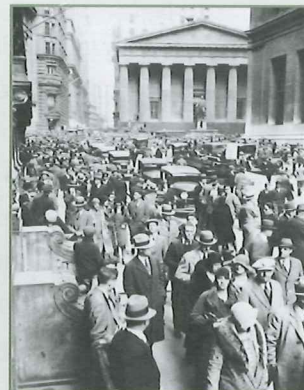
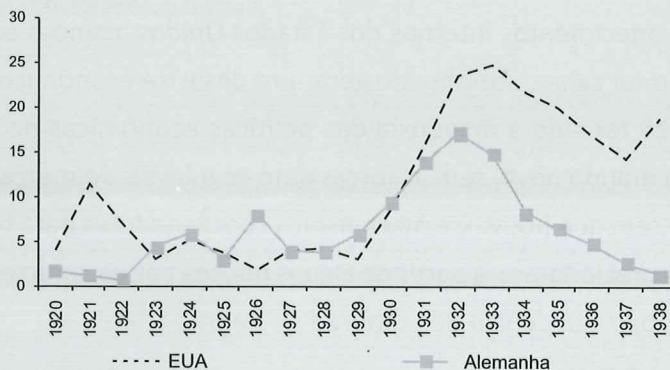


FIGURA 1 – Taxa de desemprego nos Estados Unidos e na Alemanha, 1920-1938



Fonte: Maddison, *Dynamic forces in capitalist development*, p. 260-261.

Mas o que gerou uma crise desse porte e mundial? A melhor explicação para a gravidade do momento foi elaborada por Eichengreen (1995) e resumida por Zamagni (2001).<sup>8</sup>

7 Outro ponto relevante e que não se pode deixar passar é o fato de que outros *crashes* na bolsa americana já haviam acontecido e novos aconteceriam no futuro, sem, contudo, gerar as situações críticas como as vividas nesses anos.

8 ZAMAGNI, 2001, p. 186-188, e EICHENGREEN (1995).



1. estava perdida a auto-regulação do mercado. Agora, com os grandes trustes, os preços perderam flexibilidade e, com a entrada dos trabalhadores na cena política, elevou-se a resistência aos achatamentos salariais;
2. as regras do antigo sistema financeiro internacional não funcionavam mais. Havia protecionismo, disparidades cambiais e ausência de coordenação internacional. Nesse ambiente, muito diferente do pré-guerra, os Estados Unidos haviam passado a credor mundial e donos de aproximadamente 38% das reservas mundiais de ouro;
3. o fato de a crise instalar-se tão rápido e ser tão grave está intimamente ligado à política monetária estadunidense e, em menor grau, à alemã. Ambas foram muito restritivas e desencadearam pânico financeiro;
4. por tudo isso, o papel da crise da Bolsa de Valores de Nova York foi magnificado desmesuradamente (ZAMAGNI, 2001). Sua importância parece residir no golpe que desferiu sobre os gastos das classes mais abastadas, o que afetou sua expectativa em relação ao futuro da economia americana e terminou por engendrar uma redução em seu enorme consumo e investimento. (GALBRAITH, 1988)

Assim, os acontecimentos internos dos Estados Unidos, como o colapso dos preços das ações não foi capaz, sozinho, de gerar um desastre econômico mundial. Mais importante parece ter sido a ortodoxia das políticas econômicas no tratamento do problema em um mundo novo, sem as forças auto-reguláveis do mercado e altamente interdependente sem que houvesse mecanismos coordenadores para tempos de crise. Esses dois fatores precipitaram, a partir de alguns poucos países, uma reação em cadeia impossível de ser barrada dentro dos cânones do Padrão Ouro.

Por tudo isso, a recuperação dos países em tela parece ter ocorrido apenas quando eles abandonaram a política econômica ortodoxa, fundamentada no Padrão Ouro. Assim, se França e Inglaterra foram tragados pela conjuntura difícil que arrastou-se pelos anos 1930, as posições de ambos no jogo internacio-

nal mudaram vigorosamente de acordo com sua aderência ou não a paridade de suas moedas ao ouro.



Por exemplo, a Inglaterra, já em setembro de 1931, se viu obrigada a abandonar definitivamente a paridade. O resultado foi uma desvalorização de 30% em relação ao dólar e ao franco francês ao longo de 1932<sup>9</sup>, o que, sem milagres, reverteu os problemas no Balanço de Pagamentos. Todavia, o abandono do Padrão Ouro trouxe outro benefício muito mais considerável para a economia inglesa:

(...) el abandono del Patrón Oro permitió una política monetária interior finalmente expansiva, con tipos de interés bajos que incentivaron las inversiones especialmente en el sector de la construcción. Así fue como la producción industrial y la edificación experimentaron una notable recuperación,

y situaron a Grã Bretaña en un restringido club de países que en los años treinta disfrutaran de una sólida recuperación. (ZAMAGNI, 2001: 196)

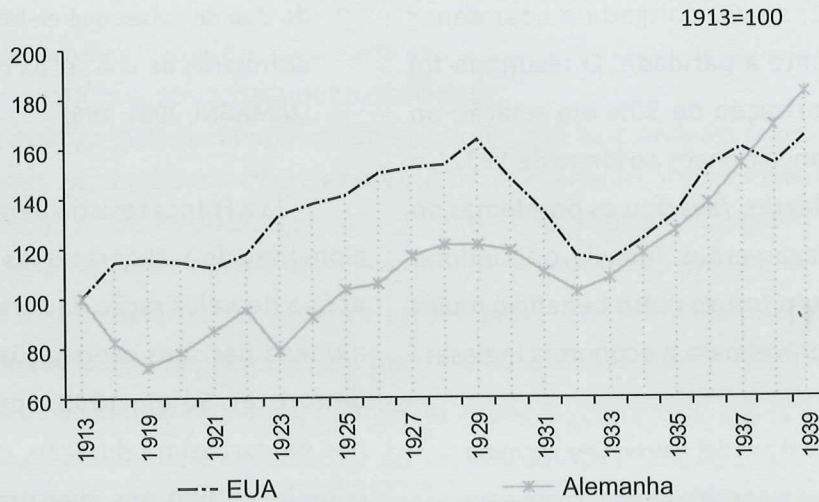
Já a França resistiu bem à crise internacional devido as suas reservas de ouro. Porém, após a desvalorização da libra, ficou evidente a queda nas suas exportações e no ingresso de turistas. Só em 1938, após vários governos de curtíssima duração, o novo gabinete criou incentivos aos investimentos e iniciou um importante programa de rearmamento, instituído frente a crescente ameaça alemã. A partir daí, a produção industrial voltou a crescer. (EICHENGREEN, 2000)

Mas os casos mais importantes de recuperação ficam por conta dos dois protagonistas da II Guerra Mundial: Estados Unidos e Alemanha. Inclusive porque, como chama a atenção Clavin (2000) há, de um ponto de vista mais geral, semelhanças entre a política econômica nazista da Alemanha e o *New Deal* estadunidense. Por exemplo: 1. em ambos existem sinais políticos claros de que o novo governo é uma ruptura com o passado; 2. a retomada da economia tornou-se o objetivo central e um plano de gastos foi usado para estimular a demanda e expandir a renda; e por fim, 3. havia a promessa de que muito havia a ser feito. Para entender melhor, observe-se, primeiro, a Alemanha.

<sup>9</sup> Além disso, a economia britânica voltou a praticar protecionismo, mesmo colocando os países do *Commonwealth* em condições particularmente favoráveis. Nessas condições, mais e mais do comércio internacional inglês concentrou-se em suas colônias, engendrando condições para que no final dos anos 1930 o Reino Unido concentrasse 50% de suas exportações nessas colônias e delas recebesse 40% de suas importações Zamagni (2001).



FIGURA 2 – PIB dos Estados Unidos e da Alemanha, 1913-1939



Fonte: Maddison, *Dynamic forces in capitalist development*, p. 212 e 215.

Os resultados perigosos do Tratado de Versalhes já eram apontados por Keynes (2002) desde a sua negociação. Nele ficou-se a meio do caminho entre a humilhação de um povo e a continuidade da existência territorial e da

manutenção do poder sobre seu Estado, o que “contribuiu para criar um novo e agressivo nacionalismo, com caráter a um só tempo racista e messiânico, baseado na sobrevivência dos mais aptos.” (RIBEIRO JR., 1991: 20)

É nesse ambiente que um obscuro ex-cabo do exército imperial, Adolf Hitler, junta-se ao Partido dos Trabalhadores Alemães, em 1919, e logo, por talento político, assumiu sua liderança, lançando as bases do Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães ou *Nazi*, do alemão *Nationalsozialistische*<sup>10</sup> (RIBEIRO JR., 1991). Sua ascensão ao poder, alcançada por meio de uma luta travada nos bastidores da política alemã, levou-o a posição Führer (chefe) que, manobrando o parlamento, deu a ele poderes ditatoriais. (RIBEIRO JR., 1991)



10 Partindo quase das mesmas premissas do antigo Partido dos Trabalhadores Alemães, o partido Nazista elaborou um programa de 25 pontos que revelavam muito do seu projeto para a Alemanha. Estes pontos estão listados em RIBEIRO JR. (1991), p. 24.

Os nazistas encarnaram a vontade popular de fugir às crises e à humilhação de Versalhes.<sup>11</sup> Nesse sentido, o Estado aparecia para eles como o grande instrumento a serviço da comunidade do povo e parte do seu objetivo era conquistar o ‘espaço vital’ (*lebensraum*), entendido como a ampliação da área de influência alemã que permitisse a este povo alcançar todas as fontes de suprimentos necessários a sua sobrevivência<sup>12</sup> (RIBEIRO JR., 1991). Para tanto, ao Estado cabia defender o coletivo, inclusive controlando, se necessário, as finanças, para que estas não dificultassem o crescimento da produção. Porém, dentro da economia nazista o grande capital, longe de ser inimigo, era um aliado precioso do Führer, desde que fosse nacional.

Fica claro, portanto, que fazer crescer a economia alemã era primordial e os investimentos, em grande parte estatais, seriam

a via para essa retomada.<sup>13</sup> Destarte, Hitler direcionou os investimentos do Estado para os setores de construção (prédios públicos) e de transporte (rodovias, ferrovias, canais etc.), restaurando, em pouco tempo, o pleno emprego no país. Isso não aconteceu aleatoriamente e os programas interagiam gerando a base da retomada germânica no período (CLAVIN, 2000). Os números de Zamagni (2001) confirmam a tendência apontada por Clavin: o gasto público passou de 15% da renda nacional em 1928 para 23% em 1934 e alcançou 33% já em 1938. Os recursos para tantos gastos viriam de fontes tradicionais (elevação de impostos) e também de origens inovadoras. Por exemplo, os ‘certificados de crédito’ criados pelo presidente do banco central alemão, Hjalmar Schacht. Com eles, o governo financiou seus elevados gastos sem emitir moeda e isolando o mercado de consumo final, já que esses papéis só podiam circular entre empresas. (ZAMAGNI, 2001)

11 É preciso ter claro que o regime que se inicia não pode ser entendido sem que se perceba que ele é uma resposta a um período de grande ansiedade e agitação social, instilando temor nos diferentes grupos sociais e, por isso mesmo, gerando forte aversão ao caos.

12 Não será discutido aqui, por razões de espaço, a importância ideológica da questão racial para coesão do nacionalismo alemão e do poder do Führer.

13 Nas palavras de Clavin (2000: 176), “between 1933 and 1934 the level of public investment doubled as government funds straight into employment schemes, industrial investment and construction plans. Government expenditure increased by a further 60 per cent during 1935.”



O esforço, contudo, poderia, com a retomada da economia, levar à fuga de reservas, dificultando as pretensões do Führer. Assim, no setor externo foi adotado um rígido controle do câmbio e estimulou-se os acordos bilaterais, onde a troca de produtos era a moeda. (CLAVIN, 2000)<sup>14</sup>

Também no mercado de trabalho, o direcionamento dos gastos, a destruição dos sindicatos e o controle sobre os salários apontavam o rumo das relações de trabalho dentro do nazismo.

Nele, nos primeiros anos, entre 1932 e 1938, a participação dos salários na renda nacional caiu de 64% para 57%. (CLAVIN, 2000)<sup>15</sup>

Mas as intenções de Hitler fugiam apenas ao crescimento econômico. A expansão do poder alemão passava pela guerra e o processo de rearmamento ganhou fôlego já em 1936. O esforço bélico foi planejado pelo Führer para realizar uma ‘guerra relâmpago’, o que dependia, naturalmente, de uma quantidade enorme de armamentos. Para dividir o ônus, os investimentos foram divididos entre o Estado e a iniciativa privada, não desviando recursos em demasia da economia civil. (ZAMAGNI, 2001)

Já os Estados Unidos vinham de outra dinâmica. Para iniciar, é importante lembrar que o ‘Tio San’ havia vivido nos anos 1920 um período de grande otimismo e crescimento econômico que se seguiu a uma tragédia econômica de enormes proporções. Em meio a essa crise, mesmo poderosa, a principal po-

tência econômica mundial teve muitas dificuldades para retomar o caminho do crescimento. Foi só com a eleição de F.D. Roosevelt em 1932, reflexo político da crise e da busca de so-



- 14 No entanto, a busca de ‘espaço vital’ era bem estudada pelos estrategistas nazis e, se ganhos políticos interessassem, a Alemanha aceitava fazer sacrifícios econômicos. Este é o caso do acordo comercial entre o regime alemão e a União Soviética em 1939. Nele, o primeiro comprometia-se a exportar armas para o último, justamente quando a indústria armamentista germânica estava pressionada, mediante o apoio soviético à invasão da Polônia (CLAVIN, 2000). Percebe-se, então, que esse bilatlarismo também implicava em tratamento desigual aos parceiros, favorecendo aqueles que ou importavam produtos alemães em quantidade ou forneciam créditos internacionais. (CLAVIN, 2000)
- 15 Outros programas de menor impacto econômico também foram instituídos como, em 1933, a linha de financiamento para recém casados cujo valor devido caía para cada filho nascido. No entanto, as condições obrigavam a mulher a não ter emprego remunerado e o casal a não possuir doença mental ou física. Em meio a tanto esforço, a agricultura interna não foi esquecida e a proteção do Estado permitiu que os preços domésticos descólassem favoravelmente dos internacionais. (CLAVIN, 2000)

luções, que EUA adotaram medidas para desvalorizar a moeda local (EICHENGREEN, 2000) e iniciaram ações voltadas para a retomada

da economia, baseadas no planejamento, na intervenção e nos gastos do governo: o chamado *New Deal*.

A gravidade da situação social pós-1929 colocava como um dos objetivos mais urgentes do governo a ajuda às famílias destituídas, empobrecidas. Para tanto, os EUA criaram uma miríade de agências governamentais e algumas delas voltadas especificamente para gerar trabalho e renda para os milhões de desempregados estadunidenses.<sup>16</sup>

No mesmo passo, mas muito mais ambiciosa foi a *Tennessee Valley Authority (TVA)* voltada para uma dispendiosa remodelação de uma extensa área entre sete estados do país. Lá foram construídas represas, obras contra enchentes, redes de distribuição de energia elétrica, trechos de rio navegáveis e até mesmo educação aos fazendeiros locais foi oferecida. (WALTON e ROCKOFF, 2002)

Diferentemente da Alemanha, o governo não enxergou nas altas finanças um ‘bicho-papão’ do resto da economia e, por isso mesmo, não a subordinou ao seu comando. Todavia regulou. Registros, proibições e fiscalizações

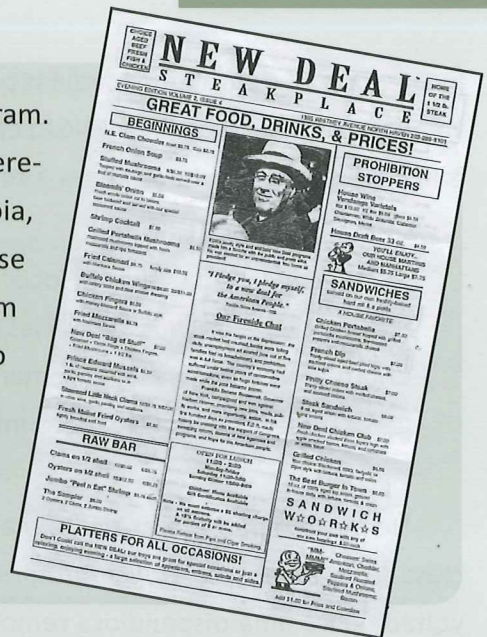
passaram a ser a rotina do novo sistema financeiro norte-americano.

Na agricultura, também fortemente castigada com a Grande Depressão, foi criado, em 1933, o *Agricultural Adjustment Administration (AAA)* cujo objetivo era conseguir elevar os preços agrícolas, restringindo sua oferta. Sua principal arma, afirmam Walton e Rockoff (2002), era a definição de áreas para plantio dos bens agrícolas para cada estação. Outra política, foi o *Food Stamp Plan* que dava as famílias de baixa renda ‘selos’ que poderiam ser trocados por alimentos em supermercados comuns.

16 Entre elas figuravam a *Works Projects Administration (WPA)*, a *Public Works Administration (PWA)* e a *Civilian Conservation Corps (CCC)*, todas voltadas para obras civis como rodovias, obras de controle de enchentes, conservação, etc., e com o objetivo claro de ocupar pessoas desempregadas sem meios de sobrevivência. Sua importância aparece quando se observa que apenas uma das agências, a PWA despendeu mais de US\$ 6 bilhões e que juntas ocuparam elevadas porcentagens da força de trabalho: de 1,2% em 1932, no primeiro ano, 1933, já passa a 4,3% e atinge seu pico em 1936, chegando a 7,0% (3,74 milhões de pessoas). (WALTON e ROCKOFF, 2002)



Nas relações de trabalho, as coisas também mudaram. Não se acreditava mais na capacidade do mercado oferecer oportunidades e renda decentes para todos. Cabia, assim, ao governo adotar ações que corrigissem esse problema. Deste modo, além das agências que geravam emprego e renda, o *New Deal* permitiu a organização dos trabalhadores sem a interferência dos patrões, garantiu direito de greve e desse modo, deu nova força aos sindicatos que cresceram ao longo dos anos 1930. (WALTON e ROCKOFF, 2002)



Assim, tentando uma comparação em termos de política econômica, fica evidente que ambos, *New Deal* e política econômica nazi, fizeram do Estado instrumentos para reanimar a economia de seus países, principalmente através dos gastos públicos. Se para a Alemanha as construções civis tinham um caráter mais estratégico de gerar infra-estrutura e até mesmo símbolos, nos Estados Unidos isso parece ser secundário, já que nem sempre os programas estavam articulados a fins maiores. Natural que fosse assim. A Alemanha estava passando pela reconstrução de sua identidade enquanto potência e tinha, portanto, um projeto de nação por trás das ações mais imediatas. Já os norte-americanos queriam apenas sair de uma crise sufocante que se abateu sobre eles após anos de prosperidade.

Em resumo, a sobreposição da vontade do Estado alemão às leis econômicas nasce da visão dos interesses coletivos do país e que, portanto, não era impulsionada apenas por um momento de crise, mas por ser aquele o guardião da nação. Diferentemente, nos Estados Unidos, as ações do *New Deal* retiraram sua legitimidade do combate a um momento de crise grave e, também, da Constituição, que dava tais poderes ao presidente da república. Ou seja, um programa formado dentro do ‘estado de direito’. E essa diferença é crucial.

Contudo, as rivalidades européias só cresceram e o esforço bélico alemão logo chamou a atenção da França. Foi assim que em 1938 houve nesse país uma forte retomada de indústria armamentista com efeitos benéficos para o resto da economia. Ali:

(...) la producción industrial volvió a aumentar, pero demasiado tarde para poder rechazar eficazmente el ataque alemán de 1939, ante el que Francia se halló completamente falta de preparación, siendo aplastada en 40 días de uma contundente campaña. (ZAMAGNI, 2001: 208)

## 2. A constituição do Estado de Bem-Estar Social e os países pobres

### O fim da II Guerra Mundial

- ⊙ A destruição e a dor inacreditável
- ⊙ As conferências internacionais e a ONU
- ⊙ A Guerra Fria
- ⊙ O medo do comunismo
- ⊙ O Plano Marshall
- ⊙ A reconstrução europeia

### O Estado de Bem-Estar Social

- ⊙ O medo das instabilidades sociais
- ⊙ O Estado como planejador e gestor da economia
- ⊙ Os gastos públicos, o pleno emprego e os benefícios sociais

O mundo jamais poderia ser o mesmo depois da II Guerra Mundial. O grau de destruição, as atrocidades, a morte em massa, o desespero e a dor mostravam que algum concerto efetivo entre as nações se tornava necessário.<sup>17</sup> Mais: o capitalismo sem rédeas deveria ser controlado. A crise e a reincidência da guerra no segundo quartil do século XX deixavam ver que a competição entre os grandes capitais, as instabilidades

17 As tentativas de concerto geral entre as principais potências mundiais até então tinham se revelado de pouco valor. Logo após a Primeira Guerra, por exemplo, as potências europeias tentaram criar um órgão supranacional capaz de controlar, pela via diplomática, desentendimentos, antes que estes saíssem do controle. Porém, a chamada Liga das Nações de 1919 teve curta duração e importância. A fraqueza aparecia já na origem da Liga, quando os Estados Unidos, ao recusarem-se a integrá-la, retiraram da organização qualquer significado real. (HOBSBAWN, 1995)



econômicas e a fragmentação do mundo em blocos opostos precisavam ser alterados. Agora não havia dúvidas de que o mundo precisava de um reordenamento e os avanços da União Soviética não permitiam mais aos Estados Unidos fugirem ao papel de novo centro hegemônico. (HOBSBAWN, 1995)

Assim, mesmo durante a guerra, várias conversações de alto nível entre os países aliados se realizaram com o objetivo de evitar que absurdos como aquele se repetissem no futuro. Esse era o “espírito do tempo”: as preocupações com feridas ainda abertas levavam a busca de uma ordem internacional estável e regulada (BELLUZZO, 1995). Foram essas conversações que começaram a desenhar a geopolítica do mundo após o período de conflagração. Os principais signatários e incentivadores dessas articulações, Estados Unidos, França, Inglaterra e mesmo a União Soviética, procuravam criar um instrumento que congregasse os diferentes países numa organização internacional geral. Para isso várias conferências de Estado foram realizadas e seu resultado afluou em 1945, na Conferência de São Francisco. Ali nasceu a Organização das Nações Unidas (ONU) e seu principal documento: a Carta das Nações Unidas.

Foi também nesse período que se redesenhou o sistema financeiro e de pagamentos internacional. O forte debate ficou por conta da potência econômica que deixava a posição hegemônica mundial, a Inglaterra, e os Estados Unidos, que finalmente assumiram seu papel internacional. Naturalmente, seus representantes, respectivamente John Maynard Keynes e Dexter White, baseados nos interesses de seus respectivos países, tinham visões diferentes sobre como deveria ser e qual o melhor funcionamento do futuro sistema financeiro internacional (EICHENGREEN, 2000). A Inglaterra pedia por mecanismos de crédito que além de custar caro aos cofres do Tesouro norte-americano, não lhe garantiam o controle sobre o sistema internacional. Naturalmente, White empurrava na direção oposta com a vantagem de estar na posição dos donos da nova moeda aceita internacionalmente.

Foi desse debate e dos acordos firmados que surgiu o Fundo Monetário Internacional (FMI), organismo encarregado de garantir, acima de tudo, os pagamentos internacionais e socorrer e ajudar a equilibrar o balanço de pagamentos de países deficitários.<sup>18</sup>

18 A tão reclamada leitura ortodoxa do FMI em relação aos problemas do Balanço de Pagamentos dos países periféricos não surgiu à toa. Esta vem das obrigações do Fundo, cujo desenho seguiu o que foi decidido no pós-guerra e, deste modo, do perfil dos quadros contratados para executar o seu programa. O problema é que ela só alcança os periféricos, deixando os déficits bilionários dos Estados Unidos e seu potencial perturbador de lado.

O conjunto desse arranjo financeiro internacional ficou conhecido como Acordo de Bretton Woods e contemplou também a criação do Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento (Bird ou Banco Mundial) voltado para financiamento da reconstrução e o desenvolvimento marcadamente europeu.

Entretanto, a supremacia estadunidense se fazia sentir sempre. Tanto assim que as tentativas de construção de um mundo multilateral, onde os países encontrassem na ONU um fórum de discussão sem o predomínio do mais forte, fracassaram e, por extensão, também os organismos financeiros criados em Bretton Woods (FMI e Bird) rápido terminaram subordinados à política de Washington. Se então o temor comunista e soviético aparecia como a razão para tantas pressões, ele também encorajou um pensamento mais amplo, que apontou para a urgência de ajudar os europeus e alguns asiáticos a crescer o mais rápido possível, evitando o risco de instabilidades sociais.

Foi com esse pensamento que os Estados Unidos tomaram duas importantes e graves decisões: 1. afastar a URSS do ocidente europeu, contendo o que acreditavam poder transformar-se numa expansão para o oeste; e 2. fazer isso através da recuperação econômica de aliados e derrotados na II Guerra. A primeira

das decisões marca o início da Guerra

Fria, onde a disputa pela hegemonia mundial passou a polarizar-se entre o bloco capitalista, sob liderança norte-americana, e o socialista, sob controle soviético. Para isso, a grande potência ocidental direcionou recursos crescentes à corrida armamentista, com pesados investimentos em artefatos nucleares e mesmo à propaganda anti-soviética. Já a segunda decisão significou uma valiosa ajuda para os europeus com reflexos na América Latina.

A reconstrução européia, se deixada às suas forças, seria demorada e sujeita a solavancos sociais importantes. O quadro era de enorme destruição da infra-estrutura e uma viagem pelo coração da Europa de então mostraria cidades tornadas tristes desertos de entulhos que serviam de túmulo aos muitos mortos de cada povoado. Ante um quadro como esse, recuperar o Velho Continente passou a fazer parte da estratégia dos EUA



para conter um possível avanço comunista e garantir sua hegemonia na região. Foi daí que nasceu o chamado Plano Marshall.<sup>19</sup>

O plano era uma ajuda maciça, onde os Estados Unidos forneceriam recursos (produtos, matérias-primas e principalmente capital, em créditos e a fundo perdido) que deveriam permitir o início dos programas de reconstrução nacional dos países da combalida Europa. A ajuda teve como contraparte a livre entrada de empresas norte-americanas no território europeu, abrindo, então, caminho para as exportações estadunidenses, mas, principalmente, para um fenômeno que ganhará força dali em diante: a expansão dos investimentos diretos e, conseqüentemente, das multinacionais ao redor do mundo (LANDES, 1994). Entre 1948 e 1952, o Plano Marshall introduziu na Europa cerca de US\$ 14 bilhões para a reconstrução, algo estimado, em dinheiro de hoje, em US\$ 150 bilhões.<sup>20</sup>

Por outro lado, o capital que não havia sido destruído na guerra, basicamente o estadunidense, havia se concentrado em escalas nunca vistas, gerando mais e mais rigidez no funcionamento da economia. Ao mesmo tempo, seguindo administração científica de Taylor, a produção havia se tornado altamente sistematizada e subdividida, dissociando definitivamente a concepção da execução do trabalho, com processos de produção dissociados da qualificação dos trabalhadores (MATTOSO, 1995). Na verdade, a guerra – e suas demandas –, somada a concorrência entre capitais, trouxe enormes avanços tecnológicos não só em novos produtos, mas também nos níveis de produtividade (HOBSBAWN, 1995). Foi esse modelo, o padrão industrial dos EUA, o seguido na reconstrução européia. O motivo era evidente: o Velho Continente, para reconstruir-se, precisou buscar seu reaparelhamento junto à maior potência econômica de então, plena de recursos e tecnologia. Além disso, os recursos oferecidos aos países do Velho Continente carregavam consigo mecanismos de compras de bens e serviços estadunidenses.

Assim, houve um espalhamento do padrão industrial e de consumo dos Estados Unidos para a Europa, alcançando não só o espaço geográfico, mas também diferentes setores que passaram a operar de acordo com os métodos da indústria fordista. Tal avanço

19 O programa de ajuda aos países da Europa, oficialmente *European Recovery Program*, ficou assim conhecido devido o nome de seu idealizador, o general George Catlett Marshall, um dos estrategistas da vitória aliada e que tornou-se secretário-de-estado de Truman. Marshall anunciou o plano em discurso na Universidade de Havard (05/06/1947).

20 FRANCO, Gustavo. *O exemplo do Plano Marshall*. In: *Veja*. São Paulo: Editora Abril, n. 52, 10/10/2001. É importante ainda frisar que se trata de uma importante novidade na geopolítica mundial. Foi a primeira vez que uma nação vencedora colaborou na recuperação dos estragos de guerra, alcançando inclusive os derrotados (Japão e Alemanha), a fim de consolidar alianças, evitar revide e principalmente o desvio desses países para um regime que se opunha ao vencedor — no caso, o socialismo soviético.

rápido, reduziu fortemente os custos da produção, elevou a produtividade, segmentou e rotinizou funções e, desse modo, alcançou escalas surpreendentes de produção e de acesso a consumidores. O consumo de bens duráveis sofisticados estava, então, se massificando também pela Europa do pós-II Guerra.

Boa parte desse surto econômico teve origem no emprego de novas tecnologias ao processo de produção. Não se tratou apenas de melhorias nos produtos e processos antigos, mas sim de coisas inteiramente novas e materiais antes inexistentes como plásticos, transistor, motor a jato, entre outros. Nesse ambiente, segundo Hobsbawn (1995), três coisas chamavam a atenção: 1. a transformação do cotidiano dos países ricos e mesmo, em menor medida, dos países pobres. Trata-se do crescimento da comida industrializada, da disseminação do rádio, do detergente sintético, discos de vinil, televisores etc.; 2. quanto mais complexa a tecnologia, maior o caminho a ser trilhado para criá-la e, portanto, mais dispendioso esse processo. Isso implicou crescentemente na necessidade das empresas planejarem e tentarem influir e dominar mercados. Mas, como discutido no capítulo anterior, isso implicava em gastos crescentes e fundamentais para a sobrevivência dos grandes capitais e traziam também ganhos significativos à economia dos países. Foi por isso que a inovação passou a ser contínua e tornou-se parte elevada e indispensável do orçamento e custos das grandes empresas. O problema é

que esse movimento só reforçou a vantagem das economias capitalistas desenvolvidas em relação ao resto do globo; 3. as novas tecnologias eram esmagadoramente capital-intensivas, necessitando de cada vez menos trabalhadores. Porém, o processo de crescimento econômico foi tão acelerado no período que, mesmo assim, o número de pessoas empregadas crescia, a ponto de, por vezes, esvaziar-se os repositórios de mão-de-obra.

Entretanto, é preciso esclarecer que o crescimento econômico era só parcialmente responsável pelo fenômeno. A construção de Estados com papéis sociais fortes tornou-os também grandes empregadores e figuras centrais nas baixas taxas de desemprego nos países ricos.

Todos aqueles avanços consolidaram a liderança econômica norte-americana e, em resumo, permitiram:

- a) rápido e prolongado crescimento da produção e da produtividade;
- b) liderança do setor industrial, através dos bens de consumo duráveis, bens de capital e química;



- c) criação de um importante sistema de filiais multinacionais;
- d) crescimento do comércio internacional mais acelerado do que o industrial—embora o mercado interno fosse o principal responsável pelo crescimento; e
- e) crescimento da participação relativa do emprego industrial e de serviços nos mercados de trabalho nacionais. (MATTOSO, 1995)

É bom lembrar que o baixo preço do barril de petróleo na época<sup>21</sup> tolerava tal avanço e este, por sua vez, permitia que as relações de trabalho e mesmo a sociedade apresentassem nítidas mudanças. Primeiro, porque os desdobramentos que conduziram à grande empresa monopolista e ao domínio do capital financeiro trouxeram consigo plantas gigantes que implicavam em avançada tecnologia, vo-

lumes nunca vistos de capital, enorme produtividade e no surgimento de uma burocracia técnica (*white collar*). Na verdade, uma nova classe média, muito diferente daquela antiga descrita por Wright Mills (1979), composta basicamente por pequenos proprietários rurais e de negócios urbanos.

Segundo, porque a destruição e o horror das duas guerras havia tornado os dirigentes mundiais ciosos dos problemas gerados pela insatisfação social (BELLUZZO, 1995). Pior, havia agora um contraponto claro ao sistema capitalista: a União Soviética e a consolidação de suas posições no Leste Europeu. Esses ‘perigos’ da luta de classes forçaram a entrada de um novo ator na cena política: os sindicatos de trabalhadores amparados na lei, na regulação pública do desemprego e na sua própria organização (MATTOSO, 1995). E nada disso era coincidência de um período da história.

Por isso, ali, os homens que estavam em posição de fazê-lo reformaram o capitalismo (HOBSBAWN, 1995). Houve naqueles anos importantes mudanças que deram aos Estados capacidade para planejar, interferir e administrar a economia de modo a evitar os perigos que rondavam o sistema desde o primeiro quartel do século XX. Todos os países que se faziam ouvir haviam passado pela Grande Depressão e se isso não fosse suficiente, o recentíssimo do mar de sangue da guerra contra a Alemanha de Hitler e o avanço espetacular da União Soviética apontavam a necessidade de reformas. Segundo Hobsbawn (1995: 266-7. Grifo nosso), quatro coisas eram relativo consenso:

21 O barril de petróleo saudita, no período de 1950 a 1973, custava em média menos de dois dólares. (HOBSBAWN, 1995)

(...) a catástrofe do entreguerras, que de modo nenhum se devia deixar retornar, se devera em grande parte ao colapso do sistema comercial e financeiro global e à conseqüente fragmentação do mundo em pretensas economias ou impérios nacionais e autárquicos em potencial. O sistema global fora um dia estabilizado pela hegemonia, ou pelo menos centralidade, da economia britânica e sua moeda, a libra esterlina. No entreguerras, a Grã-Bretanha e a libra não eram mais suficientemente fortes para carregar esse fardo, que agora só podia ser assumido pelos EUA e o dólar. (...) Terceiro, a Grande Depressão se devera ao fracasso do livre mercado irrestrito. Daí em diante o mercado teria de ser suplementado pelo esquema de planejamento público e administração econômica, ou trabalhar dentro dele. **Finalmente, por motivos sociais e políticos, não se devia permitir um retorno do desemprego em massa.**

A própria esquerda, dentro daquele momento histórico, enxergou no capitalismo reformado um caminho adequado para a luta dos trabalhadores, não fazendo, portanto, oposição radical ao Estado de Bem-Estar Social que nascia. Ou seja, para a maioria dos

homens e mulheres com poder de decisão à época, o *laissez-faire* econômico estava fora de questão, o que configurava uma significativa mudança de espírito. Ou seja, os Estados dos países desenvolvidos passariam a conciliar propriedade privada dos meios de produção, planejamento, gestão democrática da economia e elevação do padrão de vida da população por meio do *Estado de Bem-estar Social*, arcando com parte dos custos de reprodução da mão-de-obra (MATTOSO, 1995). Ali, os Estados tinham tomado às rédeas da regulação social.

O Estado, portanto, assumiu o papel de coordenador ou garantidor da demanda através dos gastos públicos sociais e militares. Mas, não foi só para regular a demanda efetiva que o Estado passou a crescer e a gastar mais. Nos países desenvolvidos, como já se falou, os problemas sociais passaram a ser vistos como fonte crescente de instabilidade política e social. A Guerra Fria, os problemas sociais e a necessidade do governo atuar como regulador foram, assim, os motivos do crescimento do papel do Estado. Esse foi o momento em que o chamado Estado de Bem-Estar Social ganhou relevância. Galbraith (1982: 172) aponta esse fenômeno mostrando que:

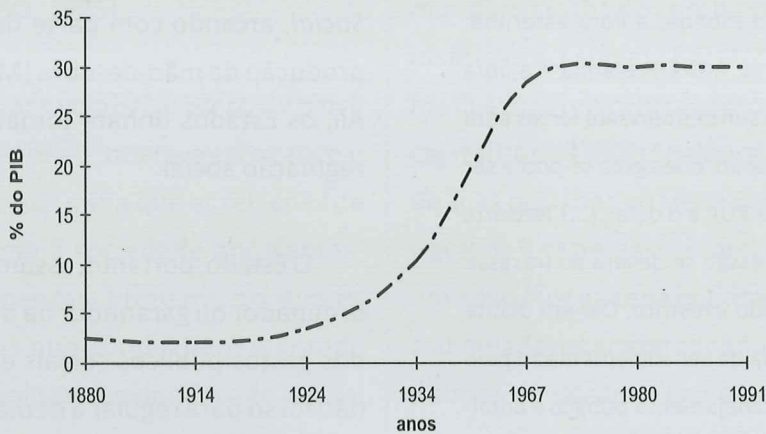


(...) em 1929, os gastos federais para todos os bens e serviços montaram a 6,9 bilhões de dólares; em 1939, foram 22,6 bilhões de dólares; em 1976, 97 bilhões de dólares

[a preços constantes de 1972]. Em relação ao Produto Nacional Bruto, aumentaram de 2% em 1929 para 8% em 1976.<sup>22</sup>

Em termos de porcentagem do PIB, tem-se:

**FIGURA 3 – Gastos públicos totais dos Estados Unidos em relação ao PIB, 1880-1991 (%)**



Fonte: CANO, Wilson. *Introdução à Economia: uma abordagem crítica*.

No caso da Europa, por exemplo, a tabela 1 mostra o quanto mudou nesse período o tratamento dado às relações de trabalho e de proteção ao trabalhador.

**TABELA 1 – Evolução da taxa de cobertura da força de trabalho pelos mecanismos de proteção social em países e anos selecionados**

(% em relação a PEA)

	Acidente de trabalho			Seguridade pública			Seguro-desemprego		
	1900	1945	1970	1900	1945	1970	1900	1945	1970
Alemanha	75	90	98	44	60	97	0	45	72
França	10	55	80	9	52	120	0	—	50

22 Para a Europa estima-se cifras maiores.

	Acidente de trabalho			Seguridade pública			Seguro-desemprego		
	1900	1945	1970	1900	1945	1970	1900	1945	1970
Itália	5	50	65	6	60	141	0	36	48
Inglaterra	76	75	93	0	111	160	0	62	74
Suécia	7	70	74	13	84	160	0	27	55

Fonte: Pochmann (1995)

Foi exatamente esse crescimento do gasto do Estado e dos programas de proteção e seguridade social que permitiram vencer uma das maiores ameaças à paz social, principalmente na Europa: o desemprego. A legislação implantada, então, além de direitos, garantiu renda e benefícios que retiraram do mercado de trabalho parte da mão-de-obra que antes se oferecia. Com ela, crianças, adolescentes, velhos e deficientes saíram da disputa por vagas, reduzindo o contingente disponível. Tal movimento não apenas garantiu melhores condições de reivindicar maiores salários aos que ficaram, mas também reduziu a pobreza daqueles não tinham condições de sustentar-se (POCHMANN, 1995). Em outras palavras, o Estado havia criado uma estrutura secundária de distribuição de renda, atrelada às remunerações, que contrabalançava a primária o funcionamento livre do mercado. Mas isso ainda não foi tudo.

Quando o Estado chamou para si a responsabilidade por parte do custo de reprodução da mão-de-obra, foi obrigado a crescer em tamanho e funções, ou seja, foi necessário que empregasse, ele mesmo, mais servidores para atender as escolas, os hospitais, o transporte, a assistência social etc. Ou seja, tornou-se o próprio Estado um importante empregador, esvaziando ainda mais o repositório de mão-de-obra.

Trata-se, portanto, de uma reforma fiscal de grande monta, fundada no ambiente político da época. Agora, não só os gastos tendiam a garantir o pleno emprego e financiavam gastos sociais, como sua fonte de recursos vinha da cobrança de impostos progressivos, marcadamente assentados na renda e na propriedade. (POCHMANN, 1995)



Os resultados de tudo isso, nesse período nos países centrais, foram anos de um crescimento econômico superior a qualquer período do passado – exceto para os EUA – somados a uma taxa de desemprego aberto mínima, estacionada em 1,5% na Europa Ocidental nos anos 60. Os trabalhadores, por sua vez, frente à enorme oferta de bens, crescimento econômico, ganhos de produtividade, pleno emprego e força política, tiveram sua situação material francamente melhorada. Tudo em um ambiente de baixa inflação. Por tudo isso, esses anos foram os chamados ‘Trinta Gloriosos’, um período *excepcional* do capitalismo (HOBSBAWN, 1995).



Havia ainda outro aspecto importante. Foi nesse ambiente que ficou clara a ascensão, dentro do capital monopolista, da nova classe média. Esta poderia ser definida pela sua posição de funcionária das grandes empresas ou do governo e profissionais (antes) liberais incorporados às grandes organizações. Seu surgimento, fruto do próprio agigantamento do capital, se deve a impossibilidade de uma administração centralizada para as megacorporações (GALBRAITH, 1982). Cada vez mais, as decisões são realmente tomadas por indivíduos especializados, detentores de parcelas de informação e reunidos em comissões. Essas pessoas que tomam ou influem nas decisões compõem a chamada **tecnoestrutura**. Embora isso acarrete uma alteração nos objetivos das empresas que passam a ser mais plurais e “*reflexo dos [objetivos] que são visados pelos membros da*

*tecnoestrutura*”,<sup>23</sup> reforça a correta a visão de Wright Mills (1979) de que a classe média, que compõe a maioria da tecnoestrutura, sendo ela filha legítima do sistema de grandes empresas, queira ser confundida com a elite, buscando o prestígio através do nível de consumo e do sucesso profissional.

Deste modo, por não possuir qualquer amálgama de anseios comuns, confunde seus interesses com os das organizações, colocando-se numa posição bastante peculiar. Ou seja, classe média, enquanto parte da organização das empresas, possui autonomia para valorizar o capital: cria, decide, faz. Porém, o capital pertence à elite, cujo maior interesse é valorizar o capital. Por isso, a classe média tem poder apenas para responder aos interesses da elite.

23 GALBRAITH, John Kenneth, Obra citada, p. 126.

Este último grupo, a elite, por sua vez, é caracterizado por Wright Mills (1968) como uma comunidade coesa, que pensa na mesma direção.<sup>24</sup> Isso fica claro, quando se percebe que após a I Guerra Mundial diminui a distância entre a elite política e econômica, através de “(...) um número cada vez maior de diretores de empresa [que] ingressa[m] diretamente no governo (...)” (MILLS, 1968: 207) e vice-versa.

No plano internacional, todo esse movimento foi acompanhado também de uma enorme expansão transfronteira da produção. Como já foi dito acima, quando o Plano Marshall foi aceito pela Europa, permitiu-se que a reconstrução européia fosse aproveitada pelo investimento direto e a construção de plantas produtivas norte-americanas em território estrangeiro. Esse movimento foi tão significativo que entre 1950 e 1966, as multinacionais da nova potência capitalista expandiram seu número de filiais no exterior de 7,5 mil para 23 mil, sendo a franca maioria na Europa e outros países do Ocidente (HOBBSAWN, 1995). Esse movimento também foi acompanhado, logo depois, por empresas européias que também se espalharam pelo mundo capitalista, apontando para a novidade do fenômeno: a importância crescente das multinacionais no cenário econômico internacional, principalmente devido ao seu

porte e a sua abrangência em termos de áreas de atividade, volume de recursos, capacidade de impor tecnologias e sua influência sobre economias locais.

Essa exportação de investimentos diretos dos Estados Unidos e depois da Europa também respingou fora dos países considerados hoje desenvolvidos. A América Latina, marcadamente o Brasil, já vinha, desde a Crise de 1929, vivendo um importante esforço industrializante, capaz de internalizar a dinâmica econômica que antes dependia da venda de produtos primários ao exterior. Assim, quando os países ricos mudaram o patamar da exportação de capital, trazendo para os países periféricos plantas produtivas inteiras, o terceiro mundo passou a produzir e até, em alguns casos, exportar bens manufaturados (HOBBSAWN, 1995). No entanto, como se verá no próximo capítulo, embora essas novas plantas

24 Mas para isso acontecer, foi preciso uni-la (políticos, capitalistas e militares) em torno de algo comum: a ideologia capitalista. Para uma breve discussão ver, CHAUI, M. *O Que É Ideologia?* São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.



tenham trazido um padrão de produção difícil de alcançar com capitais locais, é importante frisar que elas passaram a preponderar sobre a dinâmica das economias locais ao dominar os setores industriais mais importantes desses

países latino-americanos (FAJNZYLBER, 1990). Tal fenômeno, discutido no capítulo anterior, tende a perpetuar os traços de dependência dessas economias, com todos os problemas que disso pode surgir.

### 3. A derrocada do Estado de Bem-Estar Social e a globalização

#### A crise do Estado de Bem-Estar Social

- ⊙ Os Estados Unidos gerando instabilidades
- ⊙ A reação os demais países desenvolvidos
- ⊙ A desregulamentação e a desintermediação do fluxo de capitais

#### A globalização produtiva

- ⊙ O padrão japonês e alemão de produção
- ⊙ As mudanças no mundo de trabalho
- ⊙ A fraqueza da reação dos trabalhadores

#### A globalização na periferia do capitalismo

- ⊙ O fim dos projetos nacionais de industrialização
- ⊙ A fraqueza e submissão do Estado
- ⊙ A perda das poucas garantias e o desemprego
- ⊙ A dependência mais forte
- ⊙ O momento atual
- ⊙ As possibilidades
- ⊙ A necessidade de ação

Todavia, quando as bases materiais e técnicas de reprodução do sistema capitalista pareciam mais fortes, o modelo pareceu desmoronar. Ocorreu uma forte desaceleração no

crescimento econômico e os problemas sociais que pareciam ter sido resolvidos, voltaram a cena: aumento da desigualdade social,



inflação, desemprego e insatisfação política. Não se tratava de uma crise conjuntural. Na verdade, estava-se diante de uma transformação irremediável. Uma transformação que desataria o capitalismo das amarras que o Estado de Bem-Estar Social impôs. O mundo viveria: a) uma revolução tecnológica de gran-

des proporções ainda hoje em andamento; b) uma reestruturação produtiva de alcance global; e c) um processo de mundialização do capital,<sup>25</sup> principalmente na esfera financeira, enfraquecendo instituições sólidas e reduzindo o poder dos Estados.

É claro que nessa nova organização do capitalismo mundial, a questão do emprego e as relações de trabalho foram fortemente alteradas. Toda a problemática do emprego seria recolocada e repensada a partir de uma nova realidade, agora pouco positiva aos trabalhadores.

Na América Latina nada passaria sem ser sentido. Países endividados se viram obrigados a aceitar regras recessivas na administração de sua economia, gerando desemprego e crescimento da **desigualdade social**. Um quadro

de agravamento dos tradicionais e graves problemas locais e da distância em relação aos países centrais.



25 Conceituar esse movimento como novo, dando a ele o epíteto de *globalização*, é bastante escorregadio. Quando se fala em 'globalização' há a sensação de algo novo no mundo. Um processo inelutável de mudanças cuja marca maior é a integração econômica das nações e o enfrentamento, em todos os mercados, da concorrência internacional. É comum, sobre isso, surgirem questões como: mas será bom para todos os países? A distribuição dos ganhos é igualitária? Qual o benefício para as nações mais pobres? Deve ser notado, então, que nunca é questionado se realmente trata-se de um processo inevitável ou se verdadeiramente é novo. Isso leva a questionar o próprio conceito de 'globalização'. Autores do século passado já apontavam para a exportação de capital, a importância dos investimentos internacionais e a volatilidade do fluxos financeiros, etc (Ver KEYNES, J.M. *A Europa Antes da Guerra*. In: SZMRECSÁNYI, T. (org). *Keynes*. São Paulo: Ática, 1984, EICHENGREEN, B. *A Globalização do Capital*. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2000, HOBBSBAWN, E. *A Era dos Impérios*. 5.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998) Assim, quando se observa o grande crescimento do comércio internacional, a instalação de filiais em países diferentes de onde se localiza a sede, a padronização gerencial e da trajetória tecnológica etc., parece que se fala de uma retomada de um caminho antigo, onde o capitalismo, embora mais desenvolvido e espalhado, se recoloca mais livre. É possível afirmar que a velocidade em que as transformações ocorreram, em direção a retomada de movimentos antigos, foi muito acelerada e isto na verdade indica uma mudança qualitativa. Todavia, por mais que a rapidez das mudanças deixe atônitos os expectadores, elas na verdade não são nenhuma novidade. Trata-se, sim, de uma retomada do livre movimento do capital em busca da acumulação, processo esse que foi, de certa forma, censurado nos anos do pós-guerra devido as tragédias injustificáveis dos 1900s. Enfim, não há dúvidas de que o mundo está mudando rápido e o capital parece desprender-se das amarras que o prendia ao desenvolvimento das nações e o bem-estar das populações. Mas nada disso é realmente novo. O interregno do pós-guerra e a Guerra Fria foram momentos ímpares dentro da história do capitalismo e embora seus esforços de coordenação tenham sido baldados pelo tempo e pelos acontecimentos, fica claro que nada na história é inexorável ou está dado. O futuro, os caminhos seguidos pelas sociedades e pelas nações dependem também de seus arranjos e decisões políticas. Jamais a economia sozinha conseguirá definir os caminhos do homem.



Nessa conturbada realidade de crise e mudança, o pensamento hegemônico desde a II Guerra viu-se acuado e sem respostas. Os neoliberais,<sup>26</sup> seus críticos, ganharam espaço com os problemas e apresentaram-se como a alternativa ao que se vivia (HOBSBAWN, 1995). Com isso, questões como o desenvolvimento econômico foram desvalorizadas. Propostas intervencionistas e industrialistas foram duramente criticadas, principalmente, com a chegada da crise aos países periféricos. Era inevitável, portanto, que os defensores do planejamento e do desenvolvimento perdessem prestígio.

A natureza da crise e das mudanças que se desenhavam no horizonte não foi reconhecida a princípio. Para os homens da época, os

avanços tecnológicos, a eficiência nunca vista das empresas, as telecomunicações, os transportes e a ação estatal na economia levavam a crer que agora o capitalismo deveria ser muito mais estável que no passado (HOBSBAWN, 1995). Contudo, muitas e profundas eram as transformações. Não se tratava de baixa cíclica da economia e as mudanças não poderiam ser imputadas a crise dos anos 70 ou as políticas liberais que se seguiram. Tratava-se, isso sim, de um processo de transformação ou renovação do próprio capitalismo. Caminhava-se, a passos largos, em direção à mundialização do capital, principalmente financeiro. Ou seja, um sistema de trocas mundial crescentemente integrado que parece retomar os passos interrompidos com as graves crises da primeira metade do século XX. (BATISTA JR., 2000)

O lado financeiro era o mais visível e parece ter nascido da crise do Acordo de Bretton Woods, crescentemente inviabilizado por três fatores:

1. envolvimento do EUA em conflitos regionais, como Coréia, Vietnã etc.
2. os déficits norte-americanos crescentes no balanço de pagamentos gerados não só pelas guerras, mas pelo financiamento de seu próprio consumo
3. perda de competitividade da indústria estadunidense que – padecendo a inexistência de uma política industrial, acomodada a uma política monetária e fiscal frouxa e sancionada por custos em dólar – viu sua estrutura produtiva ‘atrasando-se’ relativamente ano a ano (CHESNAIS, 1996)

26 É difícil falarmos dos neoliberais sem matizá-los em tendências várias. Porém, dado nosso objetivo aqui, assumiremos que eles seguem ou pelo menos pregam os princípios similares aos explicitados depois, na reunião realizada em janeiro de 1993, no *Institute for International Economics*, em Washington, conhecidos como *Consenso de Washington*.

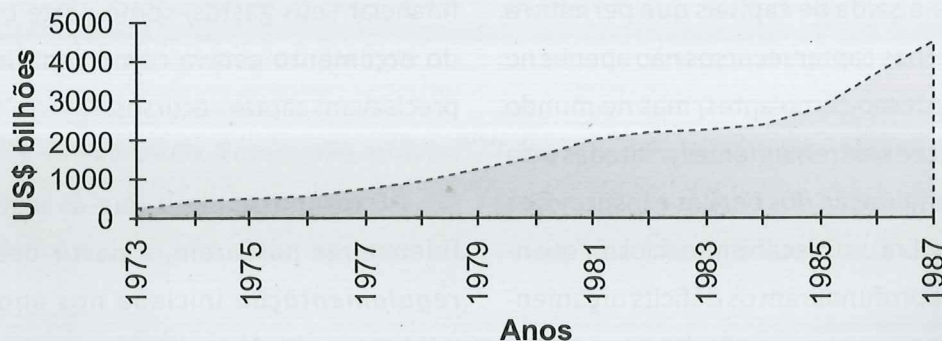
Ou seja, a tendência era de um mundo inundado por pagamentos norte-americanos e, portanto, por dólares. Logo, passou-se a questionar o dólar como padrão internacional de valor. Nessa época, ainda vigendo Bretton Woods, foi o receio dos demais países quanto ao valor do dólar que conduziu-os a querer trocar dólar por ouro.

Essa demanda pelo metal e a instabilidade monetária deram ao governo dos Estados Unidos motivos suficientes para romper o acordo de Bretton Woods e optar pelo câmbio flutuante. Porém os efeitos foram diferentes do esperado. O câmbio flexível levou a fuga dos capitais de curto prazo do país, a problemas sobre preços e salários e aumento da especulação contra o dólar (TAVARES, 1992).

A política de desvalorização lenta do dólar fortaleceu o marco e o yene, aumentou a fuga contra o dólar e reforçou os movimentos de dinheiro em direção a Europa.

Foi assim que o mercado europeu de dólares, nascido a partir dos bancos britânicos que passaram a operar em dólares através das contas das multinacionais americanas, cresceu. Os bancos norte-americanos logo migraram para a *City*, fugindo das regulamentações do FED (Fundo Europeu de Desenvolvimento) e a fim de operar o mercado de eurodólares. Esse movimento significou a criação de um mercado interbancário **privado** de dólares que escapava à vigilância e às regulamentações dos bancos centrais, principalmente do FED. (CHESNAIS, 1996)

GRÁFICO 4 – Crescimento do Euromercado, 1973-87



Fonte: CHESNAIS (1996)



Ante a instabilidade monetária internacional e o quadro de incertezas, os ajustes macroeconômicos tentados pelos diversos países – políticas de combate a inflação e ao desequilíbrio do balanço de pagamentos – longe de controlar os problemas, criaram na verdade oscilações econômicas, integração dos países ao mercado financeiro internacional e estagflação marcada por oscilações bruscas na renda,

no comércio e no movimento de capitais. A instabilidade macroeconômica e o consequente menor crescimento da produção também atingiu as finanças públicas e, deste modo, o Estado de Bem-Estar Social construído ao longo da década passada. As pressões inflacionárias também recrudesceram junto com a queda na rentabilidade, da rigidez salarial e das posições oligopolizadas das empresas.

No fim dos anos 70, com a chegada de Paul Volcker ao FED, uma série de medidas foram tomadas no sentido da desregulamentação da entrada e saída de capitais e do combate à inflação através de mecanismos monetários, baseados na elevação dos juros. Era o início da ‘diplomacia do dólar forte’ (TAVARES, 1992). O impacto dessas medidas, calcadas nas altas taxas de juros e na desregulamentação, foi uma enorme valorização do dólar que foi necessariamente acompanhada pelos demais países gerando uma alta mundial dos juros e desaceleração do crescimento.

O que se viu, então, foram os países centrais acumulando déficits orçamentários que pressionavam seus governos a buscar fontes de financiamento.

Nesse sentido, foi a desregulamentação da entrada e saída de capitais que permitiu a esses governos captar recursos não apenas no mercado interno como antes, mas no mundo todo, em ações extremamente facilitadas pela transnacionalização dos bancos e instituições financeiras. Era um mecanismo vicioso: “quanto mais se aprofundaram os déficits orçamentários, mais aumentou a parte dos orçamentos reservadas para o serviço da dívida pública, mais forte se tornou sua pressão sobre os

governos” (CHESNAIS, 1996: 259) que, para financiar seus gastos, como parte crescente do orçamento estava comprometida, mais precisavam captar recursos.

Ali tornou-se claro que as instituições financeiras passaram, a partir dessa **desregulamentação** iniciada nos anos 1980, a interconectar-se e atuar mundialmente. Porém, mais um ponto foi fundamental para a consolidação da globalização financeira:

a **desintermediação** financeira, isto é, uma verdadeira mudança na forma tradicional de financiamento tanto para tesouros nacionais como para grandes empresas que passaram a financiar-se fora das redes bancárias. Tal processo nasce da desregulamentação e do interesse de tesouros e empresas em conseguir recursos mais baratos do que os oferecidos pelos bancos que passam a sofrer a concorrência de instituições financeiras não bancárias. Estes atuam na intermediação de negócios entre os tomadores e novos investidores institucionais,<sup>27</sup> tornando fluidos mercados que antes eram estanques: títulos públicos, câmbio, opções de compra, futuros etc.

E no setor industrial? Houve mudanças? Sem dúvida. Ao mesmo tempo que se consolidava a mundialização financeira, as instabilidades geraram importantes movimentos no setor industrial. Desde o primeiro choque do petróleo e frente à ‘diplomacia do dólar forte’, o Japão, por exemplo, ajustou drasticamente sua economia e sua indústria. Porém não através de um ajuste recessivo, mas sim por meio de uma mudança deliberada, estrategicamente

baseada na tecnologia microeletrônica e na eficiência interna das plantas produtivas. Os ganhos permitiram ao país exportações capazes de sustentar a demanda agregada e aquisição de fortes superávits comerciais. A Alemanha, embora siga caminho diferente, a partir do início dos anos 80 passa também por um programa de reestruturação industrial planejado e de longo prazo. Essas transformações, juntamente com a política de liberação comercial e valorização do dólar resultaram em superávits crescentes para ambos os países.<sup>28</sup> (TAVARES, 1992)

Essa transformação, contudo, não se resumiu aos territórios nacionais dos dois países. Para que suas estratégias funcionassem era necessário ganhar espaço no mercado internacional, o que aumentava a competição e impulsionava transnacionalização dos bancos. Tal movimento fica claro tanto para o Japão como para a Alemanha devido as suas formas institucionais particulares de sinergia entre bancos e empresas industriais. O Japão, por exemplo, aliou uma vigorosa rede internacional de filiais industriais, comerciais e bancárias que passaram inclusive a influenciar a organização

27 Fundos de pensão, companhias de seguro e fundos mútuos de investimento.

28 Como veremos, mesmo com a desvalorização do dólar imposta pelo FED em 1985. As reações foram variadas, mas suficientes para manter a tendência descrita.



produtiva estadunidense (TAVARES, 1992). O novo paradigma da produção industrial tinha na automação integrada e flexível sua chave, revolucionando os antigos processos através da capacidade de programação, do processo de automação e pela substituição da eletromecânica pela eletrônica. Como consequência desse processo temos: (a) customização da produção, com redução da hierarquia e aproximação dos departamentos; e (b) di-

ferenciação das formas de relacionamento na cadeia produtiva, com fornecedores realizando tarefas antes realizadas na indústria (complementaridade) (MATTOSO, 1995, e GORENDER, 1997). Trata-se não apenas de capacidade inovadora e gerencial da empresa. Observe, portanto, que essa competitividade era buscada por países e governos através da construção de vantagens comparativas dinâmicas deliberadamente construídas.

Todas essas transformações refletir-se-iam inevitavelmente no mundo do trabalho. O compromisso da sociedade com o Estado de Bem-Estar e a preocupação com o desemprego nascidos no pós-guerra, tendo por base o crescimento econômico e a expansão industrial, viam-se agora progressivamente questionados. Os empresários industriais voltados mais e mais para o mercado mundial e subordinados a dinâmica financeira, apostaram na competição internacional, elevação da produtividade e enfraquecimento dos dispendiosos compromissos com os trabalhadores. Estes últimos passaram a ser responsabilizados pela redução da produtividade, custos elevados e obstáculos à competição, supostamente gerados pelos instrumentos regulatórios e pelas políticas sociais do Estado (contrato coletivo de trabalho, segurança no trabalho, intervenção e tributação do Estado de Bem-Estar Social etc.) (MATTOSO, 1995). Trata-se, portanto, de uma ruptura do compromisso social e político, onde a emergência de um subsistema técnico-econômico chocou-se com a inércia natural dos parâmetros social e institucional. (GORENDER, 1997)

Com as mudanças tecnológicas em andamento, foi se tornando claro que a dispensa de mão-de-obra, que chegou a níveis espetaculares, alcançando mesmo ramos em expansão, não era um fenômeno cíclico, mas sim estrutural: os empregos antigos não mais

retornariam, as velhas vagas não voltariam a ser abertas. (HOBSBAWN, 1995)

O capital organizado, sob dominância financeira, questionou e pressionou o trabalho organizado que, na defensiva, perdeu poder e

representação. Tratava-se de alterações que mexeram no âmago do *processo de trabalho* criando novas *relações de trabalho*, mas tam-

bém acentuando a exclusão social e recriando as mesmas.

Uma forma particular de desestruturação da antiga relação salarial em condições de debilidade do trabalho organizado e fortalecimento ofensivo do capital reestruturado. O próprio Estado, debilitado financeiramente e com menos poder dada a nova arquitetura financeira mundial, se vê enfraquecido diante de alguma prerrogativa de tornar-se empregador de última instância.

Esse processo engendrou, mesmo na OCDE, uma nova marginalização, fruto do questionamento por parte do capital de uma série de direitos obtidos, separando os trabalhadores em contrastantes formas de trabalho:

1. composto pelos trabalhadores integrados, com elevado nível educacional, participativos e polyvalentes e localizados nas empresas líderes;
2. os trabalhadores desempregados, marginalizados ou trabalhando sob novas formas de trabalho em relações precárias e não padronizadas.

O resultado inevitável foi a redução da segurança nas relações de trabalho, começando pela manutenção do emprego e da renda e indo até a representação do trabalho. Todavia, em se tratando de países da OCDE, a inquietação social, embora crescente, não foi

significativa, pois mesmo questionada, a rede de proteção social pode com relativo sucesso conter descabros. (HOBBSAWN, 1995)

Mas e os países periféricos? Como sofreram esse processo? Como se viu, durante os *Trinta Gloriosos*, a concorrência internacional levou as grandes empresas a ganharem escala e buscar rentabilidade fora de suas fronteiras nacionais (TAVARES, 1992). Se os primeiros movimentos desse processo se deram entre países centrais, logo o fenômeno transbordou em direção a periferia capitalista, alcançando a América Latina. Nessa época, os grandes países da região eram mercados muito atraentes, pois as elevadas barreiras alfandegárias desesti-



mulavam a importação, possibilitando bons lucros nas vendas internas. Assim, dado o porte das empresas transnacionais, sua tecnologia e a busca de modernização dos países periféricos

– através da cópia de padrões dos países centrais – a industrialização conduziu a América Latina nos caminhos da liderança de empresas estrangeiras. (FAJNZYLBER, 1990)

Todavia, essas empresas traziam plantas industriais voltadas para mercados amplos, muito diferentes dos mercados consumidores latino-americanos: de baixa renda *per capita* e muito concentrados social e regionalmente. Limites claros à expansão e aos ganhos de escala. A resistência dos consumidores elitizados, imitadores do padrão de consumo dos centros, e o tipo de concorrência estabelecido, permitiram a existência de vários fornecedores concorrendo através da diferenciação de produto e modernização do consumo de parte da população. Nesse ambiente, era evidente o papel limitado e a fraqueza da indústria local de bens de capital. Também aqui a liderança pertencia às empresas estrangeiras, que funcionavam ao mesmo tempo como produtoras e como importadoras de máquinas e equipamentos.

Tal liderança exercida pelas empresas estrangeiras teve três implicações que reforçaram a direção adotada pela industrialização latino-americana, todas elas repondo o ciclo da nossa dependência industrial:<sup>29</sup>

1. *ausência do processo de criação nos países periféricos* – tal ausência reduziu o esforço criativo, o aprendizado tecnológico e desestimulou, inclusive, a utilização de insumos locais, favorecendo o aumento do coeficiente de importação;
2. *direcionamento dos recursos para financiamento* – dada a segurança oferecida pelas grandes empresas estrangeiras, parte significativa dos recursos locais para financiamento voltou-se para as mesmas;
3. *direção do investimento público* – os governos, empenhados na expansão industrial, realizaram enormes gastos em infra-estrutura a fim de permitir o avanço dos setores mais dinâmicos e modernos, geralmente liderados por grupos estrangeiros.

<sup>29</sup> Ver capítulo anterior.

Por tudo isso, fica fácil deduzir que os efeitos da industrialização na América Latina não levaram só ao fracasso na superação da forte dependência dos países periféricos em relação aos movimentos e à liderança do capital estrangeiro. Mais do que isso, não atingiu parcela significativa da população que permaneceu marginal em relação ao crescimento industrial.

Por esse motivo, para Fajnzylber (1983), a avaliação da industrialização deve basear-se na contribuição que esta traz à satisfação de carências regionais e sua identificação com as potencialidades da região. Um critério segundo o qual a industrialização latino-americana também não respondeu a contento, pois:

1. mesmo que seus índices mais simples (crescimento, produtividade etc.) apresentassem bons resultados, não se constituiu um núcleo empresarial nacional capaz de decidir internamente os rumos do desenvolvimento industrial dos diferentes países. Continuamos tão ou mais dependentes do capital e do que acontecia nos países centrais;
2. permaneceu a heterogeneidade estrutural<sup>30</sup> somada à péssima distribuição de renda. Isso implica que não houve processos redistributivos dos ganhos de renda nos países. Deste modo, os setores da população e as atividades não englobadas pela modernidade

industrial marginalizaram-se, o que significa dizer, em termos econômicos, que não participaram significativamente dos novos fluxos de renda da América Latina;

Ou seja,

(...) construímos uma indústria liderada desde fora, com plataforma energética e tecnológica incompatível com os recursos e potencialidades regionais, induzindo a um padrão de industrialização incapaz de dinamizar, por si só, as economias nacionais e com um funcionamento que não permitia, pela sua própria estrutura, absorver parcelas crescentes da população, que crescendo e migrando, sobrava nas grandes cidades. (FAJNZYLBBER, 1983)

Logo, antes mesmo dos anos 1970, a industrialização, no padrão seguido pela América Latina tornou-se alvo de críticas. A situação agravou-se muito quando a Crise

<sup>30</sup> Ver capítulo anterior.



do Petróleo espalhou temores e medidas econômicas contraditórias ao redor do mundo. Alguns países periféricos, como o Brasil, compraram tempo captando facilmente recursos no líquido mercado internacional inundado de eurodólares. Porém, tal política revelou-se uma armadilha quando os Estados Unidos elevaram sua taxa de juros no

final dos anos 1970. A franca maioria dos países da América Latina estava endividada tornando insustentável a situação do seu balanço de pagamentos. Nesse ambiente, dada a pouca articulação política entre os países endividados, a necessidade de saldar os compromissos internacionais impôs a dolorosa recessão da década de 1980.

Essa liberalização, por vezes, possuía um interesse ainda mais forte: permitir a entrada de capitais que financiassem o saldo negativo em conta corrente gerado por planos de estabilização de preços ancorados no câmbio. Tais planos faziam da importação de *tradeables* uma das ferramentas para 'quebrar' as regras de formação de preços na economia nacional. O mecanismo era simples: com a valorização cambial típica desses planos e a abertura comercial, o crescimento das importações era inevitável, nascendo grandes déficits em conta corrente. Estes, por sua vez, passavam a ser financiados através de capitais atraídos pela desregulamentação e pela sua relativamente segura valorização.

Quando do início dos anos 90, o processo de globalização financeira finalmente alcançou os países periféricos, o fez porque se criou um mercado para os títulos da dívida externa desses países (a securitização) e, principalmente, devido a crise e deflação de ativos que ocorria nos países centrais no final dos anos 1980. Com isso, os capitais especulativos tornaram-se mais propensos a assumir maiores riscos fora da OCDE.

Mas não bastava a liquidez internacional para atrair à América Latina parte do dinheiro que circulava no mundo. O início dos anos 90 marca o começo de uma agenda reformista de cunho liberal nos moldes preconizados pelos organismos financeiros internacionais. Ou seja, para se tornarem atraentes ao capital-dinheiro, os países periféricos criaram uma oferta de

ativos suficientemente rentáveis e líquidos, tais como títulos da dívida pública, ações depreciadas, empresas privatizadas etc. (BELLUZZO; COUTINHO, 1996)

Essa liberalização, por vezes, possuía um interesse ainda mais forte: permitir a entrada de capitais que financiassem o saldo negativo

em conta corrente gerado por planos de estabilização de preços. Tais planos baseados em âncoras cambiais faziam da importação de *tradeables* uma das ferramentas para ‘quebrar’ as regras de formação de preços na economia local. Assim, com a valorização cambial típica

desses planos e a abertura comercial, o crescimento das importações era inevitável, nascendo grandes déficits em conta corrente. Estes, por sua vez, passavam a ser financiados através de capitais atraídos pela desregulamentação e pela relativamente segura valorização.

Enfim, a grande novidade dos anos 90 era a reentrada dos países de renda média ao circuito financeiro mundial. Através deles, capitais-dinheiro que se viram com dificuldades de conseguir valorizar-se nas economias centrais, migraram em busca da rentabilidade e liquidez que antes haviam encontrado apenas nos países da OCDE.

#### 4. Considerações finais

O fim do Estado de Bem-Estar Social e as conseqüências da mundialização do capital foram muito evidentes em todos os países incorporados a ela. Nessas duas últimas

décadas, as transformações porque passaram a produção, o trabalho, a segurança social e os Estados não deixam dúvidas quanto a profundidade das mudanças vividas. Se nenhuma das transformações

foi positiva aos homens e mulheres trabalhadores é porque algo foi escondido pela ideologia dos que vendem esse novo mundo como algo brilhante e auspicioso: na verdade, a democracia plena, a cidadania, só é irmã, amiga ou vizinha, do livre mercado e da falta de regulamentação social.

Pelo contrário, só quando houve forte controle do Estado sobre os disparates do capitalismo foi possível construir direitos sociais e dar aos trabalhadores poder para influenciarem nos caminhos de seus países. Em outras palavras, o mercado deixado livre é inimigo da democracia plena.



E esse é o perigo de hoje. Quanto mais o discurso liberal mina direitos, mais a mundialização do capital, principalmente financeiro, destrói fronteiras, mais fraca vai se tornando a posição do trabalhador em termos de poder, renda e cidadania. E por quê? Simples, quanto mais o mercado toma conta das decisões, mais os poderosos, as elites, detêm todo o poder, pois eles têm o que o mercado realmente aprecia: capital.

Os “condenados da terra”, sem dinheiro, pouco resta a não ser assistir bestificado sua renda, seu emprego e seu espaço de reação diminuir.

Contudo, não estamos completamente dominados e há saída. O fato de estarmos

aqui já mostra que é possível tomar consciência, resistir e transformar o mundo pela ação política. Não fomos sempre bonecos que sofrem e reproduzem o *modus vivendi* sob o látigo feroz da lógica capitalista. Muitas batalhas foram travadas, umas perdidas e algumas ganhas.

Agora no horizonte se desenha mais uma fase de importância vital para o futuro das gentes e do planeta e só as pessoas conscientes do seu papel e importância política farão ver a todos que o mundo pode ser melhor. Esse é o nosso compromisso com as futuras gerações.

## Referências

ALMEIDA, Angela M. *A República de Weimar e a Ascensão do Nazismo*. 3. ed., São Paulo: Brasiliense, 1990.

ARTHMAR, Rogério. Os Estados Unidos e a Economia Mundial no pós-Primeira Guerra. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 29, v. 1, jan-jun, 2002. Capturado na ‘internet’ no endereço: <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/323.pdf>.

BATISTA Jr., Paulo N. *A Economia como Ela É...* 1. ed., São Paulo: Boitempo, 2000.

BELLUZZO, Luiz G. *Ensaio sobre o Capitalismo no Século XX*. 1. ed., São Paulo: Editora da Unesp, 2004.

\_\_\_\_\_. O Declínio de Bretton Woods e a Emergência dos Mercados Globalizados. *Economia e Sociedade*, Campinas, n. 4, p. 11-20, jun., 1995.

BRAGA e MAZZUCHELLI. Notas Introdutórias ao Capitalismo Monopolista. *Rev. de Economia Política*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 57-65, abr-jun/1981.

CHAUÍ, Marilena. *O Que É Ideologia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

CHESNAIS, François. *A mundialização do Capital*. 1. ed., São Paulo: Xamã, 1996.

\_\_\_\_\_. *Tobin or not Tobin?* 1. ed., São Paulo: Editora Unesp: ATTAC, 1999 (Original: 1999).

CLAVIN, Patricia. *The Great Depression in Europe, 1929-1939*. 1. ed., Londres: MacMillan Press, 2000.

COUTINHO e BELLUZZO. Desenvolvimento e Estabilização Sob Finanças Globalizadas. *Economia e Sociedade*, Campinas, n. 7, p. 129-154, dez., 1996.

EICHENGREEN, Barry. *A Globalização do Capital*. 1. ed., São Paulo: Editora 34, 2000.

\_\_\_\_\_. *Golden Fetters*. 1. ed., Nova York: Oxford Univ. Press, 1995.

FAJNZYLBER, Fernando. *Industrialización en América Latina: de la 'caja negra' al 'casillero vacío'*. Santiago: CEPAL, 1990.

\_\_\_\_\_. *La Industrialización Trunca de América Latina*. México D.F.: Nueva Imagem, 1983.

FAUSTO, Ruy. *Marx: Lógica e Política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987 (v. 1).

FREEMAN, C e LOUÇÃ, F. *As Time Goes By*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

GALBRAITH, John K. *O Novo Estado Industrial*. São Paulo: Editora Abril, 1982.

\_\_\_\_\_. *1929: O Colapso da Bolsa*. 1. ed., São Paulo: Pioneira, 1988.

GORENDER, Jacob. Globalização, Tecnologia e Relações de Trabalho. *Revista Estudos Avançados*. São Paulo, n. 29, v. 11, p. 311-361, abr-jan., 1997.

HOBBSBAWN, Eric. *Era dos Extremos*. 2. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KEYNES, John M. *As Conseqüências Econômicas da Paz*. 1. ed., São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, Brasília: Editora da UnB, 2002.

\_\_\_\_\_. Considerações Sobre o Padrão-Ouro. In: SZMRECSÁNYI, Támas (org). *Keynes*. São Paulo: Ática, 1984.

LANDES. David. *Prometeu Desacorrentado*. São Paulo: Nova Fronteira, 1994.

LENIN, Vladimir I. *O Imperialismo: fase superior do capitalismo*. São Paulo: Global, 1987.

MARX, Karl. *O Capital*. México D.F.: Fondo de Cultura Econômica, 1986.



- MATTOSO, Jorge. *A Desordem do Trabalho*. 1. ed., São Paulo: Ed. Página Aberta, 1995.
- MILLS, Wright. *A Elite do Poder*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.
- \_\_\_\_\_. *A Nova Classe Média*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- OBSTFELD e TAYLOR. *Global Capital Markets: Integration, Crisis and Growth*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- POCHMANN, Marcio. *O Emprego na Globalização*. 1. ed., São Paulo: Boitempo, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Políticas do Trabalho e de Garantia de Renda no Capitalismo em Mudança*. 1. ed., São Paulo: LTr, 1995.
- POLANYI, Karl. *A Grande Transformação*. 3. ed., Rio de Janeiro: Campus, 1980.
- RIBEIRO JUNIOR, João. *O que é Nazismo*. 3. ed., São Paulo: Brasiliense, 1991.
- TAVARES, Maria Conceição. Ajuste e Reestruturação nos Países Centrais. *Economia e Sociedade*. Campinas, n. 1, p. 21-57, ago., 1992.
- TEMIN, Peter. *Lessons from the Great Depression*. 5. ed., Cambridge: MIT, 1991.
- WALTON e ROCKOFF. *History of the American Economy*. 9. ed., Washington: South-Western Thomson Learning, 2002.
- ZAMAGNI, Vera. *Historia Económica de la Europa Contemporánea*. 1. ed., Barcelona: Editorial Crítica, 2001.

## CRÉDITOS DAS IMAGENS

[www.bussolaescolar.com.br/historia\\_geral/1\\_gu...](http://www.bussolaescolar.com.br/historia_geral/1_gu...)  
[revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT503375...](http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT503375...)  
[www.smabc.org.br/mostra\\_materia.asp?id=7219](http://www.smabc.org.br/mostra_materia.asp?id=7219)  
[www.aminharadio.com/radio/menu\\_velharias](http://www.aminharadio.com/radio/menu_velharias)  
[www.infoturisti.com/.../wallStreet.aspx](http://www.infoturisti.com/.../wallStreet.aspx)  
[meuspensamentos especiais.blogspot.com/2007\\_05...](http://meuspensamentos especiais.blogspot.com/2007_05...)

[www.netencyclo.com/pt/Ouro](http://www.netencyclo.com/pt/Ouro)  
[mix.fresqui.com/hitler](http://mix.fresqui.com/hitler)  
[www.visitingdc.com/president/franklin-rooseve](http://www.visitingdc.com/president/franklin-rooseve)  
[www.angelfire.com/.../articles/baltzersen1.htm](http://www.angelfire.com/.../articles/baltzersen1.htm)  
[www.zonalibre.org/.../cat\\_historias.html](http://www.zonalibre.org/.../cat_historias.html)  
[soycamiseta cusco.tripod.com/id6.html](http://soycamiseta cusco.tripod.com/id6.html)

## PARA SABER MAIS SOBRE O TEMA

---

O objetivo deste suplemento é aprofundar o conhecimento dos conteúdos desenvolvidos em aula. Nele, você encontrará indicações e referências de materiais que possibilitam a discussão e oferecem elementos para a reflexão sobre os temas abordados. As obras e textos aqui listados são um complemento daqueles já citados no “Texto de Referência”.

### Livros

---

- ALVES, G. *O Novo (e Precário) Mundo do Trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2000.
- ARRIGHI, G. *O Longo Século XX, dinheiro, poder e a origem dos nossos tempos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.
- BATISTA Jr, Paulo N. *A Economia como Ela É...* São Paulo: Boitempo, 2000.
- BEAUD, M. *História do capitalismo: de 1500 a nossos dias*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- BELLUZZO, Luiz G. *Ensaio sobre o Capitalismo no Século XX*. São Paulo: Editora da Unesp, 2004.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BOBBIO, Norberto. *Liberalismo e Democracia*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BRAVERMAN, H. *Trabalho e Capital Monopolista*. São Paulo: Zahar Editores, 1980.



- CATANI, Afrânio. *O que É Capitalismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- CHAUI, Marilena. *O Que É Ideologia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.
- CHESNAIS, François. *Tobin or not Tobin?* São Paulo: Editora Unesp: ATTAC, 1999.
- \_\_\_\_\_. (Coord.). *A mundialização financeira: gênese, custos e riscos*. São Paulo: Xamã, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A mundialização do capital*. São Paulo: Xamã, 1996.
- COGGIOLA, Osvaldo; KATZ, Cláudio. *Neoliberalismo ou crise do capital?* São Paulo: Xamã, 1996.
- DOBB, Maurice. *A Evolução do Capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.
- DOWBOR, Ladislau. *O que é capital*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- GALBRAITH, John K. *O Novo Estado Industrial*. São Paulo: Editora Abril, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Uma Viagem pelo Tempo Econômico*. São Paulo, Pioneira, 1983.
- GONZÁLEZ, Horácio. *O Que É Subdesenvolvimento*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.
- HEILBRONER, Robert. *A História do Pensamento Econômico*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- HOBBSAWN, Eric. *Era dos Extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Era do capital*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- LANDES, David. *A riqueza e a pobreza das nações*. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Prometeu desacorrentado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.
- MATTOSO, Jorge. *A Desordem do Trabalho*. São Paulo: Ed. Página Aberta, 1995.
- OFFE, Claus. *Problemas estruturais do Estado capitalista*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Capitalismo Desorganizado*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Trabalho e sociedade: problemas estruturais e perspectivas para o futuro da "Sociedade do Trabalho"*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

- PERRAULT, Gilles. (Org.). *O livro negro do capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 1999.
- POLANYI, Karl. *A Grande Transformação*. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980.
- POCHMANN, Márcio. *O Emprego na Globalização*. São Paulo: Boitempo, 2001.
- PRZEWORSKI, A. *Capitalismo e social-democracia*. São Paulo: Companhia das Letras., 1989.
- RIBEIRO JUNIOR, João. *O que é Nazismo*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- SANDRONI, Paulo. *Novíssimo dicionário de economia*. São Paulo: Best Seller, 1999.
- SINGER, Paul. *O Capitalismo*. São Paulo, Moderna, 1987.
- WEBER, Max. *História geral da economia*. São Paulo: Mestre Jou, 1968.

## Artigos

---

- BALL, Stephen J. Performatividade, privatização e o pós-Estado do Bem-Estar. In: *Educ. Soc.*, dez. 2004, v. 25, n. 89.  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302004000400002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302004000400002&lng=pt&nrm=iso)
- BATISTA JR, Paulo Nogueira. Mitos da “globalização”. In: *Estud. Av.* v. 12 n. 32 São Paulo jan./apr. 1998.  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141998000100012&nrm=iso&lng=en&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141998000100012&nrm=iso&lng=en&tlng=pt)
- CASANOVA, Pablo González. O imperialismo, hoje. In: *Tempo* v. 9 n. 18. Niterói, jan./jun. 2005.  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-77042005000100004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-77042005000100004&lng=pt&nrm=iso)
- CORSI, Fernando Luiz. A questão do desenvolvimento à luz da globalização da economia *capitalista*. In: *Rev. Sociol. Polit.* n. 19 Curitiba, nov. 2002.  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-44782002000200003&nrm=iso&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782002000200003&nrm=iso&lng=pt&tlng=pt)



DINIZ, Eli. Globalização, Reforma do Estado e Teoria Democrática Contemporânea. In: *São Paulo Perspec.* v. 15, n. 4, São Paulo, out./dez. 2001.

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392001000400003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000400003&lng=pt&nrm=iso)

DOMINGUES, José Maurício. Desenvolvimento, modernidade e subjetividade. In: *Rev. bras. Ci. Soc.*, jun. 1999, v.14, n.40.

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69091999000200007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091999000200007&lng=pt&nrm=iso)

DUPAS, Gilberto. A lógica da economia global e a exclusão social. In: *Estud. Av.* v. 12, n. 34, São Paulo, set./dez. 1998.

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141998000300019&nrm=iso&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141998000300019&nrm=iso&lng=pt&tlng=pt)

GOMES, Fábio Guedes. Conflito social e welfare state: Estado e desenvolvimento social no Brasil. In: *Rev. Adm. Pública*, abr. 2006, v. 40, n. 2,

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-76122006000200003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-76122006000200003&lng=pt&nrm=iso)

IANNI, Octávio. Globalização: Novo paradigma das ciências sociais. In: *Estud. Av.*, v. 8, n. 21, São Paulo, mai/ago. 1994.

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141994000200009](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000200009)

MATTOSO, Jorge. Tecnologia e Emprego: uma relação conflituosa. In: *São Paulo Perspec.* v. 14 n. 3, São Paulo, jul./set. 2000.

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392000000300017&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000300017&lng=pt&nrm=iso)

MORAES, Reginaldo. Reformas Neoliberais e Políticas Públicas: Hegemonia Ideológica e Re-definições das Relações Estado-Sociedade. In: *Educ. Soc.* v. 23, n. 80., Campinas, set. 2002.

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302002008000002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002008000002&lng=pt&nrm=iso)

SANTOS, Tania Steren dos. Globalização e exclusão: a dialética da mundialização do capital. In: *Sociologias*, n. 6, Porto Alegre, jul./dez. 2001.

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-45222001000200008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-45222001000200008&lng=pt&nrm=iso)

## Periódicos

---

Dossiê Liberalismo e Neoliberalismo, *Revista da USP*, São Paulo, 17, 1993.

<http://www.usp.br/revistausp/n17/numero17.html>

## Artigos de jornal

---

“Globalização não reduz desigualdade e pobreza no mundo, diz ONU”. *Folha Online*, São Paulo, 10, fev., 2007.

Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u104540.shtml>

## Sítios na internet

---

Revista Eletrônica Globalización:

<http://www.rcci.net/globalizacion/index.htm>

Sítio do Banco Mundial sobre Globalização:

<http://www1.worldbank.org/economicpolicy/globalization/>

Global Trade Watch:

<http://www.citizen.org/trade/>

Organização Internacional do Trabalho – OIT

*World Commission on the Social Dimension of Globalization*

<http://www.ilo.org/public/english/fairglobalization/index.htm>

Banco de dados da Universidade de Harvard (Estados Unidos) sobre Globalização

[http://www.researchmatters.harvard.edu/topic.php?topic\\_id=11](http://www.researchmatters.harvard.edu/topic.php?topic_id=11)



## Centros de Pesquisa

---

Centro de Estudos Marxistas/UNICAMP – <http://www.unicamp.br/cemarx/>

NEILS – Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais da PUC-SP – <http://www.pucsp.br/neils/>

NEG – Núcleo de Estudos da Globalização da UNESP – <http://globalization.cjb.net/>

IEA USP (Instituto de Estudos Avançados) – <http://www.iea.usp.br/iea/>

CEGeT – Centro de Estudos da Geografia do Trabalho da UNESP – <http://www2.prudente.unesp.br/CEGET/>

CEBRAP – Centro Brasileiro de Análise e Planejamento) – <http://www.cebrap.org.br/index.asp>

IUPERJ – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política – <http://www.iuperj.br/>

NEC – Núcleo de Estudos Contemporâneos da UFF – <http://www.historia.uff.br/nec/>

Grupos de Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco – <http://www.propesq.ufpe.br/propesq/pesquisa/grupo.html>

CESIT – Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho da UNICAMP – <http://www.eco.unicamp.br/cesit/index2.html>

GEEIN – Grupo de Estudos de Economia Industrial da UNESP – <http://geein.fclar.unesp.br/>

Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos – <http://www.cebela.org.br/>

Centro de Estudos em Economia e Sociedade da Universidade de Cornell, EUA (Center for the Study of Economy and Society) – <http://www.economyandsociety.org/contact.shtml>

Instituto de Pesquisa em Economia Política da Universidade de Massachussetts, EUA (Political Economy Research Institute) – <http://www.peri.umass.edu/>

GERM – Sítio em português do Grupo de Estudos sobre a Mundialização (Groupe d'Etudes et de Recherchessur les Mondializations) – <http://www.mondialisations.org/php/public/liste.php?r=59>

Universidade de Warwick – Reino Unido

*Centre for the Study of Globalisation and Regionalisation* – <http://www2.warwick.ac.uk/fac/soc/csgr/>

## Filmes

---

### **Título Original: Nós Que Aqui Estamos Por Vós Esperamos**

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 73 min.

Ano de Lançamento (Brasil): 1999

Direção: Marcelo Masagão

Sinopse: “Nós que aqui estamos por vós esperamos” é um filme-memória sobre o século XX, a partir de recortes biográficos reais e ficcionais de pequenos e grandes personagens que viveram neste século. Este filme pretende discutir a banalização da morte e por correspondência direta, da vida. Noventa e cinco por cento das imagens são de arquivo: Filmes antigos, fotos e reportagens de TV. O filme não tem um locutor e nem depoimentos orais dos personagens envolvidos. A sonorização é toda realizada com música, efeitos sonoros e silêncios.

(Fonte: <http://www2.uol.com.br/filmememoria/ficha.htm>)

### **Título: 1900**

Título Original: Novecento

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 134 min.

Ano de Lançamento (Itália/Alemanha/França): 1976

Direção: Bernardo Bertolucci

Sinopse: O filme faz uma retrospectiva histórica da Itália desde o início do século XX até o término da Segunda Guerra Mundial, com base na vida de Olmo, filho bastardo de camponeses, e Alfredo, herdeiro de uma rica família de latifundiários. Apesar da amizade desde a infância, a origem social fala mais alto e os coloca em pólos política e ideologicamente antagônicos.

Através da vida de Olmo e Alfredo, o filme retrata o intenso cenário político que marcou a Itália e o mundo nas primeiras décadas desse século, representado pelo fortalecimento das lutas trabalhistas ligadas ao socialismo em oposição à ascensão do fascismo.

“Novecento” tornou-se um épico aclamado no mundo inteiro, sendo considerado pela crítica internacional como uma das principais obras do grande cineasta italiano Bernardo Bertolucci.

(Fonte: <http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=170>)



**Título: O Encouraçado Potemkin**

Título Original: Bronenosets Potyomkin

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 74 minutos

Ano de Lançamento (Rússia): 1925

Direção: Sergei Eisenstein

Roteiro: Nina Agadzhanova e Sergei Eisenstein

Sinopse: Em 1905, na Rússia czarista, aconteceu um levante que pressagiu a Revolução de 1917. Tudo começou no navio de guerra Potemkin quando os marinheiros estavam cansados de serem maltratados, sendo que até carne estragada lhes era dada com o médico de bordo insistindo que ela era perfeitamente comestível. Alguns marinheiros se recusam em comer esta carne, então os oficiais do navio ordenam a execução deles. A tensão aumenta e, gradativamente, a situação sai cada vez mais do controle. Logo depois dos gatilhos serem apertados Vakulinchuk (Aleksandr Antonov), um marinheiro, grita para os soldados e pede para eles pensarem e decidirem se estão com os oficiais ou com os marinheiros. Os soldados hesitam e então abaixam suas armas. Louco de ódio, um oficial tenta agarrar um dos rifles e provoca uma revolta no navio, na qual o marinheiro é morto. Mas isto seria apenas o início de uma grande tragédia.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/encouracado-potemkin/encouracado-potemkin.htm>)

**Título: Liam**

Título Original: Liam

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 90 minutos

Ano de Lançamento (Inglaterra): 2000

Direção: Stephen Frears

Roteiro: Jimmy McGovern

Sinopse: Em plenos anos 30 vive na cidade de Liverpool o garoto Liam (Anthony Borrows), que tem apenas 7 anos de idade e está se preparando para sua primeira comunhão. Em meio a isto, Liam busca compreender o complexo mundo que o cerca, que está prestes a ser mudado por completo devido a um cataclismo econômico, político e social jamais visto.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/liam/liam.asp>)

**Título: Os Deuses Malditos**

Título Original: La Caduta Degli Dei

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 157 minutos

Ano de Lançamento (Itália / Alemanha): 1969

Estúdio: Eichberg-Film GmbH / Praesidens-Pegaso Italnoeggio

Distribuição: Warner Bros.

Direção: Luchino Visconti

Roteiro: Nicola Badalucco, Luchino Visconti e Enrico Medioli

Sinopse: Uma família aristocrática está em guerra pelo poder das empresas que possui ao mesmo tempo em que o nazismo floresce na Alemanha. Em 1933, o barão Joachim Von Essenbeck (Albrecht Schoenhals) comunica que está deixando o seu império de usinas de aço nas mãos de um desconhecido. A ascensão do nazismo é analisado pela ótica de uma aristocrática família, que se digladia internamente na luta pelo poder, assassinado uns aos outros sem hesitação para alcançar seus objetivos.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/deuses-malditos/deuses-malditos.asp>)

### **Título: Sunshine – O Despertar de um Século**

Título Original: Sunshine

Gênero: Romance

Tempo de Duração: 180 minutos

Ano de Lançamento (Inglaterra): 1999

Direção: István Szabó

Roteiro: Israel Horovitz e István Szabó

Sinopse: Conheça a história de três gerações dos Sonnenscheins, uma família húngaro-judia que tem início na Hungria, na época em que esta era governada pelo Império Austro-Húngaro. A história familiar se desenrola em paralelo aos acontecimentos políticos de seu país. O nazismo, a 2ª Guerra Mundial, o legado comunista da Hungria pós-guerra são cenários para este filme comovente.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/sunshine/sunshine.asp>)

### **Título: Concorrência Desleal**

Título Original: Concorrenza Sleale

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 110 minutos

Ano de Lançamento (Itália): 2001

Direção: Ettore Scola

Roteiro: Fulvio Scarpelli, Furio Scarpelli, Giacomo Scarpelli, Ettore Scola e Silvia Scola

Sinopse: Em 1938, dois alfaiates disputam a clientela local. Umberto (Diego Abatantuono) é um alfaiate que repentinamente começa perder sua clientela para uma loja vizinha, de propriedade de Leone (Sergio Castellitto), que oferece roupas a preços mais baixos. Após uma discussão entre eles, um deles acaba dizendo em público que o outro era judeu, condição esta



escondida até aquele momento. A partir de então, o alfaiate judeu passa a ser perseguido pela polícia fascista, com seu concorrente tentando ajudá-lo de todas as maneiras possíveis. (Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/concorrenca-desleal/concorrenca-desleal.asp>)

**Título: A Queda – As Últimas Horas de Hitler**

Título Original: Der Untergang

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 156 minutos

Ano de Lançamento (Alemanha / Itália): 2004

Direção: Oliver Hirschbiegel

Roteiro: Bernd Eichinger, baseado em livros de Joachim Fest, Melissa Müller e Traudl Junge

Sinopse: Os últimos dias de Adolf Hitler, narrados por sua secretária, Traudl Junge (Alexandra Maria Lara). Recebeu uma indicação ao Oscar.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/queda/queda.asp>)

**Título: As Garras do Leão**

Título Original: Young Winston

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 157 minutos

Ano de Lançamento (Inglaterra): 1972

Direção: Richard Attenborough

Roteiro: Carl Foreman, baseado em livro de Winston Churchill

Sinopse: Índia, 1896. Winston Spencer Churchill (Simon Ward) ainda jovem se torna correspondente de guerra, onde adquire vivência como jornalista. Winston passa por problemas pessoais com seus pais e, na África do Sul, demonstra atos de heroísmos na Guerra dos Boeres. No início do século, Churchill é eleito para o Parlamento e dá início a uma ascensão política que o tornará o maior líder inglês do século XX e um dos personagens mais importantes de nossa era.

**Título: Meu Tio**

Título Original: Mon Oncle

Gênero: Comédia

Tempo de Duração: 126 min.

Ano de Lançamento (França): 1958

Direção: Jacques Tati

O filme é uma crítica de Jacques Tati ao excesso de preocupação com bens materiais. Monsieur Hulot se atrapalha com o futurismo exagerado da casa do cunhado, mas conquista

o sobrinho com seu estilo desligado e simples. Retrata de forma leve a geração do Pós-Segunda Guerra.

(Fonte: <http://www.historiadaarte.com.br/filmografia.html>)

**Título: Truman**

Título Original: Truman

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 133 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1995

Estúdio: HBO / Spring Creek Productions

Distribuição: HBO

Direção: Frank Pierson

Roteiro: Thomas Rickman, baseado em livro de David McCullough

Sinopse: A biografia do controvertido presidente americano Harry Truman (Gary Sinise), que em virtude da morte do presidente Roosevelt assumiu o poder e talvez tenha dado a ordem mais polêmica do século XX: o bombardeio de Hiroshima e Nagasaki. O período desta cine-biografia retrata a vida do presidente de 1917, quando desejava se alistar no exército com 33 anos, até 1953.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/truman/truman.asp>)

**Título: Bom Dia**

Título Original: L'Emploi Du Temps

Gênero: Comédia

Ano de Lançamento (França): 1959

Direção: Yasujiro Ozu

Sinopse: Num tranqüilo bairro da periferia de Tóquio, dois garotos, os irmãos Isamu e Minoru, pedem aos pais que comprem uma TV. Os pais se recusam, e em represália eles fazem uma greve de silêncio. Bom Dia é uma sátira encantadora da vida familiar suburbana do Japão dos primórdios da década de 1960. É perceptível a transição para a vida moderna, com seus novos aparatos tecnológicos (a TV e a máquina de lavar, por exemplo) e os novos costumes que se contrasta com a sociedade tradicional no Japão. Dirigido com graça e sensibilidade apurada por Yasujiro Ozu, um dos grandes cineastas japoneses, Bom Dia expõem as mudanças impostas pela vida moderna. Através de um humor sutil, Ozu expõe, com graça e leveza, as contradições candentes de um Japão que se moderniza a largos passos no período histórico de ascensão do capital.

(Fonte: <http://www.telacritica.org/letraB.htm#bom>)



**Título: Adeus, Lenin!**

Título Original: Good Bye, Lenin!

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 118 minutos

Ano de Lançamento (Alemanha): 2003

Direção: Wolfgang Becker

Roteiro: Wolfgang Becker e Bernd Lichtenberg

Sinopse: Em 1989, pouco antes da queda do muro de Berlim, a Sra. Kerner (Katrin Sab) passa mal, entra em coma e fica desacordada durante os dias que marcaram o triunfo do regime capitalista. Quando ela desperta, em meados de 1990, sua cidade, Berlim Oriental, está sensivelmente modificada. Seu filho Alexander (Daniel Brühl), temendo que a excitação causada pelas drásticas mudanças possa lhe prejudicar a saúde, decide esconder-lhe os acontecimentos. Enquanto a Sra. Kerner permanece acamada, Alex não tem muitos problemas, mas quando ela deseja assistir à televisão ele precisa contar com a ajuda de um amigo diretor de vídeos

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/adeus-lenin/adeus-lenin.asp>)

**Título Original: Eles não Usam Black-Tie**

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 134 min.

Ano de Lançamento (Brasil): 1981

Roteiro: Gianfrancesco Guarnieri e Leon Hirszman

Sinopse: Em São Paulo, em 1980, o jovem operário Tião e sua namorada Maria decidem casar-se ao saber que a moça está grávida. Ao mesmo tempo, eclode um movimento grevista que divide a categoria metalúrgica. Preocupado com o casamento e temendo perder o emprego, Tião fura a greve, entrando em conflito com o pai, Otávio, um velho militante sindical que passou três anos na cadeia durante o regime militar.

(Fonte: <http://www.adorocinemabrasileiro.com.br/filmes/eles-nao-usam-black-tie/eles-nao-usam-black-tie.asp>)

**Título: Sammy e Rosie**

Título Original: Sammy and Rosie Get Laid

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 101 minutos

Ano de Lançamento (Inglaterra): 1987

Direção: Stephen Frears

Sinopse: Rafi, um velho político paquistanês, volta a Londres, onde viveu décadas atrás, para escapar de seu passado de envolvimento com a repressão política em seu país e se hospeda

na casa de Sammy, seu filho, num bairro semidestruído por contínuos conflitos políticos e raciais. Sammy e Rosie, sua mulher, têm amantes, amigas lésbicas, amigos traficantes e militantes políticos, o que torna difícil para Rafi viver em seu apartamento. Este procura Alice, uma antiga amante que cansou de esperar por ele e o rejeita. Ao mesmo tempo, faz amizade com o negro Danny, um desempregado que vive num terreno baldio e que acaba por se tornar amante de Rosie. Rafi se suicida e no final Sammy e Rosie se reconciliam. Por trás deste enredo está a Inglaterra da Era Thatcher, o neoliberalismo da Dama de Ferro inglesa e a desconstrução do estado de bem-estar social do país.

(Fonte: [http://www.cineparadiso.com.br/filmes\\_exibidos%20-%20sammy\\_e\\_rosie.htm](http://www.cineparadiso.com.br/filmes_exibidos%20-%20sammy_e_rosie.htm))

### **Título: Luta Decisiva**

Título Original: The Big Man

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 116 minutos

Ano de Lançamento (EUA / Escócia / Inglaterra): 1990

Direção: David Leland

Roteiro: Don MacPherson, baseado em livro de William McIlvanney

Sinopse: Durante uma greve um mineiro escocês, Danny Scouler (Liam Neeson), que sempre teve uma reputação inabalada, é preso como agitador e tem seu nome colocado em uma “lista negra”. Desta forma não consegue arrumar emprego, mas o fato de ser sustentado pela mulher, Beth (Joanne Whalley), o deixa constrangido. Ele recebe um convite de um desconhecido muito rico, que oferece muito dinheiro para que ele participe de uma luta ilegal, na qual os lutadores não usam luvas e a luta só termina quando apenas um deles permanece em pé. Danny aceita o convite, apesar disto provocar uma crise no seu casamento. A greve retratada no filme ocorre 1984 e é exemplo dos reflexos da política econômica do governo de Margaret Thatcher.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/luta-decisiva/luta-decisiva.asp>)

### **Título: Billy Elliot**

Título Original: Billy Elliot

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 111 minutos

Ano de Lançamento (Inglaterra): 2000

Direção: Stephen Daldry

Roteiro: Lee Hall

Sinopse: Billy Elliot (Jamie Bell) é um garoto de 11 anos que vive numa pequena cidade da Inglaterra, onde o principal meio de sustento são as minas da cidade. Obrigado pelo pai a



treinar boxe, Billy fica fascinado com a magia do balé, ao qual tem contato através de aulas de dança clássica que são realizadas na mesma academia onde pratica boxe. Incentivado pela professora de balé (Julie Walters), que vê em Billy um talento nato para a dança, ele resolve então pendurar as luvas de boxe e se dedicar de corpo e alma à dança, mesmo tendo que enfrentar a contrariedade de seu irmão e seu pai à sua nova atividade. O filme de Daldry busca exprimir de forma alegórica a transição de uma época histórica para outra. No decorrer da década de 1980, o choque neoliberal de Margaret Thatcher no Reino Unido implicou a construção de um novo homem pós-fordista, vinculado às demandas das novas formas de exploração do capital, ligado à atividade de serviço. Em Billy Elliot, o neoliberalismo é muito mais do que uma política de gestão do Estado capitalista; é também um novo modo de vida social que busca desconstruir uma determinada forma histórica de luta de classes. (Fonte: <http://www.telacritica.org/letraB.htm#billy>)

**Título: Memórias do Saqueio**

Título Original: Memorias del Saqueo

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 120 minutos

Ano de Lançamento: 2004

Direção: Fernando E. Solanas

Sinopse: Após a queda do regime militar em 1983, sucessivos governos democráticos lançaram uma série de reformas que propunham transformar a Argentina na mais liberal e próspera economia do mundo. Menos de 20 anos depois, os argentinos perderam literalmente tudo: empresas estatais foram vendidas por preços muito abaixo de seu valor, as privatizações serviram para enriquecer políticos corruptos, a reforma trabalhista tirou todos os direitos dos trabalhadores, a fome se espalhou pela nação e milhões de pessoas perderam suas economias graças a um colapso bancário. O filme mostra aspectos políticos, financeiros, sociais e judiciais levaram o país à ruína.

(Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2006/eleicoes/midia-filmes.shtml>)

**Título: Wall Street – Poder e Cobiça**

Título Original: Wall Street

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 126 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1987

Estúdio: 20th Century Fox / Amercent Films / American Entertainment Partners L.P.

Distribuição: 20th Century Fox Film Corporation

Direção: Oliver Stone

Roteiro: Stanley Weiser e Oliver Stone

Sinopse: Nova York, 1985. Bud Fox (Charlie Sheen) é um jovem e ambicioso corretor que trabalha no mercado de ações. Após várias tentativas ele consegue falar com Gordon Gekko (Michael Douglas), um inescrupuloso bilionário. Durante a conversa Bud sente que precisa dar alguma dica muito quente para ter a atenção de Gekko e então lhe fala o que seu pai, Carl Fox (Martin Sheen), um líder sindical, tinha lhe dito, que a Bluestar, a companhia aérea para a qual trabalha, ganhou um importante processo. Esta informação não foi ainda divulgada oficialmente, mas quando isto acontecer as ações terão uma significativa alta. Gekko o adota como discípulo e logo Bud trabalha secretamente para Gekko, abandonando qualquer escrúpulo, ética e meios lícitos, pois só quer enriquecer. Bud obtém sucesso, o que faz seu padrão de vida mudar. Além disto se envolve Darien Taylor (Daryl Hannah), uma decoradora em ascensão, mas se os ganhos são bem maiores, os riscos também são.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/wall-street/wall-street.asp>)

### **Título: A Fraude**

Título Original: Rogue Trader

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 101 minutos

Ano de Lançamento (Inglaterra): 1998

Direção: James Dearden

Roteiro: James Dearden, baseado em livro de Nicholas Leeson e Edward Whitley

Sinopse: Nick Leeson (Ewan McGregor) é um dos muitos empregados do Barings Bank. Nick é mais ambicioso que a maioria e não pretende trabalhar sempre como um escriturário, assim quando lhe é oferecida a chance de ir para Jacarta para resolver um problema, que ninguém quer assumir, ele agarra a oportunidade com ambas as mãos. Lá ele conhece e se casa com Lisa (Anna Friel). Juntos eles vão para Singapura, quando o banco oferece a ele um emprego de corretor da bolsa para montar as opções de operação em mercado futuro. Para economizar dinheiro, o banco força Nick a contratar empregados mal-remunerados, que não precisem de qualificação profissional. Seu primeiro ano de negócios é um grande sucesso e ele consegue grandes lucros para o banco, embora tenha ilegalmente quebrado as regras tradicionais e secretamente tendo escondido as perdas na conta 88.888, que foi criada para este fim. Tendo mais liberdade, e até mesmo mais dinheiro, e sem ninguém o checando, Nick começa a acumular perdas e tenta outra vez negociar por fora, mas desta vez ele gera perdas bem maiores. Quando Lisa perde o bebê que tanto esperavam, Nick perde totalmente o controle e especula sem nenhuma restrição com o dinheiro de outras pessoas. Isto conduz a uma crise financeira sem precedentes, que leva o banco a falência.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/fraude/fraude.asp>)



**Título: Forrest Gump – O contador de histórias**

Título Original: Forrest Gump

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 141 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1994

Direção: Robert Zemeckis

Roteiro: Eric Roth, baseado em livro de Winston Groom

Sinopse: Tom Hanks emociona os espectadores neste filme que ganhou 6 Oscars e que ainda que não apresente nenhum comprometimento com o realismo cinematográfico, faz uma releitura divertida dos grandes acontecimentos da história norte-americana durante a segunda metade do século XX. São quarenta anos da história dos Estados Unidos, vistos pelos olhos de rapaz com QI abaixo da média que, por obra do acaso, consegue participar de momentos cruciais, como a Guerra do Vietnã e Watergate.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/forrest-gump/forrest-gump.asp>)

**Título: O sucesso a qualquer preço**

Título Original: Glengarry Glen Ross

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 100 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1992

Direção: James Foley

Roteiro: David Mamet, baseado em peça teatral de David Mamet

Sinopse: Chicago. Em uma firma que trabalha com venda de imóveis os tempos estão difíceis para os corretores Shelley Levene (Jack Lemmon), Ricky Roma (Al Pacino), Dave Moss (Ed Harris) e George Aaronow (Alan Arkin). Eles são fortemente pressionados por Blake (Alec Baldwin), que agora chefia as vendas e promete um Cadillac Eldorado para o melhor vendedor, para o 2º colocado o prêmio será um conjunto de seis facas para churrasco e o 3º prêmio é o olho da rua, pois não lá há lugar para fracassados. Quem tiver desempenho mais satisfatório vai receber as boas dicas para conseguir ir bem nas vendas, mas o roubo delas deixa a situação tensa.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/sucesso-a-qualquer-preco/sucesso-a-qualquer-preco.htm>)

**Título: A agenda**

Título Original: L'Emploi Du Temps

Gênero: Drama

Ano de Lançamento (França): 2001

Direção: Laurent Cantet

Sinopse: Vincent, interpretado por Aurélien Recoing, está desempregado, mas sem coragem

de contar à esposa e aos três filhos. Todas as manhãs ele sai para “trabalhar”, mas na verdade fica perambulando pela cidade. No seu desespero por se reintegrar à sociedade, Vincent simula viagens de negócios e chega ao cúmulo de entrar em escritórios e cumprimentar as pessoas como se fosse parte da equipe. Quanto mais o tempo passa, mais Vincent se enrola para convencer a família de que tem uma agenda cheia de compromissos e suas mentiras começam a surtir efeito, aumentando os problemas familiares e sua angústia pessoal. A simulação de Vincent é sintoma do sistema social baseado no agudo fetichismo do dinheiro, representação virtual do produto-mercadoria. Por outro lado, L’Emploi Du Temps expõe a aguda incomunicabilidade que permeia a sociabilidade burguesa. Vincent não consegue contar a esposa e aos filhos, ou mesmo aos amigos e aos pais, que perdeu o emprego e que está à deriva.

(Fonte: <http://www.telacritica.org/letraA.htm#agenda>)

### **Título Original: Ou tudo ou nada**

Título Original: The Full Monty

Gênero: Comédia

Tempo de Duração: 90 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1997

Direção: Peter Cattaneo

Roteiro: Simon Beauford

Sinopse: O desenvolvimento da mundialização do capital e do capitalismo global, a partir da década de 1980, implicou numa nova divisão internacional do trabalho, com impacto significativos em alguns setores industriais nos países capitalistas do Primeiro Mundo, como, por exemplo, Espanha e Reino Unido. Ocorreu um agudo processo de desindustrialização e de reconversão produtiva que atingiu o mundo do trabalho, contribuindo para o aumento significativo do desemprego em massa e do desemprego de longa duração e da precarização do trabalho. Surgiram formas agudas de estranhamento da força de trabalho em virtude da sua desvalorização como mercadoria. Um grande contingente de ex-operários foram obrigados a buscar inserções precárias no mercado de trabalho no setor de serviços em expansão. Enfim, eles foram vítimas da globalização do capital e das mutações do capitalismo global, marcado pela financeirização exacerbada e pela constituição da sociedade em rede. Nessa nova etapa de desenvolvimento do sistema mundial do capital se engendra uma nova dinâmica social caracterizada pelo sociometabolismo da barbárie, isto é, pela aguda dessocialização de amplos contingentes da sociedade do trabalho estranhado.

Neste contexto, seis operários desempregados que vivem em Sheffield (Inglaterra), outrora centro industrial do aço na Inglaterra, e precisam desesperadamente de dinheiro. Decidem, então, montar, apenas por uma noite, um show de strip-tease para mulheres. Entretanto, decidem ir além – irão ficar totalmente pelados.



Apesar do conteúdo crítico e do contexto contundente, Cattaneo constrói uma comédia divertidíssima que emociona e faz rir.

(Fonte: [http://www.telacritica.org/OuTudoOuNada\\_.htm](http://www.telacritica.org/OuTudoOuNada_.htm))

**Título: Pão e Rosas**

Título Original: Bread and Roses

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 110 minutos

Ano de Lançamento (Inglaterra): 2000

Direção: Ken Loach

Roteiro: Paul Laverty

Sinopse: As irmãs Maya (Pilar Padilla) e Rosa (Elpidia Carrillo), imigrantes mexicanas em situação ilegal, trabalham no serviço de limpeza de um prédio comercial no centro da cidade. O destino colocou Sam (Adrien Brody), apaixonado ativista americano, no seu caminho, o que as leva a uma campanha guerrilheira contra seus patrões. A luta ameaça seu sustento, a família e faz com que corram o risco de serem expulsas do país. O tema de Bread and Roses, de Ken Loach, é a luta contra a precarização do estatuto salarial do contingente de trabalhadores subcontratados do setor de serviços que, nas últimas décadas, cresceu bastante nos EUA e nos países capitalistas.

(Fonte: <http://www.telacritica.org/letraP.htm#pao>)

**Título Original: Ilha das Flores**

Gênero: Curta-metragem

Tempo de Duração: 12 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1989

Direção: Jorge Furtado

Roteiro: Jorge Furtado

Sinopse: Um tomate é plantado, colhido, vendido e termina no lixo da Ilha das Flores, entre porcos, mulheres e crianças. Curta-metragem premiadíssimo do gaúcho Jorge Furtado, o filme retrata com ironia o mundo em que vivemos: uma sociedade em rede, interligada por mercados, gentes, coisas e idéias. Um exemplo da sociedade moldada pelos fluxos do capitalismo atual construído por furtado com maestria e muito senso de humor. Este curta está disponível para exibição online em [www.portacurtas.com.br](http://www.portacurtas.com.br).

(Fonte: <http://www.curtagora.com/filme.asp?Codigo=560&Ficha=Completa>)

**Título: O Corte**

Título Original: Le Couperet

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 122 minutos

Ano de Lançamento (França / Bélgica / Espanha): 2005

Direção: Costa-Gavras

Roteiro: Costa-Gavras e Jean-Claude Grumberg, baseado em livro de Donald E. Westlake

Sinopse: Bruno Davert (José Garcia) é um executivo francês, que perde seu emprego. Dois anos depois ele continua desempregado, o que o leva ao desespero. Decidido a recuperar o antigo cargo, ele decide matar seu atual ocupante e todos os candidatos da empresa em que trabalhava com potencial para ocupá-lo. Mais uma vez, Costa-Gavras exercita seu olhar crítico, desta vez sobre o capitalismo contemporâneo.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/corte/corte.asp>)

### **Título: Enron – Os Mais Espertos da Sala**

Título Original: Enron: The Smartest Guys in the Room

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 109 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 2005

Direção: Alex Gibney

Roteiro: Alex Gibney, baseado em livro de Bethany McLean e Peter Elkind

Sinopse: Um estudo sobre um dos maiores escândalos corporativos da história dos Estados Unidos, em que executivos da Enron, a 7ª maior companhia do país, fugiram com bilhões de dólares e deixaram acionistas e investidores sem um único tostão. Através de depoimentos e gravações é mostrada como funcionava a hierarquia interna na Enron.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/enron/enron.asp>)

### **Título: Segunda-Feira ao Sol**

Título Original: Las Lunas al Sol

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 113 minutos

Ano de Lançamento (Espanha): 2002

Site Oficial: [www.loslunesalsol.com](http://www.loslunesalsol.com)

Direção: Fernando León de Aranoa

Roteiro: Fernando León de Aranoa e Ignacio del Moral

Sinopse: Uma cidade costeira no norte da Espanha sofre com seu isolamento quando seus estaleiros começam a ser fechados, deixando vários trabalhadores desempregados à mercê de pequenas ocupações temporárias. Entre eles está Santa (Javier Bardem), um machão rebelde e auto-suficiente que se recusa a admitir o fracasso. Mas a verdade é que ele e seus companheiros, dos quais ele se torna uma espécie de líder, são perdedores completos, mergulhados no alcoolismo e em crises familiares. Trabalho assalariado, reestruturação produtiva; desemprego, precarização do trabalho, capitalismo global e a falência do estado



de bem-estar social são palavras-chave para compreender a crítica feita neste filme de beleza sutil.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/segunda-feira-ao-sol/segunda-feira-ao-sol.htm>)

**Título: O Que Você Faria?**

Título Original: El Método

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 115 minutos

Ano de Lançamento (Argentina / Espanha / Itália): 2005

Direção: Marcelo Piñeyro

Roteiro: Mateo Gil e Marcelo Piñeyro, baseado em peça teatral de Jordi Galcerán

Sinopse: O capitalismo em sua fase atual, suas demandas e imposições e nossa disposição tragicômica à aceita-las. É esse o mote deste filme em que sete executivos disputam uma única vaga em uma empresa. Eles chegam para o teste de seleção no mesmo dia em que Madri é movimentada devido a marchas de protesto contra a globalização e a política monetária do FMI, que realiza sua reunião no mesmo prédio em que estão. Logo os candidatos são informados que serão submetidos a uma seleção diferente, chamada de Método Grönhom. Nele o grupo é deixado a sós em uma sala, sendo promovidos vários testes via computador que têm por objetivo analisar a interação entre eles. De início todos acreditam ter total controle sobre seu comportamento e emoções, mas os jogos os colocam em situações-limite que, aliado ao fato de saberem estar sendo observados, os colocam em um nível de tensão insuportável.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/o-que-voce-faria/o-que-voce-faria.asp>)

**Título: Beleza Americana**

Título Original: American Beauty

Gênero: Comédia / Drama

Tempo de Duração: 121 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1999

Direção: Sam Mendes

Roteiro: Alan Ball

Sinopse: Lester Burham (Kevin Spacey) não aguenta mais o emprego e se sente impotente perante sua vida. Casado com Carolyn (Annette Bening) e pai da “aborrecente” Jane (Tora Birch), leva uma vida mediócre e infeliz. Até que conhece Angela Hayes (Mena Suvari), amiga de Jane. Encantado com sua beleza e disposto a dar a volta por cima, Lester pede demissão e começa a reconstruir sua vida, com a ajuda de seu vizinho Ricky (Wes Bentley). Esse é o enredo

desse filme desconcertante que retrata de forma irônica e cruel a família norte-americana, desconstruindo a idéia do way of life norte-americano e mostrando que a ausência de ética e moral do capitalismo neoliberal tem reflexo em todas as esferas da vida.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/beleza-americana/beleza-americana.asp>)

**Título: Um Dia Sem Mexicanos**

Título Original: A Day Without a Mexican

Gênero: Comédia

Tempo de Duração: 91 minutos

Ano de Lançamento (EUA / Espanha): 2004

Direção: Sergio Arau

Roteiro: Sergio Arau, Yareli Arizmendi e Sergio Guerrero

Sinopse: A Califórnia está em estado de choque: da noite para o dia, um terço de sua população simplesmente sumiu. Todos os 14 milhões de desaparecidos têm em comum as raízes hispânicas: são policiais, médicos, operários e babás que garantiam o bem-estar da população branca. Enquanto autoridades procuram explicações para o caso – abdução alienígena, terrorismo biológico, causas sobrenaturais – os californianos começam a perceber a importância dos antes desvalorizados chicanos quando vêem que todos os prestadores de serviços sumiram e seu cotidiano começa a entrar em colapso.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/dia-sem-mexicanos/dia-sem-mexicanos.htm>)

**Título: Babel**

Título Original: Babel

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 142 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 2006

Direção: Alejandro González-Iñárritu

Roteiro: Guillermo Arriaga, baseado em idéia de Guillermo Arriaga e Alejandro González Iñárritu

Sinopse: Um ônibus repleto de turistas atravessa uma região montanhosa do Marrocos. Entre os viajantes estão Richard (Brad Pitt) e Susan (Cate Blanchett), um casal de americanos. Ali perto os meninos Ahmed (Said Tarchani) e Youssef (Boubker At El Caid) manejam um rifle que seu pai lhes deu para proteger a pequena criação de cabras da família. Um tiro atinge o ônibus, ferindo Susan. A partir daí o filme mostra como este fato afeta a vida de pessoas em vários pontos diferentes do mundo: nos Estados Unidos, onde Richard e Susan deixaram seus filhos aos cuidados da babá mexicana; no Japão, onde um homem (Kôji Yakusho) tenta



superar a morte trágica de sua mulher e ajudar a filha surda (Rinko Kinkuchi) a aceitar a perda; no México, para onde a babá (Adriana Barraza) acaba levando as crianças; e ali mesmo, no Marrocos, onde a polícia passa a procurar suspeitos de um ato terrorista. O mundo globalizado e seus processos contraditórios de fragmentação e integração permeiam este filme vencedor do Globo de Ouro de 2006.

**Título: As Invasões Bárbaras**

Título Original: Les Invasions Barbares

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 99 minutos

Ano de Lançamento (Canadá): 2003

Direção: Denys Arcand

Roteiro: Denys Arcand

Sinopse: À beira da morte e com dificuldades em aceitar seu passado, Rémy (Rémy Girard) busca encontrar a paz. Para tanto recebe a ajuda de Sébastien (Stéphane Rousseau), seu filho ausente, sua ex-mulher e velhos amigos. Vencedor do Oscar de Melhor Filme Estrangeiro, o filme mostra com delicadeza a desilusão de uma geração combativa que assiste ao despedaçar das ideologias e ao triunfo do capitalismo. De quebra, ainda nos oferece uma visão cômica do que restou do estado de bem-estar social canadense.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/invasoes-barbaras/invasoes-barbaras.htm>)

**Título: Edukators**

Título Original: Die Fetten Jahre Sind Vorbei

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 126 minutos

Ano de Lançamento (Alemanha): 2004

Direção: Hans Weingartner

Roteiro: Katharina Held e Hans Weingartner

Sinopse: Jan (Daniel Brühl) e Peter (Stipe Erceg) são dois jovens que acreditam que podem mudar o mundo. Eles se auto-denominam “Os Educadores”, rebeldes contemporâneos que expressam sua indignação contra o capitalismo e o sistema político que acompanha seus ciclos de forma pacífica: eles invadem mansões, trocam móveis e objetos de lugar e espalham mensagens de protesto. Jule (Julia Jentsch) é a namorada de Peter, que está passando por problemas financeiros e, por causa deles, está saindo de seu apartamento alugado. Tempos atrás Jule se envolveu em um acidente de carro, que destruiu o carro de um rico empresário. Condenada pela justiça, ela precisa pagar um novo carro no valor de 100 mil euros, o que praticamente faz com que trabalhe apenas para pagar a dívida que possui. Como Peter viaja

para Barcelona, Jan vai ajudá-la na mudança. Eles se conhecem melhor e Jan termina por contar a ela a verdade sobre os Educadores. Empolgada com a notícia, Jule insiste que ela e Jan invadam a casa de Hardenberg (Burghart Klaubner), o empresário que a processou. Após uma certa resistência, Jan concorda. Na casa eles agem como os Educadores, mudando os móveis de lugar, mas cometem um grave erro: Jule esquece no local seu celular. No dia seguinte, com Peter já tendo retornado da viagem mas sem saber do ocorrido, Jan e Jule decidem invadir novamente a casa de Hardenberg, para recuperar o celular. Porém o que eles não esperavam era que o empresário os surpreendesse dentro da casa, o que os força a sequestrá-lo.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/educadores/educadores.htm>)

### **Título: Coisas Belas e Sujas**

Título Original: Dirty Pretty Things

Gênero: Suspense

Tempo de Duração: 107 minutos

Ano de Lançamento (Inglaterra): 2002

Direção: Stephen Frears

Roteiro: Steve Knight

Sinopse: Em Londres um nigeriano, Okwe (Chiwetel Ejiofor), que trabalha como motorista de táxi de dia e à noite é o recepcionista do Baltic, um pequeno hotel. Numa noite, ao vistoriar o quarto 510, repara que o vaso sanitário estava entupido e toma um choque ao saber o motivo do entupimento: um coração humano. Ele pensa em delatar o caso para a polícia mas recua, pois Okwe está ilegal na Inglaterra. Ele só confia realmente em uma pessoa, Senay (Audrey Tatou), uma turca que trabalha no Baltic como camareira. Senay não poderia trabalhar em lugar nenhum, pois ela entrou com um pedido para legalizar sua permanência e enquanto a imigração não toma uma decisão não pode ter emprego. Com isso ambos estão em uma situação muito vulnerável. Além disto Okwe dorme no apartamento de Senay e, obviamente, isto não pode ser descoberto. Okwe descobre que um outro funcionário do hotel está envolvido em tráfico de órgãos e que os doadores cedem um rim e em troca recebem um passaporte falso, para irem para outro país já usando outra identidade. Entretanto as “cirurgias” são feitas de forma muito precárias, que redundam ou em morte ou com os doadores tendo um grave infecção, pois são retalhados pelo “cirurgião”.

Numa trama bem amarrada e angustiante, Frears pontua com clareza a questão dos excluídos. Trata-se de um filme sobre o capitalismo de primeiro mundo e suas conquistas sociais, que só são acessíveis para alguns e cria uma legião de subempregados circulando sob as belas paisagens européias e criando mercados e economias paralelas.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/coisas-belas-e-sujas/coisas-belas-e-sujas.asp>)



**Título: Mondovino**

Título Original: Mondovino

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 135 minutos

Ano de Lançamento (França): 2004

Direção: Jonathan Nossiter

Roteiro: Jonathan Nossiter

Sinopse: Bordeaux, Napa, Florença, Toscana, Cafayate (Argentina) e Pernambuco. Através destas regiões o diretor Jonathan Nossiter apresenta os caminhos do vinho e a globalização do capitalismo e dos sabores. Histórias de grandes vinicultores como a família Mondavi, o maior produtor de vinho da Califórnia, e também de pequenos como a família De Montilli, que luta para manter suas terras e as características de seu vinho.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/mondovino/mondovino.asp>)

**Título: Surplus**

Título Original: Surplus

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 52 minutos

Ano de Lançamento (Suécia): 2003

Direção: Erik Gandini

Sinopse: Documentário sobre o consumo exagerado. 1/5 da população mundial consome 4/5 dos recursos do planeta terra e produz 86% de todo desperdício.

(Fonte: <http://www.maes.es.gov.br/10maes/fica.htm>)

**Título: The Corporation**

Título Original: The Corporation

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 145 minutos

Ano de Lançamento (Canadá): 2004

Direção: Jennifer Abbott e Mark Achbar

Roteiro: Joel Bakan e Harold Crooks

Sinopse: A partir da polêmica decisão da Suprema Corte de Justiça americana concluindo que uma corporação, aos olhos da lei, é uma “pessoa”, são analisados os poderes das grandes corporações no mundo atual. A exploração da mão-de-obra barata no Terceiro Mundo e a devastação do meio ambiente são alguns dos fatos explorados, que entrevistam presidentes de corporações como a Nike, Shell e IBM, além de Noam Chomsky, Milton Friedman e Michael Moore.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/corporacao/corporacao.asp>)

**Título: Whisky**

Título Original: Whisky

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 94 minutos

Ano de Lançamento (Uruguai): 2004

Direção: Juan Pablo Rebella e Pablo Stoll

Roteiro: Gonzalo Delgado, Juan Pablo Rebella e Pablo Stoll

Sinopse: Em Montevideu vive Jacobo (Andres Pazos), um homem de 60 anos que vive sozinho desde a morte de sua mãe. Desde então sua única alegria na vida é a pequena fábrica de meias que possui. Marta (Mirella Pascual) é uma mulher de 48 anos que é o braço direito de Jacobo na fábrica, onde trabalha como supervisora. Marta e Jacobo possuem uma espécie de dependência mútua, apesar dos assuntos entre eles sempre ficarem em torno de trabalho. Até que um dia Herman (Jorge Bolani), o irmão de Jacobo, avisa que irá a Montevideu para participar da matzeiva, uma celebração judaica para a colocação da pedra do túmulo em até um ano após a morte de uma pessoa. Herman não vai a Montevideu há mais de 20 anos, tendo faltado até mesmo ao funeral de sua mãe, sendo que também tem uma pequena fábrica de meias, localizada no Brasil. A visita de Herman desperta em Jacobo a velha competição existente entre os irmãos, que faz com que ele faça a Marta uma proposta inusitada: que ela seja sua esposa durante a visita de Herman. Marta aceita a proposta. Ela passa então a morar no apartamento de Jacobo, onde ambos passam a se dedicar em enganar Herman durante sua estadia.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/whisky/whisky.asp>)

**Título: Maria Cheia de Graça**

Título Original: Maria, Llena eres de Gracia

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 101 minutos

Ano de Lançamento (EUA / Colômbia): 2004

Direção: Joshua Marston

Roteiro: Joshua Marston

Sinopse: Aos 17 anos, Maria (Catalina Sandino Moreno) vive numa pequena localidade ao norte de Bogotá, na Colômbia. Ela e sua amiga Blanca (Yenny Paola Vega) trabalham em uma grande plantação de rosas, retirando espinhos e amarrando as flores, tarefa entediante que obedece a regras rígidas. As únicas diversões de Maria são o namoro com Juan (Wilson Guerrero) e as festas na praça do lugarejo. Certo dia, pouco depois de descobrir que está grávida, ela se envolve numa discussão e é demitida. Decidida a melhorar de vida e tentar a



sorte na cidade grande, a jovem aceita a oferta de um conhecido: transportar heroína para Nova York em seu próprio estômago.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/maria-cheia-de-graca/maria-cheia-de-graca.htm>)

#### **Título: Brazil – O Filme**

Título Original: Brazil

Gênero: Ficção Científica

Tempo de Duração: 131 minutos

Ano de Lançamento (Inglaterra): 1985

Direção: Terry Gilliam

Roteiro: Terry Gilliam, Charles McKeown e Tom Stoppard

Sinopse: Um prognóstico de meados dos anos oitenta para o capitalismo do futuro, o filme apresenta vida de Sam Lowry (Jonathan Pryce), que vive num Estado totalitário, controlado pelos computadores e pela burocracia. Neste Estado, que lida com o terrorismo, todos são governados por fichas e cartões de crédito e ainda precisam pagar por tudo, até mesmo a permanência na prisão. Neste mundo opressivo Sam acaba se apaixonando por Jill (Kim Greist), uma terrorista.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/brazil/brazil.htm>)

#### **Título: Em Busca da Felicidade**

Título Original: The Pursuit of Happyness

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 117 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 2006

Direção: Gabriele Muccino

Sinopse: Numa fábula neoliberal, Chris Gardner é um pai de família na esperança de ter um emprego, aceita a um estágio numa empresa de corretagem, sem dinheiro, sem mulher e sem casa, Chris faz de tudo para vencer os obstáculos da vida e lutar por uma vida melhor.

(Fonte: Jornal Folha de São Paulo)

#### **Título: Koyaanisqatsi – Uma Vida Fora de Equilíbrio**

Título Original: Koyaanisqatsi – Life out of Balance

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 87 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1983

Direção: Godfrey Reggio

Sinopse: O diretor Godfrey Reggio filmou em locações por todos os EUA em busca de cenas

da natureza ou espaços com intervenções do homem que mostrem desequilíbrio. Em imagens arrebatadoras, em câmera lenta ou acelerada, Reggio desfila um admirável mundo novo, sem qualquer diálogo, que é comentado de forma inesperável pela trilha sonora do compositor Philip Glass.

(Fonte: <http://www.e-petropolis.com.br/cultvideo/busca2.php?tipo1=02&genero1=05>)

### **Título: Powaqgatsi – Vida em Transformação**

Título Original: Powaqgatsi

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 90 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1988

Direção: Godfrey Reggio

Sinopse: Imagens e sons reconstroem a diversidade cultural e social do mundo. Uma continuação de Koyaanisqatsi, o filme utiliza imagens fortes como as de Serra Pelada, no Brasil, para destacar movimentos de massas e o capitalismo impresso nas paisagens do terceiro mundo.

(Fonte: <http://www.e-petropolis.com.br/cultvideo/busca2.php?tipo1=02&genero1=05>)

## **Programas de TV**

---

Programa Roda Viva – TV Cultura:

Roda Viva com Amartya Sen, Prêmio Nobel de Economia: 22/01/2001

(<http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/resultado.asp?programa=735>)

Roda Viva com Muhammad Yunus, economista indiano: 23/10/2006

(<http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/resultado.asp?programa=1032>)

Série Alô Escola – TV Cultura:

Muro de Berlim

Realização: TV Cultura – 1995

Roteiro: Fernando Navarro

(<http://www.tvcultura.com.br/aloescola/historia/cenasdoseculo/internacionais/murodeberlim.htm>)



### República Popular da China

Realização: TV Cultura – 1995

Roteiro: Fernando Navarro

(<http://www.tvcultura.com.br/aloescola/historia/cenasdoseculo/internacionais/china.htm>)

### Sir Winston Churchill

Realização: TV Cultura – 1995

Roteiro: Fernando Navarro

(<http://www.tvcultura.com.br/aloescola/historia/cenasdoseculo/internacionais/churchill.htm>)

### FIM – Fundo Monetário Internacional

Realização: TV Cultura – 1995

Roteiro: Fernando Navarro

(<http://www.tvcultura.com.br/aloescola/historia/cenasdoseculo/internacionais/fmi.htm>)

### Hong Kong

Realização: TV Cultura – 1995

Roteiro: Fernando Nava

(<http://www.tvcultura.com.br/aloescola/historia/cenasdoseculo/internacionais/hongkong.htm>)

## Músicas

---

Canção *Fora da Ordem*. Caetano Veloso, 1992.

Canção *Dinheiro*. Arnaldo Antunes, 1998.

Canção *Working Class Hero*. John Lennon, 1970.

Canção *Pela Internet*. Gilberto Gil, 2001.

Canção *Disneylândia*. Titãs, 1993.

Canção *Blowin' in the Wind*. Bob Dylan, 1963.

Canção *O Malandro*. Chico Buarque, 1978.

Canção *Money*. Pink Floyd, 1978.

Canção *Pecado Capital*. Paulinho da Viola, 1975.

Canção *Alô Alô*, Marciano. Rita Lee, 1987.

## Poesia

---

*Evolução*. In QUINTANA, Mário. Caderno H. São Paulo: Globo, 1989.

## LINHA DO TEMPO

---

### Século XI a XIV:

- desagregação do sistema feudal;

### Século XVI a XVIII:

- transição para o capitalismo;
- acumulação primitiva;
- Estados Absolutistas;
- gestação de uma economia-mundo.

### 1780 – 1840:

- primeira Revolução Industrial.

### 1848 – 1914:

- vigência da Pax Britânica com expansão do capitalismo;
- consolidação da divisão internacional do trabalho;
- formação dos grandes blocos de capital financeiro; e
- expansão do imperialismo moderno.

### 1914 a 1917:

- I Guerra Mundial (destruição e morte em volumes nunca vistos) e derrota da Alemanha.



**1917:**

- revolução socialista russa com espalhamento rápido e formação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

**1917 a 1929:**

- período do entreguerras.
- Alemanha derrotada e humilhada é obrigada a pagar valores elevados em indenizações de guerra a outros países europeus.
- fortalecimento estadunidense e declínio da hegemonia inglesa.
- surgimento do *american way of life*, do consumo de massa e difusão do rádio.

**1929 a 1933:**

- Crise de 1929 – Europa e Estados Unidos fragilizados por uma crise financeira sem precedentes.

**1933 a 1939:**

- ascensão de Hitler e do nazismo na Alemanha seguida de forte retomada do crescimento econômico no país.
- *New Deal* nos Estados Unidos forjando a superação da Crise de 1929.
- os danos sociais da crise permitiram o surgimento de um pensamento burguês não-liberal (Keynes e outros);

**1939 a 1945:**

- II Guerra Mundial. A primeira guerra motorizada e com uso de armas de destruição em massa.
- em meio a guerra, tem início as conversações de alto nível que levarão à construção da Organização das Nações Unidas – ONU e dos órgãos financeiros internacionais, como Fundo Monetário Internacional – FMI e Banco Mundial.

**1945 a 1973:**

- entre 1948 e 1952 o Plano Marshall introduziu na Europa cerca de US\$ 14 bilhões para a reconstrução, algo estimado, em dinheiro de hoje, em US\$ 150 bilhões.
- surgimento da Guerra Fria e a divisão do mundo em blocos.

- no Ocidente democrático-liberal: espalhamento do padrão industrial norte-americano (*american way of life*), crescimento do número e do volume de negócios das empresas multinacionais e reconstrução da Europa;
- consolidação da Segunda Revolução Industrial e, devido a situação histórica, constituição do Estado de Bem-Estar Social (países desenvolvidos) e dos Trinta Anos Dourados do capitalismo (as políticas keynesianas pareciam ter dominado os ciclos e os problemas mais graves do capitalismo dos países desenvolvidos); e
- o sistema financeiro mundial (de Bretton Woods) criado após a guerra tem plena vigência.

#### 1973 a 1980:

- derrocada do sistema de Bretton Woods gerada pela nova nação hegemônica (Estados Unidos);
- crise do petróleo; e
- início do processo de abertura dos mercados financeiros internacionais e da desregulamentação financeira.

#### 1980 a 1990:

- Estados Unidos elevam juros e abrem mercado financeiro (são acompanhados por demais países ricos, gerando um processo de globalização financeira e recessão);
- reação de Japão e Alemanha inicia e conduz a globalização produtiva;
- implementação das teses propostas pelas políticas neoliberais de ampliação e espalhamento da desregulamentação financeira, expansão das multinacionais e do comércio mundial, trazendo como conseqüência a elevação e a ampliação das desigualdades entre e intra-países;
- FMI *socorre* os países pobres endividados internacionalmente para que não levem a quebras de grandes praças financeiras mundiais.

#### 1990 em diante:

- abertura financeira dos países de renda média e retorno da liquidez internacional; e
- entrada dos países latino-americanos na globalização.



## AULA 4 RESENHA

---

O texto remete o leitor às contribuições de autores clássicos como Caio Prado Jr. e Celso Furtado sobre o sentido e as características da economia e da sociedade brasileiras durante o período colonial. Descreve a importância da expansão cafeeira e a sua interligação com a expansão da indústria e do assalariamento. Depois descreve as transformações observadas no país durante o período de industrialização por substituição de importações. Finalmente, apresenta os impactos negativos do novo modelo de inserção externa e de intervenção do Estado, adotado nos anos noventa, concentrando a análise sobre os problemas sociais.

## AULA 4

# FORMAÇÃO ECONÔMICA DO BRASIL, INDUSTRIALIZAÇÃO E OS IMPACTOS RECENTES DA ABERTURA DOS ANOS 1990

*Alexandre de Freitas Barbosa*

### Linha do Tempo

- ◉ Brasil colônia – 1534 a 1780
- ◉ Crise do sistema colonial – 1780 a 1840
- ◉ Economia cafeeira escravista – 1840 a 1888
- ◉ Economia cafeeira capitalista – 1888 a 1930
- ◉ Industrialização – 1930 a 1980
- ◉ Etapa 1: industrialização restringida – 1933 a 1955
- ◉ Etapa 2: Industrialização pesada – 1956 a 1980
- ◉ Década de 80: crise da dívida externa, inflação e estagnação econômica
- ◉ 1994 a 2006: Plano Real, aprofundamento da abertura e reformas econômicas
- ◉ 2006 em diante: superação ou “convivência” com o modelo econômico neoliberal?

O objetivo deste texto é apresentar as principais tendências e rupturas que permitem acompanhar a evolução do “sistema econômico brasileiro” deste a colônia até os dias de hoje.



Duas ressalvas devem ser feitas logo ao início. Não se procura recontar a história econômica do Brasil, algo que está feito nas obras de autores como Caio Prado Jr., Celso Furtado, e alguns de seus seguidores como Fernando Novais e Luiz Felipe d'Alencastro, e de alguns de seus críticos como Stuart Schwartz e Mano-lo Florentino, nenhum dos quais – diga-se de passagem – se propôs a abarcar tão imenso horizonte temporal. Em segundo lugar, a tarefa proposta só se justifica em virtude de seu caráter didático, propondo-se a esboçar algumas perguntas sobre o porquê chegamos onde chegamos, focando os principais períodos de transformação do sistema econômico brasileiro.

O próprio conceito de sistema econômico impõe dificuldades, pois um sistema

articulado e integrado não existia na colônia, e nem mesmo no período cafeeiro, e há também quem duvide se este sistema econômico existiu durante a industrialização, e se assim o foi, teria se erodido a partir dos anos noventa do século XX. Apesar das limitações, parte-se do pressuposto de que o Brasil teria logrado, na metade do século passado, introjetar os centros políticos de decisão econômica, podendo assim o capitalismo se conformar enquanto realidade minimamente endógena. O que se procura interpretar aqui é a trama desse longo e intrincado processo, repleto de idas e vindas, e que se constrói no contexto mais amplo dos constrangimentos impostos pelo capitalismo no seu movimento de transformação e internacionalização.

## O sistema colonial e sua crise

### O Brasil Colônia

- ⊙ Sentido da colonização: objetivo externo – Brasil negócio (Caio Prado Jr.).
- ⊙ O Brasil jamais foi feudal, vasta empresa comercial. Caso extremo de especialização econômica
- ⊙ Também não era capitalista: trabalho escravo predominante e absorvente, compunha o setor orgânico
- ⊙ Setor inorgânico: desclassificados sociais, não eram agentes econômicos, homens livres pobres viviam à sombra do “coronel”

- ⊙ Estrutura econômica causa da desordem social
- ⊙ Apesar de tudo, elementos nacionais vão emergindo (tensão colônia/nação)
- ⊙ Novais – colonização para o capitalismo
- ⊙ Ianni – o escravo no Brasil gera o operário assalariado europeu
- ⊙ Luiz Felipe de Alencastro – dupla submissão dos proprietários de terras aos comerciantes (compra escravos caros e vendem açúcar barato)
- ⊙ Celso Furtado – economia colonial cresce sem transformações estruturais
- ⊙ “ciclo do ouro”: embrião de mercado interno
- ⊙ Final do século XVIII: prosperidade precária, sucedida de crise no pós-Independência
- ⊙ A crise do sistema colonial está relacionada às transformações do capitalismo em plena Revolução Industrial
- ⊙ Contraponto entre os Estados Unidos e Brasil: para Furtado, o modelo de inserção externa pauta a estrutura de classes e as potencialidades de desenvolvimento autônomo. O papel de um Estado promotor do desenvolvimento é visto como estratégico

“Se vamos à essência de nossa formação, veremos que na realidade nos constituímos para fornecer açúcar, tabaco, alguns outros gêneros; mais tarde ouro e diamantes, depois algodão, e em seguida café. Nada mais do que isto. É com tal objetivo, objetivo exterior, voltado para fora do país e sem atenção a considerações que não fossem o interesse daquele comércio, em que se organizarão a sociedade e a economia brasileiras” (1942, p. 26). Com estas palavras, Caio Prado Jr., em 1942, inauguraria uma nova tradição de análise da realidade brasileira, que ganharia profundidade num conjunto de textos e obras que lhe sucederam.

Até então muito se discutira sobre o suposto caráter feudal da sociedade brasileira. Gilberto Freyre falava de sociedade semifeudal, enquanto o próprio PCB de-



fendia que os resquícios feudais deveriam ser superados.

Caio Prado desmonta estes argumentos, apontando como, na prática, gestara-se na colônia uma vasta empresa comercial, que iria além das feitorias. Latifúndio, monocultura e trabalho escravo caracterizariam o elemento essencial e dinâmico da estrutura colonial. O mercado interno seria inexistente ou bastante acanhado, ocupando no máximo um papel subordinado em relação à grande produção para a exportação. Em síntese, o Brasil era essencialmente visto como negócio, e negócio para os europeus.

Como completaria mais tarde Celso Furtado, a colônia representava “um caso extremo de especialização econômica”. Justo ao

contrário do sistema feudal, caracterizado pela auto-suficiência e pela atrofia na divisão do trabalho. Ainda que este olhar hoje possa parecer óbvio, na época abriu novos olhares para a experiência histórica brasileira.

Outras duas importantes contribuições seriam dadas por Caio Prado Jr. para se entender a colônia. De um lado, mostra como esta estrutura econômica pautava um tipo específico de sociedade, impactando sobre a ordem política, dotada de escassa autonomia.

No entender deste autor, o escravo, puro instrumento de trabalho, e que absorvia todas as atividades produtivas da colônia, compunha o setor orgânico da vida colonial. Havia uma oposição de classe entre escravos e seus proprietários.

Mas entre estas duas classes sociais, havia um vácuo imenso preenchido por desclassificados sociais, caboclos, agregados, vendeiros, tropeiros, que não figuravam como agentes econômicos plenos. Estes homens livres pobres vivam à sombra de algum “coronel” ou “senhor”, prestando serviços eventuais, ocupando temporariamente um pedaço de terra que não lhes pertencia, e sofrendo na pele a imposição da força ou a concessão de um favor. Não havia um mundo social pautado pelo contrato, mas um misto de chicote e tutela. As poucas atividades – não consideradas pejorativas – que sobravam aos homens livres eram desabonadoras as administrativas, o comércio, as armas ou a religião.

Tal desordem social resultava de um modo de organização econômica, que avançava aos arrancos, condicionada pela demanda externa, e durante a fase de estagnação, fazia com que se perdesse um pedaço da estrutura colonial, que se juntava à massa dos desclassificados sociais. Nas palavras de Caio Prado: “numa palavra, e para sintetizar o panorama da sociedade colonial: incoerência e instabilidade no povoamento; pobreza e miséria da economia; dissolução nos costumes; inépcia e corrupção nos dirigentes leigos e eclesiásticos”. (1942, p. 355)

Em segundo lugar, o autor procura dialeticamente avistar as possibilidades de se desenvolver os elementos nacionais que pudessem superar a herança colonial. Se a colônia se destacava por seu acentuado caráter

mercantil, aos poucos, características próprias cuidariam de forjar os elementos da nacionalidade. Havia, dessa forma, uma tensão dialética entre colônia e nação, a segunda surgindo da primeira. O problema é que esta superação jamais se concretizava em sua plenitude.

A própria Independência pode ser vista como apenas um marco na afirmação da nação. Isto porque a estrutura econômica engendrada pelo sistema colonial manteria vários aspectos de continuidade, no pós-1822, como na produção para o exterior em grandes propriedades à base de trabalho escravo. O Estado nacional – apoiado pelas elites dirigentes e pelo poder econômico dos grandes proprietários – procuraria assegurar a todo o custo a preservação da mão-de-obra africana e do tráfico de escravos.



Segundo Darcy Ribeiro, cerca de 4 milhões de africanos foram levados para o Brasil, tirando os que morreram na travessia, e as crianças e jovens desperdiçados pelas condições insalubres de trabalho. Vale lembrar ainda que 38% dos escravos abocanhados pelo tráfico negreiro e enviados para as Américas se dirigiam para a colônia e depois para a nação independente chamada Brasil.

Mas Caio Prado deixaria também várias pistas, a serem desenvolvidas por outros historiadores. Fernando Novais procura desenvolver

o argumento de que a abordagem do “sentido da colonização” não teria esgotado todas as suas possibilidades teóricas. Para este autor,





restava mostrar que se “colonizava para o capitalismo”, ou como diria Octavio Ianni, que “o escravo brasileiro permitira o surgimento do operário europeu”. Em síntese, o Brasil só se entende, quando se destrincham os dois lados do sentido da colonização.

Por que era fundamental o trabalho escravo, se pergunta Novais? Ora, se o trabalho fosse assalariado, num contexto de abundância de terras, os trabalhadores fugiriam do mercado de trabalho, para se tornar produtores. Ou então cobriam salários elevados, o que inviabilizariam os sobrelucros. Lembremos que os lucros na época se davam na esfera comercial, e preços mais altos pagos aos grandes proprietários de terras inviabilizaram toda a lógica da colonização. Daí porque, em sendo a terra abundante, se fazia necessário aprisionar o trabalhador.

Mas então por que o escravo negro? Não porque o índio fosse indolente ou qualquer coisa do tipo, mas essencialmente porque o apresamento de índios gerava excedente para os

bandeirantes, e não para os comerciantes portugueses. Era necessário, portanto, que os lucros do “comércio de gente” fossem canalizados para estes traficantes, com o que ganhavam Portugal, por meio dos impostos, e os seus “capitalistas” endinheirados. Ou seja, o tráfico negreiro era um ingrediente essencial ao sistema colonial.

Luiz Felipe de Alencastro esclarece outra parte do enigma. Portugal exercia, na verdade, um duplo controle sobre os grandes produtores coloniais. Isso porque os escravos funcionavam não só como fonte de trabalho, mas também como capital fixo. As importações de escravos equivaliam a boa parte dos custos de produção dos colonos. Os escravos vinham, portanto, financiados, sendo pagos com a exportação de açúcar. Os comerciantes portugueses fixavam o preço do escravo a níveis altos e importavam o açúcar a preços baixos, pressionando os senhores de engenho. A acumulação de capital se dava por fora da colônia, mas encontrava nesta uma parte essencial da engrenagem do processo de geração de valor.



Como diria Celso Furtado, depois de Caio Prado e antes destes historiadores, “era na etapa da comercialização que se tomavam as decisões fundamentais com respeito a todo o negócio açucareiro” (1989, p. 46). Movida pelo impulso externo, a expansão

colonial dava-se sem alterações estruturais, de forma extensiva e depredadora do meio ambiente, não gerando efeitos dinâmicos ao seu redor. Isso porque as máquinas para o engenho e a força de trabalho – boa parte do estoque de capital do engenho – eram importadas, não gerando um fluxo de renda interno.

Quando muito se geraria uma projeção sobre a pecuária nordestina, que se organizava para produzir alimentos e animais de tiro para os engenhos do litoral. Na queda dos preços de exportação, ao contrário, o engenho continuaria funcionando – pois o capital era basicamente fixo e já havia sido investido. Porém, uma parte das compras “externas” à propriedade voltaria a ser produzida pelos escravos ociosos. A pecuária passava então por uma involução, deixando de produzir para o mercado, e voltando-se para a sua subsistência, criando assim uma economia de baixíssima produtividade no sertão nordestino.

Para Furtado, apenas durante o “ciclo” da mineração, é que se lograria criar um embrião de mercado interno, estabelecendo-se vínculos de solidariedade econômica entre as várias regiões do Brasil colonial. A menor desigualdade de renda e a sua base urbana fariam com que a economia mineira tivesse uma demanda mais expressiva, que se espalharia para o Nordeste, o Sul e o estado do Rio de Janeiro. Entretanto, findo o rápido “ciclo” do ouro – que vigorou entre 1730 e 1780 – vastas regiões de Minas Gerais, regrediriam também a uma economia de subsistência, voltadas para dentro de si mesmas.

Em síntese, com exceção de alguns momentos, a economia colonial se apresentava como uma constelação de sistemas, com pouca comunicação entre si, impedindo que se conformasse um sistema econômico minimamente articulado.

Ao final do século XVIII e início do século XIX – em virtude de acontecimentos políticos como a guerra de independência dos Estados Unidos, a Revolução Francesa e a independência dos países da América Espanhola, que

trouxeram impactos sobre as suas possessões coloniais – verificou-se uma elevação dos preços das exportações, especialmente de algodão e açúcar. Mas tratava-se de uma “prosperidade precária”, como indicaria Furtado.



Com a abertura dos portos em 1810, e o aumento dos gastos públicos com a transferência da corte para a colônia e depois com o novo Estado nacional, a nova nação vivenciaria déficits comerciais, desvalorização da moeda, inflação, déficits públicos e endividamento externo crescente.

Para entender esse cenário, é importante situar o contexto mais amplo, que levaria à desestruturação do sistema colonial. A sua crise

não se deve às tensões entre metrópole e colônia. Na verdade, estas somente se explicam pelo próprio funcionamento do sistema capitalista, que ultrapassa a etapa de acumulação primitiva, e se consolida com a Revolução Industrial, exigindo agora novas faixas de consumidores. A Inglaterra – que se aproveitara dos sistemas coloniais de Portugal e Espanha – agora passa a se interessar pela independência destes países, para num momento posterior criticar as relações de produção baseadas na escravidão.

Finalmente, vale tecer algum comentário sobre o contraponto entre o “Brasil” e os “Estados Unidos”, durante o período colonial. Aí deveria ser buscada a gênese das diferenças em termos de capacidade de desenvolvimento futuro entre estas duas regiões socioeconômicas, como insiste Furtado em *Formação Econômica do Brasil*.



De um lado, uma economia voltada para satisfazer as necessidades da metrópole, com elevada produtividade, em termos relativos, escasso mercado interno e elevada concentração de renda.

De outro, os Estados Unidos com dois subsistemas: um que se assemelharia à *plantation* colonial brasileira, nos estados do Sul. De outro, um subsistema, que pautaria a dinâmica histórica desta nação, onde a produtividade era menor, assim como a concentração de renda, abrindo espaço para um mercado interno de maior envergadura. Pequenos produtores

agrícolas, uma produção industrial ainda de baixa escala, além de interesses comerciais sediados em Boston e Nova York, todos estes grupos sociais se confrontariam com a metrópole inglesa.

Enquanto os nossos liberais, como Visconde de Cairu, “comprariam” o liberalismo da redução das tarifas, os liberais da nova nação do Hemisfério Norte queriam ampliar os níveis de produtividade, fortalecendo, a partir do Estado, o poderio industrial. O melhor exemplo é Alexander Hamilton, com seu “Relatório sobre as Manufaturas”.

O diferencial dos Estados Unidos estava no fato de que apenas marginalmente se inseriram no sistema colonial. O seu inicial fracasso seria o segredo do seu posterior sucesso em termos de desenvolvimento econômico. As classes sociais estariam voltadas para os interesses do

mercado interno, enquanto o Estado atuaria, desde o início como promotor da atividade econômica, contrariamente ao mito da livre iniciativa, tão difundido pelos próprios norte-americanos.

## A expansão cafeeira e o problema da mão-de-obra

- ⊙ A economia brasileira encontra-se estagnada na primeira metade do século XIX
- ⊙ Não se industrializa, porque “nenhuma indústria cria mercado para si mesma”. Precisava o país de uma nova fonte de divisas, para importar máquinas e gerar renda internamente
- ⊙ O que acontece então?
- ⊙ Expansão do café
- ⊙ Na metade do século XIX, os fazendeiros começam a pedir “braços para a lavoura”
- ⊙ Por que a escassez de trabalho?
- ⊙ O estoque de escravos se reduz (fim do tráfico em 1850 e taxa de crescimento demográfico negativa)
- ⊙ Solução parcial: transferência de escravos do Nordeste para o Sudeste cafeeiro
- ⊙ Tentativa do sistema de parceria: não funciona!
- ⊙ Seria possível utilizar a mão-de-obra nacional?
- ⊙ Problema: dispersa e subordinada ao poder dos chefes locais. Além disso, o trabalho numa sociedade escravista é visto como pejorativo
- ⊙ Preconceitos sociais e raciais, mais política ativa do Estado, mais crise da Europa meridional: elevada oferta de trabalho de imigrantes para a produção de café



- ⊙ No Nordeste, não se cria um mercado de trabalho, mas o ex-escravo se adapta a uma situação próxima ao agregado (em troca de um pedaço de terra, produz nas terras do proprietário, recebendo ínfimo salário)
- ⊙ Resolvido, do ponto de vista das elites o problema da mão-de-obra, o café se expande, com salários constantes e absorção de lucros crescentes (concentração de renda). A política econômica é definida a partir dos interesses dos cafeicultores

Continuando nos passos de Celso Furtado, o autor se pergunta por que o Brasil não se industrializou na primeira metade do século XIX. Seria por conta da abertura comercial, já que o Tratado de 1810 estipulava tarifas máximas de importação bastante baixas, especialmente para a Inglaterra; ou graças ao decreto de 1785 que proibiu a produção de manufaturas têxteis na colônia? Estes fatores haviam sido aventados por Caio Prado Jr. Furtado aponta, ao contrário, que a desvalorização da moeda, no pós-Independência, teria tornado as mercadorias importadas mais caras, não se podendo ser taxativo sobre os efeitos da abertura comercial. Não seria por

falta de proteção ou por decretos proibitivos que ficamos para trás.

Além do mais, tratava-se de criar uma indústria num país carente de base técnica e rodeado de escravos por todos os lados. Isto apenas seria possível se o país engatasse nas novas correntes do comércio internacional, podendo assim importar as máquinas necessárias. Afinal de contas, “nenhuma indústria cria mercado para si mesma”. Fazia-se necessário introjetar dinamismo econômico na nação, o que só seria factível com uma nova fonte de divisas.

Foi este o papel que cumpriu o café, e que permitiu ao país deixar para trás, na segunda metade do século XIX, o quadro de letargia que havia predominado na vida econômica do país, durante grande parte do período que vai de 1800 a 1850. Já em 1830, o café respondia por 40% das exportações do país, tendo a quantidade produzida se multiplicado por 5 vezes entre a década de 1820 e a de 1840.



O café, segundo Caio Prado, seria o “último soberano” do Brasil colonial, enquanto, para Furtado, a “empresa” cafeeira acarretava mudanças qualitativas em relação ao padrão de expansão do passado. Na verdade, o que se propunha o economista paraibano era analisar a dinâmica das estruturas econômicas e sociais em diversos momentos históricos, rompendo com a historiografia tradicional dos ciclos econômicos.



Quais eram as condições para a expansão cafeeira em 1850? Contava o país com um fator abundante – terra

– e um estoque de 2 milhões de escravos, muitos dos quais subutilizados. Além disso, a cultura cafeeira necessitava de poucos investimentos de capital. A produção viria do Vale do Paraíba fluminense e paulista até chegar ao oeste desta província, passando antes pela zona da mata mineira.

A expansão seria tão rápida que, por volta de meados do século XIX, o Brasil passaria a sofrer com a escassez de força de trabalho. Como assim? Para Furtado, a inelasticidade do fator trabalho poderia abortar a expansão econômica, tendo sido encarada como verdadeiro problema nacional para as elites da época.

Sigamos o seu raciocínio. Em 1850, fora abolido o tráfico de escravos, desta vez para valer, e não somente para inglês ver. Ocorre ainda que o crescimento vegetativo da população escrava apresentava-se negativo, o que reduzia o estoque de escravos, enquanto a demanda por mão-de-obra só fazia aumentar.

Várias medidas foram então utilizadas para dar conta deste desafio. Em primeiro lugar, a transferência de escravos do Nordeste para as províncias cafeeiras, levando inclusive ao encarecimento desta mão-de-obra. Ao mesmo tempo, procurava-se adiar o fim da escravidão, fazendo uso de várias medidas paliativas

como a Lei do Ventre Livre (1871) e a Lei dos Sexagenários (1885), num momento de ascensão do movimento abolicionista.



Tentou-se ainda criar núcleos coloniais no Sul do país, mas estes trabalhadores estavam vinculados a um regime de pequena propriedade e não venderiam a sua força de trabalho aos grandes proprietários de terras. O que os fazendeiros do café precisavam, segundo as suas próprias palavras, era de “braços para a lavoura”.

Somente por este prisma, pode-se compreender o sistema de parceria, iniciativa liderada de forma pioneira pelo Senador Vergueiro, já em 1842, e com subsídios do Estado. Os trabalhadores viriam da Europa, receberiam um pedaço de terra e ficariam com a metade da produção. Na prática, a realidade era mais complexa, já que os proprietários de terras deveriam descontar da parcela devida ao imigrante os recursos gastos pelo transporte até a fazenda, acrescidos de juros. Acaba-se reproduzindo no país o sistema de servidão por dívida, pois aos trabalhadores não era

facultado o direito de mudar de propriedade enquanto não tivessem quitado o seu débito. Tratava-se de uma situação a meio caminho entre o assalariamento e a escravidão. A Prússia interromperia a imigração para o Brasil em 1859, secundada por outros países.

Uma outra solução possível seria o aproveitamento da enorme população existente de “homens livres pobres”, os quais não atuavam propriamente como trabalhadores das atividades produtivas. Mas esta população estava de tal modo dispersa, que tornava o seu recrutamento uma tarefa difícil, especialmente quando se considera que os chefes locais tendiam a encarar o seu prestígio de acordo com o total de homens que tinham à sua disposição. Além disso, o trabalho era considerado “coisa de escravo”, e não como algo que levasse à ascensão social. Nesse contexto, uma ética do trabalho se mostrava impossível.

Em síntese, na segunda metade do século XIX, segundo João Manuel Cardoso de Mello, o “mercado de trabalho se encontraria vazio”. Os escravos escasseavam, ou ficavam mais caros, enquanto a população livre existente não se mostrava disponível para o trabalho em moldes capitalistas. Como finalmente seria resolvido este dilema?

A “solução”, ao menos do ponto de vista das elites, deu-se a partir de variantes geográficas. No Nordeste, onde a demanda estava estagnada, por conta da letargia açucareira, o ex-escravo se converteria numa espécie de

agregado. Teria uma roça para plantar, mas estaria obrigado a trabalhar nas terras do grande proprietário em troca de um ínfimo salário. Era o chamado “cambão”. Ou seja, aqui a Abolição não trouxe maiores proble-

mas econômicos, já que apenas Pernambuco e Bahia possuíam a esta época um estoque considerável de escravos.

No Sudeste dinâmico, especialmente em São Paulo, procurou-se contornar a possível crise econômica, oriunda da escassez de força de trabalho, a partir de um subsídio do governo

provincial, aprovado em 1884, assegurando-se assim o pagamento de todos os custos de transporte do imigrante. Um mercado de trabalho poderia surgir agora com plena mobilidade dos trabalhadores italianos, portugueses, espanhóis, e depois japoneses, prevendo inclusive a assinatura de contratos, geralmente com a duração de um ano.

E qual seria o destino dos ex-escravos? Migrariam para as fazendas menos produtivas do Vale do Paraíba ou da zona da mata mineira ou então se abrigariam na cidade quase-metrópole, São Paulo, vivendo de biscates, prestando pequenos serviços, alijados da ordem social e vivendo numa situação de trânsito contínuo entre a inatividade, a precariedade e a marginalidade, segundo a insuperável análise de Florestan Fernandes.

Ressalte-se, por fim, que o preconceito racial contribuiria para ver o trabalhador brasileiro, especialmente o ex-escravo, como pouco adaptado ao trabalho, enquanto se valorizava a disciplina e os valores morais dos europeus, provenientes de uma outra realidade histórica e social.

Se no estado de São Paulo, os riscos de ruptura da ordem social e econômica foram contornados, é importante lembrar que novas perspectivas se abririam com a eliminação deste fator que entorpecera o desenvolvimento do país.

Na interpretação de Furtado, com a transição para o trabalho assalariado, inaugura-se um processo que levaria à formação do mercado interno. Os cafeicultores investiriam em novas terras e pagariam trabalhadores quase-assalariados, gerando um fluxo de renda que se transformaria na demanda de bens industriais e de alimentos produzidos localmente. O excedente de força de trabalho – excesso de imigrantes e pressão dos trabalhadores nacionais – seguraria o salário médio do setor moderno (café), fazendo com que os ganhos oriundos dos altos preços do café se transformassem em lucros dos fazendeiros, estimulando o processo de reinvestimento dos empresários cafeicultores. Mesmo assim, a demanda interna se beneficiaria com



a elevação da massa salarial, via aumento do emprego, inclusive incorporando segmentos populacionais da economia de subsistência.

Nos momentos de crise dos preços do café – ao invés de se aceitar como naturais as osci-

lações externas, e acionar uma recessão num contexto de fuga de capitais, traumatizando assim toda a renda gerada internamente – os fazendeiros pressionavam pela desvalorização da moeda.

Socializavam-se assim os prejuízos e todos pagam mais com a inflação elevada, a não ser os exportadores que obtêm compensação, pois obtinham mais mil-réis por saca de café exportado. Os lucros subiam na alta e se mantinham elevados na baixa, impedindo que uma possível redução no investimento se generalizasse para o conjunto do tecido econômico e social. Esta política de defesa dos interesses do café revela, contudo, a natureza concentradora do processo de expansão econômica. Mudara-se a natureza do processo de expansão, mas a concentração de renda – ainda que acompanhada agora de um mercado interno mais extenso e dinâmico – continuava espreitando o sistema econômico.

## O complexo cafeeiro e a expansão concentrada das indústrias

- ⊙ Cafeicultor – nova classe empresária, diferente do senhor de engenho (Celso Furtado)
- ⊙ Ele compra terras, é comerciante, constrói estradas de ferro, interfere na política econômica e aciona uma política de substituição da mão-de-obra escrava
- ⊙ Complexo cafeeiro – conjunto de atividades produtivas, que giram em torno do café, e puxam a dinâmica econômica
- ⊙ Complexo cafeeiro – plantação de café, produção de alimentos, produção industrial, atividades de comércio, investimentos em infraestrutura e urbanização, atividades financeiras e gasto público

- ⊙ Política econômica 1889 a 1930: alternância de períodos de auge do café (valorização da moeda e deflação) com períodos de queda do café (desvalorização da moeda e inflação). Seqüência de crises da dívida externa e política de sustentação permanente dos preços do café
- ⊙ 4 teorias da expansão industrial: choques adversos, industrialização liderada pelas exportações, relação contraditória café/indústria e importância do papel do Estado
- ⊙ Distinção importante: até 1930, ocorre expansão de indústria, já que a dinâmica econômica é puxada pelas exportações de café
- ⊙ Apenas depois de 30 é que se pode falar de industrialização!

O empresário cafeeiro, na acepção do historiador Warren Dean, pode ser descrito como um “burguês imperfeito”. Comprava terras, negociava seu produto no mercado, construía estradas de ferro e interferia na política econômica do Estado, mesmo quando ainda dependia da mão-de-obra escrava.

Depois da substituição pelo imigrante, estariam dadas as condições para a expansão da economia capitalista no Brasil. O professor Wilson Cano vê essa mudança nas relações de produção como estratégica. Antes dela havia um complexo cafeeiro escravista, e depois um complexo cafeeiro capitalista.

Por complexo econômico, entende-se um conjunto de atividades produtivas que pautam o processo de crescimento econômico e impri-

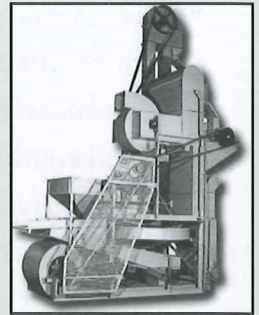
mem as características da acumulação de capital. Após a escravidão, uma massa de recursos antes imobilizada na compra dos escravos é liberada, potencializando a diversificação da estrutura econômica.

De fato, o café como atividade agrícola, cujos preços eram dados no mercado externo, compunha apenas a razão de ser da acumulação de capital, que se esparramava por outras esferas de valorização.



Segundo o economista Wilson Cano, havia simultaneamente a atividade produtora de alimentos, dentro e fora da propriedade cafeeira, a atividade industrial – equipamentos de beneficiamento de café, sacarias de juta e bens de consumo em geral – as atividades de comércio (importação e exportação), a infraestrutura ferroviária e vinculada à urbanização, as atividades vinculadas ao sistema bancário e o próprio gasto público, oriundo da expansão econômica. Este complexo de capitais articulava-se em torno da demanda interna gerada pelo

café e expressava as várias ramificações do excedente gerado e apropriado interna e externamente.



As políticas econômicas – fiscal, cambial, monetária e de comércio exterior – implementadas durante o período da República Velha tinham por objetivo atuar frente aos momentos de auge e crise do café.

Em linhas gerais, quando caíam os preços de café, desvalorizava-se a moeda e eleva-se a dívida externa – tendo esta sido renegociada três vezes – e também o déficit público, em virtude da dependência dos impostos de importação. Como estas se reduziam, o mesmo acontece com a arrecadação tributária. Vivia-se então um período de aceleração inflacionária, ao passo que eram acionadas políticas de elevação do preço de café (através da formação de estoques, já que o Brasil dispunha de quase-monopólio deste produto no mercado internacional).

Então sucedia-se um novo auge dos preços do café, com superávits comerciais, moeda razoavelmente valorizada, expansão das reservas internacionais e do gasto público – motivado pelo crescimento econômico e pelo aumento da dívida externa – e contenção dos preços.

A alternância de ciclos deflação e inflação – ao longo do movimento de alta e queda dos preços do café, respectivamente – caracterizaria a economia brasileira de 1889 a 1929.

Quer dizer então que a expansão industrial surge no âmbito do complexo cafeeiro? De fato, o país vivenciaria vários surtos industriais na primeira metade dos anos 1890, entre 1906-1913 e durante o início dos anos 1920. Como explicar esta relação entre a expansão do café e o crescimento das indústrias?

O historiador Wilson Suzigan apresenta quatro teorias que buscam dar conta da interação café/indústria. A primeira aponta que a

indústria cresce quando o café entra em crise. As importações ficam mais caras, ocupando o produto nacional o lugar do estrangeiro. O principal exemplo seria a 1ª Guerra. Trata-se da teoria dos choques adversos.

A segunda teoria parte da premissa oposta. É nos momentos de auge do café que a indústria se desenvolve. O café cria demanda para a indústria e também gera divisas para a importação de máquinas necessárias à produção industrial.

Quem tem razão? Suzigan argumenta que os dois enfoques estão errados e corretos ao mesmo tempo. Como assim? No auge do café, a indústria cresce a reboque da demanda gerada pelo café, ampliando a sua capacidade instalada. Nos momentos de crise, a indústria cresce substituindo as importações e ocupando a capacidade que havia ficado ociosa. Mas não consegue ampliar o nível de investimentos, já que as máquinas se tornam mais caras.

A terceira visão assume uma relação contraditória entre capital cafeeiro e capital industrial. Este depende da expansão do capital cafeeiro e exerce um papel subordinado. A indústria ocupa o espaço deixado

pelo café, mas não consegue assumir uma dinâmica própria, pois o eixo de expansão econômica encontra-se no mercado externo. Os limites à expansão industrial são dados pelos movimentos de expansão e retração do café.

Finalmente, um quarto enfoque privilegia a promoção exercida pelo governo, que utiliza mecanismos tais como proteção tarifária, subsídios, redução de fretes e garantia de juros a investimentos externos. Ainda que concorde em parte com esta ótica, Suzigan afirma que até 1930 jamais houve uma política – mesmo que localizada – de desenvolvimento industrial. As tarifas comerciais eram definidas menos tendo em vista uma política industrial do que preocupadas que estavam com a obtenção de recursos orçamentários. Estes instrumentos eram negociados caso a caso e dependiam das pressões dos grupos industriais, jamais fazendo parte de um corpo coerente, tal era o predomínio no âmbito do governo da coalizão que sustentava a necessidade de uma política de defesa do café.

Vale a pena, finalmente, tecer alguns comentários sobre a concentração industrial no estado de São Paulo. Entre 1907 e 1920, tal estado veria sua participação no valor de



transformação industrial saltar de 15,9% para 31,5%, superando o Distrito Federal (então representado pela cidade do Rio de Janeiro).

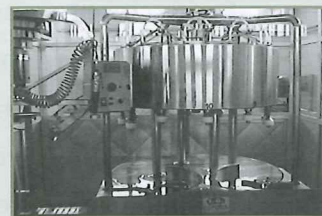
Por que as indústrias optariam por São Paulo? Vários fatores concorrem para responder a esta questão. O próprio dinamismo do capital cafeeiro era aí maior, permitindo uma diversificação do excedente acumulado em direção a outras atividades do complexo. Também aí se encontrava o grosso da infraestrutura composta por uma rede ferroviária,



o porto de Santos e a geração e distribuição de energia elétrica. As casas importadoras e exportadoras também aí se concentravam.

Até o mercado de trabalho era mais vasto e diversificado, oferecendo não só uma maior disponibilidade de mão-de-obra assalariada,

compostas pelos imigrantes provenientes das fazendas de café, como também uma maior demanda para bens industriais.



Além disso, como ressalta Wilson Cano, havia uma maior produção agrícola de alimentos, permitindo salários menores, fato que associado à maior produtividade das empresas – em virtude de serem estas mais intensivas em capital em comparação com o restante do país – acarretava elevados níveis de rentabilidade.

A título de ilustração, vale lembrar que, em 1920, a cidade de São Paulo possuía 20% da população ocupada na indústria brasileira, sendo que 60% destes eram estrangeiros, além de uma grande participação de crianças, jovens e mulheres. (BARBOSA, 2003)

Esta concentração industrial em São Paulo passaria por dois momentos. Um primeiro momento até a Primeira Guerra Mundial, onde a produção paulista atendia basicamente a demanda local, enquanto um pequeno adicional era direcionado para o restante do país. Já em 1920, a concentração industrial em São Paulo passa a depender da demanda do restante do país. Como exemplo disto, vale lembrar que as empresas mais dinâmicas do setor de máquinas, siderurgia, cimento e química se localizam em São Paulo justamente para atender às necessidades de todo o país.

Trata-se, enfim, de um caso particular onde a indústria se concentra num estado, devendo as demais indústrias dos outros estados da federação encontrar um nicho de especialização que fosse complementar à estrutura produtiva paulista em processo de consolidação. Assim se consolidaria a estrutura industrial brasileira, mas apenas no momento seguinte.

## Industrialização, subdesenvolvimento e concentração de renda

### Industrialização no Brasil (1930 a 1980)

- ⊙ Gênese da industrialização – anos 30 (a dinâmica econômica é puxada pelas transformações internas da indústria)
- ⊙ Mudanças dos preços relativos – desvalorização do café encarece os produtos importados e política de defesa do café mantém a renda e o emprego interno – a indústria existente cresce e amplia a capacidade produtiva
- ⊙ A industrialização se dá por substituição de importações, mas isto não significa fechamento da economia
- ⊙ Novos desequilíbrios externos: maior demanda de importação de máquinas e remessa de lucros das multinacionais que chegam nos anos 50

#### ⊙ Papel estratégico:

Revolução de 30 – estado modernizador e capitalista, estabelece preços sociais, cria o salário mínimo e a legislação trabalhista, e subsidia a formação de capital. Aproveita-se da agricultura de baixa produtividade e do setor de serviços de baixos salários para se expandir (não existe oposição entre moderno e tradicional, Francisco de Oliveira)



- ⊙ 2 etapas:
  - *Industrialização restringida*: capital privado nacional (bens de consumo não-duráveis) e estatais (bens intermediários, energia e transportes) – 1933 a 1955
  - *Industrialização pesada*: surge o capital multinacional nos setores dinâmicos (automóveis, eletroeletrônicos, química e máquinas). Estrutura-se o tripé da industrialização (1956-1980)
- ⊙ Apenas a partir dos anos 50, é que se pode falar de uma política deliberada de industrialização (BNDE surge em 1952 e Petrobrás em 1953)
- ⊙ Golpe de 64 – crescimento mais rápido, arrocho salarial e repressão sindical, maior internacionalização da economia, concentração de renda que já caracterizava a industrialização passa a ser componente estrutural
- ⊙ II PND (1974-1978) – completa-se o parque industrial, de acordo com o paradigma tecnológico da 2ª Revolução Industrial
- ⊙ Traços estruturais do período como um todo:
  - Forte dinamismo econômico
  - Elevação do nível de emprego, especialmente com carteira assinada
  - Formação de uma classe trabalhadora nacional e ascensão de uma classe média assalariada
  - Mercado de trabalho de país subdesenvolvido (concentração de renda, baixos salários, segmentação das políticas sociais, grande participação dos informais)
- ⊙ Urbanização acelerada e concentrada nas grandes metrópoles
- ⊙ Desigualdades regionais

Do que foi dito acima, fica claro que o Brasil não teve industrialização antes de 1930. Segundo a professora Maria da Conceição Tavares, até então se pode falar tão-somente de crescimento de indústrias, já que o processo de acumulação de capital se daria no âmbito do complexo cafeeiro, ocupando a indústria um papel subordinado. Apenas quando o crescimento econômico for puxado pelas transformações estruturais processadas na indústria é que se pode falar de industrialização. O Brasil

experimentaria esta nova realidade entre os anos 1930 e 1980.

Começemos pela gênese da industrialização, para depois apresentar as interpretações deste processo, suas etapas, os elementos que asseguraram o dinamismo da indústria neste período, bem como as suas características estruturais e os principais resultados.



Qualquer análise sobre o processo de industrialização, verá os anos trinta como momento de ruptura, dando início a um novo período da história econômica brasileira. A análise clássica é, mais uma vez, a de Celso Furtado. Este autor mostra como a crise de 1929, ao selar o destino do café como carro-chefe da economia, permite um deslocamento do eixo dinâmico para o mercado interno.

Em linhas gerais, Furtado mostra como, em 1929, o descasamento entre oferta e demanda de café chegava a níveis impensáveis. Os programas brasileiros de defesa do café dos anos vinte traziam uma sobreoferta ao mercado. Por outro lado, a demanda mundial de café não crescia no mesmo ritmo, já que com o aumento da renda, as pessoas não consomem mais deste produto, mas sim outros bens de consumo sofisticados. Com a crise de 1929, a demanda mundial de café vai lá em baixo. Os preços do

café no mercado internacional sofrem uma queda de cerca de 60%, acontecendo o mesmo com os demais produtos primários exportados pelos países latino-americanos.

Como solução, o governo de Getúlio, que assume o poder a partir de uma revolta militar em outubro de 1930, acabaria por finalmente desvalorizar a moeda e cancelar parte do pagamento da dívida externa. A desvalorização reduz as perdas dos cafeicultores, mas os preços do café



continuam caindo. Daí a alternativa de comprar e estocar café, para depois queimá-lo, já que o excedente chegava a níveis exagerados.

Para Furtado, o que poderia parecer irracional, fazia sentido do ponto de vista econômico. Vargas estaria aplicando medidas anticíclicas, antes mesmo de Keynes escrever o seu famoso Teoria do Emprego, dos Juros e da Moeda, de 1936. Lograva-se assim manter a economia de mercado interno, sustentada em torno da renda gerada pelo café e congelada pelas políticas governamentais. Como os produtos importados haviam ficado mais caros, as indústrias já existentes passariam a atender a demanda interna, ocupando a sua capacidade ociosa e até comprando bens de capital de segunda mão. Em 1937, seria criada a CREAL – Carteira de Crédito Agrícola e Industrial do Banco do Brasil, liberando financiamento para expansão da capacidade produtiva das empresas.

Dessa forma, em 1933 o país já havia superado a crise, muito antes dos Estados Unidos. E no período entre 1929 e 1937, se a capacidade para importar havia caído 33% – ou seja, os preços dos produtos importados haviam ficado 33% mais caros para cada US\$ 1,00 de volume exportado – a renda industrial e agrícola obtida a partir da produção para o mercado interno havia crescido 50% e 40%, respectivamente.

Os termos da relação entre capital industrial e produção cafeeira haviam se invertido. Agora a produção industrial para o mercado interno possibilitava o aumento do PIB nacional, enquanto o café ocupava um papel subordinado, gerando as divisas necessárias para a compra de máquinas e equipamentos. Agora qualquer política de valorização cambial levaria a uma concorrência com o setor de mercado interno, além de ser criticada pelos exportadores.

Tem início, dessa forma a industrialização por substituição de importações. Produz-se internamente aquilo que não mais se pode importar em virtude dos preços elevados dos produtos que chegam dos outros países. É o que os economistas chamam de “mudança dos preços relativos”.

Entretanto, para Conceição Tavares, é importante se levar em conta que este conceito não é estático. Não se propõe um ataque a uma lista esgotável e fixa de produtos. Ou seja, não se quer dizer que a economia brasileira rumaria em direção à auto-suficiência ou ao isolamento do sistema internacional. É justamente o contrário. Vejamos o porquê.

Para Conceição Tavares, à medida que o Brasil avança na produção de bens industriais correntes



– alimentos, bebidas, têxteis, calçados e outros – a demanda de máquinas torna-

se maior, causando pressão sobre as contas externas, até porque o país continua exportando café e bens primários. Quando o país começar a produzir internamente bens como automóveis e eletroeletrônicos, por meio das multinacionais, no período JK, as necessidades de importações serão ainda maiores, além do fato de que as multinacionais passarão a remeter lucros para fora, comprometendo ainda mais as contas externas. Em síntese, o desenvolvimento para dentro muda o tipo de relações externas do Brasil com as economias desenvolvidas, levando a uma tendência de déficits no balanço de pagamentos.

Um outro enfoque, desenvolvido por Francisco de Oliveira, parte do pressuposto de que a Revolução de 30 foi o divisor de águas. Criava-se, então, a partir do Estado as condições institucionais para um novo modo de acumulação do capital. São definidos “preços

sociais”, por meio da legislação trabalhista, que oferece um horizonte para o cálculo empresarial e iguala os salários do setor moderno pela base, deixando os trabalhadores do campo de fora do arranjo populista.

O capital industrial privado, por sua vez, conta com os subsídios oferecidos pela indústria de base, geralmente estatais, além de se favorecer do confisco cambial, que permite a importação de bens industriais a preços mais baratos, ao passo que prejudica os setores exportadores.

Além disso, o custo de reprodução da força de trabalho mantém-se baixo, em virtude das relações de produção pré-capitalistas no campo, mas também porque não se avança na assinatura de acordos coletivos entre capital e trabalho. O Estado fixa apenas o salário mínimo. Por outro lado, no âmbito das cidades, expande-se um conjunto de ocupações de baixa renda no setor terciário, que ao invés de travar o desenvolvimento – ou de revelar a sua insuficiência – encontra-se ligado à acumulação urbano-industrial, valendo-se inclusive de novas formas de exploração do trabalho que não apenas do assalariamento.



Em síntese, o capitalismo “reelabora constantemente suas periferias internas”, aproveitando-se de relações arcaicas de produção para deprimir os custos do trabalho, elevando os níveis de rentabilidade por outro lado, a partir da utilização de técnicas de produção avançadas. A concentração de renda – para o que contribui ainda a existência de um enorme exército industrial de reserva, proveniente das migrações rural-urbanas e interurbanas – é um traço constitutivo do capitalismo à brasileira. Este enfoque diferencia-se da interpretação cepalina, pois encara o setor tradicional não como barreira, mas como potencializador da expansão de um capitalismo desigual e que se mantém subdesenvolvido.

Se o salário mínimo recupera o seu valor de poder de compra no segundo governo Getúlio (1951-1954), e encontra o seu ápice no governo JK, para cair de forma brutal nos primeiros anos da ditadura militar; em relação aos níveis de produtividade, tanto o salário mínimo, quanto o salário médio industrial, cresceram em níveis bastante inferiores durante todo o período de industrialização.

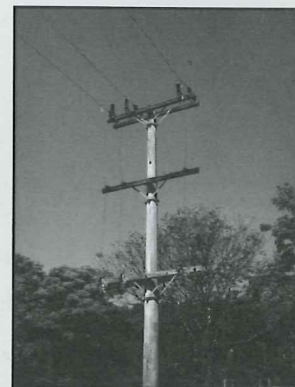
Vejamos agora as etapas básicas da industrialização no Brasil. Segundo a visão da industrialização por substituição de importações a indústria cresce mais do que o conjunto da economia, que cresce mais do que a corrente de comércio. As exportações não se expandem, enquanto as importações se concentram nos bens essenciais: equipamentos, de um lado, e combustíveis e lubrificantes de outro.

Numa primeira etapa, que se encaixa amplamente nessa visão, expande-se a produção de bens de consumo não-duráveis, a partir do capital nacional privado, enquanto surgem as empresas de capital estatal, como a CSN e a Vale do Rio Doce. A produção cresce a reboque da demanda gerada. O país ainda não havia internalizado a produção de bens de capital e de bens de consumo duráveis. Trata-se de uma industrialização restringida como denominou João Manuel Cardoso de Mello.

A partir do Plano de Metas, o país diversifica a sua estrutura produtiva, sendo agora capaz de produzir automóveis, produtos eletrônicos, máquinas de vários tipos, além de tratores e aviões. As cadeias produtivas destes setores dinâmicos – liderados por empresas

multinacionais, ou por empresas estatais, como no caso da Embraer, criada em 1962 – também se internalizam como no caso do parque de autopeças, composto basicamente de empresas de capital privado nacional. Desta forma, as multinacionais alavancam os setores de bens de consumo duráveis, tendo como fornecedoras as empresas de capital nacio-

nal, cuidando o Estado da indústria de base – siderurgia, alumínio, minérios – além do fornecimento de energia elétrica, petróleo e da infra-estrutura de transportes. É o chamado de tripé econômico.



Chega-se assim a uma segunda etapa, a da industrialização pesada, onde os investimentos são de tal monta que geram parte da demanda futura. A acumulação de capital se torna endógena, ou seja, os ciclos econômicos passam a ser internos, não impedindo que a economia brasileira sofra dos revezes experimentados pela economia internacional. A expansão industrial não se dá mais para substituir produtos importados, mas para dar conta das necessidades de acumulação interna. Por sua vez, faz-se necessário elevar as exportações, para dar conta da crescente demanda de importações e dos lucros remetidos pelas multinacionais. Este período, em linhas gerais, transcorre entre 1956 e 1980.

Esta periodização também permite apontar para as mudanças da política de desenvolvimento. Seguindo os passos de Celso Furtado e de Carlos Lessa, observa-se que até 1953, o país não contou, de fato, com uma política deliberada de desenvolvimento. O que havia era uma “industrialização de tabela”, sem coordenação e planejamento estatal. Inicialmente, a indústria havia se favorecido indiretamente da defesa do café. No pós-Segunda Guerra

Mundial, o governo Dutra liberaria as importações, o que poderia prejudicar a indústria, já que o câmbio havia se valorizado em termos reais (a inflação brasileira cresceria à frente dos demais países com que comercializa). Como o governo não queria desvalorizar a moeda, temendo a exacerbação inflacionária, optou-se pelas licenças de importação para produtos não-essenciais. Os empresários seriam duplamente favorecidos, contando com proteção



para os seus produtos e câmbio barato para importar máquinas. Durante este governo, que se propusera inicialmente liberal em termos de

política econômica, a indústria cresceria a um ritmo de 9% ao ano.

Outra história pode ser contada a partir do início dos anos cinquenta. Em 1952, o governo criaria o BNDES, que adiantaria crédito de longo prazo para novos projetos de expansão produtiva, enquanto em 1953 implantava-se a Petrobrás. O Plano de Metas do governo JK aproveita-se da expansão industrial e implanta políticas setoriais, estimulando as empresas multinacionais, com vantagens fiscais e cambiais, desde que estas nacionalizassem ao menos 90% da sua produção.

Após o golpe militar, e depois da política de estabilização executada entre 1964 e 1966, a expansão econômica mostraria-se ainda mais rápida, ancorada nos investimentos das multinacionais e das empresas estatais, e contando com as vantagens de um quadro internacional bastante positivo, pois o comércio crescia a taxas elevadas, enquanto a periferia era inundada de empréstimos de bancos comerciais privados. Neste período, o Brasil lograria inclusive diversificar a sua pauta de exportações, respondendo o setor industrial por mais de 40% das vendas externas em 1980.

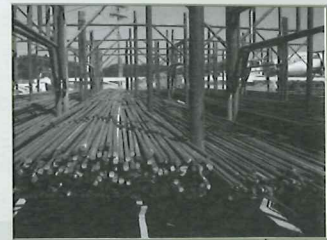
Paralelamente, a demanda interna também crescia de forma vertiginosa. Isto se justifica, de um lado, pelo consumo de uma minoria privilegiada e de uma classe média em ascensão – que ocupava os cargos públicos e privados que exigiam empregados com curso

superior. Vantagens fiscais e financeiras eram concedidas a estes grupos, exponenciando a concentração de renda. De outro, expandia-se também o consumo popular em virtude da expansão da massa salarial, já que os níveis de emprego se elevavam a uma taxa média de 4% ao ano na década de setenta, e a níveis inclusive superiores quando se consideram apenas os setores de industrial e de serviços.

Na segunda metade da década de 70, o país defrontaria-se com a crise do petróleo e com a redução da demanda dos países desenvolvidos. Ao invés de optar por uma política de contenção econômica, o governo Geisel lançaria o II PND, aproveitando-se das empresas estatais e dos recursos disponíveis no mercado financeiro internacional, para desovar projetos estratégicos nas áreas de prospecção de petróleo, geração de energia, produção de máquinas e equi-

pamentos e insumos básicos (petroquímica, siderurgia, metais não-ferrosos e fertilizantes). O coeficiente importado se reduziu, a economia cresceu a taxas menores, mas ainda assim

elevadas, enquanto a dívida externa e a inflação aumentaram agora de maneira expressiva.



Como sintetizar um período tão amplo, que contou com governos ora democráticos, ora autoritários, e viu serem realizadas políticas econômicas – umas mais nacionalistas e outras de associação ao imperialismo – tendo sempre como pano de fundo a expansão do emprego e a concentração de renda?

Vejamos alguns traços gerais comuns. Em primeiro lugar, não é demais ressaltar que o Brasil apresentou taxas de crescimento econômico para o período de 1930 a 1980, de cerca de 6% ao ano em média, superiores inclusive às taxas japonesas.

Mais importante ainda, o país deixou de ser uma imensa “fazenda”, em que 60% da força de trabalho vivia no campo, para se transformar numa sociedade urbana e industrial, inclusive dispendo de um setor de serviços avançados. A indústria avançou nos segmentos mais intensivos em capital, tornando-se ao final dos anos setenta o país com a principal economia do mundo em desenvolvimento.

Por outro lado, o modelo industrial baseou-se na cópia, e não na inovação tecnológica, ficando o país refém das decisões das empresas multinacionais, cujo mercado se

mostrava restrito aos 30% mais “ricos” do país. Ou seja, atingia no máximo a classe média e alguns estratos da elite operária. Não se foi capaz também, durante a industrialização, de criar um sistema financeiro nacional, tornando-se o país mais uma vez presa fácil das oscilações internacionais verificadas ao final dos anos 70.

O desempenho do mercado de trabalho, para o conjunto do país, revelou alguns aspectos positivos. Como ressalta Marcio Pochmann, o emprego assalariado formal cresceu mais rapidamente do que a PEA (6,2%, contra 2,6%, de média anual) entre 1940 e 1980. Neste longo período, enquanto o nível de emprego total cresceu, em termos acumulados, cerca de 186%, a ocupação na indústria de transformação se expandiu em 423%, e de forma ainda mais rápida no caso dos serviços governamentais, atingindo 527%.



Trata-se de um resultado do processo de industrialização que permitiu criar uma classe trabalhadora nacional, respaldada por uma legislação trabalhista. Paralelamente, expandiu-se a classe média assalariada, ganhando espaço os técnicos e profissionais com curso superior e os gerentes das empresas e os gestores do setor público e perdendo lugar, ao menos em termos relativos, a pequena burguesia. Em 1980, mais de 2/3 da classe média brasileira seria composta de trabalhadores assalariados.

Ainda assim, apesar destes índices de estruturação de um mercado de trabalho relativamente “moderno”, o Brasil apresentaria particularidades significativas em relação ao padrão do emprego evidenciado nos países desenvolvidos: elevada disparidade dos níveis de renda, alto percentual dos ocupados inseridos no setor não-organizado e inexistência de um sistema universal de proteção social. O diferencial da participação na renda total entre 10% mais ricos e os 10% mais pobres elevaria-se de forma significativa. Paralelamente, ressalta-se que do total de assalariados no país – incluindo áreas rurais e urbanas – ao final deste ciclo de expansivo, cerca de 1/3 ainda estava à margem da legislação trabalhista. Não se logrou criar um estatuto coletivo do trabalho no país, vivendo os bóias-frias do campo,

os pequenos camponeses e a massa de subempregados das grandes cidades numa situação de precariedade permanente.



A urbanização figuraria como outra tendência do período. Entre 1950 e 1980, a população urbana expandira-se a um ritmo de 4,4% ao ano, possuindo o país uma taxa de urbanização de cerca de 70% ao final do período. As metrópoles concentrariam a riqueza e a exclusão social. Em 1980, quase 30% da população brasileira estava concentrada nas regiões metropolitanas, uma boa parte sujeita a níveis precários de inserção no mercado de trabalho e de acesso a bens sociais como educação, saúde, habitação e segurança.

Simultaneamente, diferenças em termos de renda per capita entre as regiões mais pobres e ricas do país se ampliaram de forma expressiva ao longo do período, com alguma reversão nos anos setenta, em virtude dos investimentos públicos, mas sem alterar o quadro de gritantes desigualdades regionais.

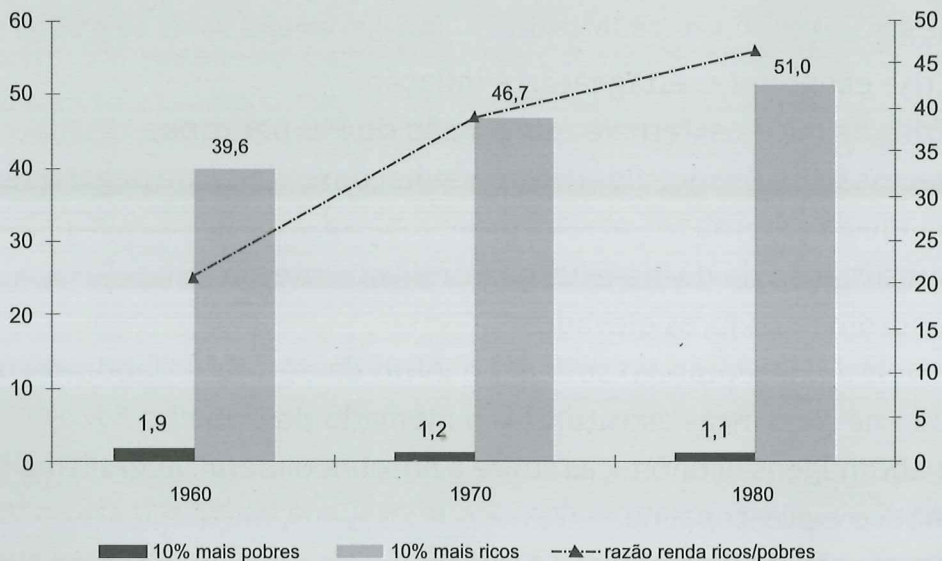


Importa ressaltar que nos anos sessenta, a partir do golpe de 64, uma ruptura importante se processaria. O Brasil continuaria crescendo de forma dinâmica, a partir do seu mercado interno, e agora se internacionalizando em termos comerciais, produtivos e financeiros. Mas fecharia o espaço político para a manifestação dos interesses dos segmentos diversificados da sociedade, para se tornar uma ditadura de classe, aliada aos grupos oligárquicos, com a anuência de segmentos da classe média, enquanto a maioria trabalhadora ficaria

dos benefícios do crescimento e da elevação da produtividade.

Os dois gráficos abaixo apontam para a combinação entre crescimento econômico e da produtividade do trabalho e os índices sempre crescentes de concentração de renda. No Gráfico 2, percebe-se pela linha amarela que a diferença em termos de renda média dos 10% mais ricos e os 10% mais pobres eleva-se de 21 para 47 vezes entre 1960 e 1980.

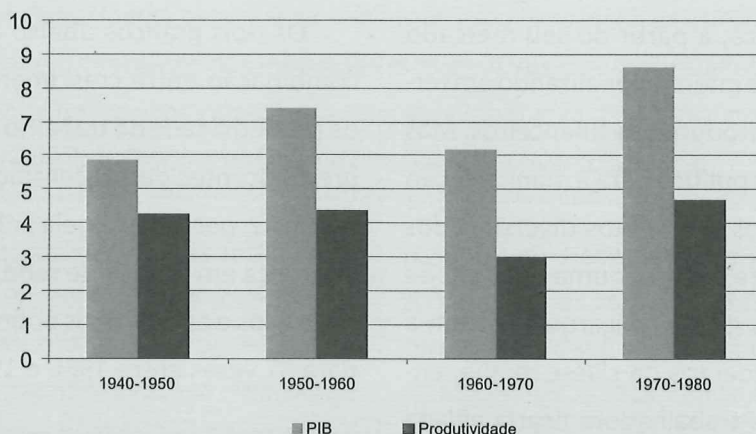
GRÁFICO 1 – Expansão do PIB e da Produtividade do Trabalho – Média Anual para Décadas Seleccionadas – Brasil (em %)



Fonte: Contas Nacionais e Censos Populacionais/IBGE.



GRÁFICO 2 – Participação dos 10% Mais Ricos e dos 10% Mais Pobres na Renda Nacional (em %) e Diferencial Entre os Dois Grupos (em Número de Vezes) – 1960, 1970 e 1980



Fonte: Censos Populacionais/IBGE.

## Crise dos anos oitenta, estagnação econômica e inflação

### Anos 80

- ⊙ Crise econômica, estagnação e inflação
- ⊙ Crise da dívida externa e estagnação do PIB per capita
- ⊙ Recessão 81-83 sucedida de superávits comerciais para pagar o serviço da dívida externa
- ⊙ Substituição de dívida externa por dívida interna
- ⊙ Síndrome dos juros elevados
- ⊙ Níveis de desemprego sobem no início da década e depois recuam
- ⊙ Não há mudanças estruturais no mercado de trabalho
- ⊙ 3 abordagens econômicas sobre a crise: neoliberal, liberalismo pragmático e pós-cepalina.
- ⊙ Aprovação da Constituição de 1988.
- ⊙ Tensão entre os anseios de participação da sociedade civil com a abordagem neoliberal em termos de política econômica

O ano de 1980 seria o último de alto crescimento de um longo ciclo de industrialização que durou cinquenta anos e permitiu ao Brasil elevar a sua renda per capita, mais rapidamente que os países desenvolvidos, ainda que não tivesse superado o subdesenvolvimento, a exclusão social, a informalidade e os elevados índices de concentração de renda.

Já ao final de 1979, uma crise brutal afetaria a maioria dos países da América Latina. Esta crise deveu-se a três fatores básicos. Queda dos preços das *commodities*, segunda crise do petróleo e elevação dos juros norte-americanos, o que permitiu uma correção para cima do serviço da dívida externa dos países latino-americanos.

O Brasil foi drasticamente afetado com a mudança do cenário internacional. O país possuía cerca de 30% da dívida externa regional

e apresentava uma relação dívida externa/exportações de 3,4 vezes.

Duas soluções complementares foram utilizadas. Em primeiro lugar, o setor público assumiu parte da dívida do setor privado, fazendo com que explodisse a dívida pública interna. Em segundo lugar, uma mistura de desvalorização da moeda com recessão interna foi acionada, de forma a liberar saldos comerciais, os quais permitiriam saldar os compromissos assumidos em moeda estrangeira.

As elevadas taxas de juros internas levaram a economia à lona, deprimiram as taxas de investimento e reduziram as importações. Entretanto, foram incapazes de reduzir a inflação, tal como previa o diagnóstico conservador. No final da década de oitenta, o Brasil experimentaria taxas anuais de inflação de 2000%.

Especialmente no auge da crise da dívida externa, 1981-1983, os níveis de desemprego urbano elevaram-se de forma substancial, superando a casa dos 5% ao ano. Para o conjunto da década, o PIB per capita brasileiro ficaria estagnado. Esta década pode

ser chamada de “perdida”, especialmente quando se leva em consideração que, nos países desenvolvidos, se colocava em ação o conjunto de tecnologias da Terceira Revolução Industrial, que revolucionariam mais uma vez o capitalismo.



Ou seja, se os níveis de desemprego e de informalidade haviam se estabilizado ao longo da década, para o que contribuiu o breve surto de crescimento do Plano Cruzado, e a estrutura produtiva não havia sofrido perdas importantes, não é menos verdade que esta se mostrava cada vez mais defasada.

Neste período de crise que vai até o Plano Real, em que plano após plano fracassava no combate à inflação, permitindo com que se degradassem ainda mais os indicadores de concentração de renda, o debate econômico brasileiro ficou preso a questões conjunturais. Havia se perdido a preocupação com o desenvolvimento e com a necessidade de um projeto de longo prazo para o país.

Três diagnósticos sobre a crise predominaram. De um lado, os neoliberais apontavam para o que consideravam os erros do “nacional-desenvolvimentismo”: fechamento da economia, recurso constante à inflação, não-aproveitamento das supostas vantagens do sistema de mercado e das novas oportunidades abertas pela globalização.

A segunda abordagem procurava ir além da primeira, dizendo que o problema não era apenas o déficit público, mas a crise do modelo de intervenção do Estado. Devia-se articular uma nova combinação entre Estado e mercado, para tornar a economia nacional

mais competitiva, devendo o setor público cuidar das políticas sociais.

A terceira abordagem, pós-cepalina, acreditava que o nó da questão estava na crise da dívida externa. O capitalismo se reestruturava nos países centrais, enquanto se procurava jogar a culpa do endividamento exclusivamente nos países tomadores de crédito. Os problemas da dívida externa e do déficit público estavam intrinsecamente relacionados. Questionava-se também o enfoque recessivo para reduzir a inflação e também se negava que os problemas do país estivessem relacionados ao dinamismo econômico do período anterior. Vários destes autores inclusive já haviam questionado, durante os anos setenta, o padrão de desenvolvimento excludente, ancorado na liderança das multinacionais e no endividamento externo excessivo, enquanto o Estado subsidiava a formação do capital privado e se descuidava da ampliação dos gastos sociais.

Ironicamente, foi justamente neste momento de exacerbação da crise econômica, que se deu o processo de redemocratização, trazendo à tona esperanças há décadas adormecidas no âmbito da sociedade civil. A Constituição de 1988 figuraria como um marco desta trajetória, ao cancelar a universalização do sistema de saúde, a expansão dos direitos previdenciários e descentralização administrativa.

Entretanto, no confronto entre a ética privada da economia e os direitos públicos e democráticos, a história dos anos noventa mostraria como os neoliberais venceram o debate, ao menos neste momento, conseguindo se desfazer de vários dos avanços constitucionais sob a alegação de que impediam a estabilização econômica.

Mas isto já é assunto para a seção seguinte, quando analisaremos as transformações econômicas e sociais por que o Brasil passou depois da implantação do Plano Real.

### As reformas dos anos 90 e a abertura da economia brasileira

#### Anos 90 – divisor de águas na história econômica brasileira

- ⊙ 1994 – Plano Real: mais que um plano de estabilização, propõe-se a mudar o papel do Estado e o modelo de inserção externa
- ⊙ Economias neoliberais: críticas ao modelo anterior, necessidade de um novo modelo de crescimento pautada na maior produtividade, abertura econômica, privatização e atração de capitais externos
- ⊙ Resultados pífios em termos de crescimento econômico
- ⊙ Desemprego e informalidade explodem. Surge o desemprego de massa e a informalidade passar a ser um fenômeno do cotidiano. Não são fatores associados à globalização, mas à opção de inserção externa do país
- ⊙ 1994 a 1998 – valorização da moeda leva a déficit nas contas externas, os juros altos atraem capital de curto prazo, mas duplicam a relação dívida pública / PIB, apesar das reformas e das privatizações
- ⊙ Desvalorização de 1999 – modelo de metas de inflação. Os juros passam a ser a ferramenta para controle dos preços. Superávits primários devem ser gerados para rolar o serviço da dívida pública



- ⊙ Abertura comercial precipitada, sem preocupação com o mercado interno e o potencial exportador, e abertura financeira que tornam o país refém das oscilações internacionais
- ⊙ Aprofundamento do subdesenvolvimento e da dependência. Parcela das elites empresárias e da classe média alta atualiza seus padrões de consumo e tecnológicos, enquanto vários elos da cadeia produtiva são rompidos, grande parte da classe média se empobrece, enquanto a classe trabalhadora vive numa situação de precariedade permanente
- ⊙ Erosão do sistema econômico tem como sintomas: guerra fiscal e perda de capacidade formuladora e coordenadora do Estado
- ⊙ Financeirização da riqueza: uma classe rentista se apodera de parcela expressiva da renda gerada, por meio de compra de ações, títulos da dívida pública e negociatas envolvendo as privatizações
- ⊙ Mudança da dinâmica econômica depois da desvalorização de 1999 e até 2006, permite geração de empregos formais novamente e redução sutil da informalidade, mas os níveis de desemprego se mantêm elevados e não há mudanças estruturais na desigualdade
- ⊙ Desafios:
  - maior aproveitamento do mercado interno, sem descuidar da necessidade de ocupar mercados externos
  - resgatando a capacidade de investimento do Estado
  - reduzindo a renda drenada para a financeirização, e
  - acionando políticas de combate à exclusão social, para além dos programas de transferência de renda

A década de noventa pode ser considerada um divisor de águas na histórica econômica brasileira. Diferentemente da década de oitenta – cuja marca fora o descontrole inflacionário e a estagnação econômica como consequência da crise da dívida externa – agora se procura promover uma mudança no modelo de inserção externa e do papel do Estado, de forma a acionar uma nova dinâmica econômica.

Na visão dos arquitetos deste novo modelo, a economia deveria sofrer um choque de competitividade, integrando-se ao mercado externo e recebendo investimentos das multinacionais, o que elevaria os níveis de crescimento e de produtividade, reduzindo naturalmente o desemprego, a pobreza e a desigualdade. O Estado acionaria reformas – privatização, previdência e administrativa – que melhorariam a sua eficiência, permitindo

a queda dos juros. Para completar o pacote, a legislação trabalhista – vista como rígida – seria flexibilizada para reduzir os custos de produção e a informalidade. Já era tempo de deixar o passado de inflacionismo, auto-suficiência e estatismo generalizado, como escreveria o economista Gustavo Franco. Neste sentido, o Plano Real deve ser encarado como muito mais que um simples plano de estabilização.

A receita não funcionou, como sabemos hoje. A economia cresceu, entre 1994 e 2002, a níveis pouco superiores a 2% ao ano, os investimentos estagnaram, apesar do forte ingresso dos recursos das multinacionais – dos quais quase 1/3 se voltou para as privatizações – enquanto a dívida pública explodiu, passando de 30% para 60% do PIB ao longo deste período.

Os neoliberais sempre poderão dizer que a sua receita não foi aplicada integralmente. A reforma trabalhista não avançou e a reforma previdenciária não saiu do jeito que queriam, assim como os bancos públicos não foram privatizados. Mas também não se pode negar que a condução da política econômica, ao menos de 1992 a 2006, esteve em grande medida influenciada por suas concepções e políticas.

Onde erraram os economistas neoliberais? Houve problemas de diagnóstico e de conhe-

cimento da realidade brasileira, mas também algumas opções de política econômica contribuíram para acirrar ainda mais os desequilíbrios estruturais do país.

O Plano Real envolveu uma estratégia que combinava ajuste fiscal no seu início, reforma monetária (lançamento da URV) e âncora cambial, devendo o real se valorizar à medida que entrassem capitais externos, ansiosos por ganhos financeiros. O governo – principalmente depois da crise mexicana de dezembro de 1994, que trouxe instabilidade aos mercados finan-



ceiros – elevou os juros para conter a demanda e valorizar ainda mais moeda. O país experimentaria a partir de então déficits externos crescentes – que superariam a casa dos 4% do

PIB em 1998. A inflação se estabilizou a níveis baixos, mas os níveis de desemprego explodiram, em virtude da desaceleração econômica e da forte pressão competitiva pós-1994.

Com a nova crise internacional em 1998, o Brasil “queimou” as suas reservas internacionais para sustentar o real, que finalmente se desvalorizaria em janeiro de 1999. Em virtude da subida da inflação, os juros se mantiveram em patamares elevados, enquanto se assinou um acordo com o FMI, que previa superávits primários crescentes para satisfazer a rolagem da dívida pública. Ora, esta dívida havia crescido em virtude dos juros altos, para sustentar uma paridade artificial.

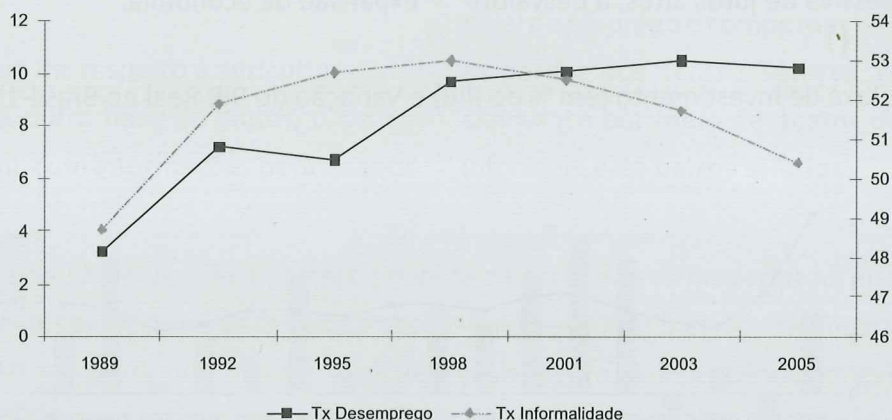
Agora todo o país devia pagar a conta da aposta equivocada. O desemprego se manteria em níveis elevados durante todo o segundo governo FHC – em torno de 10% da PEA, contra os 3% verificados em 1989 – enquanto a informalidade superou 50% da força de trabalho ocupada (Gráfico 3). Processou-se uma desestruturação do mercado de trabalho, na contramão das tendências verificadas no período anterior. Se a informalidade sempre estivera presente na realidade social brasileira, ela agora se generalizaria. O desemprego – como fenômeno de massa – apareceria pela primeira vez na nossa história, não poupando brancos ou negros,

analfabetos ou jovens formados, homens ou mulheres.

Em nenhum momento, se levou em consideração que os possíveis benefícios da liberalização dependeriam, segundo o prêmio Nobel Joseph Stiglitz, das circunstâncias nacionais e do gradualismo na execução das políticas. Fez-se uma abertura comercial unilateral, sem exigência de contrapartidas dos países desenvolvidos, abriu-se repentinamente o mercado de capitais, e se valorizou a moeda brasileira de forma irresponsável, perdendo o país a possibilidade de se inserir de forma ativa no contexto da globalização.

Enfim, privatizamos e vendemos ativos nacionais a preço de banana para as multinacionais, enfraquecemos o potencial de planejamento e de gasto do Estado, desperdiçamos a expansão do mercado internacional e ficamos reféns das oscilações da conjuntura internacional.

Gráfico 3 – Taxa de Desemprego e Nível de Informalidade no Brasil de 1989 a 2005



Fonte: Pnads/IBGE, IPEA. Elaboração Própria.

Como atestara Celso Furtado, se nos anos noventa alguns segmentos da classe média alta e das elites empresariais lograram atualizar seus padrões de consumo e tecnológicos, vários elos da estrutura industrial foram rompidos, aprofundando-se os níveis de exclusão social, que agora passava a apresentar novas facetas. Violência, desemprego, falta de perspectivas de ascensão, mesmo para aqueles com elevada escolaridade e vivendo nas áreas urbanas, onde a pobreza passaria a se concentrar. Os níveis de desigualdade mantiveram-se obscenos,

enquanto a participação dos trabalhadores na renda nacional caiu a níveis impensáveis.

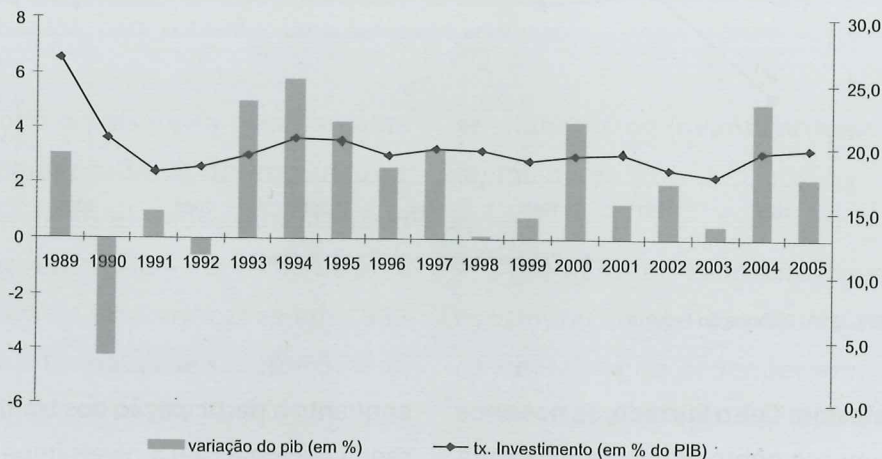
O sistema econômico nacional, construído a duras penas, havia se erodido. Como prova disso, as várias regiões e estados passaram a atrair de forma pouco criteriosa capitais internacionais, por meio da guerra fiscal. Em síntese, descuidou-se do potencial do mercado interno, forçando um empobrecimento da estrutura produtiva, concentrada nos segmentos de menor valor agregado e intensivos em recursos naturais.



Nos últimos 15 anos, apenas em 1994, 2000 e 2004, logrou o país superar a casa dos 4% de crescimento do PIB. Nestes mesmos anos, a taxa de investimento chegou perto do seu pico – bastante baixo, é importante dizer – de 20% do PIB, para se reduzir logo em seguida (Gráfico 4). Esta oscilação deve-se à política obsessiva de juros altos, à desvalori-

zação da renda do trabalho e à ausência de perspectivas de crescimento sustentado. Com a financeirização da riqueza – por meio dos ganhos nas privatizações, na compra de ações e de títulos da dívida pública – os mais abastados puderam aumentar a sua participação na renda nacional, independentemente da expansão da economia.

Gráfico 4 – Taxa de Investimento (em % do PIB) e Variação do PIB Real no Brasil-1989 a 2005



Fonte: IPEA.

Alguns exemplos são ilustrativos. O crescimento médio do PIB industrial entre 1990 e 1999 foi inferior a 1% ao ano, tendo o PIB

agrícola se elevado a uma taxa de 2,3% ao ano, ambos substancialmente inferiores aos seus padrões históricos.

Entre 1990 e 1999, foram eliminados cerca de 2 milhões de empregos (redução de 20%), tendo esta queda se concentrado entre 1990 e 1994, quando se combinou baixa expansão do PIB industrial com forte abertura. No período seguinte (1995 a 1999), a abertura foi aprofundada por meio da valorização cambial, que prejudicou a produção industrial, também afetada pelos altos níveis de juros.

Ao longo do período, a produtividade da indústria expandiu-se 40%, não sendo acompanhada pelos níveis salariais. Em 1998, o déficit comercial brasileiro em bens industriais superou a casa dos US\$ 10 bilhões, concentrado nas relações com os países desenvolvidos.

Já no que diz respeito à agricultura, utilizando uma outra base de dados, o Censo Populacional, com informações para os anos

de 1991 e 2000, verifica-se uma redução de mais de 3 milhões de empregos nas atividades agrícolas. Trata-se de uma redução de 26% da mão-de-obra ocupada, concentrada nas atividades da agricultura familiar.

No setor de serviços, logrou-se elevar o nível de emprego e compensar parcialmente as perdas dos demais setores, mas essencialmente por meio de postos de trabalho informais e de baixos salários.

Em síntese, apenas uma parcela diminuta da economia se modernizou, enquanto contingentes expressivos da força de trabalho foram expulsos para ocupações precárias ou para a condição de desemprego. O subdesenvolvimento e a dependência se aguçaram, uma ironia do destino contra a pretensão dos economistas neoliberais de inaugurar um novo modelo de desenvolvimento à custa da mera abertura do mercado.

Após a desvalorização da moeda, os juros caíram, ainda que de forma insuficiente, enquanto a economia internacional passou a viver dias melhores de 2003 em diante. As exportações brasileiras se elevaram, o mercado interno experimentou uma reativação, que permitiu a expansão dos gastos sociais e uma elevação do nível de emprego, acompanhada de uma sutil redução da informalidade.

Entretanto, o Brasil segue refém da herança trazida pelas políticas econômicas executadas durante os anos noventa. Desigualdades regionais e exclusão social associam-se a um mercado interno que cresce abaixo do potencial e um modelo de inserção externa voltado para atração de capitais financeiros e de exportação de produtos de baixo valor agregado.



O desafio que se coloca para o país é o de voltar a crescer de forma substantiva, por meio do aproveitamento do mercado interno e do aprimoramento da nossa inserção externa, resgatando-se o papel coordenador do setor público e abrindo-se novos espaços para a intervenção da sociedade civil, de forma a combater a herança histórica de desigualdade e exclusão social de amplos segmentos da população.

## Bibliografia

---

- ALENCASTRO, Luiz Felipe. *O Trato dos Viventes: Formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2000.
- BARBOSA, Alexandre de Freitas. *A Formação do Mercado de Trabalho no Brasil: da Escravidão ao Assalariamento*, Tese de Doutorado, Instituto de Economia, Unicamp, 2003.
- BATISTA, Paulo Nogueira Jr. *A Economia como Ela É*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2000.
- BRESSER PEREIRA, Luiz Carlos. *Economia Brasileira: Uma Introdução Crítica*. São Paulo: Editora 34, 3. ed., 1997.
- CARDOSO DE MELLO. *O Capitalismo Tardio*. São Paulo: Editora Brasiliense, 8. ed., 1990.
- CANO, Wilson (1977). *Raízes da Concentração Industrial em São Paulo*. São Paulo: Difel.
- CARDOSO, Eliana e HELWEGE, Ann. *A Economia da América Latina*. São Paulo: Ética, 1993.
- DEAN, Warren. *Rio Claro: Um Sistema Brasileiro de Grande Lavoura, 1820-1920*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- DRAIBE, Sônia. *Rumos e Metamorfoses: um Estudo sobre a Constituição do Estado e as Alternativas da Industrialização no Brasil (1930-1960)*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FARIA, Vilmar. Mudanças na Composição do Emprego e na Estrutura das Ocupações, in: *A Transição Incompleta, o Brasil desde 1945*. Edmar Bacha e Herbert Klein (orgs.), Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- FERNANDES, Florestan. *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*, v. 1, São Paulo: Ática, 3. ed., 1978.

FRAGOSO, João e FLORENTINO, Manolo. *O Arcaísmo como Projeto*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 4. ed., 2001

FRANCO, Gustavo. *O Desafio Brasileiro*. São Paulo: Editora 34, 1999.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens Livres na Ordem Escravocrata*. São Paulo: Unesp, 4. ed., 1997.

FURTADO, Celso. *O Capitalismo Global*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1998.

\_\_\_\_\_. *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 23. ed., 1989.

\_\_\_\_\_. *A Pré-Revolução Brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1962.

GIAMBIAGI, Fabio et al. *Economia Brasileira Contemporânea (1945-2004)*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

IANNI, Octavio. *Escravidão e Racismo*. São Paulo: Hucitec, 2. ed., 1988.

LESSA, Carlos. *Quinze Anos de Política Econômica*, São Paulo: Brasiliense, 4. ed., 1983

MARTINS, José de Souza. *A Sociedade Vista do Abismo: Novos Estudos sobre Exclusão, Pobreza e Classes Sociais*, Petrópolis: Vozes, 2002.

NOVAIS, Fernando. *Portugal e Brasil na Crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)*. São Paulo: Editora Hucitec, 6. ed., 1995.

OLIVEIRA, Francisco de. *A Economia Brasileira: Crítica à Razão Dualista*, Petrópolis: Vozes, 5. ed., 1987.

POCHMANN, Marcio. *O Trabalho sob Fogo Cruzado*. São Paulo: Contexto, 1998.

POCHMANN, Marcio et. al. *Atlas da Exclusão Social: Os Ricos no Brasil*, v. 3, São Paulo: Cortez, 2004.

\_\_\_\_\_. *Atlas da Nova Estratificação Social: Classe Média, Desenvolvimento e Crise*, São Paulo: Cortez, 2006.



- PRADO Jr., Caio. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 32. ed., 1985.
- \_\_\_\_\_. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Livraria Martins, 1942.
- RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: a Formação e o Sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- RICUPERO, Rubens. *O Brasil e o Dilema da Globalização*. São Paulo: Editora Senac, 2001.
- SANDRONI, Paulo. *Traduzindo o Economês: Para Entender a Economia Brasileira na Época da Globalização*. São Paulo: Editora Best Seller, 2000.
- SANTOS, Milton. *A Urbanização Brasileira*. São Paulo: Edusp, 5. ed., 2005.
- SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Cidadania e Justiça: A Política Social na Ordem Brasileira*. Rio de Janeiro: Campus, 1987.
- SCHWARTZ, Stuart. *Segredos Internos: Engenhos e Escravos na Sociedade Colonial*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 1995.
- SINGER, Paul. “Evolução da Economia e Vinculação Internacional” in: *Brasil: Um Século de Transformações*. SACHS, Ignacy et al., (orgs.) São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SINGER, Paul. *Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.
- SUZIGAN, Wilson. *Indústria Brasileira. Origem e Desenvolvimento*. São Paulo: Hucitec, 2000.
- TAVARES, Maria da Conceição. *Acumulação de Capital e Industrialização no Brasil*. Campinas: Instituto de Economia da Unicamp, 3. ed., 1998.

## CRÉDITOS DAS IMAGENS

[www.bussolaescolar.com.br/historia\\_geral/1\\_gu...](http://www.bussolaescolar.com.br/historia_geral/1_gu...)  
[revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT503375...](http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT503375...)  
[www.smabc.org.br/mostra\\_materia.asp?id=7219](http://www.smabc.org.br/mostra_materia.asp?id=7219)  
[www.aminharadio.com/radio/menu\\_velharias](http://www.aminharadio.com/radio/menu_velharias)  
[www.infoturisti.com/.../wallStreet.aspx](http://www.infoturisti.com/.../wallStreet.aspx)  
[meuspensamentos especiais.blogspot.com/2007\\_05...](http://meuspensamentos especiais.blogspot.com/2007_05...)

[www.netencyclo.com/pt/Ouro](http://www.netencyclo.com/pt/Ouro)  
[mix.fresqui.com/hitler](http://mix.fresqui.com/hitler)  
[www.visitingdc.com/president/franklin-rooseve](http://www.visitingdc.com/president/franklin-rooseve)  
[www.angelfire.com/.../articles/baltzersen1.htm](http://www.angelfire.com/.../articles/baltzersen1.htm)  
[www.zonalibre.org/.../cat\\_historias.html](http://www.zonalibre.org/.../cat_historias.html)  
[soycamisetasusco.tripod.com/id6.html](http://soycamisetasusco.tripod.com/id6.html)

## PARA SABER MAIS SOBRE O TEMA

---

O objetivo deste suplemento é aprofundar o conhecimento dos conteúdos desenvolvidos em aula. Nele, você encontrará indicações e referências de materiais que possibilitam a discussão e oferecem elementos para a reflexão sobre os temas abordados. As obras e textos aqui listados são um complemento daqueles já citados no “Texto de Referência”.

### Livros

---

BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Ática, 1983.

BATISTA, Paulo Nogueira Jr. *A Economia como Ela É*. São Paulo: Boitempo, 2000.

BEAUD, M. *História do capitalismo: de 1500 a nossos dias*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BELLUZZO, Luiz G. *Ensaio sobre o Capitalismo no Século XX*. São Paulo: Editora da Unesp, 2004.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. *Economia Brasileira: Uma Introdução Crítica*. São Paulo: Editora 34, 1997.

CALLADO, Antônio. *Quarup*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

CARDOSO DE MELLO. *O Capitalismo Tardio*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

CANO, Wilson. *Raízes da Concentração Industrial em São Paulo*. São Paulo: Difel, 1977.

CARDOSO, Eliana e Ann Helwege. *A Economia da América Latina*. São Paulo: Ética, 1993.

CATANI, Afrânio. *O que É Capitalismo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.



- DRAIBE, Sônia. *Rumos e Metamorfoses: um Estudo sobre a Constituição do Estado e as Alternativas da Industrialização no Brasil (1930-1960)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- DOWBOR, Ladislau. *O que é capital*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo: Edusp, 1999.
- FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. Rio de Janeiro: Maia & Schmidt, 1933.
- FERNANDES, Florestan. *A Integração do Negro na Sociedade de Classes, v. 1*. São Paulo: Ática, 1978.
- FRANCO, Gustavo. *O Desafio Brasileiro*. São Paulo: Editora 34, 1999.
- FRANCO, Maria Sílvia de Carvalho. *Homens Livres na Ordem Escravocrata*. São Paulo: Unesp, 1997.
- FURTADO, Celso. *O Capitalismo Global*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- \_\_\_\_\_. *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1989.
- GIAMBIAGI, Fabio et al. *Economia Brasileira Contemporânea (1945-2004)*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de, CAMPOS, Pedro Moacyr (org.). *História geral da civilização brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1989.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1936.
- HOBBSBAWN, Eric. *Era dos Extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Era do capital*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- LESSA, Carlos. *Quinze Anos de Política Econômica*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- MARTINS, José de Souza. *A Sociedade Vista do Abismo: Novos Estudos sobre Exclusão, Pobreza e Classes Sociais*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MORAIS, Fernando. *Chatô – O Rei do Brasil*. Cia. das Letras: São Paulo, 1994.
- NOVAIS, Fernando. *Portugal e Brasil na Crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)*. São Paulo: Hucitec, 1995.
- OFFE, Claus. *Problemas estruturais do Estado capitalista*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.
- OLIVEIRA, Francisco de. *A Economia Brasileira: Crítica à Razão Dualista*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- PINSKY, Jaime. *A Escravidão no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1988 (Repensando A História).

- POCHMANN, Márcio. *O Trabalho sob Fogo Cruzado*. São Paulo: Contexto, 1998.
- POCHMANN, Márcio et. al. *Atlas da Exclusão Social: Os Ricos no Brasil, v. 3*, São Paulo: Cortez, 2004.
- POCHMANN, Márcio et. al. *Atlas da Nova Estratificação Social: Classe Media, Desenvolvimento e Crise*. São Paulo: Cortez, 2006.
- PRADO Jr, Caio. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- \_\_\_\_\_. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Livraria Martins, 1942.
- RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: a Formação e o Sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- RICUPERO, Rubens. *O Brasil e o Dilema da Globalização*. São Paulo: Senac, 2001.
- SANDRONI, Paulo. *Traduzindo o Economês: Para Entender a Economia Brasileira na Época da Globalização*. São Paulo: Best Seller, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Novíssimo dicionário de economia*. São Paulo: Best Seller, 1999.
- SANTOS, Milton. *A Urbanização Brasileira*. São Paulo: Edusp, 2005.
- SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Cidadania e Justiça: A Política Social na Ordem Brasileira*. Rio de Janeiro: Campus, 1987.
- SCHWARTZ, Stuart. *Segredos Internos: Engenhos e Escravos na Sociedade Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SINGER, Paul “Evolução da Economia e Vinculação Internacional” in: *Brasil: Um Século de Transformações*, SACHS, Ignacy et al., orgs. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- \_\_\_\_\_. *O Capitalismo*. São Paulo, Moderna, 1987.
- SUZIGAN, Wilson. *Indústria Brasileira. Origem e Desenvolvimento*. São Paulo: Hucitec, 2000.

## Artigos

---

- BAKER, Andy. Reformas Liberalizantes e Aprovação Presidencial: A Politização dos Debates da Política Econômica no Brasil. In: *Dados*, 2002, v.45, n.1
- [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0011-52582002000100003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582002000100003&lng=pt&nrm=iso)



- BATISTA JUNIOR, Paulo Nogueira. O Plano Real à luz da experiência mexicana e argentina. In: *Estud. Av.*, dez. 1996, v. 10, n. 28.  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141996000300007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141996000300007&lng=pt&nrm=iso)
- BOTELHO, Antônio José Junqueira. Globalização, regulação e neonacionalismo: uma análise das agências reguladoras. In: *Rev. Sociol. Polit.*, jun. 2002, n. 18.  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-44782002000100003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782002000100003&lng=pt&nrm=iso)
- CARVALHO, Carlos Eduardo. As origens e a gênese do Plano Collor. In: *Nova Econ.*, abr. 2006, v.16.  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-63512006000100003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-63512006000100003&lng=pt&nrm=iso)
- CINTRA, Marcos Antônio Macedo. Suave fracasso: a política macroeconômica brasileira entre 1999 e 2005. In: *Novos estud.*, CEBRAP, nov. 2005, n. 73.  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002005000300004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002005000300004&lng=pt&nrm=iso)
- COSTA, Paulo Roberto Neves. Política e interesses: as associações industriais, a política econômica e o Estado na industrialização brasileira. In: *Rev. Sociol. Polit.*, nov. 2000, n. []  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-44782000000200011&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782000000200011&lng=pt&nrm=iso)
- \_\_\_\_\_. Empresariado, regime político e democracia: Brasil, anos de 1990. In: *Rev. bras. Ci. Soc.*, fev. 2005, v.20, n.57  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092005000100007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092005000100007&lng=pt&nrm=iso)
- FARIAS, Francisco Pereira de. Clientelismo e democracia capitalista: elementos para uma abordagem alternativa. In: *Rev. Sociol. Polit.*, nov. 2000, n. 15.  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-44782000000200004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782000000200004&lng=pt&nrm=iso)
- LAMPREIA, Luiz Felipe. Relatório brasileiro sobre desenvolvimento social. In: *Estud. Av.*, ago. 1995, v. 9, n.24.  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141995000200003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141995000200003&lng=pt&nrm=iso)

LEME, Alessandro André. Globalização e reformas liberalizantes: contradições na reestruturação do setor elétrico brasileiro nos anos 1990. In: *Rev. Sociol. Polit.*, nov. 2005, n.25.

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-44782005000200013&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782005000200013&lng=pt&nrm=iso)

MACARINI, José Pedro. A política econômica do governo Médici: 1970-1973. In: *Nova Econ.*, dez. 2005, v. 15.

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-63512005000300003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-63512005000300003&lng=pt&nrm=iso)

\_\_\_\_\_. A política econômica do governo Costa e Silva: 1967-1969. In: *Rev. Econ. Contemp.*, dez. 2006, v. 10, n. 3.

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1415-98482006000300001&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-98482006000300001&lng=pt&nrm=iso)

OMETTO, Ana Maria H., FURTUOSO, Maria Cristina O. e SILVA, Marina Vieira da. Economia brasileira na década de oitenta e seus reflexos nas condições de vida da população. In: *Rev. Saúde Pública*, out. 1995, v. 29, n. 5.

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-89101995000500011&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89101995000500011&lng=pt&nrm=iso)

PAULINO, Luís Antônio. O Brasil, seus sócios e seus negócios. In: *São Paulo Perspec.*, jun. 2002, v. 16.

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392002000200010&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392002000200010&lng=pt&nrm=iso)

SALLUM JUNIOR, Brasília e KUGELMAS, Eduardo. O Leviathan declinante: a crise brasileira dos anos 80. In: *Estud. Av.*, dez. 1991, v. 5, n. 13.

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141991000300009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141991000300009&lng=pt&nrm=iso)

SOARES DULCI, Otávio. Itinerários do capital e seu impacto no cenário interregional. In: *Rev. Bras. Ci. Soc.*, out. 2002, v. 17, n. 50.

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092002000300006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092002000300006&lng=pt&nrm=iso)



TEIXEIRA, Rodrigo Alves. Capital e colonização: a constituição da periferia do sistema capitalista mundial. In: *Estud. Econ.*, set. 2006, v. 36, n. 3.

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-41612006000300005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-41612006000300005&lng=pt&nrm=iso)

## Periódicos

---

Dossiê Liberalismo e Neoliberalismo, *Revista da USP*, São Paulo, 17, 1993.

<http://www.usp.br/revistausp/n17/numero17.html>

Dossiê Depois de Cabral – Formação do Brasil, *Revista da USP*, 46, 2000.

<http://www.usp.br/revistausp/n46/numero46.html>

Dossiê Brasil Colônia, *Revista da USP*, 57, 2003.

<http://www.usp.br/revistausp/n57/numero57.html>

Dossiê Brasil Império, *Revista da USP*, 58, 2003.

<http://www.usp.br/revistausp/n58/numero58.html>

Dossiê Brasil República, *Revista da USP*, 59, 2003.

<http://www.usp.br/revistausp/n58/numero58.html>

## Sítios na internet

---

Enciclopédia Eletrônica Wikipedia – Verbete para Economia Brasileira:

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Economia\\_do\\_Brasil](http://pt.wikipedia.org/wiki/Economia_do_Brasil)

Sítio do Banco Central brasileiro:

<http://www.bcb.gov.br/>

Sítio do Ministério da Fazenda:

<http://www.fazenda.gov.br/>

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística:

<http://www.ibge.gov.br/home/>

ECONOMIA EM FOCO – Boletim semestral do Centro de Conjuntura e Política Econômica do Instituto de Economia da UNICAMP:

[http://www.eco.unicamp.br/asp-scripts/boletim\\_cecon/boletim\\_cecon.asp](http://www.eco.unicamp.br/asp-scripts/boletim_cecon/boletim_cecon.asp)

IPEA DATA – Base de Dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA):

<http://www.ipeadata.gov.br/ipeaweb.dll/ipeadata?94436859>

Biblioteca CEPAL (Comissão Econômica para a América do Sul e o Caribe) :

<http://www.eclac.cl/biblioteca/default.asp>

## Centros de Pesquisa

---

CPDOC FGV – RJ (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil) – <http://www.cpdoc.fgv.br/comum/htm/>

Centro de Estudos Marxistas/UNICAMP – <http://www.unicamp.br/cemarx/>

COMPLEX – Economia e Complexidade (FEA-USP) – <http://www.econ.fea.usp.br/novo/econ/complex.htm>

NEILS – Núcleo de Estudos de Ideologias e Lutas Sociais da PUC-SP – <http://www.pucsp.br/neils/>

NEG – Núcleo de Estudos da Globalização da UNESP – <http://globalization.cjb.net/>

IEA USP (Instituto de Estudos Avançados) – <http://www.iea.usp.br/iea/>

CEGeT – Centro de Estudos da Geografia do Trabalho da UNESP – <http://www2.prudente.unesp.br/CEGET/>

Grupo de estudos sobre moeda e sistema financeiro (IE-UFRJ) – <http://www.ie.ufrj.br/moeda/>

Centro de Estudos Brasileiros/UNICAMP – <http://www.ifch.unicamp.br/ceb/index.htm>

CEBRAP – Centro Brasileiro de Análise e Planejamento) – <http://www.cebrap.org.br/index.asp>

CEDEC – Centro de Estudos de Cultura Contemporânea) – <http://www.cedec.org.br/>

IUPERJ – Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Ciência Política – <http://www.iuperj.br/>



Grupos de Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco – <http://www.propesq.ufpe.br/propesq/pesquisa/grupo.html>

CESIT – Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho da UNICAMP – <http://www.eco.unicamp.br/cesit/index2.html>

GEEIN – Grupo de Estudos de Economia Industrial da UNESP – <http://geein.fclar.unesp.br/>

Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos – <http://www.cebela.org.br/>

Centro de Estudos Brasileiros da Universidade de Oxford (*Centre for Brazilian Studies, Oxford University*) – <http://www.brazil.ox.ac.uk/papers.html>

Instituto Brasil do The Woodrow Wilson International Center for Scholars (*Brazil Institute*) – [http://www.wilsoncenter.org/index.cfm?topic\\_id=1419&fuseaction=topics.home](http://www.wilsoncenter.org/index.cfm?topic_id=1419&fuseaction=topics.home)

Centro de Estudos Brasileiros da Universidade do Texas/Austin (*Brazil Center*) – <http://www.utexas.edu/cola/insts/llilas/brazil/index/>

## Filmes

---

### **Título Original: História do Brasil**

Tempo de Duração: 166 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1974

Direção: Glauber Rocha e Marcos Medeiros

Sinopse: Glauber parecia mais interessado em dialogar com a pesquisa historiográfica e sociológica do que com a produção artística do seu tempo. Esta projeção do cineasta sobre o campo do conhecimento científico teve, de fato, repercussões importantes na feitura de *História do Brasil*, visto que o filme retomava os temas recorrentes pelos autores citados. Há um esforço de interpretação dos temas centrais da historiografia, como o caráter da revolução burguesa e o enfrentamento das lutas sociais e políticas desde a colonização até o regime militar de 1964, dentre outros. Neste sentido, o filme parece articular história e revolução, na qual o presente, desvendado como potencial portador da ruptura política e cultural, construiu uma interpretação sobre um passado de lutas contra a dominação.

(Fonte: <http://www.cineminha.com.br/materia.cfm?id=4310>)

**Título Original: Tiradentes**

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 124 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1998

Direção: Oswaldo Caldeira

Roteiro: Oswaldo Caldeira

Sinopse: O filme mostra uma visão bem diferente da convencional, acerca dos fatos políticos que envolveram a Inconfidência Mineira e a condenação dos conjurados. Joaquim José da Silva Xavier, conhecido como Tiradentes, teria sido condenado à morte por ser o único dos revoltosos que não tinha grandes posses. Por outro lado, grande parte da elite de Ouro Preto estava envolvida no levante, inclusive o próprio visconde de Barbacena, mas a maioria não foi processada e nem sequer presa. Uma visão intrigante, porém com respaldo em muitas pesquisas recentes.

(Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Tiradentes\\_\(filme\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Tiradentes_(filme)))

**Título Original: Os Inconfidentes**

Gênero: Drama/Histórico

Tempo de Duração: 100 min.

Ano de Lançamento (Brasil): 1972

Direção: Joaquim Pedro de Andrade

Roteiro: Joaquim Pedro de Andrade e Eduardo Scorel

Sinopse: A Inconfidência Mineira – conspiração independentista do século dezoito, em Minas Gerais, centro das riquezas coloniais. Do grupo, faziam parte poetas e nobres, incluindo o padre e o coronel da guarnição. O dentista Tiradentes é torturado, para que divulgue a sua participação, na conjura contra a coroa portuguesa; os cúmplices haviam já confessado, negando responsabilidades próprias. Tiradentes é o único a assumir-se plenamente, sendo condenado à morte.

(Fonte: <http://www.adorocinemabrasileiro.com.br/filmes/inconfidentes/inconfidentes.asp>)



**Título Original: Carlota Joaquina, Princesa do Brasil**

Gênero: Comédia

Tempo de Duração: 100 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1995

Direção: Carla Camurati

Roteiro: Carla Camurati e Melanie Dimantas

Sinopse: Um painel da vida de Carlota Joaquina (Marieta Severo), a infanta espanhola que conheceu o príncipe de Portugal (Marco Nanini) com apenas dez anos e se decepcionou com o futuro marido. Sempre mostrou disposição para seus amantes e pelo poder e se sentiu tremendamente contrariada quando a corte portuguesa veio para o Brasil, tendo uma grande sensação de alívio quando foi embora.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/carlota-joaquina/carlota-joaquina.asp>)

**Título Original: Independência ou Morte**

Gênero: Histórico

Tempo de Duração: 108 min

Ano de Lançamento (Brasil): 1972

Direção: Carlos Coimbra

Roteiro: Carlos Coimbra

Sinopse: Tendo como ponto de partida o dia da abdicação de D. Pedro I, é traçado um perfil do monarca, desde quando ainda menino veio da Europa, quando sua família fugia das tropas napoleônicas e sua ascensão à Príncipe Regente, quando D. João VI retornou para Portugal. Em pouco tempo a situação política torna-se insustentável e o regente proclama a independência, mas seu envolvimento extraconjugal com a futura Marquesa de Santos provoca oposição em diversos setores e José Bonifácio de Andrada e Silva pede demissão do Ministério, mas este não seria o único caso, que ministros e nobres entrariam em choque com o imperador por causa da marquesa, que permanentemente influenciava as decisões do soberano, mas tudo isto causava um inevitável desgaste político.

(Fonte: <http://www.adorocinemabrasileiro.com.br/filmes/independencia-ou-morte/independencia-ou-morte.asp>)

**Título Original: Xica da Silva**

Gênero: Comédia

Tempo de Duração: 117 min.

Ano de Lançamento (Brasil): 1976

Direção: Carlos Diegues

Roteiro: Carlos Diegues e João Felício dos Santos

Sinopse: Escrava que, durante o ciclo de ouro, na atual e rica cidade de Diamantina, aproveitou-se de sua sensualidade para conquistar a alforria e se tornar a rainha do Diamante.

(Fonte: <http://www.adorocinemabrasileiro.com.br/filmes/xica-da-silva/xica-da-silva.asp>)

**Título Original: Mauá – O Imperador e o Rei**

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 132 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1999

Direção: Sérgio Rezende

Roteiro: Paulo Halm, Sérgio Rezende e Joaquim Vaz de Carvalho

Sinopse: Arroio Grande, Rio Grande do Sul. É nesta pequena localidade que vivia Irineu Evangelista de Souza (Paulo Betti) e tudo indicava que passaria sua vida ali (ou pelo menos grande parte), mas o destino interveio e de forma funesta, pois ainda garoto Irineu se tornou órfão, quando seu pai foi morto por ladrões de gado. Dois anos depois, sua mãe decidiu se casar novamente com João Jesus, mas como o padrasto não aceitava um enteado Irineu foi morar no Rio de Janeiro com Batista, seu tio. No Rio vai trabalhar no armazém do português Pereira de Almeida (Elias de Mendonça), onde o jovem Irineu descobre ter jeito para os negócios, pois tinha uma visão ampla do que iria acontecer no comércio. Ele se torna um funcionário de confiança e um cobrador impiedoso, levando Queiroz (Hugo Carvana) ao suicídio após tomar todos os bens (inclusive escravos) como pagamento de uma grande dívida. Irineu defendia o fim da escravidão por razões econômicas e era um homem de palavra, o que faz seu talento ser reconhecido por Richard Carruthers (Michael Byrne), um escocês que vivia no Brasil, que o emprega em sua firma de exportação e lhe dá as primeiras noções das teorias econômicas.



Alguns anos depois, Carruthers diz que sente o mesmo que os negros, banzo, que é saudade da terra natal, pois ficara rico no Brasil mas deixara seu coração na Escócia. Assim, parte deixando Irineu comandando os negócios. Nesta altura da vida, Irineu se apaixonou pela sobrinha, May (Malu Mader), com quem irá se casar e ter vários filhos. Em Liverpool, Inglaterra, se deslumbra com a potência das fábricas e decide liquidar sua empresa comercial para se arriscar na construção da primeira indústria brasileira, uma fundição e estaleiro em Ponta de Areia, Niterói. Desde quando começou a enriquecer, Irineu ganhou um inimigo para toda a vida, o Visconde de Feitosa (Othon Bastos), que o via como um aventureiro que sonhava apenas em ganhar mais dinheiro e desviar o Brasil da sua “vocação agrícola”. Irineu queria modernizar o país, mas sofreria mais obstáculos do que seria capaz de imaginar, pois seria prejudicado por estrangeiros mas principalmente pelos brasileiros que pertenciam a uma oligarquia, que apenas queriam usufruir os bens sem nada produzir.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/maua/maua.asp>)

**Título Original: Policarpo Quaresma, Herói do Brasil**

Gênero: Comédia

Tempo de Duração: 120 min.

Ano de Lançamento (Brasil): 1988

Direção: Paulo Thiago

Roteiro: Alcione Araújo

Sinopse: Adaptação do romance Triste Fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto. O major Policarpo Quaresma é um sonhador. Um visionário que ama o seu país e deseja vê-lo tão grandioso quanto, acredita, o Brasil pode ser. A sua luta se inicia no Congresso. Policarpo quer que o tupi-guarani seja adotado como idioma nacional. Ele tem o apoio de sua afilhada Olga por quem nutre um afeto especial e Ricardo Coração dos Outros trovador e compositor de modinhas que conta a história do nosso herói do Brasil.

(Fonte: <http://www.adorocinemabrasileiro.com.br/filmes/policarpo-quaresma/policarpo-quaresma.asp>)

**Título Original: Cafundó**

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 101 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2006

Site Oficial: [www.cafundo.com.br](http://www.cafundo.com.br)

Direção: Clóvis Bueno e Paulo Betti

Roteiro: Clóvis Bueno

Sinopse: João de Camargo (Lázaro Ramos) viveu nas senzalas em pleno século XIX. Após deixar de ser escravo ele fica deslumbrado com o mundo em transformação ao seu redor e desesperado para viver nele. O choque é tanto que faz com que João tenha alucinações, acreditando ser capaz de ver Deus. Misturando suas raízes negras com a glória da civilização judaico-cristã, João passa a acreditar que seja capaz de curar e realmente acaba curando. Ele torna-se então uma das lendas brasileiras, se popularizando como o Preto Velho.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/cafundo/cafundo.asp>)

**Título Original: O Quatrilho**

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 120 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1994

Direção: Fábio Barreto

Roteiro: Antônio Calmon e Leopoldo

Sinopse: Rio Grande do Sul, 1910. Em uma comunidade rural composta por imigrantes italianos, dois casais muito amigos se unem para poder sobreviver e decidem morar na mesma casa. Mas o tempo faz com que a esposa de um se interesse pelo marido da outra, sendo correspondida. Após algum tempo, os dois amantes decidem fugir e recomeçar outra vida, deixando para trás seus parceiros, que viverão uma experiência dramática e constrangedora, mas nem por isto desprovida de romance.

(Fonte: <http://www.adorocinemabrasileiro.com.br/filmes/quatrilho/quatrilho.asp>)



**Título Original: Gaijin**

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 104 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1980

Direção: Tizuka Yamasaki

Roteiro: Tizuka Yamasaki e Jorge Duran

Sinopse: Japão, 1908. Em virtude de haver muita miséria no país e poucas perspectivas de trabalho, muitos japoneses emigravam em busca de oportunidades. Como a companhia de emigração só aceitava grupos familiares que tivesse pelo menos um casal, assim Yamada (Jiro Kawarazaki) e Kobayashi (Keniti Kaneko), que eram irmãos, vêem como solução que Yamada se casasse com Titoe (Kyoko Tsukamoto), que tinha apenas 16 anos. Yamada e Titoe tinham acabado de se conhecer e, juntamente com um primo, partem para o Brasil. Após 52 dias de viagem chegam ao Brasil e vão trabalhar na Fazenda Santa Rosa, em São Paulo, pois a expansão cafeeira era intensa. Porém eles se deparam com um capataz que trata os colonos hostilmente, exigindo sempre que trabalhem até a exaustão. Além disso são roubados pelos donos da fazenda, apenas sendo tratados com respeito por outros colonos e por Tonho (Antônio Fagundes), o contador da fazenda.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/gaijin/gaijin.asp>)

**Título Original: Baile Perfumado**

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 93 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1997

Direção: Paulo Caldas e Lírio Ferreira

Roteiro: Paulo Caldas, Lírio Ferreira e Hilton Lacerda

Sinopse: Amigo íntimo do Padre Cícero (Jofre Soares), o mascate libanês Benjamin Abrahão (Duda Mamberti) decide filmar Lampião (Luís Carlos Vasconcelos) e todo seu bando, pois acredita que este filme o deixará muito rico. Após alguns contatos iniciais ele conversa diretamente com o famoso cangaceiro e expõe sua idéia, mas os sonhos do mascate são prejudicados pela ditadura do Estado Novo.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/baile-perfumado/baile-perfumado.asp>)

**Título Original: Menino de Engenho**

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 110 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1965

Direção: Walter Lima Jr.

Roteiro: Walter Lima Jr., baseado em livro de José Lins do Rego

Sinopse: 1920, na Paraíba. Após a morte da mãe, o menino Carlinhos (Sávio Rolim) é enviado para o engenho Santa Rosa para ser criado pelo avô e pelos tios. Lá ele testemunha a chegada de um novo tempo, com o advento das modernas usinas de açúcar e as transformações econômicas e sociais pelas quais passa a produção canavieira, mudanças que irão afetar a vida de todos. Quando ele cresce e vai para o colégio, já não é mais o garoto ingênuo e inocente que chegou no engenho.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/menino-de-engenho/menino-de-engenho.asp>)

**Título Original: Companhia Docas de Santos**

Gênero: Documentário

Sinopse: Registros do funcionamento do porto de Santos e da chegada das peças para a montagem dos trens que, futuramente, atenderiam ao porto. Imagens da segunda década do século XX recém-descobertas e restauradas pela Cinemateca Brasileira.

(Fonte: <http://www.obore.com.br/aconteceIntegra.asp?cd=947>)

**Título Original: Companhia Paulista de Estradas de Ferro**

Gênero: Documentário

Sinopse: O filme mostra imagens da chegada das peças para a fabricação dos trens ao Porto de Santos nos anos de 1920, o transporte desse material até a cidade de Rio Claro, onde as composições eram montadas, trabalho esse executado por homens e crianças. Imagens restauradas pela Cinemateca Brasileira.

(Fonte: <http://www.obore.com.br/aconteceIntegra.asp?cd=947>)



**Título Original: O Rio dos Trabalhadores**

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 20 minutos

Direção: Paulo Castiglioni e Maria Ciavatta Franco

Sinopse: O documento histórico “O Rio dos Trabalhadores” narra a história do Rio nos primeiros anos do século XX por meio de imagens de Augusto Malta, Marc Ferrez e outros. Neste período se deu o início da trajetória de modernização da cidade, uma tentativa de “civilizá-la” dentro dos moldes europeus. O filme também trata das mudanças na organização dos trabalhadores, consequência do processo de industrialização.

(Fonte: <http://felco.guardachuva.org/retrospectivaBr>)

**Título Original: Legalidade**

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 50 minutos

Direção: Fernando Brito

Sinopse: Documentário sobre a Legalidade que foi o maior movimento popular no Brasil desde a Revolução de 30. A partir das proclamações de Leonel Brizola pela Rádio Guaíba, de Porto Alegre, o país reagiu ao golpe articulado pelos militares, juntamente com o poder econômico, para impedir a posse de João Goulart na Presidência da República, após a renúncia de Jânio Quadros, no dia 25 de agosto de 1961. A Legalidade teve o apoio de rua em todo o país, apesar do rígido controle militar sobre os jornais, rádios e TV e da ocupação dos pontos estratégicos. Foi uma torrente popular que passou por cima dos militares, dos políticos conservadores, dos empresários, banqueiros, enfim das elites.

(Fonte: <http://www.circulosbolivarianosbr.kit.net/filmes.htm>)

**Título Original: A Revolução de 30**

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 118 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1980

Direção: Sylvio Back

Sinopse: Filme-colagem de uma trintena de documentários e filmes de ficção dos anos 20, culminando com cenas inéditas da Revolução de 1930. Todo em preto-e-branco, o principal tônus é a excelência restauração fotográfica de suas imagens, emoldurada por uma trilha sonora autêntica, de rara beleza e qualidade de emissão. Duas horas de estupefação, gargalhadas, esgares inesperados, achados anedóticos e ironias sorrateiras.

(Fonte: [http://209.85.165.104/search?q=cache:\\_q4ZBK34sYQJ:celepar7cta.pr.gov.br/secs/negocios.nsf/fef9bc43c12d0fe8032566c1006ce9e5/5afd58dfa7e7e5018325722200496370/%24FILE/Cinamateca%2520Sylvio%2520Back.doc+Sylvio+Back&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=3&gl=br](http://209.85.165.104/search?q=cache:_q4ZBK34sYQJ:celepar7cta.pr.gov.br/secs/negocios.nsf/fef9bc43c12d0fe8032566c1006ce9e5/5afd58dfa7e7e5018325722200496370/%24FILE/Cinamateca%2520Sylvio%2520Back.doc+Sylvio+Back&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=3&gl=br))

### **Título Original: Soldado de Deus**

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 80 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2005

Direção: Sérgio Sanz

Roteiro: Sérgio Sanz e Luiz Alberto Sanz

Sinopse: Relato sobre o integralismo no Brasil e seu principal mentor, Plínio Salgado. Traz o testemunho daqueles que ajudaram a estabelecer, exerceram e, ocasionalmente, deixaram de defender seus princípios e práticas; aqueles que sempre o condenaram, julgaram e criticaram; e, ainda, daqueles que estudam os tempos em que o nacionalismo de direita mobilizou em torno em torno de um milhão de pessoas e teve 500 mil filiados, construindo o primeiro partido de massas do Brasil.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/soldado-de-deus/soldado-de-deus.asp>)

### **Título Original: Getúlio Vargas**

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 76 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1974

Direção: Ana Carolina Teixeira Soares

Sinopse: Apesar do título, o documentário não se concentra na polêmica figura de Getúlio. Com fundo musical da época, Ana Carolina Teixeira Soares (diretora), recria o mundo político cultural



do eixo Rio/São Paulo das décadas de 1930/1950. Destaque para o discurso que antecedeu o suicídio e a participação da FEB (Força Expedicionária Brasileira) na 2ª Guerra Mundial.

(Fonte: <http://www.circulosbolivarianosbr.kit.net/filmes.htm>)

**Título Original: O Homem da Capa Preta**

Gênero: Policial

Tempo de Duração: 120 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1986

Direção: Sérgio Rezende

Sinopse: O filme baseia-se na vida de Tenório Cavalcanti, um político reacionário e muito polêmico da Baixada Fluminense, no Rio de Janeiro dos anos 50, que nasceu em Alagoas e teve a violência como companheira logo no início de sua vida, ao presenciar o assassinato de seu pai. Empunhando uma metralhadora e usando uma capa preta e uma cartola, ele se tornou uma espécie de justiceiro, desafiando os corruptos e poderosos que dominavam Duque de Caxias. Sua trajetória mistura os papéis de político e bandido, coisa recorrente ainda hoje. Era visto como um defensor do povo entre as classes mais miseráveis por suas atitudes populistas, conquistando fama e fortuna, ao mesmo tempo em que era tido como um assassino frio pela classe média e pelos políticos dominantes. A produção conta essa história com José Wilker no papel principal.

(Fonte: [http://www.interfilmes.com/filme\\_15287\\_O.Homem.da.Capa.Preta-\(O.Homem.da.Capa.Preta\).html](http://www.interfilmes.com/filme_15287_O.Homem.da.Capa.Preta-(O.Homem.da.Capa.Preta).html))

**Título Original: Os Anos JK**

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 110 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1980

Direção: Silvio Tendler

Sinopse: A ascensão política de Juscelino Kubitschek, a visão desenvolvimentista que permeou seu mandato, a construção de Brasília e a luta para reaver os direitos políticos após o golpe de 64. O autor levou quatro anos para terminar esse longa de gênero documentário de reconstituição, usando cinejornais de época, fotos fixas, gravando depoimentos. O resultado é um documentário político, sucesso de crítica e público.

(Fonte: [http://www.cineparadiso.com.br/filmes\\_exibidos%20-%20os\\_anos\\_de\\_jk.htm](http://www.cineparadiso.com.br/filmes_exibidos%20-%20os_anos_de_jk.htm))

**Título Original: Brazilianas nº 5 R11; Cantos de trabalho: cana-de-açúcar**

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 35 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1955

Direção: Humberto Mauro

Sinopse: São inúmeras as atividades humanas que encontram incentivos em músicas adequadas, e, comum o trabalho executado ao ritmo dessas músicas. O filme foi inspirado nos conhecidos cantos “Pilão”, “Barqueiro” e “Canto da Pedreira” e, ainda que não seja uma obra de conteúdo crítico e sim uma experiência cinematográfica, oferece imagens muito interessantes do trabalhador brasileiro da época.

(Fonte: <http://www.obore.com.br/aconteceIntegra.asp?cd=947>)

**Título Original: Veias e Vinhos – Uma História Brasileira**

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 100 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2006

Estúdio: Oeste Filmes / Andrade Produções / Locall

Distribuição:

Direção: João Batista de Andrade

Roteiro: João Batista de Andrade, baseado em livro de Miguel Jorge

Sinopse: Mateus (Leonardo Vieira), sua esposa Antônia (Simone Spoladore), seus três filhos e ainda Pedro (Leopoldo Pacheco), seu irmão, chegam a Goiânia e logo abrem um empreendimento próprio, o Armazém Brazil. Empolgado com o crescimento da cidade e a construção de Brasília, Mateus se interessa por política e acompanha sempre que pode os passos do presidente Juscelino Kubitschek. Em meio à festa de inauguração do armazém um capitão de polícia realiza a prisão de um fugitivo, chamado Flecha. Alguns dias após a prisão o capitão passa a frequentar o armazém e, com seu estilo provocador, torna-se indesejado por Mateus e seus fregueses. Sempre criticando o interesse político de Mateus, aos poucos as desavenças entre eles se acentuam.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/veias-e-vinhos/veias-e-vinhos.asp>)



**Título Original: Jânio a 24 Quadros**

Gênero: Documentário

Ano de Lançamento (Brasil): 1981

Direção: Luis Alberto Pereira

Sinopse: Jânio a 24 Quadros é um documentário rodado em preto-e-branco e em cores, parte documental e parte ficcional. Tendo como personagem central o ex-presidente da República e ex-prefeito de São Paulo, Jânio Quadros – conhecido por proibir o uso do biquini nas praias brasileiras. O filme faz um balanço bem-humorado dos últimos 30 anos da vida política do Brasil, tratando, segundo o diretor, de forma profana um tema sagrado.

(Fonte: [http://www.cineparadiso.com.br/filmes\\_exibidos%20-%20janio.htm](http://www.cineparadiso.com.br/filmes_exibidos%20-%20janio.htm))

**Título Original: Jango**

Gênero: Documentário

Ano de Lançamento (Brasil): 1984

Direção: Silvio Tendler

Sinopse: retrata a vida política brasileira dos anos 60, tendo como fio condutor a biografia do presidente João Goulart. Sua ascensão e queda, até a morte no exílio, é reconstituída a partir de material de arquivo e entrevistas com Ministro Afonso Arinos de Melo Franco, Raul Ryff, General Antonio Carlos Muricy, Leonel Brizola, Celso Furtado, Frei Betto, entre outros.

(Fonte: [http://www.terra.com.br/cinema/festivais/true99\\_nacional.htm](http://www.terra.com.br/cinema/festivais/true99_nacional.htm))

**Título Original: Opinião Pública**

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 71 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1967

Direção: Arnaldo Jabor

Sinopse: Em A Opinião Pública, o diretor faz o primeiro filme de longa-metragem em cinema verdade, analisando os corações e mentes da classe média brasileira, logo depois da “revolução” militar de 1964, mostrando como a classe média, com seu conservadorismo e ingenuidade, apoiou esse retrocesso histórico no país.

(Fonte: [http://www.2001video.com.br/detalhes\\_produto\\_extra\\_dvd.asp?produto=14093](http://www.2001video.com.br/detalhes_produto_extra_dvd.asp?produto=14093))

**Título Original: São Paulo Sociedade Anônima**

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 111 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1965

Direção: Luís Sérgio Person

Roteiro: Luís Sérgio Person

Sinopse: Em São Paulo, entre 1957 e 1961, é mostrada a trajetória de Carlos (Walmor Chagas), que pertence à classe média. Guiando-se pelas chances imediatas que lhe são dadas pela sociedade, ele ingressa numa grande empresa. Depois aceita um cargo numa fábrica de auto-peças, da qual torna-se gerente. A certa altura se vê na pele de um chefe de família, que trabalha muito, ganha bem, mas vive insatisfeito. Sem projeto de vida ou perspectivas de se opor à condição que rejeita, só lhe resta fugir.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/sao-paulo-sociedade-anonima/sao-paulo-sociedade-anonima.asp>)

**Título Original: Maranhão 66**

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 11 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1966

Direção: Gláuber Rocha

Sinopse: José Sarney, eleito governador do Maranhão, faz discurso de posse. Aclamado em praça pública por milhares de pessoas, ele afirma: “O Maranhão não quer a violência, a miséria, a fome, a o analfabetismo, as taxas de mortalidade infantil.” E acrescenta que o novo governo vai criar “O Maranhão da liberdade, do progresso, da grandeza e da felicidade.” Sobre o discurso do candidato contrapõem-se imagens documentários: habitações miseráveis, pessoas pobres, doente sem atendimento e hospitais em péssimas condições.

(Fonte: <http://www.tempoglauber.com.br/glauber/Filmografia/maranhao.htm>)



**Título Original: Lance Maior**

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 100 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1968

Direção: Sylvio Back

Sinopse: Mário, estudante universitário e bancário, através de uma ligação amorosa com Cristina, jovem rica, orgulhosa e emancipada, tenta ascender socialmente. Entre os dois coloca-se a sensual comerciária Neusa, inexperiente e revoltada com a condição humilde de sua família. Cada um buscando um lugar ao sol da vida, enredam-se num diabólico jogo de sexo e amor. (Fonte: [http://209.85.165.104/search?q=cache:\\_q4ZBK34sYQJ:celepar7cta.pr.gov.br/secs/negocios.nsf/fe9bc43c12d0fe8032566c1006ce9e5/5afd58dfa7e7e5018325722200496370/%24FILE/Cinamateca%2520Sylvio%2520Back.doc+%22lance+maior%22+sinopse&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=2&gl=br](http://209.85.165.104/search?q=cache:_q4ZBK34sYQJ:celepar7cta.pr.gov.br/secs/negocios.nsf/fe9bc43c12d0fe8032566c1006ce9e5/5afd58dfa7e7e5018325722200496370/%24FILE/Cinamateca%2520Sylvio%2520Back.doc+%22lance+maior%22+sinopse&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=2&gl=br))

**Título Original: Contos de Resistência**

Gênero: Documentário

Ano de Lançamento (Brasil): 2005

Direção: Getsemane Silva, Glória Varela, Marcya Reis, André Carvalheira, Guilherme Bacalhao.

Sinopse: Para marcar os 40 anos do golpe militar de 1964, a TV Câmara produziu a série Contos da Resistência, composta de quatro episódios. Cada um dos vídeos da série enfoca um aspecto da resistência à ditadura e como esses movimentos contribuíram para a construção da democracia que temos hoje no Brasil. As articulações em todos os segmentos da sociedade para se contrapor ao governo autoritário; as organizações sociais de estudantes, trabalhadores e religiosos para lutar pela democracia e esclarecer a população; a resistência política no Congresso; a crítica inteligente e criativa das artes e da imprensa; a repressão e a tortura a representantes desses grupos; e o movimento social pelas eleições diretas em 1984. Todos os temas estão na série, abordados a partir da perspectiva de quem viveu esses tipos de resistência.

(Fonte: <http://www2.camara.gov.br/homeagencia/materias.html?pk=57006>)

**Título Original: O Que É Isso, Companheiro?**

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 105 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1997

Direção: Bruno Barreto

Roteiro: Leopoldo Serran, baseado em livro de Fernando Gabeira

Sinopse: Em 1964, um golpe militar derruba o governo democrático brasileiro e, após alguns anos de manifestações políticas, é promulgado em dezembro de 1968 o Ato Constitucional nº 5, que nada mais era que o golpe dentro do golpe, pois acabava com a liberdade de imprensa e os direitos civis. Neste período vários estudantes abraçam a luta armada, entrando na clandestinidade, e em 1969 militantes do MR-8 elaboram um plano para seqüestrar o embaixador dos Estados Unidos (Alan Arkin) para trocá-lo por prisioneiros políticos, que eram torturados nos porões da ditadura.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/o-que-e-isso-companheiro/o-que-e-isso-companheiro.asp>)

**Título Original: Pra Frente Brasil**

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 104 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1983

Direção: Roberto Farias

Roteiro: Roberto Farias, baseado em argumento de Reginaldo Faria e Paulo Mendonça

Sinopse: Em 1970 o Brasil inteiro torce e vibra com a seleção de futebol no México, enquanto prisioneiros políticos são torturados nos porões da ditadura militar e inocentes são vítimas desta violência. Todos estes acontecimentos são vistos pela ótica de uma família quando um dos seus integrantes, um pacato trabalhador da classe média, é confundido com um ativista político e “desaparece”.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/prafrente-brasil/prafrente-brasil.asp>)



**Título Original: O Bom Burguês**

Gênero: Comédia

Tempo de Duração: 99 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1979

Direção: Oswaldo Caldeira

Sinopse: José Wilker é um bancário que devia dinheiro do banco em que trabalha para financiar organizações de esquerda da época da ditadura política. Mas a certa altura, um dos grupos financiados pelo personagem é preso e forçado a identificar o homem que fornece dinheiro a guerrilha. Esse clássico do cinema nacional dirigido por Oswaldo Caldeira, é baseado num episódio real envolvendo um funcionário do Banco do Brasil acusado de desviar milhões.

(Fonte: [http://www.interfilmes.com/filme\\_16613\\_O.Bom.Burgues-\(O.Bom.Burgues\).html](http://www.interfilmes.com/filme_16613_O.Bom.Burgues-(O.Bom.Burgues).html))

**Título Original: Nas Terras do Bem-Virá**

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 110 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2007

Direção: Alexandre Rampazzo

Roteiro: Tatiana Poastri e Alexandre Rampazzo

Sinopse: O percurso histórico de um modelo de desenvolvimento criado nos anos 70, no auge da ditadura militar. A partir da ênfase em grandes projetos e estradas atravessando a Amazônia, ocorre uma aceleração do processo de migração. Como consequência surgem conflitos armados, devastação da floresta, casos de trabalho escravo, luta pela terra e assassinatos, como o dos sem-terra de Eldorado dos Carajás e da missionária americana Dorothy Stang.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/nas-terras-do-bem-vira/nas-terras-do-bem-vira.asp>)

**Título Original: Céu Aberto**

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 78 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1985

Direção: João Batista de Andrade

Sinopse: Documentário sobre a transição democrática, a campanha das “diretas-já” e a eleição de Tancredo Neves, denunciando tramas e conchavos políticos.

(Fonte: [http://www.fafich.ufmg.br/pae/index\\_arquivos/page0034.html](http://www.fafich.ufmg.br/pae/index_arquivos/page0034.html))

#### **Título Original: Muda Brasil**

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 104 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1985

Direção: Oswaldo Caldeira

Sinopse: Esse sensacional documentário marcou época ao analisar a campanha eleitoral de Tancredo Neves à Presidência da República realizada de agosto de 1984 a janeiro de 1985. O filme mostra em detalhes a mobilização estratégica da nação em torno de uma eleição indireta para eleger o candidato das oposições pelo Colégio Eleitoral.

(Fonte: [http://www.interfilmes.com/filme\\_16241\\_Muda.Brasil-\(Muda.Brasil\).html](http://www.interfilmes.com/filme_16241_Muda.Brasil-(Muda.Brasil).html))

#### **Título Original: Patriamada**

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 118 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1984

Direção: Tizuka Yamasaki

Sinopse: Repórter simpatizante do PT namora um amigo cineasta e depois se envolve com um empresário nacionalista e progressista bem mais velho. O filme tem início com o comício das “diretas-já” na Candelária, RJ, e termina com a votação da Emenda Dante de Oliveira.

(Fonte: [http://www.fafich.ufmg.br/pae/index\\_arquivos/page0046.html](http://www.fafich.ufmg.br/pae/index_arquivos/page0046.html))

#### **Título Original: O País dos Tenentes**

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 75 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1987

Direção: João Batista de Andrade



Sinopse: Um general da reserva, no dia em que é homenageado por uma multinacional, entra em uma crise pessoal e começa a rememorar suas participações nas revoluções de inspiração tenentista. Uma trajetória que coincide com os 60 anos de vida política brasileira. Isolado em sua casa de campo – já cercada pela avanço da zona periférica – vive com suas lembranças, momentos dramáticos decorrentes da violência e da crise social. Aparecem as traições, os ideais frustrados e as divergências políticas entre os tenentes.

(Fonte: <http://www2.uol.com.br/joaobatistadeandrade/tenentes.htm>)

**Título Original: Braços Cruzados, Máquinas Paradas**

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 76 min.

Ano de Lançamento: 1979

Direção: Roberto Gervitz, Sérgio Toledo

Sinopse: Trata da estrutura sindical brasileira, com trechos de filmes da época em que foi criado o Estado Novo. Mostra a campanha eleitoral das três chapas que disputam, em maio de 1978, a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo e as greves que eclodem durante a campanha sindical. Discute o movimento grevista, seu enquadramento na Legislação Sindical vigente, as propostas das chapas em disputa, bem como as reações dos setores governamentais e empresariais ao movimento. Documenta as eleições sindicais e seu desfecho, com a vitória da chapa da situação. Paralelamente à ação dos metalúrgicos mostra o surgimento de outras manifestações populares como a do Movimento do Custo de Vida, em setembro de 1978. Se encerra com a greve geral dos metalúrgicos paulistas ocorrida em novembro daquele ano.

(Fonte: [http://www.fundacaoastrojildo.org.br/filmes/filmes\\_abrir.asp?cod\\_filme=211](http://www.fundacaoastrojildo.org.br/filmes/filmes_abrir.asp?cod_filme=211))

**Título Original: Chapeleiros**

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 25 min.

Ano de Lançamento: 1983

Direção: Adrian Cooper

Sinopse: Documentário que mostra o dia-a-dia do trabalho na fábrica dos elegantes chapéus

Cury, de Campinas. Segundo o diretor, o ambiente o fez lembrar dos relatos sobre os tempos iniciais da Revolução Industrial, tamanha precariedade.

(Fonte: [http://cartamaior.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=11300](http://cartamaior.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=11300))

**Título Original: Greve**

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 38 min.

Ano de Lançamento: 1979

Direção: João Batista de Andrade

Sinopse: Em 1979, metalúrgicos do ABC realizam a greve que inaugurou o chamado novo sindicalismo e estremeceu o moribundo regime militar. Lula e outras lideranças enfrentam também a intervenção federal no sindicato.

(Fonte: [http://cartamaior.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia\\_id=11300](http://cartamaior.uol.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=11300))

**Título Original: Linha de Montagem**

Gênero: Documentário

Ano de Lançamento: 1982

Direção: Renato Tapajós

Sinopse: mais um registro sobre as greves nas indústrias metalúrgicas do ABC na passagem da década de 1970 para 1980, e a consolidação do Partido dos Trabalhadores.

(Fonte: <http://www.obore.com.br/aconteceIntegra.asp?cd=947>)

**Título Original: Toda Nudez Será Castigada**

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 107 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1973

Direção: Arnaldo Jabor

Roteiro: Arnaldo Jabor, baseado em peça de Néelson Rodrigues

Sinopse: Em uma família tradicional Herculano (Paulo Porto), um homem puritano que só tinha tido uma mulher na vida, prometeu para Serginho (Paulo Sacks), seu filho, enquanto



a esposa agonizava, que jamais teria outra mulher. Já o irmão de Herculano, Patrício (Paulo César Pereio), vive às custas do irmão e faz de tudo para que Herculano dependa cada vez mais dele e assim possa explorá-lo cada vez mais. Aproveitando uma crise de desespero do irmão, Patrício coloca junto à mesa de Herculano uma fotografia de Geni (Darlene Glória), uma cantora de inferninho e meretriz. Após se embriagar Herculano vai ao bordel, onde encontra Geni e passa a noite com ela. Porém, depois renega a ligação, mas ele e Geni já estão apaixonados. Herculano promete se casar com ela, mas para isto precisa fazer Serginho viajar. Porém, sentindo o que está acontecendo, Serginho se recusa a partir, mas algo ainda muito maior vai torturar Herculano.

Capitalismo hipertardio e tempo social; família, reprodução social e crise do capital; mulher e sociedade; valores e estranhamento social são conceitos presentes na obra de Jabor. As sociedades de modernização hipertardia no século XX tendem a ser precoces em sua explicitação de formas degradadas de socioreprodutibilidade do capital. São sociedades burguesas que não conseguiram romper com o lastro do tempo passado, com tradições e valores pré-capitalistas. Nesse contexto, o filme se desenrola afinado com o tom dramático e irônico de Nelson Rodrigues.

(Fonte: <http://www.telacritica.org/Nudez.htm>).

### **Título Original: Eles não Usam Black-Tie**

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 134 min.

Ano de Lançamento (Brasil): 1981

Roteiro: Gianfrancesco Guarnieri e Leon Hirszman

Sinopse: Em São Paulo, em 1980, o jovem operário Tião e sua namorada Maria decidem casar-se ao saber que a moça está grávida. Ao mesmo tempo, eclode um movimento grevista que divide a categoria metalúrgica. Preocupado com o casamento e temendo perder o emprego, Tião fura a greve, entrando em conflito com o pai, Otávio, um velho militante sindical que passou três anos na cadeia durante o regime militar.

(Fonte: <http://www.adorocinemabrasileiro.com.br/filmes/eles-nao-usam-black-tie/eles-nao-usam-black-tie.asp>)

**Título Original: A Queda**

Gênero: Documentário

Ano de Lançamento (Brasil): 1978.

Direção: Ruy Guerra e Nelson Xavier

Sinopse: O retrato do cotidiano dos operários de construção civil, com a história girando em torno da morte de um operário, devido a falta de segurança no trabalho. A empreiteira responsável tenta um suborno da viúva, porém o problema que afeta toda a classe é assumido por um companheiro da vítima. A partir daí desenrola-se uma série de relações entre os empreiteiros e os operários.

(Fonte: <http://www.obore.com.br/aconteceIntegra.asp?cd=947>)

**Título Original: Peões**

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 85 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2004

Direção: Eduardo Coutinho

Sinopse: A história pessoal de trabalhadores da indústria metalúrgica do ABC paulista que tomaram parte no movimento grevista de 1979 e 1980, mas permaneceram em relativo anonimato. Eles falam de suas origens, de sua participação no movimento e dos caminhos que suas vidas trilharam desde então. Exibem souvenirs das greves, recordam os sofrimentos e recompensas do trabalho nas fábricas, comentam o efeito da militância política no âmbito familiar, dão sua visão pessoal de Lula e dos rumos do país.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/peoes/peoes.htm>)

**Título Original: Trabalhadoras Metalúrgicas**

Gênero: Documentário

Ano de Lançamento (Brasil): 1978.

Direção: Olga Futemma e Renato Tapajós

Sinopse: As condições de trabalho das mulheres empregadas na indústria metalúrgica de São Bernardo do Campo. Com cenas filmadas durante o I Congresso da Mulher Metalúrgica de São Bernardo e Diadema, em janeiro de 1978.

(Fonte: <http://www.obore.com.br/aconteceIntegra.asp?cd=947>)



**Título Original: Volkswagen: Operários na Alemanha e no Brasil**

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 95 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1980

Direção: Jorge Bodanzky e Wolf Gauer

Sinopse: Filme que traça um paralelo da vida e do trabalho de dois operários da Volkswagen, um no Brasil e o outro na Alemanha, com funções idênticas na montagem do Fusca.

(Fonte: <http://felco.guardachuva.org/retrospectivaBr>)

**Título Original: Volta Redonda: Memorial da Greve**

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 40 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1989

Direção: Eduardo Coutinho e Sérgio Goldenberg

Sinopse: Retrato da relação de Volta Redonda (RJ) com a Companhia Siderúrgica Nacional. Criada para a instalação da CSN. A cidade vê o movimento operário crescer, até culminar na grande e violenta greve de 1988 e decair com a iminente ameaça de privatização.

(Fonte: <http://felco.guardachuva.org/retrospectivaBr>)

**Título Original: Jari**

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 60 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1980

Direção: Jorge Bodanzky e Wolf Gauer

Sinopse: Um documentário que acompanha os parlamentares designados por uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para investigar a devastação da Amazônia, na região do polêmico projeto do milionário americano Daniel Ludwig, e que, confundido com o cinegrafista oficial do Congresso Nacional, Bodanzky continuou filmando livremente após a saída dos parlamentares.

(Fonte: <http://felco.guardachuva.org/retrospectivaBr>)

**Título Original: Terceiro Milênio**

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 95 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1981

Direção: Jorge Bodanzky e Wolf Gauer

Sinopse: O filme acompanha, num misto entre documentário e ficção, a campanha eleitoral do senador amazonense Evandro Carreira.

(Fonte: <http://felco.guardachuva.org/retrospectivaBr>)

**Título Original: A Hora da Estrela**

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 96 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1985

Direção: Sizana Amaral

Sinopse: A Hora da Estrela é uma adaptação cinematográfica do romance homônimo de Clarice Lispector. Macabéa é uma migrante nordestina semi-analfabeta que trabalha como datilógrafa numa pequena firma e vive numa pensão. Ela conhece o também nordestino Olímpico, um operário metalúrgico, e os dois começam a namorar. Mas Glória, uma colega de trabalho de Macabéa, rouba-lhe o namorado, seguindo o conselho de uma cartomante. Macabéa faz uma consulta à mesma cartomante, Madame Carlota, e esta prevê seu encontro com um homem rico, bonito e carinhoso.

Recriando a história delicada e comovente do livro, o filme mostra uma mulher que quase não é ninguém, reduzida a nada numa sociedade capitalista e moderna que é como um clube no qual ela não poderá nunca entrar.

(Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/A\\_Hora\\_da\\_Estrela\\_\(filme\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Hora_da_Estrela_(filme)))

**Título Original: Pixote – A Lei do Mais Fraco**

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 127 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1981



Direção: Hector Babenco

Roteiro: Hector Babenco e Jorge Durán, baseado em livro de José Louzeiro

Sinopse: Pixote (Fernando Ramos da Silva) foi abandonado por seus pais e rouba para viver nas ruas. Como tantas crianças brasileiras, cresce à margem do que a sociedade capitalista pode oferecer. Ele já esteve internado em reformatórios e isto só ajudou na sua “educação”, pois conviveu com todo o tipo de criminoso e jovens delinquentes que seguem o mesmo caminho. Ele sobrevive se tornando um pequeno traficante de drogas, cafetão e assassino, mesmo tendo apenas onze anos.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/pixote/pixote.htm>)

**Título Original: O Homem Que Virou Suco**

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 97 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1981.

Direção: João Batista de Andrade

Sinopse: Um poeta popular do Nordeste chega a São Paulo, sobrevivendo apenas de suas poesias e folhetos. Tudo vai muito bem até ele ser confundido com um operário de uma multinacional que matou o patrão em uma festa onde recebeu o título de operário símbolo. O filme aborda a resistência do poeta diante de uma sociedade moderna, tecnológica, porém opressora, que esmaga o homem dia-a-dia, eliminando suas raízes.

(Fonte: [http://www.cineparadiso.com.br/filmes\\_exibidos%20-%20o\\_homem\\_que\\_virou\\_suco.htm](http://www.cineparadiso.com.br/filmes_exibidos%20-%20o_homem_que_virou_suco.htm))

**Título Original: Terra Estrangeira**

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 100 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1996.

Direção: Walter Salles e Daniela Thomas

Sinopse: Em 1990, o recém-eleito presidente Fernando Collor de Mello congelou a poupança de todo o País. A perspectiva de um futuro sombrio levou centenas de brasileiros a procurar uma saída – o aeroporto. Os efeitos dessa política econômica predatória são o ponto de partida

de Terra Estrangeira, filme de Walter Salles e Daniela Thomas.

A paulistana Alex (Fernanda Torres) trabalha como garçonete em Lisboa, enquanto suporta um relacionamento com Miguel (Alexandre Borges), um músico viciado em heroína. No Brasil, Paco (Fernando Alves Pinto) e sua mãe (Laura Cardoso) sonham em conhecer a cidadezinha espanhola de seus antepassados. O anúncio do confisco destrói os sonhos e a vida da velha costureira. Sem dinheiro nem rumo, Paco aceita entregar uma encomenda em Lisboa para Mr. Kraft (Luís Melo), um traficante de jóias de fala mansa e frases cultas.

Paco perde o pacote, o que o leva a Alex e ao destino do filme, uma reflexão sobre a perda da identidade no exílio. Na fuga para a Espanha, não faltam bandidos atrás de um violino cheio de diamantes e um desfecho dramático. A trilha sonora de José Miguel Wisnick e a belíssima fotografia em preto e branco de Walter Carvalho contribuem para o clima noir que percorre o filme.

(Fonte: <http://www.terra.com.br/cinema/drama/terraest.htm>)

#### **Título Original: Muito Além do Cidadão Kane**

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 93 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1993

Direção: Simon Hartog

Sinopse: O documentário *Muito Além do Cidadão Kane*, produzido pela emissora inglesa Channel Four, carrega nas costas mais de uma década de vida. Por ter sido proibido após seu lançamento, somente as cópias amadoras resistiram à dura censura. As cores desbotaram, mas não a importância de seu conteúdo. O filme, ainda desconhecido para o grande público, continua alimentando e provocando discussões. Mas o porquê de tanta polêmica? É simples. O filme de Simon Hartog tem como personagem principal a figura de Roberto Marinho e mostra os bastidores da criação das Organizações Globo e sua transformação em um poderoso império de mídia. Tudo isso é feito através de um paralelo com Charles Foster Kane, um magnata da comunicação que é o personagem principal do filme “*Cidadão Kane*”, de Orson Welles. Mais do que falar da Globo o documentário também levanta questionamentos sobre os processos que determinaram a política de telecomunicações no Brasil. *Muito Além do Cidadão Kane* foi lançado em 1993 e jamais esteve no circuito de cinemas brasileiros. É bom lembrar que um



ano depois a Globo conseguiu na justiça proibir a exibição pública do filme. Os advogados da emissora também usaram uma série de artifícios jurídicos para impedir a exibição do documentário fora do país. Mesmo com todas as manobras judiciais o diretor conseguiu apresentar o seu filme na TV britânica Channel Four. A fita traz depoimentos de políticos, artistas e jornalistas como Chico Buarque de Holanda, Leonel Brizola, Lula, Walter Clark, Armando Nogueira e Washington Olivetto.

(Fonte: <http://cineclubenatal.blogspot.com/2006/04/cineclube-natal-20-exibio-muito-alm-do.html>)

**Título Original: Doces Poderes**

Gênero: Comédia

Tempo de Duração: 97 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1996

Direção: Lúcia Murat

Roteiro: Lúcia Murat

Sinopse: Bia (Marisa Orth) é uma jornalista que chega a Brasília para assumir, durante o período eleitoral, a chefia da sucursal da principal rede de TV do país. O antigo diretor está deixando o cargo para chefiar a campanha de um jovem candidato a governador, que é apoiado por políticos conservadores. Metade dos profissionais da sucursal também está deixando o local, pelos mais variados motivos, entre eles a crise econômica pela qual passa o país e a falta de perspectiva do fim do século. Através dos discursos dos funcionários que estão deixando a sucursal é exibido o desenvolvimento das campanhas e os conflitos vividos pelos personagens.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/doces-poderes/doces-poderes.asp>)

**Título Original: O Jogo da Dívida: Quem Deve a Quem?**

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 58 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1990

Direção: Eduardo Coutinho

Sinopse: Documentário sobre a dívida externa latino-americana, realizado em cinco blocos que abordam desde um breve histórico da dívida até algumas possíveis alternativas de solução,

passando por seus mecanismos, suas crises mais graves e suas conseqüências sociais.

(Fonte: <http://felco.guardachuva.org/retrospectivaBr>)

### **Título Original: Entreatos**

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 117 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2004

Direção: João Moreira Salles

Sinopse: De 25 de setembro a 27 de outubro de 2002 a equipe de filmagem acompanhou passo a passo a campanha de Luís Inácio Lula da Silva à presidência da República. O filme revela os bastidores de um momento histórico através de material exclusivo, como conversas privadas, reuniões estratégicas, telefonemas, traslados, gravações de pronunciamentos e programas eleitorais.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/entreatos/entreatos.htm>)

### **Título Original: O Espetáculo Democrático**

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 40 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2003

Direção: Guilherme César

Sinopse: A partir do registro da posse do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o vídeo procura refletir a respeito dos últimos 15 anos de nossa história política. O “Brasil democrático” é discutido através de imagens de campanhas eleitorais, entrevistas com parte da velha e da nova burocracia estatal, marqueteiros e com brasileiros pertencentes a diferentes movimentos sociais. Qual é o desafio da sociedade brasileira frente ao primeiro governo supostamente de esquerda, popular e até socialista?

(Fonte: <http://felco.guardachuva.org/node/31>)



**Título Original: Quanto Vale ou é por Quilo?**

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 104 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2005

Site Oficial: [www.quantovaleoueporquilo.com.br](http://www.quantovaleoueporquilo.com.br)

Direção: Sérgio Bianchi

Roteiro: Sérgio Bianchi, Eduardo Benaim e Newton Canitto, baseado no conto “Pai Contra Mãe”, de Machado de Assis

Sinopse: Uma analogia entre o antigo comércio de escravos e a atual exploração da miséria pelo marketing social, que forma uma solidariedade de fachada. No século XVII um capitão-do-mato captura uma escrava fugitiva, que está grávida. Após entregá-la ao seu dono e receber sua recompensa, a escrava aborta o filho que espera. Nos dias atuais uma ONG implanta o projeto Informática na Periferia em uma comunidade carente. Arminda, que trabalha no projeto, descobre que os computadores comprados foram superfaturados e, por causa disto, precisa agora ser eliminada. Candinho, um jovem desempregado cuja esposa está grávida, torna-se matador de aluguel para conseguir dinheiro para sobreviver

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/quanto-vale-ou-e-por-quilo/quanto-vale-ou-e-por-quilo.asp>)

**Título Original: Domésticas – O Filme**

Gênero: Drama

Tempo de Duração:

Ano de Lançamento (Brasil): 2001

Direção: Nando Olival e Fernando Meirelles

Roteiro: Cecília Homem de Mello, Fernando Meirelles, Nando Olival e Renata Melo, baseado em peça teatral de Renata Melo

Sinopse: No meio da nossa sociedade existe um Brasil notado por poucos. Um Brasil formado por pessoas que, apesar de morar dentro de sua casa e fazer parte de seu dia-a-dia, é como se não estivesse lá. Cinco das integrantes deste Brasil são mostradas em “Domésticas – O Filme”: Cida, Roxane, Quitéria, Raimunda e Créo. Uma quer se casar, a outra é casada mas sonha com um marido melhor. Uma sonha em ser artista de novela e outra acredita que tem por missão na

Terra servir a Deus e à sua patroa. Todas têm sonhos distintos mas vivem a mesma realidade: trabalhar com empregada doméstica.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/domesticas/domesticas.htm>)

**Título Original: Edifício Master**

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 110 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2002

Direção: Eduardo Coutinho

Sinopse: Documentário brasileiro que retrata, através de depoimentos, a vida de moradores do Condomínio Master, em Copacabana, no Rio de Janeiro. Eduardo Coutinho e sua equipe entrevistaram 37 moradores e conseguiram extrair histórias íntimas e reveladoras de suas vidas. Os moradores expressam seus dramas (e tragédias) pessoais, com emoção e sensibilidade. De forma magistral, Coutinho consegue retirar das pessoas, preciosas declarações de vida e de morte, de sonhos e frustrações. Antes de ser expressão de dramas pessoal, Edifício Máster é um relato sociológico de um País capitalista de modernização inconclusa, sem perspectivas de desenvolvimento, imerso em nostalgia. De certo modo, os jovens que aparecem expressam, através de seus dramas pessoais, a falta de perspectivas de futuro. Por exemplo, uma das jovens diz ter sociofobia (foto acima). Outra é mãe solteira e garota de programa. E a última, estudante e solitária. Aparece também uma dupla de jovens artistas de Curitiba (PR) que buscam um lugar ao sol no show-business carioca. No documentário de Coutinho é flagrante a presença de casais de meia-idade, homens e mulheres solitárias, idosos aposentados, imersos na memória, de um tempo que passou. É no passado que a maioria das pessoas diz ter vínculos de sucesso, próximos das elites sociais. Por exemplo, um dos personagens do Edifício Master trabalhou nos Estados Unidos e hoje, como lembrança de ter sido quase cidadão norte-americano, canta Frank Sinatra, que um dia chegou a conhecer pessoalmente. Outra, chegou a atender a esposa de Roberto Marinho e teve contato com a high-society carioca. O tempo presente é em certos casos de frustração ou fracasso; em outros depoimentos, de nostalgia e lembrança, pois o Edifício Máster parece ser a última estação da vida para a maior



parte dos depoimentos pessoais. Por exemplo, o depoimento de ex-ator de cinema da boca do lixo, que se aposentou por invalidez, devido a acidente de trabalho. Enfim, são muitos os dramas pessoais e cada personagem vivo é pedaço de um projeto de vida (e subdesenvolvimento) da Nação. De certo modo, Edifício Master é uma metáfora da sociedade brasileira na virada para o século XXI.

(Fonte: <http://www.telacritica.org/letraE.htm#master>)

**Título Original: Central do Brasil**

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 112 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1998

Direção: Walter Salles

Roteiro: João Emanuel Carneiro e Marcos Bernstein

Sinopse: Mulher (Fernanda Montenegro) que escreve cartas para analfabetos na estação Central do Brasil, no Rio de Janeiro, ajuda menino (Vinícius de Oliveira), após sua mãe ser atropelada, a tentar encontrar o pai que nunca conheceu, no interior do Nordeste. A emocionante viagem de Dora e Josué pelo coração do Brasil tem como cenário a dicotomia campo/cidade e as questões econômicas e sociais do país.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/central-do-brasil/central-do-brasil.asp>)

**Título Original: Fala Tu**

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 74 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2004

Direção: Guilherme Coelho

Roteiro: Nathaniel Leclery

Sinopse: Macarrão, 33 anos, apontador do jogo do bicho, duas filhas, morador do morro do Zinco e torcedor do Fluminense. Toghum, 32 anos, vendedor de produtos esotéricos, budista e morador de Cavalcante. Combatente, 21 anos, moradora de Vigário Geral, frequentadora da Igreja do Santo Daime e operadora de telemarketing. Durante 9 meses, entre 2002 e 2003,

uma equipe filmou o dia-a-dia destes três cariocas da Zona Norte, que batalham e sonham em fazer da sua música, o rap, o seu ganha-pão. O resultado é uma crônica composta pelo cotidiano, letras e dramas deste três personagens.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/fala-tu/fala-tu.htm>)

**Título Original: Caixa Dois**

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 83 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2007

Site Oficial: [www.dezenove.net/pr\\_bens.htm](http://www.dezenove.net/pr_bens.htm)

Direção: Bruno Barreto

Sinopse: Luiz Fernando, rico banqueiro, consegue um ganho extra de cinquenta milhões de reais numa transação de investimentos em Precatórios. Como o doloire encarregado de descontar o cheque e enviar os dólares para sua conta em Zurique entra em coma, o banqueiro decide usar sua linda secretária, de quem é amante, como “laranja”. Mas a situação se complica quando, ao fazer o depósito, um dígito errado faz com que os cinquenta milhões caiam na conta de uma mulher honesta e trabalhadora cujo marido acaba de ser demitido por medidas de economia no processo de automação do banco de Luiz Fernando. E ela promete endurecer o jogo, recusando-se a fazer o estorno e gerando complicações hilariantes.

(Fonte: <http://www.cinepop.com.br/filmes/caixadois.htm>)

**Título Original: O Invasor**

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 97 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2001

Direção: Beto Brant

Roteiro: Marçal Aquino, Beto Brant e Renato Ciasca, baseado em livro de Marçal Aquino

Sinopse: Gilberto, interpretado por Alexandre Borges, e Ivan (Marco Ricca), são sócios que possuem participação minoritária numa empresa de construção civil e que decidem contratar um matador de aluguel, Anisio (Paulo Miklos), para eliminar o sócio majoritário. Após cumprir



a tarefa, assassinando também a mulher do sócio, Anísio, que tem sonhos de subir na vida, decide visitar (ou invadir) a empresa de Gillberto e Ivan, conclamando-se empregado dela. Drama urbano do Brasil neoliberal, retratando a degradação ética-moral das relações pessoais (e de negócios) na sociedade brasileira na década de 1990. É a expressão de uma sociedade burguesa hipertardia em crise há mais de vinte anos que cultiva a cultura da barbárie social que perpassa todas as classes (e grupos) sociais. O filme mostra um neoliberalismo que não é apenas uma política ou economia, mas uma sociabilidade de mercado, que tende a dissolver relações ético-morais entre pessoas na família e no trabalho. Em *O Invasor*, está claro a completa ausência do Estado na vida social (e quando ele aparece, está corrompido). Percebe-se a completa imersão das pessoas na selva metropolitana. Com trilha musical principal do rapper Sabotage, *O Invasor* é um painel pessimista de uma burguesia paulistana imersa em seus particularismos, acuada e distante da periferia, e que, de repente, vê-se invadida por um visitante inoportuno da marginalia metropolitana.

(Fonte: <http://www.telacritica.org/letral.htm#invasor>)

**Título Original: Kenoma**

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 109 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 1998

Direção: Eliane Caffé

Roteiro: Eliane Caffé e Luis Alberto de Abreu

Sinopse: Jonas (Enrique Diaz) chega em Kenoma, um pequeno povoado que fica no “fim do mundo” e é habitado por trabalhadores rurais, garimpeiros e pequenos comerciantes. Jonas permanece no local atraído pela jovem Tari (Mariana Lima). O modo de vida em Kenoma é primitivo. Entre os habitantes destaca-se Lineu (José Dumont), que se dedica há 20 anos à tarefa de, em um moinho abandonado, construir uma máquina capaz de produzir constantemente sem necessidade de combustível: o moto-perpétuo. Obcecado pelo sonho de instalar em Kenoma a primeira máquina auto-suficiente, Lineu converte sua existência numa infinita sucessão de tentativas e fracassos. Ele não investe apenas contra as leis da física, que o frustam em cada uma de suas tentativas, como também contra os anseios de Gerônimo (Jonas Bloch), dono do moinho e maior proprietário da região, opositor de sua invenção. Pragmático, Gerônimo quer

fazer de Kenoma uma cidade próspera. Para ele a máquina de Lineu é um empreendimento que não funciona, mas consome tempo e energia. Jonas alia-se a Lineu, mais fascinado por sua determinação do que por sua obra. Enquanto cresce a cumplicidade entre os dois, aumenta a dificuldade de Jonas concretizar seu amor por Tari paralelamente à busca pela realização de um antigo sonho da humanidade: o moto perpétuo.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/kenoma/kenoma.htm>)

### **Título Original: Cronicamente Inviável**

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 101 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2000

Site Oficial: [www.inviavel.com.br](http://www.inviavel.com.br)

Direção: Sérgio Bianchi

Roteiro: Gustavo Steinberg e Sérgio Bianchi

Sinopse: O filme mostra trechos das histórias de 6 personagens, mostrando a dificuldade de sobrevivência mental e física em meio ao caos da sociedade brasileira, que atinge a todos independentemente da posição social ou da postura assumida.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/cronicamente-inviavel/cronicamente-inviavel.asp>)

### **Título Original: Cidade de Deus**

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 135 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2002

Site Oficial: [www.cidadedededeus.com.br](http://www.cidadedededeus.com.br)

Direção: Fernando Meirelles

Co-direção: Katia Lund

Roteiro: Bráulio Mantovani

Sinopse: Buscapé é um jovem pobre, negro e muito sensível, que cresce em um universo de muita violência. Buscapé vive na Cidade de Deus, favela carioca conhecida por ser um dos



locais mais violentos da cidade. Amedrontado com a possibilidade de se tornar um bandido, Buscapé acaba sendo salvo de seu destino por causa de seu talento como fotógrafo, o qual permite que siga carreira na profissão. É através de seu olhar atrás da câmera que Buscapé analisa o dia-a-dia da favela onde vive, onde a violência aparenta ser infinita.

(Fonte: <http://www.adorocinemabrasileiro.com.br/filmes/cidade-de-deus/cidade-de-deus.asp>)

**Título Original: Garotas do ABC**

Gênero: Drama

Tempo de Duração: 124 minutos

Ano de Lançamento (Brasil): 2004

Direção: Carlos Reichenbach

Roteiro: Carlos Reichenbach e Fernando Bonassi

Sinopse: Aurélia (Michelle Valle) é uma jovem tecelã negra, que trabalha em uma indústria têxtil recém-saída da concordata e que é fã do astro Arnold Schwarzenegger. Ao seu redor se desenvolvem os três eixos narrativos do filme: a família de Aurélia (pai, mãe, irmão, tia e sobrinha), as colegas dela (a tecelagem e o clube operário que freqüentam) e o bando racista que acompanha o seu namorado fascista.

(Fonte: <http://adorocinema.cidadeinternet.com.br/filmes/garotas-do-abc/garotas-do-abc.asp>)

**Título: Powaqqatsi – Vida em Transformação**

Título Original: Powaqqatsi

Gênero: Documentário

Tempo de Duração: 90 minutos

Ano de Lançamento (EUA): 1988

Direção: Godfrey Reggio

Sinopse: Imagens e sons reconstroem a diversidade cultural e social do mundo. Uma continuação de Koyaanisqatsi, o filme utiliza imagens fortes como as de Serra Pelada, no Brasil, para destacar movimentos de massas e o capitalismo impresso nas paisagens do terceiro mundo.

(Fonte: <http://www.e-petropolis.com.br/cultvideo/busca2.php?tipo1=02&genero1=05>)

## Programas de TV

---

### Programa Roda Viva – TV Cultura:

Roda Viva com Luís Carlos Bresser-Pereira, economista: 17/01/2005

<http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/resultado.asp?programa=936>

Roda Viva com Francisco de Oliveira, sociólogo, economista e um dos mais respeitados intelectuais da esquerda brasileira: 01/12/2003

<http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/resultado.asp?programa=877>

Roda Viva com André Lara Rezende, economista e um dos criadores do Plano Real: 18/03/1996

<http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/resultado.asp?programa=502>

Roda Viva com Maílson da Nóbrega, economista e ex-Ministro da Fazenda do governo Sarney: 20/09/1993

<http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/resultado.asp?programa=372>

Roda Viva com Aloizio Mercadante, economista, senador e responsável pela elaboração do Plano Econômico do candidato à presidência da república pelo PT, Luís Inácio Lula da Silva, nas eleições de 1989: 04/12/1989

<http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/resultado.asp?programa=173>

Roda Viva com Zélia Cardoso de Melo, economista e responsável pela elaboração do Plano Econômico do candidato à presidência da república pelo PRN, Fernando Collor, nas eleições de 1989: 27/11/1989

<http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/resultado.asp?programa=172>

Roda Viva com João Sayad, economista e Ministro do Planejamento no ano de 1986: 08/12/1986

<http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/resultado.asp?programa=11>



## Teatro

---

### O Último Carro

Peça de 1976, montada pelo Grupo Opinião, com direção de João das Neves, e considerada um dos espetáculos ícones do teatro de resistência. O Último Carro, texto e direção de João das Neves, traz para o espectador uma aparentemente simples viagem de trem nos subúrbios cariocas, onde mendigos e operários, diversos personagens comuns a esse cotidiano, enfocam seus dramas particulares durante a viagem e suas paradas.

(Fonte:[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_teatro/index.cfm?fuseaction=espetaculos\\_biografia&cd\\_verbete=598](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_teatro/index.cfm?fuseaction=espetaculos_biografia&cd_verbete=598))

### Na Selva das Cidades

Peça de 1969, última criação do Teatro Oficina em sua fase histórica e baseada em texto de Bertolt Brecht. 1968 é um ano que arrasta o Brasil a um confronto com intensas contradições: a ditadura mostra-se cada vez mais repressiva, lançando o Ato Institucional nº 5; a luta armada há dois anos traz a violência urbana para as principais capitais e São Paulo, semi-destruída em quilômetros de extensão para as obras da via elevada que hoje a atravessa, era convulsionada com as passeatas estudantis. Nesse clima, o Teatro Oficina transpõe para a realidade nacional o texto ambientado numa fictícia Chicago norte-americana, onde uma família de emigrados nela tenta sobreviver.

(Fonte:[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_teatro/index.cfm?fuseaction=espetaculos\\_biografia&cd\\_verbete=451](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_teatro/index.cfm?fuseaction=espetaculos_biografia&cd_verbete=451))

### O Rei da Vela

Peça de 1967. Uma das mais contundentes encenações de José Celso Martinez Corrêa com o Teatro Oficina. O texto de Oswald de Andrade, escrito em 1933, fornece ingredientes para refletir a crise daquele momento histórico e cultural. A fábula de um industrial de velas, arruinado sob o peso de empréstimos insaldáveis ao imperialismo norte-americano, retrata a condição subdesenvolvida do país, alvo de uma mentalidade tacanha, autoritária e erigida sobre aparências.

(Fonte:[http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia\\_teatro/index.cfm?fuseaction=espetaculos\\_biografia&cd\\_verbete=456](http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_teatro/index.cfm?fuseaction=espetaculos_biografia&cd_verbete=456))

## Músicas

---

- Canção *Ouro de Tolo*. Raul Seixas.  
Canção *Vai Trabalhar Vagabundo*. Chico Buarque.  
Canção *O Pequeno Burgues*. Martinho da Vila.  
Canção *Cidade*. Nação Zumbi.  
Canção *Comportamento Geral*. Conzaguinha.  
Canção *Maioria Sem Nenhum*. Elton Medeiros.  
Canção *Lamento Sertanejo*. Gilberto Gil.  
Canção *Fábrica*. Legião Urbana.

## Poesia

---

Hino Nacional. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Brejo das Almas*, 1934.



## LINHA DO TEMPO

---

### Séculos XI a XIV:

- Desagregação do sistema feudal.

### Séculos XVI a XVIII:

- Transição para o capitalismo;
- Acumulação primitiva;
- Estados Absolutistas;
- Geração de uma economia-mundo.

### 1534 a 1780: Brasil Colônia.

### 1780 a 1840: Crise do sistema colonial no Brasil.

### 1780 a 1840:

- Primeira Revolução Industrial.

### 1848 a 1914:

- Pax Britânica com expansão do capitalismo e consolidação da divisão internacional do trabalho;
- Formação dos grandes blocos de capital financeiro e expansão do imperialismo moderno.

### 1840 a 1888: Economia cafeeira escravista.

**1888 a 1930: Economia cafeeira capitalista.**

**1914 a 1917:**

- I Guerra Mundial. Destruição e morte em volumes nunca vistos;
- A Alemanha é derrotada.

**1917:**

- Revolução socialista russa com espalhamento rápido e formação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

**1917 a 1929:**

- Período do entreguerras;
- A Alemanha derrotada e humilhada é obrigada a pagar valores elevados em indenizações de guerra a outros países europeus;
- Fortalecimento estadunidense e declínio da hegemonia inglesa;
- Surgimento do *american way of life*, do consumo de massa e difusão do rádio.

**1929 a 1933:**

- Crise de 1929;
- Europa e Estados Unidos fragilizados por uma crise financeira sem precedentes;
- O aprofundamento desta se deveu a gestão econômica ortodoxa dos problemas.

**1933 a 1939:**

- Ascensão de Hitler e do nazismo na Alemanha seguida de forte retomada do crescimento econômico no país;
- New Deal nos Estados Unidos forjando a superação da Crise de 1929;
- Os danos sociais da crise permitiram o surgimento de um pensamento burguês não-liberal (Keynes e outros).



**1939 a 1945:**

- II Guerra Mundial. A primeira guerra motorizada e com uso de armas de destruição em massa;
- Em meio a guerra, tem início as conversações de alto nível que levarão à construção da ONU e dos órgãos financeiros internacionais, como FMI e Banco Mundial.

**1945 a 1973:**

- Surgimento da Guerra Fria e a divisão do mundo em blocos;
- No Ocidente democrático-liberal, espalhamento do padrão industrial norte-americano (american way of life), crescimento do número e do volume de negócios das empresas multinacionais e reconstrução da Europa;
- Consolidação da Segunda Revolução Industrial e, devido à situação histórica, constituição do Estado de Bem-Estar Social (países desenvolvidos) e dos Trinta Anos Dourados do capitalismo;
- Aqui, a políticas keynesianas pareciam ter dominado os ciclos e os problemas mais graves do capitalismo dos países desenvolvidos;
- O sistema financeiro mundial criado após a guerra (sistema de Bretton Woods) tem plena vigência.

**1973 a 1980:**

- Derrocada do sistema de Bretton Woods gerada pela nova nação hegemônica (Estados Unidos);
- Crise do petróleo;
- Início do processo de abertura dos mercados financeiros internacionais e da desregulamentação financeira.

**1930 a 1980: Industrialização (no Brasil)**

- Etapa 1: industrialização restringida (1933-1955);
- Etapa 2: Industrialização pesada (1956-1980).

**1980 a 1990:**

- Estados Unidos elevam juros e abrem mercado financeiro. São acompanhados por demais países ricos, gerando um processo de globalização financeira e recessão;
- A reação de Japão e Alemanha inicia e conduz a globalização produtiva. A partir daí, políticas neoliberais, ampliação e espalhamento da desregulamentação financeira, expansão das multinacionais e do comércio mundial levam a ampliação das desigualdades entre e intra-países;
- FMI socorre os países pobres endividados internacionalmente para que não levem a quebras de grandes praças financeiras mundiais.

Década de 80 (no Brasil): crise da dívida externa, inflação e estagnação econômica.

**1990 em diante:**

- Abertura financeira dos países de renda média e retorno da liquidez internacional;
- Entrada dos países latino-americanos na globalização.

**No Brasil:**

**1994 a 2006:** Plano Real, aprofundamento da abertura e reformas econômicas.

**2006 em diante:** superação ou “convivência” com o modelo econômico neoliberal?



PRODUÇÃO EDITORIAL



Produção e edição final  
Tereza Vitale

Diagramação  
Heonir S. Valentim  
Rogério Pinto

CLSW 302 – Bloco B – Sala 123 – Ed. Park Center  
CEP 70673-612 – Setor Sudoeste – Cruzeiro, DF  
Telefax: (61) **3033-3704 / 9986-3632**  
e-mail: [tereza@intertexto.net](mailto:tereza@intertexto.net)  
[editorial.abare@gmail.com](mailto:editorial.abare@gmail.com)

A publicação dos textos do **Curso de formação, atualização e capacitação política** abre uma nova fase da FJM na qual pretende-se, por meio da TV João Mangabeira, em curso on-line, proporcionar aos socialistas não só instrumentos de reflexão e formação pessoais, mas instrumentos para organizar grupos de estudo, formação e atuação política nos mais diversos segmentos da sociedade.

Em especial, esse primeiro curso, organizado em quatro módulos, visa abrir uma ampla discussão sobre o movimento socialista mundial e nacional, e seus atuais desafios. Pretende, de forma acadêmica, apresentar, histórica e conjunturalmente, elementos de discussão, desafios, interrogações, e não diretrizes ou soluções.

Dessa forma, a atual direção da FJM objetiva cumprir a missão dessa instituição de auxiliar o Partido Socialista Brasileiro na formação de seus quadros e de todos os que acreditam no socialismo, na liberdade e na democracia.

A Fundação João Mangabeira (FJM), criada em 1990, tem como meta colocar, na agenda política nacional, a discussão sobre o socialismo no Brasil, para todas as pessoas que sonham e lutam por uma sociedade de liberdade, justiça e paz, independentemente de suas filiações partidárias.

**“O socialismo não é um dogma.  
O socialismo é uma civilização, uma atitude em relação  
às questões mais importantes de nossa vida.  
Paz. Justiça. Igualdade. Humanismo”.**

ISBN 978-85-60441-03-7



Sede própria - SHIS QI 5 Conjunto 2 Casa 2  
CEP 71615-020 - Lago Sul - Brasília, DF  
Telefax: (61) 3365-4099/3365-5277/3365-5279  
[www.fjmangabeira.org.br](http://www.fjmangabeira.org.br)  
[www.tvjoaomangabeira.com.br](http://www.tvjoaomangabeira.com.br)